UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

WILDINARA KARLANE LUIZ DA SILVA

CARACTERIZAÇÃO LINGUÍSTICA DO OESTE GOIANO:

O USO VARIÁVEL DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE IPORÁ/GO

Goiânia
2013

sistema de bibliotecas ufg

UFG

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **[X] Dissertação** **[ ] Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Wildinara Karlane Luiz da Silva					
E-mail:	wildinarawk@gmail.com					
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? [X]Sim [ ] Não						
Vínculo empregatício do autor						
Agência de fomento:					Sigla:	
País:	Brasil	UF:	GO	CNPJ:		
Título:	Caracterização linguística do Oeste Goiano: o uso variável das vogais médias pretônicas na fala de Iporá/GO					
Palavras-chave:	Sociolinguística. Vogais médias pretônicas. Variação dialetal.					
Título em outra língua:	Linguistic characterization of West of Goiás: the variable use of the pretonic mid vowels in speech of Iporá / GO					
Palavras-chave em outra língua:	Sociolinguistics. Pretonic mid vowels. Dialectal variation.					
Área de concentração:	Estudos Linguísticos					
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	04/10/2013					
Programa de Pós-Graduação:	Letras e Linguística					
Orientador (a):	Tânia Ferreira Rezende					
E-mail:	taniaferreirarezende@gmail.com					
Co-orientador (a):*						
E-mail:						

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Wildinara Karlane Luiz da Silva

Assinatura do (a) autor (a)

Data: 19/05/14

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

WILDINARA KARLANE LUIZ DA SILVA

CARACTERIZAÇÃO LINGUÍSTICA DO OESTE GOIANO:

O USO VARIÁVEL DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE IPORÁ/GO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.
Área de concentração: Estudos Linguísticos
Orientadora: Profa. Dra. Tânia Ferreira Rezende

Goiânia
2013

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

Silva, Wildinara Karlane Luiz da.
S586c Caracterização linguística do Oeste Goiano [manuscrito]: o uso variável das vogais médias pretônicas na fala de Iporá/GO / Wildinara Karlane Luiz da Silva. – 2013.
197 f. : il., figs, tabs; 30 cm.

"Orientadora: Profa. Dra. Tânia Ferreira Rezende".
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, 2013.
Bibliografia.
Apêndices.

1. Sociolinguística. 2. Vogais médias pretônicas. 3. Linguagem e línguas – Variação. I. Título.

CDU 811.134.3'28(817.3)(043)

CARACTERIZAÇÃO LINGUÍSTICA DO OESTE GOIANO:
O USO VARIÁVEL DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE IPORÁ/GO

WILDINARA KARLANE LUIZ DA SILVA

Dissertação defendida em 04 de outubro de 2013 e aprovada pela banca examinadora constituída pelas professoras.

_____

Presidente e Orientadora: Profª Drª Tânia Ferreira Rezende
PPG em Letras e Linguística – Área de Estudos Linguísticos
Faculdade de Letras/UFG

_____

1ª Arguidora: Profª Drª Maria Marta Pereira Scherre
PPG da Universidade Federal do Espírito Santo
Universidade Federal do Espírito Santo

_____

2ª Arguidora: Profª Drª Mônica Veloso Borges
PPG em Letras e Linguística – Área de Estudos Linguísticos
Faculdade de Letras/UFG

A Deus, pela oportunidade e pela capacidade.

À minha família:

À mamãe e ao papai, Esley e Vanderlan, por acreditarem que a educação é o único bem que não podia ser tomado e além, de embarcarem comigo na procura por participantes, dedicaram seu tempo a orações e ligações.

Ao meu irmão Wayrone Klayton, que foi amigo da pesquisadora e da pesquisa.

Aos meus avós, por seu amor, em forma de preocupações, orações e lágrimas.

Ao meu marido Thársis Souza, que a todo tempo e com toda paciência, é meu amigo, meu companheiro. Obrigada por aceitar dividir nossa vidade recém-casados com o mestrado. Não consigo imaginar como teria sido sem você.

À academia:

À orientadora Tânia Ferreira Rezende, pelo incentivo, apoio e paciência prestados, ao direcionar a uma formação *"blimundiana"* (só quem é orientando entende).

À professora Maria Piedade Feliciano Cardoso, que teve papel essencial nos primeiros passos desta pesquisa em Iporá, sendo amiga e orientadora da monografia.

À professora Mônica Veloso Borges, pelos ensinamentos na disciplina super pertinente para descrição de línguas, pelas contribuições na qualificação do trabalho e por aceitar participar da defesa.

Ao professor Sebastião Elias Milani,pelas importantes considerações levantadas na qualificação do trabalho.

A professora Maria Marta Pereira Scherre por aceitar participar da banca de defesa.

À professora Shirley Eliany Rocha Mattos, que se dispôs a ler a pesquisa e realizou valiosos apontamentos.

Aos companheiros de pós-graduação, Ronan Lucas, Karla Castanheira, Frederiko Luz e principalmente Sâmela Ramos.

À comunidade pesquisada:

Aos partipantes que se dispuseram a participar da pesquisa, dedicando parte do seu tempo à entrevista.

RESUMO

Este trabalho se dedica a descrever o comportamento das vogais médias pretônicas <E> e <O> na comunidade de fala de Iporá/GO e apreender os fatores linguísticos e sociais que controlam as ocorrências das variantes. Este fenômeno variável tem papel na demarcação de áreas dialetais no Brasil, em que são encontradas três variantes: a alta [i, u], a fechada [e, o] e a aberta [ɛ, ɔ]. Com base na metodologia da Sociolinguística Variacionista, esta pesquisa é baseada na amostra composta pela fala de 22 participantes com perfil estratificado quanto a sexo/gênero, faixa etária e escolaridade e na correlação entre variáveis independentes linguísticas e sociais selecionadas, tais como: altura da vogal seguinte, contexto precedente e seguinte, classe gramatical, distância da tônica, sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e origem. Os dados colhidos nas entrevistas sociolinguísticas, após serem transcritos e codificados, foram processados no programa estatístico GoldVarb X. Os resultados sem dados (quase) categóricos apontam que as variantes *aberta* e *fechada,* em Iporá, apresentam percentuais próximos e uma distribuição diferente em relação a Formosa/GO (GRAEBIN, 2008), a outra amostra da fala goiana, na qual foi estudado o mesmo fenômeno. A harmonização vocálica é a regra que mais controla a variação no uso das três variantes de <E> e <O>.As variáveis sociais foram menos atuantes nesta variação e não se trata de uma mudança em progresso, pois o alçamento está ligado à baixa escolaridade e a abertura à origem do participante de ascendência baiana. O alçamento de <O> é favorecido por idosos e o fechamento de <O> por jovens. O fechamento de <E> é favorecido pelo sexo feminino e a abertura pelo masculino.

Palavras-chave: Sociolinguística. Vogais médias pretônicas. Variação dialetal.

ABSTRACT

This work is devoted to describe the behavior of pretonic mid vowels <E>and <O> in the speech community of Iporá / GO and grasp the linguistic and social factors that control the occurence of variants. This variable phenomenon has role in the demarcation of dialect areas in Brazil, in which three variants are found: high [i, u], closed-mid [e, o] and open-mid [ɛ, ɔ]. Based on the methodology of Variationist Sociolinguistics, this research is based on the sample of 22 participants with stratified profile according to sex / gender, age and level of education and the correlation between selected language and social independent variables such as: height of the following vowel, preceding and following contexts, grammatical class, distance from the tonic vowel, sex/gender, age, level of education and origin. The collected data in sociolinguistic interviews, after being transcribed and coded, were processed using the statistical program Goldvarb X. The results without data (almost) categorical point that the variants *closed-mid* and *open-mid* vowels, in Iporá, present an approximate percentage and a different distribution in relation to Formosa/GO (GRAEBIN, 2008), the other speech sample of Goiás, in which was studied the same phenomenon. The vowel harmonization is the rule that controls more variation in the use of the three variants <E>and <O>. The variables are less active in this variation and it is not a change in progress, because the variant high is linked to low level of education and variant open-mid to the participant's origin Bahia. The variant high of <O> is favored by elderly and the variantclosed-mid of <O> by young. The variant closed-mid of <E> is favored by female and the open-mid of <E> by male.

Keywords: Sociolinguistics. Pretonic mid vowels. Dialectal variation.

LISTA DE FIGURAS E MAPAS

MAPA 1: Região de Planejamento "Oeste Goiano" 17
MAPA 2: Território dos índios Caiapó segundo Giraldin (1997) 18
MAPA 3: Trajeto colonial e localização do Arraial de Pilões 21
MAPA 4: Território Caiapó em Goiás e Aldeamentos Maria I e
São José de Mossâmedes 24
MAPA 5: Microrregião de Iporá 27
FIGURA 1: Planta de Iporá em 1949 28
FIGURA 2: Planta de Iporá 28
FIGURA 3: Avenida Pará em Iporá 29
FIGURA 4: Slogan da Prefeitura de Iporá: Iporá, a capital do Oeste de Goiás 33
MAPA 6 – Divisão linguística do Brasil proposta por Nascentes (1953) 43
MAPA 7: Regiões e municípios de origem dos participantes 76

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Características demográficas e geográficas de Iporá-GO 33
QUADRO 2: Relação entre Arredondamento dos lábios (ou não) e a Altura da língua na articulação dos segmentos vocálicos 39
QUADRO 3: Caracterização das vogais do português 39
QUADRO 4: Perfil dos participantes selecionados para a pesquisa 61
QUADRO 5: Categorização dos pontos de articulação das consoantes em contexto precedente para variável <E> 68
QUADRO 6: Categorização dos pontos de articulação das consoantes em contexto precedente para variável <O> 68
QUADRO 7: Categorização dos pontos de articulação das consoantes em contexto seguinte para análise da variação das vogais médias pretônicas <E> e <O> 70
QUADRO 8: Distribuição dos participantes por regiões de "Origem" 75
QUADRO 9: Lista de dados (quase) categóricos 79
QUADRO 10: Lista de ocorrências da variável dependente <O> precedida por Vogal 99
QUADRO 11: Lista de ocorrências da variável dependente <O> em Fronteira de palavra .. 100
QUADRO 12: Lista de palavras com "Vogal" no Contexto Seguinte > 102
QUADRO 13: Lista de ocorrências dos "Numerais" com a variável dependente <E> 113
QUADRO 14: Lista de ocorrências dos "Advérbios" com a variável dependente <E> 114
QUADRO 15: Lista de ocorrências dos "Numerais" com a variável dependente <O> 120
QUADRO 16: Lista de ocorrências de "Advérbios" com a variável dependente <O> 121

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Frequência de residentes em Iporá por lugar de nascimento 34
GRÁFICO 2: Evolução populacional de Iporá (1992 – 2010) 35
GRÁFICO 3: Distribuição da população por sexo, segundo grupos de idade – Iporá-GO..... 35
GRÁFICO 4: Distribuição da variável dependente <E> e <O> *com* e *sem* dados (quase) categóricos 80
GRÁFICO 5: Comparação da distribuição da variável <E>, <O> e <E> e <O> com as variantes com e sem dados (quase) categóricos 81
GRÁFICO 6: Distribuição da variável dependente <E> conforme "Sexo/Gênero" 127
GRÁFICO 7: Distribuição da variável dependente <O>conforme "Sexo/Gênero" 129
GRÁFICO 8: Distribuição da variável dependente <E> por "Faixa Etária" 130
GRÁFICO 9: Distribuição da variável dependente <O> por "Faixa Etária" 131
GRÁFICO 10: Efeito do cruzamento do "Sexo/Gênero" e da "Faixa etária" no fechamento e abertura da variável dependente <E> 133
GRÁFICO 11: Efeito do cruzamento do "Sexo/Gênero" e da "Faixa etária" no alçamento e fechamento da variável dependente <O> 135
GRÁFICO 12: Distribuição da variável dependente <E> por "Escolaridade" 137
GRÁFICO 13: Efeito da "Escolaridade " na realização da variável dependente <O> 138
GRÁFICO 14: Efeito do cruzamento do "Sexo/Gênero" e da "Escolaridade" no fechamento e abertura da variável dependente <E> 141
GRÁFICO 15: Efeito do cruzamento do "Sexo/Gênero" e da "Escolaridade" no alçamento, fechamento e abertura da variável dependente <O> 144

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Frequência de residentes em Iporá por lugar de nascimento 34
TABELA 2: Perfil sociolinguístico dos participantes 59
TABELA 3 – Distribuição das variantes das variáveis dependentes<E> e <O> na fala dos iporaenses – *com* ocorrências (quase) categóricas 78
TABELA 4 – Distribuição das variantes das variáveis dependentes <E> e <O> na fala dos iporaenses – *com* ocorrências (quase) categóricas 80
TABELA 5 – Distribuição das variantes das variáveis dependentes <E> e <O> na fala dos iporaenses – *sem* ocorrências (quase) categóricas 81
TABELA 6 – Distribuição das variantes das variáveis dependentes <E> e <O> em Iporá (2009, 2013) e Formosa (2008) 81
TABELA 7: Ordem de seleção das variáveis independentes 83
TABELA 8: Efeito da Altura da vogal seguinte na realização da variável dependente <E> ... 85
TABELA 9: Pesos relativos distribuídos por Altura da vogal seguinte oral na realização da variável <E> 88
TABELA 10: Efeito da Altura da vogal seguinte na realização da variável dependente <O> 89
TABELA 11: Pesos relativos distribuídos por Altura da vogal seguinte oral na realização da vogal média pretônica <O> 92
TABELA 12: Efeito do Contexto Precedente sobre o alçamento da variável dependente <E> 93
TABELA 13: Efeito do Contexto Precedente sobre o fechamento da variável dependente <E> 95
TABELA 14: Efeito do Contexto Precedente sobre a abertura da variável dependente <E> 96
TABELA 15: Efeito do Contexto Precedente sobre o alçamento da variável dependente <O> 97
TABELA 16: Efeito do Contexto Precedente sobre o fechamento da variável dependente <O> 98
TABELA 17: Efeito do Contexto Precedente sobre a abertura da variável dependente <O> 100
TABELA 18: Efeito do Contexto Seguinte sobre o alçamento da variável dependente <E> 102

TABELA 19: Efeito do Contexto Seguinte sobre o fechamento da variável dependente <E> 104
TABELA 20: Efeito do Contexto Seguinte sobre a abertura da variável dependente <E> ... 105
TABELA 21: Efeito do Contexto Seguinte sobre o alçamentoda variável dependente <O> 107
TABELA 22: Efeito do Contexto Seguinte sobre o fechamentoda variável dependente <O> 109
TABELA 23: Efeito do Contexto Seguinte sobre a aberturada variável dependente <O> 110
TABELA 24: Efeito da Classe gramatical na realização da variável dependente <E>..... 112
TABELA 26: Efeito dos "Verbos" na realização da variável dependente <E> 116
TABELA 25: Efeito da Classe Gramatical na realização da variável dependente <O> 119
TABELA 27: Efeito dos Verbos na realização da variável dependente <O> 123
TABELA 28: Efeito da Distância da sílaba tônica na realização
da variável dependente <E> 124
TABELA 29: Efeito da Distância da sílaba tônica na realização
da variável dependente <O> 125
TABELA 30: Efeito de "Sexo/gênero" na realização da variável dependente <E> 127
TABELA 31: Efeito de "Sexo/gênero" na realização da variável dependente <O> 128
TABELA 32: Efeito da "Faixa etária" na realização da variável dependente <E>..... 130
TABELA 33: Efeito da "Faixa etária" na realização da variável dependente <O> 131
TABELA 34: Efeito do cruzamento das variáveis "Sexo/gênero" e "Faixa etária"
na realização da variável dependente <E> 133
TABELA 35: Efeito do cruzamento das variáveis "Sexo/gênero" e "Faixa etária"
na realização da variável dependente <O> 135
TABELA 36: Efeito da "Escolaridade " na realização da variável dependente <E>..... 137
TABELA 37: Efeito da "Escolaridade " na realização da variável dependente <O> 138
TABELA 38: Efeito do cruzamento das variáveis "Sexo/gênero" e "Escolaridade"
na realização da variável dependente <E> 141
TABELA 39: Efeito do cruzamento das variáveis "Sexo/gênero" e "Escolaridade"
na realização da variável dependente <O> 144
TABELA 40: Efeito da "Origem" na realização da variável dependente <E> 145
TABELA 41: Efeito da "Origem" na realização da variável dependente <O>..... 147
TABELA 42: Ordem de seleção das variáveis independentes 148
TABELA 43: Ordem de seleção das variáveis independentes 154

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **13**

1 IPORÁ NO OESTE GOIANO **16**

1.1 HISTÓRICO 18

1.2 IPORÁ NA ATUALIDADE 32

2 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PB **38**

2.1 SISTEMA VOCÁLICO PORTUGUÊS 38

2.2 VOGAIS PRETÔNICAS NO BRASIL 42

2.2.1 Tendências e condicionamentos da variação das vogais médias pretônicas **48**

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS **57**

3.1 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES PARA A AMOSTRA 59

3.2 COLETA DOS DADOS 61

3.3 PROCESSAMENTO DOS DADOS 63

4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS **77**

4.1 VARIÁVEL DEPENDENTE **77**

4.2VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS 84

4.2.1 Altura da vogal seguinte **84**

4.2.1.1 Variável depentente anterior <E> 84

4.2.1.2 Variável depentente posterior <O> 88

4.2.2 Contexto precedente **93**

4.2.2.1 Variável depentente anterior <E> 93

4.2.2.2 Variável depentente posterior <O> 97

4.2.3 Contexto Seguinte **101**

4.2.3.1 Variável depentente anterior <E> 101

4.2.3.2 Variável depentente posterior <O> 107

4.2.4 Classe Gramatical **111**

4.2.4.1 Variável depentente anterior <E> 111

4.2.4.2 Variável depentente posterior <O> 118

4.2.5 Distância da tônica **124**

4.2.5.1 Variável depentente anterior <E> 124

4.2.5.2 Variável depentente posterior <O> 125

4.3 VARIÁVEIS INDEPENDENTES SOCIAIS 127

4.3.1 Sexo/Gênero **127**
4.3.1.1 Variável dependente anterior <E> 127
4.3.1.2 Variável dependente posterior <O> 128
4.3.2 Faixa Etária **130**
4.3.2.1 Variável dependente anterior <E> 130
4.3.2.2 Variável dependente posterior <O> 131
4.3.3 Cruzamento das variáveis sociais "Sexo/Gênero" e "Faixa etária" **133**
4.3.3.1 Variável dependente anterior <E> 133
4.3.3.2 Variável dependente posterior <O> 134
4.3.4 Escolaridade **136**
4.3.4.1 Variável dependente anterior <E> 136
4.3.4.2 Variável dependente posterior <O> 138
4.3.5 Cruzamento das variáveis sociais "Sexo/gênero" e "Escolaridade" **139**
4.3.5.1 Variável dependente anterior <E> 139
4.3.5.2 Variável dependente posterior <O> 143
4.3.6 Origem **145**
4.3.6.1 Variável dependente anterior <E> 145
4.3.6.2 Variável dependente posterior <O> 147
4.4 DISCUSSÃO SOBRE O EFEITO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES 148
4.4.1 Discussão sobre o efeito das variáveis independentes linguísticas **148**
4.4.2 Efeito das variáveis independentes sociais **154**
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS **159**
REFERÊNCIAS **165**
APÊNDICE – Análise comparativa dos resultados para variável <E>entre as rodadas (1) sem os jovens com nível escolar primárioe (2) sem todos os falantes do nível escolar primário ..... .169
ANEXOS 1 – Ficha social do Colaborador 171
ANEXO 2 – Inquérito semântico-lexical 172
ANEXO 3 –Transcrição de entrevista 187

INTRODUÇÃO

O presente estudo é parte de um estudo maior, realizado pelo Obiah: Grupo Transdisciplinar de Estudos Interculturais da Linguagem, por meio do projeto de pesquisa "Das trilhas do ouro aos trilhos de ferro: entrada e difusão da língua portuguesa em Goiás", coordenado pela Professora Tânia Ferreira Rezende, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás. O objetivo do projeto é estudar a história linguística de Goiás. Como parte do referido projeto, o objetivo desta dissertação é descrever a variação no uso das vogais médias pretônicas na comunidade de fala de Iporá, Oeste de Goiás.

A escolha das vogais médias pretônicas foi motivada, em primeiro lugar, pela constituição humana e pela localização geográfica de Iporá, com significativa migração de nordestinos, principalmente, baianos, que têm como padrão a variante aberta das médias; e, em segundo lugar, pelo fato de Antenor Nascentes (1953), em sua clássica divisão dialetal do Brasil, não ter conseguido caracterizar uma parte de Goiás[1], denominando-a, juntamente com parte do atual estado do Mato Grosso, de *território incaracterístico*. Assim, este trabalho pretende ser uma contribuição à caracterização linguística do território goiano, ajudando a diminuir a incaracterização dialetal do Brasil Central.

O uso variável das médias pretônicas não sofre avaliação social, marca de estigma ou de prestígio social, mas distingue os sotaques das diferentes regiões brasileiras. Nascentes (1953) atribui ao Norte brasileiro a*abertura* e ao Sul o*fechamento*, e não consegue informar a predominância dealguma variante à maior parte da região Centro-Oeste do Brasil. Por isso, o autor denominou essa parte do Brasil de*território incaracterístico*. O estado de Goiás, por sua localização geográfica, foi integrado ao *território incaracterístico* e a outros subfalares.

A variação no uso das médias pretônicas foi fartamente estudada no Brasil, com o intuito de confirmar ou não a divisão dialetal do Brasil proposta por Nascentes em 1922 e em 1953. Apesar disso, em Goiás nenhum trabalho dialetológico foi feito sobre as médias pretônicas, de modo que não se sabe ainda o enquadramento do Estado nas isoglossas de Nascentes.

Em 2008, Graebin defende sua dissertação de Mestrado pela Universidade de Brasília, com resultados de estudo sociolinguístico sobre as médias pretônicas na fala de Formosa-GO, cidade goiana situada na região do entorno de Brasília. Os resultados dessa

[1] Essas informações são referentes ao Estado de Goiás anteriormente à criação do Estado do Tocantins, em 1988.

autora confirmam que Formosa se enquadra no subfalar baiano, conforme foi proposto por Nascentes (1953), apesar de a abertura ser menor que em variedades faladas na Bahia.

Nosso estudo sobre a variação no uso das vogais médias pretônicas na fala de Iporá vem se somar ao estudo de Graebin (2008), com o propósito de descrever a fala goiana e contribuir para localização de Goiás nas áreas dialetais do Brasil propostas por Nascentes (1953).

O interesse em estudar o comportamento variável das médias pretônicas em Iporá começou em 2009, com a monografia de final de graduação, do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás - UnU de Iporá. A escolha da comunidade é acompanhada pelo fato de ser a minha cidade natal, o que facilita a coleta dos dados e a interpretação do comportamento do fenômeno nestes dados, apesar de poder ser prejudicada pela falta de *estranhamento*, importante para as pesquisas desta natureza. O estranhamento foi garantido, neste caso, pela pesquisa realizada pela equipe do Alinggo – Atlas Linguístico de Goiás, com a participação da orientadora desta dissertação, sob a coordenação do professor Sebastião Elias Milani, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

A comunidade pesquisada é uma cidade goiana de importância histórica para a compreensão da fala goiana e pólo de microrregião, que evidencia sua relevância para o estado de Goiás. Enfim, o universo da pesquisa é a comunidade de fala de Iporá, interior de Goiás.

A metodologia adotada para o tratamento e análise dos dados vem da Sociolinguística quantitativa laboviana, correlacionada à Sociolinguística qualitativa interpretativista. A análise *quantitativa* laboviana – Teoria da Variação linguística ou Variacionismo linguístico – permite depreender os padrões de fala, estritamente linguísticos, correlacionados às variáveis independentes linguísticas e sociais, ao passo que a abordagem *qualitativa* proporciona uma interpretação social e sócio-histórica dos resultados obtidos com a quantificação dos dados.

A realização fonética das médias pretônicas, anterior <E> e posterior <O>, é variável em todas as regiões do Brasil. Dentre as possibilidade de realização fonética das médias pretônicas estão as variantes *altas* [i, u] (p[i]dido, d[u]ído), *fechadas* [e, o] (s[e]mente, t[o]star) e *abertas* [ɛ, ɔ] (p[ɛ]rdido, m[ɔ]chila), que são os níveis de realização das médias (alta, média-alta e média-baixa) no sistema vocálico do português, respectivamente, já descrito por Câmara Jr. (2001).

A variante fechada, por ser a mais antiga, é considerada como uma realização mais conservadora. Por isso, os pesquisadores consideram a *média fechada* como a

manutenção e as demais variantes como inovação do sistema. Há ainda pesquisadores que se referem à média fechada como manutenção por reconhecer nessa variante a realização original da média, que pode ser modificada por processos fonológicos. Neste trabalho, será adotada a terminologia designadora dos processos fonológicos, a saber: *fechamento* para a variante média-alta (e, o), *alçamento* para a variante alta (i, u) e *abertura* para a variante média baixa (ɛ, ɔ).

Os resultados da pesquisa-piloto (SILVA, 2009) serviram de ponto de partida para esta dissertação sobre a variedade linguística de Iporá, sendo um deles a predominância da variante aberta. A seleção das variáveis independentes, a fim de verificar quais fatores linguísticos e sociais estimulam cada uma das variantes, também partiu das experiências na pesquisa-piloto, resultando nas seguintes: linguísticas - *altura das vogais seguintes, contextos adjacente¸ classe gramatical e distância da sílaba tônica* - e as sociais, referentes ao perfil do informante - *faixa etária, sexo/gênero* e *tempo de escolaridade, origem*.

Os principais objetivos deste estudo são descrever o comportamento das médias pretônicas na fala de Iporá, contribuir com a descriçãodo comportamento sociolinguístico do iporaense e identificar se em Iporá, no que se refere ao uso das médias pretônicas, há *mudança em progresso* ou não.

Referente à organização, esta dissertação tem quatro capítulos: no primeiro, apresenta-se a comunidade de fala sob estudo, a partir da sócio-história de Iporá, sua localização geográfica, sua constituição sócio-política; no segundo, descreve-se o sistema vocálico do português, encaixando-se neste o comportamento variável das vogais médias pretônicas do português brasileiro; no capítulo três, apresentamos os procedimentos metodológicos para realização da pesquisa; e, por fim no capítulo quatro, apresentamos os resultados da análise e consequente interpretação dos resultados.

1 IPORÁ NO OESTE GOIANO

O município de Iporá está localizado na região do Oeste Goiano, conforme classificação dada pela SEGPLAN[2], uma região de planejamento que reúne municípios goianos situados no oeste de Goiás, localizada acima da região de planejamento Sudoeste Goiano e abaixo da Noroeste Goiano. No caso da região do Oeste Goiano, o agrupamento de municípios é incluso no critério seguinte:

> As outras seis regiões foram definidas tendo como critério os principais eixos rodoviários do Estado. Todos os municípios cujas sedes utilizam o mesmo eixo rodoviário para o deslocamento à Capital do Estado foram considerados pertencentes a uma mesma região de planejamento (SEGPLAN, 2010).

Assim, o eixo da GO-060 é o que caracteriza a região do Oeste Goiano, que liga a capital de Goiás, Goiânia, ao estado do Mato Grosso. Esta região de planejamento é composta por 43 municípios, como pode ser visto no Mapa 1 a seguir. Destes, Iporá é o mais populoso com 31.300 habitantes. As principais atividades do Oeste Goiano são agricultura e a pecuária, ocupando o 1º lugar na produção de bovinos e de leite, ainda assim é uma das regiões mais pobres de Goiás.

O Oeste Goiano possui aspectos históricos semelhantes ao processo de povoamento de Goiás, que pode ser visto correlacionado aos rios Vermelho, Araguaia, Claro e Pilões, entre outros, que são importantes para a compreensão histórica e para a caracterização dessa região goiana.

[2] Esta proposta de regionalização do estado de Goiás tem como objetivo uma estratégia para o planejamento governamental e os critérios para esta divisão são baseados em fatores de cunho econômico, político,social e físico.

MAPA 1: Regiões de Planejamento do Oeste Goiano

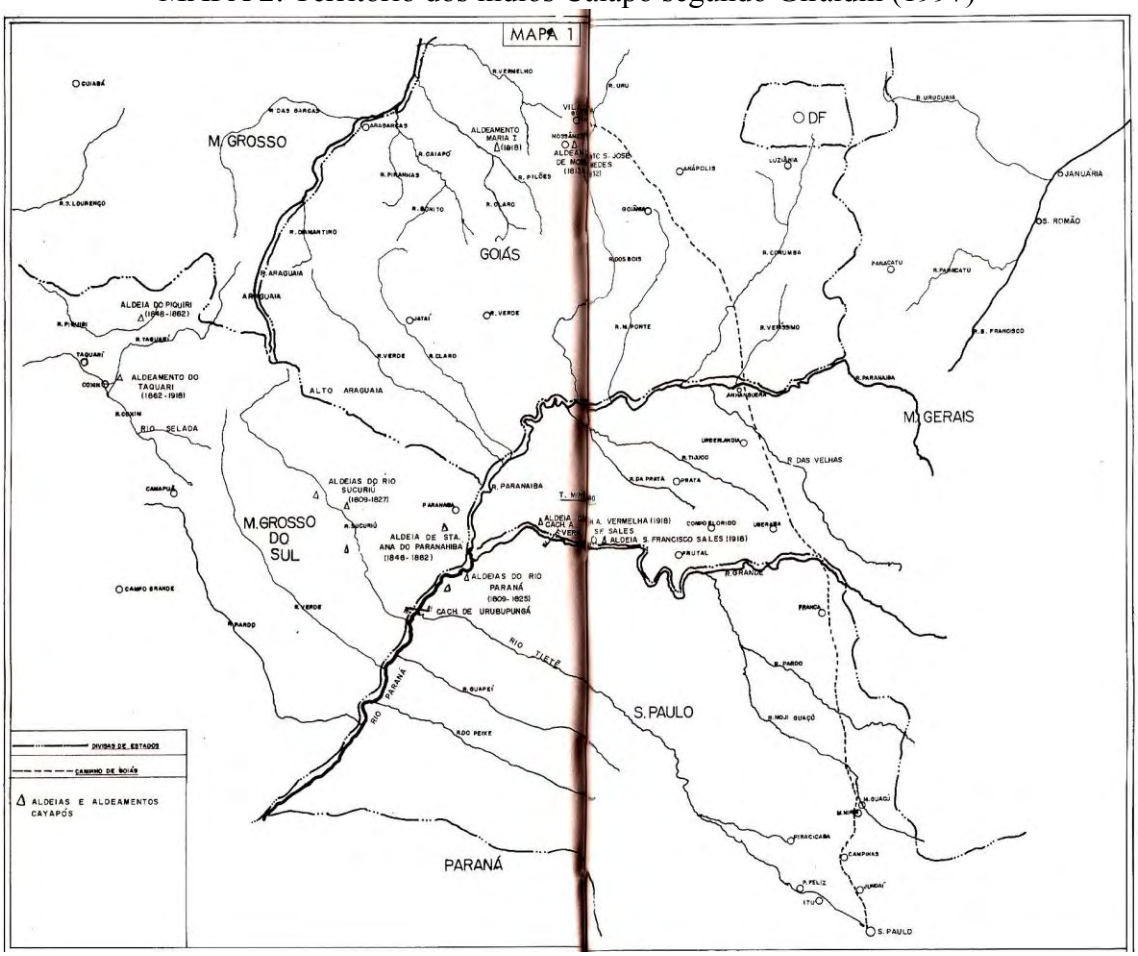
Fonte: SEPLAN (2010)

1.1 HISTÓRICO

Antes doperíodo de colonização, o estado de Goiás era povoado por diversos grupos indígenas, como os Caiapó, Xavante, Goyaz, Crixás, Araé, Canoeiro, Apinajé, entre outros. Prova disso é a origem do nome "Goiás",em homenagem aos povos habitantes desse território, em decorrência das notícias quese ouviam em São Paulo sobre a existência de ouro nas "minas dos Goyazes".

A região do Oeste Goiano era habitada pelo Povo Caiapó. Esta etnia tinha um território de grande dimensão, ocupando o leste de Mato Grosso, o sul de Goiás, o Triângulo Mineiro e o Noroeste de São Paulo, como pode ser visto no Mapa 2 a seguir.

MAPA 2: Território dos índios Caiapó segundo Giraldin (1997)



Fonte: Giraldin (1997, p.58-59)

Apesar de ser um grande território para os grupos Caiapó, os dados linguísticos e cartográficos da época mostraram como real esta grande extensão, denominada de "sertão do gentio cayapó". A língua falada por este grupo também era denominada de língua Caiapó.

Giraldin (1997) reúne registros da língua dos Caiapó do Sul feita,por, Alexandre de Souza Barbosa, Joaquim Lemos da Silva, Saint-Hilaire, Johann E. Pohl, Dr. Kupfer, Nehring.

Na região do Oeste Goiano, a memória e todo um imaginário sobre os Caiapó estão registrados na toponímia local, como, por exemplo, em: *Serra do Caiapó*, *Rio Caiapó*, cidade de *Caiapônia* e na *Rua Caiapó* em Iporá.

A exploração do Brasil Central pelos bandeirantes, em busca de riquezas minerais, começou no início do século XVIII, trazendo para esta região habitada por povos indígenas, uma movimentação diferente com o trânsito de pessoas, de mercadorias e das riquezas extraídas. A recepção dos habitantes nativos não foi hospitaleira, pelo contrário, foi bem hostil e belicosa. Os ataques realizados pelos índios Caiapó eram violentos e marcados pela morte de todos, sem aprisionar ninguém, o que condizia coma cosmovisão deles, segundo Giraldin (1997).

As bandeiras eram formadas com vistas a desbravar e explorar o interior do Brasil. Não se sabe ao certo quais línguas eram faladas nessas expedições. Ao que tudo indica os bandeirantes paulistas falavam a língua Tupi – ou Língua Geral do Sul –, o que facilitava a comunicação com os índios Tupi capturados e levados na expedição para guiar o caminho, buscar alimentos e remédios medicinais, além do serviço braçal e para enfrentar os inimigos.

A migração para Goiás começou em 1722, com a descoberta das minas de ouro pelo Anhanguera. Às margens do Rio Vermelho, na barra de encontro com o rio Bugre, foram instalados os primeiros garimpos. Decorre daí a denominação de Barra ao antigo acampamento, atualmente, denominado de Buenolândia, em homenagem ao invasor. Em localização mais alta, próxima à serra Dourada, posteriormente, em 1727, foi fundado o Arraial de Sant'Anna, que passou a vila administrativa, em 1736, com o nome de Vila Boa de Goyaz, sede da Capitania de Goiás, desmembrada da Capitania de São Paulo, em 1748. Atualmente, é a Cidade de Goiás, patrimônio histórico e cultural da humanidade, título reebido da Unesco, em 2001.

A estrada para o deslocamento entre São Paulo e Vila Boa era chamada de "Caminho de Goiás", que se configurava mais terrestre do que o "Caminho de Cuiabá", pois sofreu ataques às margens dos rios Pardo e Taquari para chegar à Cuiabá. O "Caminho de Goiás" atravessava o Triângulo Mineiro para chegar à Goiás durante quase todo o período colonial, como pode ser visualizado no Mapa 2 acima.

Nesta época, a maioria dos confrontos entre „brancos' e Caiapó ocorria no atual Triângulo Mineiro,

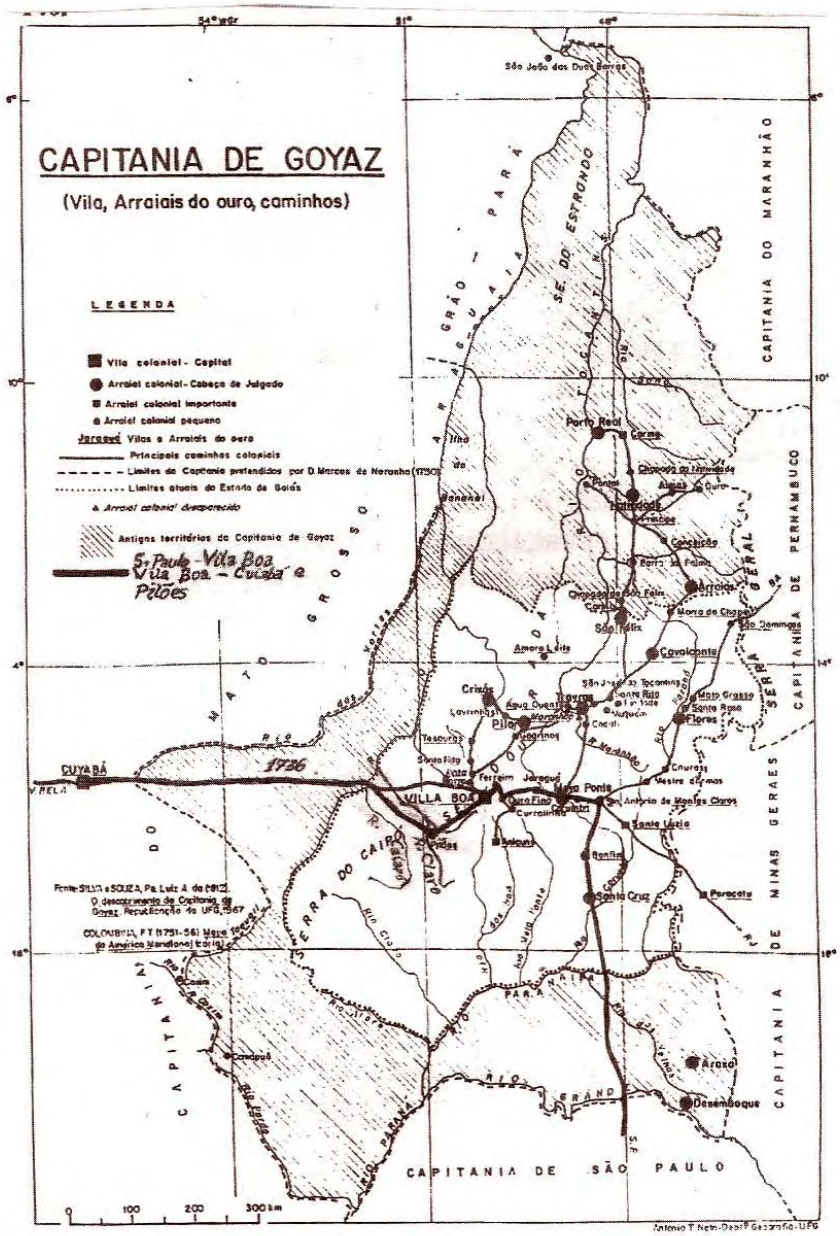
> mas estes conflitos ocorridos no ‚caminho' não estão desvinculados dos demais que ocorriam na outra parte do território Cayapó, isto é, na região do Alto Araguaia, principalmente nos rios Pilões e Claro, onde foram descobertas minas de diamantes logo nos primeiros anos de exploração mineira da região. (GIRALDIN, 1997, p.67)

Os conflitos na região dos rios Claro e Pilões ocorreram de tal forma que, em 1733,essa parte do território foi descartada do projeto de exploração das minas pelo Anhanguera.

> Após descobrir ouro nas margens do rio Vermelho, dentro dos contrafortes de Serra Dourada, Bartolomeu Bueno da Silva passou a explorar a região mais ao sul. Ao pesquisar nos rios Claro e Pilões, descobriu os primeiros sinais de pedras preciosas. Ao mesmo tempo, sofria os primeiros ataques dos Caiapó, fato que o obrigou a abandonar a região. (GIRALDIN, 1997, p.67)

A notícia de diamantes nesses rios se espalhou e houve um grande fluxo de garimpeiros ilegais para lá, causando agitação e aumento populacional. O Rei D. João V, então, proibiu a extração clandestina, criando um Distrito Diamantino para policiar e defender o recurso mineral descoberto, que seria fonte de futura riqueza para o reino português. O principal quartel era o de Pilões, fixado à margem do Rio Claro, como pode ser visto no Mapa 3 a seguir. Esta é a origem histórica de Iporá. (GOMIS, 2002)

MAPA 3: Trajeto colonial e localização do Arraial de Pilões.



12. Mapa da Capitania de Goyaz, com os caminhos e estradas colonias. (Arquivos Histórico de Goiás)

Fonte: Gomis, 2002, p.53

Gomis (2002, p. 51) descreve a posição do vilarejo:

> O lugar onde se construiu Pilões foi escolhido a propósito e atendia tanto às exigências de vigilância do Distrito Diamantino, como ao conforto dos habitantes, quer no que diz respeito à subsistência ou à paisagem do ambiente. O local fica num ângulo quase reto desenhado por uma curva do rio Claro, onde seu curso desvia-se do norte para nordeste, na margem direita e numa área plana entre as barras dos córregos Biquinha e Lava-pé, que distam cerca de meio quilômetro uma da outra. Nesta localidade agradável e pitoresca, o povoado foi erguido obedecendo ao contorno de um largo central de onde se ramificavam algumas ruas e becos (atualmente o local fica cerca de 3 km abaixo da cidade de Israelândia).

Segundo o autor, “apesar de estar distante cerca de trinta léguas de Vila Boa, a capital, mesmo assim, não vivia isolado no sertão” (GOMIS, 2002, p. 52). Esta localização servia de entreposto comercial para viajantes, tendo em princípio apenas um ranchão que servia de pousada e venda para atender aos viajantes no trecho São Paulo – Mato Grosso. Conforme Gomis (2002, p. 54) e dada a localização no Mapa 3 acima, o Arraial de Pilões dava acesso a vários centros comerciais da época: seguindo a Oeste, ia para Cuiabá/MT (passando por Bom Jardim, Baliza ou Registro do Araguaia) ou Coxim/MS (atravessando por Torres do Rio Bonito, atual Caiapônia); a Sudeste, seguia-se para Cachoeira de Goiás, Paraúna e Rio Verde; e para o Leste, chegava-se à Vila Boa, capital de Goiás, pela Estrada Imperial.

O Arraial de Pilões possuía a Igreja do Senhor do Bom Fim, muito suntuosa, além de casarões coloniais ao redor da praça, a casa paroquial, o quartel para abrigar os dragões[3], a sede administrativa e os ranchos dos garimpeiros. A partir de 1833, Pilões passa a ter também uma Sub-Prefeitura distrital, cadeia pública, uma escola, cartório e coletoria (GOMIS, 2002, p.52-58).

O impasse criado pelos ataques dos Caiapó à bandeira do Anhanguera no Rio Claro e Pilões foi um dos fatos que levaram o Conde de Sarzedas, capitão-general da capitania de São Paulo, a informar o ocorrido ao Rei D. João V através de uma carta em 1734. Além desta, outras reclamações dos moradores revelavam o incômodo trazido pelo contato com estes grupos indígenas e o consequente esvaziamento das minas de diamantes do rio Pilões.

Giraldin (1997) observa que as medidas tomadas pelas autoridades eram divergentes, uma favorecendo a guerra ofensiva aos povos Caiapó e outras procurando evitar tal confronto. O Conde de Sarzedas favoreceu os ataques aos Caiapó em 1736; o Rei D. João V, em 1738, e o Conselho Ultramarino foram inicialmente contra a guerra, propondo proteção aos moradores e ausência de violência, enquanto D. Luis de Mascarenhas decidiu guerrear contra os Caiapó e escravizar os capturados em 1740 e 1746; em 1744, D. João V declarou guerra ofensiva contra os Caiapó, a pedido dos moradores de Vila Boa. A deliberação sobre a guerra, principalmente pelo Rei, resultou na formação de diversas bandeiras para aquisição e comercialização dos indígenas, extrapolando o objetivo inicial da guerra, que era a defesa dos moradores do lugar e a liberação do “caminho de Goiás”.

Antonio Pires de Campos foi contratado por Mascarenhas para atacar os Caiapó: na região do Rio Claro, em 1742 e 1750, e do Rio das Velhas, em 1746. No Rio Claro,

[3]*Os Dragões,* ou guarnição militar dos dragões (polícia real portuguesa), era a guarda oficial da Coroa Portuguesa, instalada onde a empresa de exploração de diamantes se sediava.

juntamente a 120 Bororo, “este ataque foi realizado em uma aldeia, caracterizando-se, neste caso, uma guerra ofensiva. Dele resultou a destruição da aldeia e a morte de cerca de 16 e o aprisionamento de mais 32 Caiapó. (GIRALDIN, 1997, p.70). Em 1746, a estratégia do governo foi transferir aldeias de índios Bororo para o Triângulo Mineiro, a fim de liberar o Caminho de Goiás.

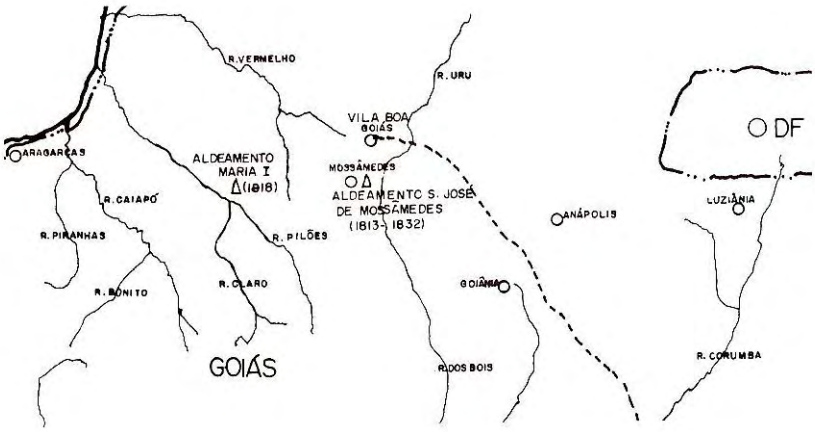
Em 1748, os irmãos paulistas Felisberto e Joaquim Cadeira Brant assinaram contrato para exploração do Rio Claro, marco da fundação do Arraial de Pilões. Nessa ocasião, vieram 200 escravos para trabalhar no garimpo de pedras preciosas (IBGE, 2010). Os irmãos empreitados abandonaram a extração em 1751, alegando prejuízos. Somente em 1801 foi liberada a exploração dos diamantes por outros interessados, atraindo posseiros de vários lugares.

Ainda em 1748, Gomes Freire de Andrade, o governador da capitania de São Paulo, administrou São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e Mato Grosso do Arraial de Pilões (sede do governo itinerante de Gomes). Em 1749, o governador foi para Vila Boa, desmembrou a Capitania de Goiás da Capitania de São Paulo e empossou Dom Marco de Noronha como primeiro governador. Por esse motivo, alguns iporaenses acreditam e defendem que Iporá foi a primeira capital de Goiás.

Durante os governos de D. Marcos de Noronha,instalado em 1755, e de João Manuel de Mello e Castro, instalado em 1763, a população exigia intervenção do governo contra os Caiapó. Nesse período, conforme descreve Giraldin (1997), foi intensa a perseguição aos Caiapó pelo sertão, com ataques às aldeias, captura dos nativos, “num estado cíclico de ação/reação” entre as partes em confronto.

A fim de pacificar esta situação, resultante de estratégias de impressionar os índios, em 16 de julho de 1781, foi inaugurado o Aldeamento Maria I, às margens do rio Fartura, próximo aosrios Claro e Pilões. Como pode ser visto no Mapa 4 a seguir, trata-se de uma localização próxima ao Arraial de Pilões, exposto no mapa anterior.

MAPA 4: Território Caiapó em Goiás e Aldeamentos Maria I e São José de Mossâmedes



Fonte: Giraldin (1997, p.31)

O Aldeamento Maria I iniciou-se com 237 Caiapó, contendo seiscentos guerreiros ao final de 1782. Além da estratégia usada pelo governo para convencer os Caiapó, Giraldin (1997, p.94) hipotetiza que o interesse dos Caiapó em serem aldeados parte de poderem escolher o local do aldeamento e das "derrotas contra os „brancos', epidemia de varíola, falta de alimentação e pela ocorrência de seca por dois anos (Karasch, 1981:105)".

O grande número de Caiapó aldeado assustou o governador Tristão da Cunha Menezes, que temia uma rebelião ou explosão de conflitos. Além das doenças que atacaram o aldeamento, diminuindo o número dos Caiapó, muitos destes fugiram em busca de comida, e, por fim, os remanescentes foram transferidos para o Aldeamento de São José de Mossâmedes. Mesmo diante de inúmeras tentativas de restituir os Caiapó ao Aldeamento, em 1833, o vigário local foi dispensado por não haver mais índios de nenhuma etnia aldeados.

Pelo exposto no parágrafo anterior, pode-se inferir que o Arraial de Pilões foi formado por uma confluência étnica, cultural e linguística, devido a sua constituição e forma de estabelecimento populacional: servindo de entreposto comercial, passagem de aventureiros e abrigo para os exploradores dos recursos naturais; e vizinho dos índios Caiapó, aldeados ou não, até o século XIX. A região de Iporá era um palco do contato e conflito entre os indígenas e os colonizadores com suas bandeiras. Além de o ano de 1833 marcar a dispersão dos índios dos aldeamentos, o Arraial de Pilões passou a ser distrito de Vila Boa e a se chamar Rio Claro.

Segundo Giraldin (1997), até 1882, há notícia da existência dos Caiapó no território Sudoeste de Goiás, com seus ataques, sendo que "as atrocidades que têm sido cometidas contra os Caiapó são tantas que nem se deve publicá-las. E mais, que os acontecimentos

ocorridos nos sertões não chegam ao conhecimento da presidência da província" no relato de Aristídes de Souza Spíndola (GIRALDIN, 1997, p. 124). Após o longo período de resistência às frentes de expansões mineradoras e agropecuárias, os Caiapó foram considerados extintos. Entretanto, estudos como o de Giraldin (1997) mostram que o grupo Panará, localizado na Reserva Nacional do Xingu, é proveniente dos Caiapó que migraram para aquela região.

O curso frenético do Arraial começou a mudar em meados do século XIX. Desde a Independência do Brasil, em 1822, a questão agrária favorecia apenas famílias aristocratas para a posse de terras e criação de gado, enquanto a população já residente perdia suas terras e tinha de se agregar aos grandes latifundiários ou ir embora. Foi assim que, para Goiás, vieram muitos brasileiros de diferentes regiões. Nesse período, a região de Iporá recebeu também "migrantes do Nordeste e, sobretudo de Minas e São Paulo" (GOMIS, 2002, p. 61).

Com o fim da febre do ouro e o refluxo da economia goiana, aumentaram-se a pobreza e a prática do latifúndio. A ocupação das terras favoreceu a permanência de algumas poucas famílias, no final do século XIX. Para piorar, um surto de febre amarela dizimou outra parte da população, restando poucas famílias e alguns descendentes de escravos. Por isso, descrevendo o percurso da glória à decadência do importante arraial, o distrito do Rio Claro passou a ser chamado de "Comércio Velho". (GOMIS, 2002)

Entrado o século XX, o coronelismo começou a enraizar-se em Goiás, com suas injustiças e abusos de poder. Em Iporá, não foi diferente, houve dois coronéis conhecidos e importantes na história de Iporá: José Paes de Toledo (Quincas Paes) e Odorico Caetano Teles (Seu Odorico), vindos do Mato Grosso e de Montevidiu-GO, respectivamente.

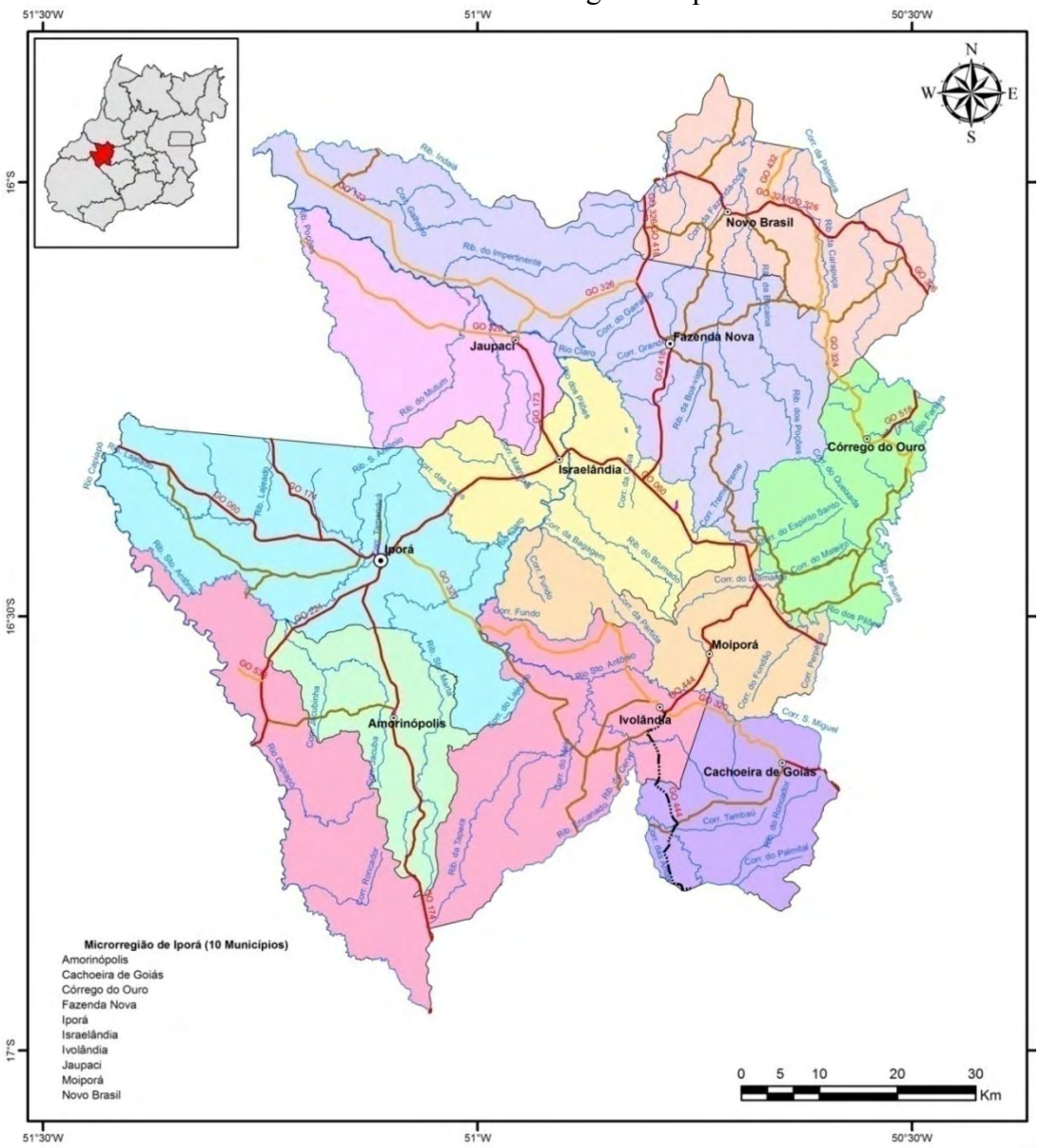
Em 1926, Israel de Amorim, com apenas 23 anos de idade, veio de Conceição do Araguaia, estado de Pará, com uma tropa de muares, a fim de fugir de um casamento forçado e para recomeçar sua vida. Chegando à capital goiana, informado das riquezas minerais nos rios Claro e Caiapó, se dirigiu para tal região. O interesse político dele surgiu de um encontro com Carlos Prestes, quando "a Coluna Prestes que vinha de suas incursões pelo Norte e Nordeste do país, estava acampada no povoado dos garimpeiros". Em entrevista a Gomis, em 1990, Israel de Amorim relata a experiência e lições políticas adquiridas em conversa com Prestes sobre "suas andanças pelo Brasil: a pobreza dos lavradores, enquanto as terras ficavam nas mãos dos ‚coronéis'; dos malefícios dos latifúndios; e da importância da Reforma Agrária" (GOMIS, 2002, p.71). Segundo Gomis, foi essencial para a atuação política de Israel de Amorim, em Iporá e região, ter vivenciado esse encontro, posteriormente, refletido em seu governo.

Israel tornou-se influente na região pelo cultivo de amizades com os coronéis[4], com o Governo e com os garimpeiros. Com a Revolução de 30, o Governo Vargas lançou o projeto Marcha para o Oeste, idealizando aumentar a densidade demográfica no Brasil Central, criar fontes de produtos alimentícios e melhorar a qualidade de vida da população residente. Das medidas tomadas, o poder dos coronéis foi extinto, os quais passaram a aborrecer-se com o avanço político de Israel de Amorim e motivaram a mudança do distrito para outro lugar, onde poderiam ter mais voz.

Os adversários de Israel Amorim, então, aproveitaram a ausência dele, em 1936, e arquitetaram a mudança do Distrito do Rio Claro à beira da velha "estrada imperial"[5], para as margens do rio Tamanduá, próximo ao rio Santo Antônio, recebendo o novo nome de Itajubá[6], em homenagem à cidade mineira de Itajubá, à pedido de Elpídio Paes Toledo. Segundo Gomis (2002), no entanto, só em 1938, com a influência de Israel de Amorim nos governos estadual e federal, se concretizou a transferência de Rio Claro para Itajubá, nome e local, sendo efetivada e oficializada a fundação de Itajubá. Esta é a atual localização da cidade de Iporá, sede municipal, como pode ser conferido no Mapa 5 da Microrregião de Iporá:

[4] Em um primeiro momento, a aproximação de Israel com os coronéis foi amistosa, porém, com o tempo, criou-se aborrecimento sobre o crescimento político de Israel, seu apoio aos garimpeiros e sua aprovação pela nova situação política com a Revolução de 30, que tirava o poder dos coronéis.
[5] A "estrada imperial" ligava a antiga capital, atual Cidade de Goiás, à Torres do Rio Bonito, atual Caiapônia.
[6] O nome Itajubá é de origem Tupi-Guarani e significa "pedra amarela", isto é, ouro.

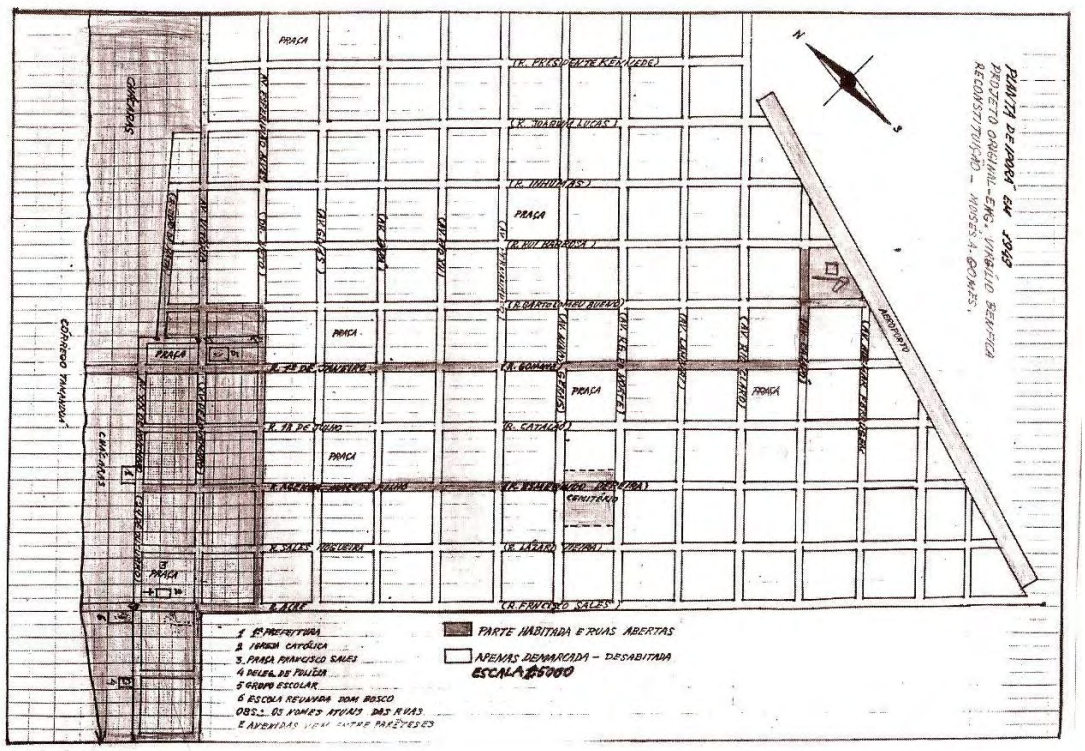
MAPA 5: Microrregião de Iporá



Fonte: SEPLAN (2010)

Obviamente, em 1938, nem todos esses municípios existiam. Com a transferência do distrito de Rio Claro para Itajubá, foi realizada uma nova demarcação, e com a mudança de Israel de Amorim para Itajubá, em 1940, a estrutura de Itajubá foi planejada. Junto a profissionais da área de urbanização, Israel realizou um projeto urbanístico moderno, com ruas e avenidas largas e praças, que pode ser visualizado na planta daquela época, na Figura 1, e na atual, na Figura 2:

FIGURA 1: Planta de Iporá em 1949



26. Planta original de Iporá, em 1949. (O autor)

Fonte: Gomis (2002, p.88)

FIGURA 2: Planta de Iporá

Fonte: desconhecida[7]

[7] Este mapa foi conseguido com Maria Piedade Feliciano Cardoso, professora da UEG – UnU Iporá.

Uma das principais ruas de Iporá se chama Avenida Pará que remete à origem de Israel de Amorim, dada sua importância para a história de Iporá. A Figura 3 abaixo exibe a avenida Pará na chegada de Iporá rumo ao centro.

FIGURA 3: Avenida Pará em Iporá

Fonte: http://turismocriativo.blogspot.com.br/2010/02/turismo-alternativo-em-ipora-go.html[8]
Acesso em 04/09/2013

Gomis (2002) observa que esta troca de localidade e o novo momento no país, conhecido por Marcha para o Oeste, atraíram muitas famílias em pouco tempo, aumentando significativamente o povoado recém-fundado.

> Dentro de pouco tempo o pequeno povoado cresceu e se transformou num agitado formigueiro humano. A divulgação, promovida por Israel de Amorim, e a propaganda do "disse-me-disse" fizeram Itajubá atravessar fronteiras. Migrantes paulistas, mineiros, matogrossenses, nordestinos – principalmente da Bahia – sem falar ainda dos goianos, foram chegando dominados pelo delírio da "febre" do chão massapé e fascinados pelas matas cheias de bacuris, "guerobas", pateiros, tamboril, marinheiros e outras "marcas verdes" da "cultura de primeira" e símbolos da fartura. Mudanceiros chegavam todos os dias, a pé, em cavalos, burros e jegues, e carros de boi – únicas formas de transporte possíveis do sertão, na época. (GOMIS, 2002, p. 91-93)

[8] Neste site podem ser visualizadas fotos do Morro do Macaco, ponto turístico em Iporá.

Essas histórias da fama da nova cidade de Iporá em Goiás e como seus pais e avós das regiões Nordeste e Sudeste chegaram ao território iporaense ainda podem ser ouvidas por moradores mais idosos e mais antigos da cidade. A mudança da capital de Goiás para Goiânia, em 1942, também apresenta o aumento do fluxo demográfico para o território goiano.

Após cinco anos, Itajubá se tornou uma "dinâmica cidadezinha do oeste goiano". Seu nome teve de ser mudado, em 1943, devido à aprovação do Decreto-Lei nº 8.305, de 31 de dezembro de 1943, proibindo as cidades de serem nomeadas com o mesmo topônimo, para não confundir o trabalho dos agentes dos Correios. Como o nome Itajubá já nomeava uma cidade em Minas Gerais, conforme exposto anteriormente, a cidade goiana, de nomeação mais recente, teve de mudar seu nome. A título de sugestão, o Decreto-Lei recomenda usar nomes de origem Tupipara renomear as cidades de nomes iguais. Foi assim que o novo nome, escolhido para batizar a antiga Rio Claro, foi Iporá, de origem Tupi *'yi'*(água corrente, córrego, rio) + *'porá'* (claro, branco, transparente), resultando em "Rio Claro", do que pode-se inferir a a tradução literal, do português para o Tupi, do nome do povoado que a originou. (GOMIS, 2002, p.93. *Adaptado*).

A prosperidade de Iporá, segundo Gomis (2002), é justificada pela reforma agrária idealizada por Israel de Amorim, não concentrando terra na mão de poucos, mas atraindo moradores, futuros eleitores seus. A concretização deste ideal possibilitou bons resultados à população que chegava já tendo como sobreviver. Gomis (2002) descreve da seguinte forma as condições de vida:

> Mas não se conhecia a fome e a miséria, e nem havia „sem-terra'. [...] Vestiam-se roupas toscas de algodão, tecidas e confeccionadas artesanalmente e andava-se de pé no chão, ou de botinas rústicas „arranca-tocos'. No entanto, todos - adultos, idosos e crianças – viviam de barrigas cheias, felizes e pouco importavam se o mundo lá fora estava se acabando sob a infernal destruição das bombas da Segunda Guerra Mundial. No lugar do luxo, havia a dureza da vida na roça. Mas em compensação, existiam muita fartura, esperança e alegria de viver. (p.102)

Esta citação reflete o reconhecimento do autor da importância da política agrária para o sucesso do desenvolvimento da cidade, atualmente, ao contrário de outras cidades goianas. Após 200 anos do início do Arraial de Pilões, em 1948, Iporá foi emancipada com 14.043 habitantes. Esse número de habitantes mostra um povoamento rápido depois da transferência de Rio Claro para Itajubá, em 1938, apenas dez anos. Um prefeito itinerante assumiu até abril de 1949, quando Israel de Amorim foi empossado.

O primeiro mandato foi um sucesso, principalmente, devido à amizade entre Israel de Amorim e Pedro Ludovico, que resultou em inúmeros benefícios para a cidade recém-

emancipada. Assim, mesmo que não tenha mais sido prefeito de Iporá, Israel de Amorim deixou sua marca na história da cidade, evidenciada tanto no crescimento populacional e no desenvolvimento da região, como nas sucessivas emancipações políticas das cidades vizinhas, devido ao desgosto de não ter mais sido eleito em Iporá a partir de 1957:

> Além de Iporá, Israel de Amorim coordenou ainda a fundação de novos povoados e agrovilas, como Campo Limpo (Amorinópolis), Cobó (Moiporá), Messianópolis, Piloândia, Monchão do Vaz (Israelândia), Pacu (Jaupaci), Aropi (Diorama) e Salobinha (Montes Claros de Goiás). (GOMIS, 2002, p. 101)

Estes feitos de Israel, consequentemente, diminuíram o território de Iporá. Depois disso, Israel de Amorim foi eleito deputado estadual em 1962. Para a população iporaense, "o resultado das retaliações [por Israel] foi uma drástica interrupção do desenvolvimento da cidade e do município e o início de um período de atraso que só se reverteu na década de 70" (GOMIS, 2002, p.130), dando a impressão de que "enquanto Goiás vivia a eufórica onda de progresso, impulsionada pela construção e inauguração de Brasília, Iporá permaneceu parada no tempo" (p.133).

Durante a ditadura militar (1964-1984), os antigos coronéis e seus amigos voltaram a ter poder, intensificaram-se a perseguição político-ideológica e a depredação dos órgãos conseguidos em outros mandatos, pregou-se uma "amnésia histórica" e a violência voltou a existir excessivamente. Entretanto, tal período também "representa o marco inicial do desenvolvimento e modernização de Iporá e do Vale dos rios Claro e Caiapó" (GOMIS, 2002, p.147). Alguns dos benefícios foram: a pavimentação, em 1970, da atual GO-060, no trecho Goiânia-Iporá, a instalação de energia elétrica mais resistente, a construção de hospitais e o provimento da cidade com médicos, bancos econômicos, escolas, rodoviária, água tratada, tornando-a uma cidade mais agradável e de melhor qualidade de vida. Mas, foi com a Nova República, em 1985, que a democracia pode ser vivida de fato pelos iporaensesa partir do desenvolvimento sócio-econômico e cultural.

Por fim, a sócio-história de Iporá revela a miscigenação na base de formação do povo e da língua dos iporaenses, dada a documentada pré-existência de grupos indígenas na região, que durante a exploração mineradora, disputava espaço com as bandeiras, formadas por brancos, escravos negros e indígenas. Com a ocupação de terras devolutas (a partir de 1922) e com a fundação de Iporá (1948), fortalecida pela Marcha para o Oeste, houve migração de famílias principalmente de Minas Gerais e da Bahia para a região de Iporá.

Em suma, considerando a constituição étnico-histórica da comunidade sociolinguística de Iporá, pode-se inferir que a formação linguística dos iporaenses contou com a participação, além da língua Tupi (sobretudo pelo uso da língua geral do sul, durante o bandeirantismo), da língua Caiapó, uma língua do tronco Macro-Jê, família Jê, e pelas variedades do português brasileiro, em formação, nas diferentes frentes de povoamento do Oeste Goiano.

1.2 IPORÁ NA ATUALIDADE

A cidade de Iporá está localizada a 216 km de Goiânia, a capital de Goiás, na região de planejamento do SEGPLAN Oeste Goiano (como exposto no início do capítulo), na mesorregião do Centro Goiano e na microrregião de Iporá (no mapa 5, exposto anteriormente), conforme divisão regional proposta pelo IBGE.

Iporá é pólo da microrregião (IBGE, 2010) e, por isso, atende à população dos 9 municípios que compõem a microrregião de Iporá (Amorinópolis, Cachoeira de Goiás, Córrego do Ouro, Fazenda Nova, Israelândia, Ivolândia, Jaupaci, Moiporá e Novo Brasil), outros municípios, como Arenópolis, Baliza, Bom Jardim de Goiás, Diorama, Montes Claros de Goiás e Piranhas, da Microrregião de Aragarças, Mesorregião do Noroeste Goiano, e Palestina de Goiás, Caiapônia, Doverlândia, na Microrregião do Sudoeste Goiano, Mesorregião do Sul Goiano, além de cidades de outras micro e mesorregiões goianas, em decorrência de laços e relações historicamente estabelecidos.

Uma justificativa para o acolhimento destes municípios satélites seria a localização geográfica estratégica de Iporá, pois "o município apresenta um relevo plano, livre de acidentes, de acesso fácil, com rodovias pavimentadas e em bom estado de conservação que comunica com Mato Grosso, Goiânia, Rio Verde e São Paulo, entre outras"[9] (GOMIS, 2002, p. 293). As demandas na cidade de Iporá são por serviços públicos, comércio em geral, comércio agropecuarista, atendimento à saúde, estabelecimentos bancários, lazer, educação básica (principalmente para a população rural) e superior, dentre outras necessidades.

Assim, a participação de Iporá no Oeste Goiano é administrativa, comercial e historicamente importante. O slogan da atual administração da cidade é "Prefeitura de Iporá: a capital do Oeste Goiano", como na Figura 4.

[9] A condição das rodovias é questionável na atual situação, principalmente a GO-060.

FIGURA 4: Slogan da Prefeitura de Iporá: Iporá, a capital do Oeste de Goiás

Fonte: Arquivo próprio (2013)

As principais características de Iporá estão apresentadas no Quadro 1 a seguir, disponibilizado pelo IBGE:

QUADRO 1: Características demográficas e geográficas de Iporá-GO

CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS	
População	**31 274 hab.**
Densidade demográfica	**30,47 hab./km**
Área da unidade territorial	**1 026,387 km²**
Altitude	**600 m**
Clima	**Tropical**
Bioma	**Cerrado**
Fuso Horário	**UTC - 3**

Fonte: IBGE (2010)

Iporá tem 31.274 habitantes (IBGE, 2010), sendo 2.729[10] (SEPLAN, 2010) residentes na área rural, e um índice de evolução populacional aparentemente estável, se comparado aos 29.688 habitantes, de 1990 (IBGE, 1990). A urbanização, apesar de ter números crescentes, não se configura como problema. Em 1991, a população rural era de

[10] http://www.seplan.go.gov.br/sepin/perfilweb/perfil_bde.asp

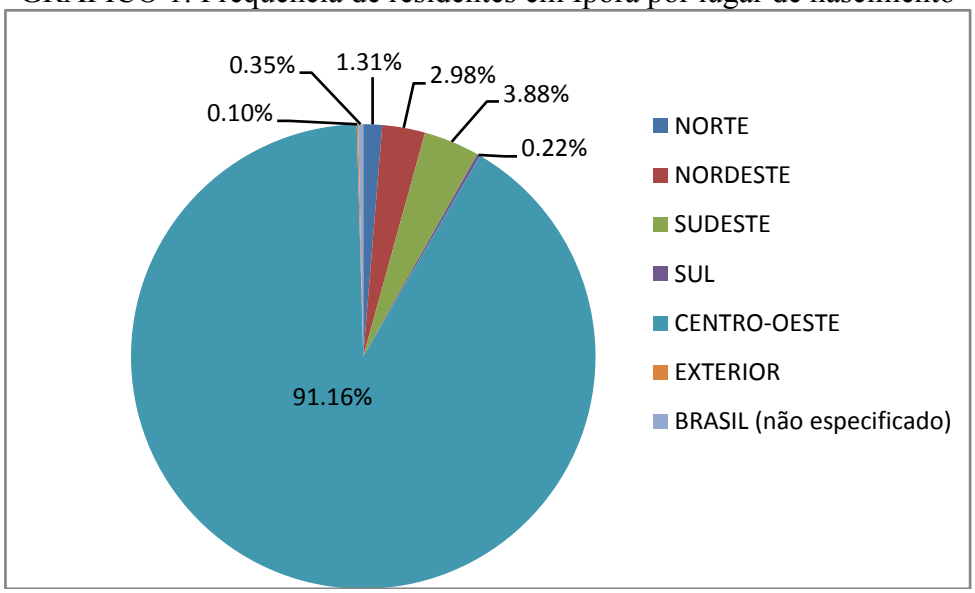
4.148 habitantes e em 2010 é 2.729 (IBGE, 2010). O IBGE (2010) permite observar a "população residente por lugar de nascimento". Os resultados para o município de Iporá estão na Tabela 1 e no Gráfico 1, abaixo.

TABELA 1: Frequência de residentes em Iporá por lugar de nascimento.

Local de nascimento	Número de residentes	Porcentagem
NORTE	412	1,31%
NORDESTE	932	2,98%
SUDESTE	1215	3,88%
SUL	69	0,22%
CENTRO-OESTE	28504	91,13%
EXTERIOR	33	0,10%
BRASIL (não especificado)	110	0,35%
	31275	100%

Fonte: Dados do IBGE (2010)

GRÁFICO 1: Frequência de residentes em Iporá por lugar de nascimento

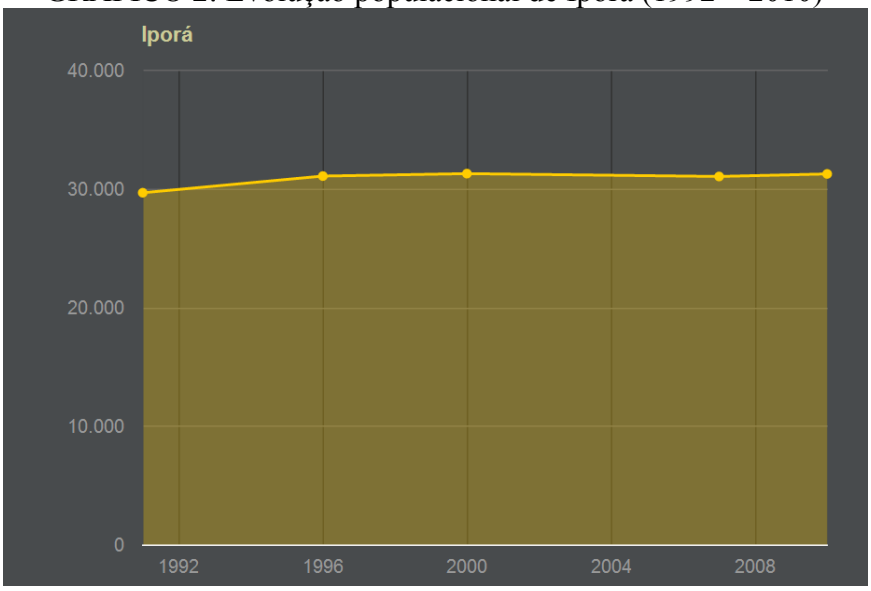


Fonte: Dados do IBGE (2010)

A partir da leitura destes dados, é seguro afirmar que mais de noventa por cento (90%) da população de Iporá é nascida na região Centro-Oeste – em Iporá mesmo ou em outra cidade goiana, no Mato Grosso ou no Mato Grosso do Sul. Os outros índices mais altos são para a região Sudeste (1215/31275 = 3,88) e Nordeste (932/31275 = 2,98%). Especula-se que os originários do Sudeste sejam de Minas Gerais, pela proximidade e pelo histórico já visto de migração de mineiros para Iporá, eos do Nordeste sejam da Bahia. Enfim, os números do IBGE permitem afirmar que as influências externas na fala de Iporá vêm do Sudeste (Minas Gerais) e do Nordeste (Bahia).

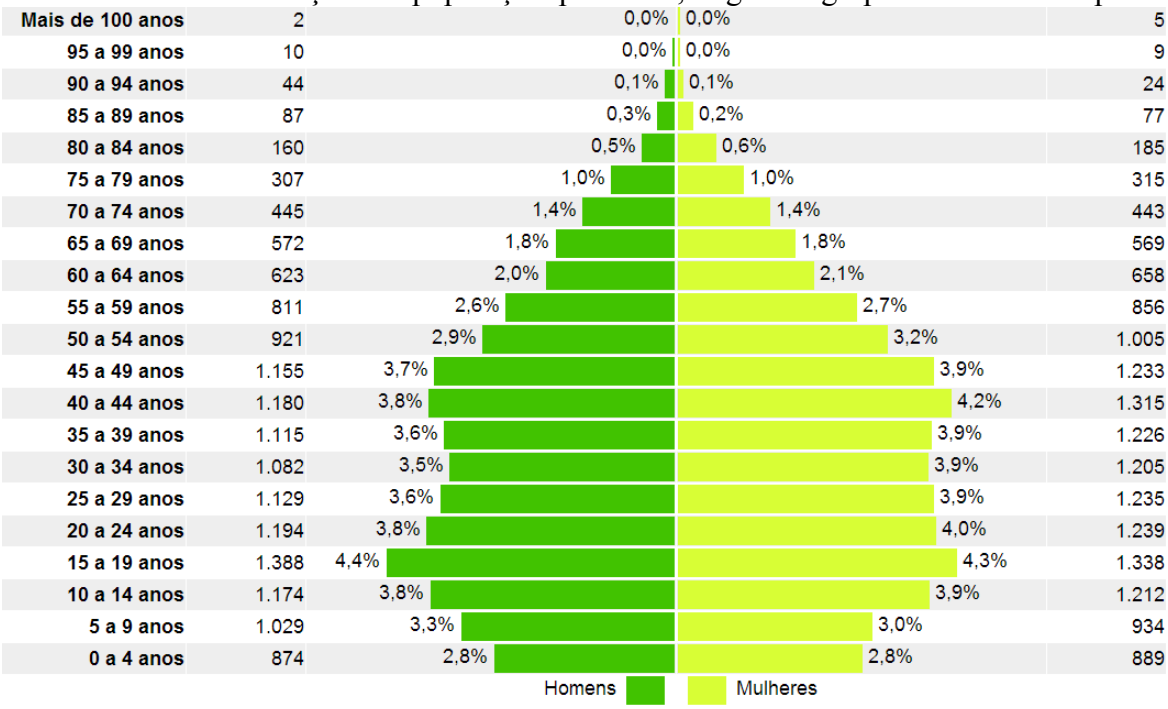
A estabilidade da população estimada em Iporá de 1992 a 2008, no Gráfico 2, que pode ser justificado com o êxodo de de jovens no Gráfico 3.

GRÁFICO 2: Evolução populacional de Iporá (1992 – 2010)



Fonte: IBGE (2010)

GRÁFICO 3: Distribuição da população por sexo, segundo grupos de idade – Iporá-GO



Fonte: IBGE (censo 2010)[11]

A Pirâmide Etária, que distribui a população da cidade de Iporá por sexo e faixa etária, revela um declínio de moradores a partir da idade de 20 anos, contrariando a tendência

[11]http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=521020#

estadual e federal. Essa é justamente a idade em que os jovens terminam o Ensino Médio e procuram por emprego ou por curso superior em outras áreas, que não sejam licenciatura e administração – cursos oferecidos na cidade pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e pela Faculdade de Iporá (FAI).

Os indicadores socioculturais apontam que, em Iporá, não há problemas em relação ao número de vagas nas escolas e nem a menores de idade fora da sala de aula. A quantidade de escolas na cidade é significativa e a educação parece adequada, vê-se pela progressão do IDHM, de 1991 (0,498) a 2010 (0,743), sendo que acima de 0,700 é considerado alto. A porcentagem de alfabetização (mais de 10 anos de idade) aumenta cada vez mais: em 1991, possuía 82,7% e, em 2010, 88,99% (SEPLAN, 2010)[12]. Diante do exposto e dada a nossa dificuldade em encontrar pessoas jovens com pouca ou nenhuma escolaridade para compor a amostra, é possível afirmar que as pessoas analfabetas encontram-se numa faixa etária mais alta ou fora da cidade.

Em Iporá, o setor agropecuário e industrial não é a principal fonte do PIB, mas sim o setor de serviços, onde o comércio é responsável pelo maior impacto na economia local. Nas entrevistas com os participantes, dentre os problemas sociais mais sérios da cidade, está o desemprego, apesar de alguns perceberem uma melhoria com a instalação das confecções Hering na cidade e de cursos profissionalizantes como o CENCONJ (Centro de Educação e Convivência Juvenil Elias Araújo Rocha) e o IFGoiano.

O atendimento à saúde é referência para as cidades menores, pois apenas os casos mais graves são encaminhados para a capital. Apesar da violência marcada nesta história, Iporá não herda estes traços, vê-se pela atribuição da maioria dos moradores à tranquilidade e à paz do lugar como melhor qualidade da cidade.

Em resumo: por um lado, a identidade linguística de Iporá se constitui pela participação das práticas linguísticas indígenas (Tupi, base da língua geral do sul, e Macro-Jê, tronco da língua Caiapó) e africanas, além do português; pela participação das práticas linguísticas de inúmeros brasileiros, em um contexto de intensa mobilidade e contatos, pois Iporá está situada no *Caminho de Goiás,* na *Estrada Real/Estrada Imperial* eno caminho de Goiás para Cuiabá; por outro lado, essa identidade, em seus contínuos processos de elaboração, na atualidade, conta a participação das práticas linguísticas dos brasileiros do Sudeste, do Nordeste e, maximamente do Centro-Oeste. Os iporaenses vivem, ainda, sob as forçaspadronizadorasda urbanização, da escola e do mercado de trabalho.

[12] http://www.seplan.go.gov.br/sepin/perfilweb/Estatistica_bde.asp

A sócio-história de Iporá não nos permite aventar uma hipótese social para o uso das médias pretônicas. Cabe a este trabalho, portanto, descobrir qual é a variante predominante na cidade e relacioná-las a fatores sociais, na tentativa de apontar caminhos para as futuras pesquisas.

2 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PB

2.1 SISTEMA VOCÁLICO PORTUGUÊS

Os sons vocálicos se distinguem dos consonantais fonética e fonologicamente porque, como Ladefoged e Madiesson (1996, p. 282) observaram, nas línguas do mundo: "as vogais são definidas pela característica fisiológica de não serem obstruídas no trato vocal, e por sua função dentro de uma sílaba definida fonologicamente". A composição de uma sílaba pode ser abstraída da definição de Collischonn (2003, p.92) de que "uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto Nu, pode ser vazia." Em português, o núcleo geralmente é preenchido por uma vogal.

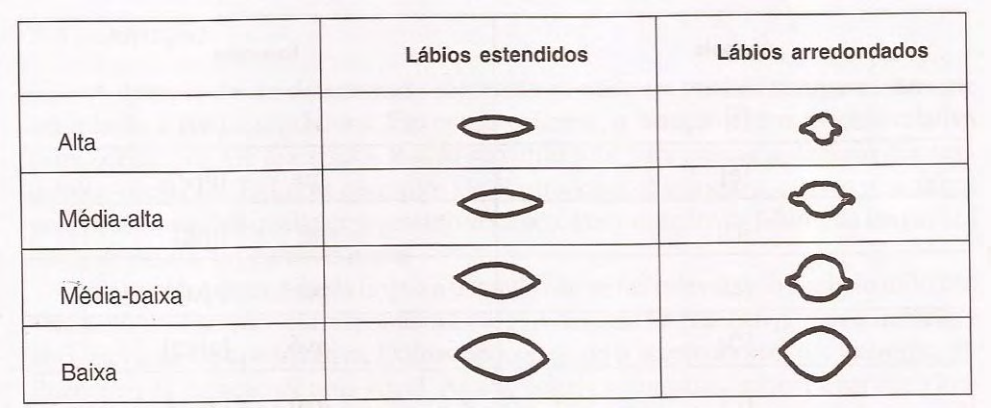
Em relação à adjacência da vogal (V), através dos padrões silábicos do português, percebe-se basicamente que a sílaba podeser composta: apenas pelo núcleo, com a vogal sozinha na sílaba (V); por um ou dois ataques e pelo núcleo, quando a vogal é precedida por uma consoante (CV) ou por duas (CCV), que é o caso dos encontros consonantais; pela rima, ou seja, pelo núcleoe pela coda, quando possui uma consoante (VC) ou duas (VCC) em coda. No caso de ditongos, a vogal e semivogal compõem o núcleo da sílaba.

A partir de várias línguas do mundo, Ladefoged e Madiesson (1996) observaram que as principais dimensões para descrição de um sistema vocálico são a Altura da Língua, a Anterioridade e o Arredondamento[13]. O sistema vocálico do português brasileiro se adéqua a estes critérios para sua caracterização, sendo que a Altura da Língua diz respeito à posição vertical da língua na boca, a Anterioridade à posição horizontal, e o Arredondamento se refere ao formato dos lábios.

Ladefoged e Madiesson (1996, p. 292) percebem que "a grande maioria das línguas do mundo tem um relacionamento entre as dimensões fonéticas Anterioridade e Arredondamento. Vogais anteriores geralmente são não-arredondadas e as posteriores são arredondadas" e, quanto à Altura da Língua, as "vogais mais altas são usualmente mais arredondadas do que vogais mais baixas" (p.293). Isto pode ser visto no português brasileiro em Cristófaro Silva (2002, p.69):

[13] Ladefoged e Madiesson (1996) ainda abordam outras características adicionais encontradas nos sistemas vocálicos em línguas do mundo como: nasalização, avanço da raiz da língua, tensão e distensão, faringalização, estridência, fricatização, rotacização, tipos de fonação, duração e ditongação.

QUADRO 2: Relação entre arredondamento (ou não) dos lábios
e a altura da língua na articulação dos segmentos vocálicos



Fonte: Cristófaro Silva (2002, p.69)

Considerando as vogais do português brasileiro quanto à Anterioridade da língua, elas podem ser anteriores [i, e, ɛ], central [a] e posteriores [u, o, ɔ]. Encontra-se então esta relação com o parâmetro de Arredondamento, pois as vogais realizadas com os lábios arredondados (projetados para frente) são as posteriores e as realizadas com os lábios não-arredondados (estendidos) são as anteriores.

Quanto à Altura da língua, as vogais do português subdividem-se em quatro graus: *alta, média-alta, média-baixa e baixa.* A abertura/fechamento da boca também é considerada como critério de classificação das vogais, categorizadas em: *fechada*, *meio-fechada*, *meio-aberta* e *aberta.* Nestas classificações, há correspondência entre *alta = fechada, baixa = aberta,* conforme afirma Cristófaro Silva (2002, p. 66).

Como pode ser observado, as vogais médias são constituídas por duas alturas, que serão adotadas aqui como "média-alta" e "média-baixa", apesar de poderem ser denominadas de média-fechada e média-aberta, como exposto acima, e de 2º grau e 1º grau, por Câmara Jr. (2001, p. 43) e Battisti e Vieira (2001, p.159). O sistema vocálico do português brasileiro então pode ser contemplado no Quadro 3 abaixo.

QUADRO 3: Caracterização das vogais do português

	Anterior	Central	Posterior
	Não arredondadas		Arredondadas
Alta	**i**		**u**
Média-alta	**e**		**o**
Média-baixa	**ɛ**		**ɔ**
Baixa		**a**	

Fonte: Elaboração própria baseada em Câmara Jr (2001); Battisti, Vieira (2001); Cristófaro-Silva (2002).

Este quadro vocálico de 7 vogais aplica-se à posição tônica na palavra, portanto distinguindo as vogais médias em média-alta e média-baixa, como nos exemplos "*s[e]de* /

s[ɛ]de; f[o]rma / f[ɔ]rma" fornecidos por Cristófaro Silva (2002, p. 172). Mas, este sistema vocálico é mais complexo do que estas 7 vogais, como pode ser visto pela redução desta quantidade no quadro de vogais nasalizadas, reduzido a 5 vogais, perdendo a distinção entre as vogais média-alta e média-baixa.

Esta redução ainda pode ser vista com relação à atonicidade da vogal, pois, em posição átona, este número é reduzido. Câmara Jr. (1977, p.47-48) observa graus de atonicidade conforme a posição átona: "1) atonicidade máxima, nas sílabas átonas finais; 2) atonicidade média, nas pretônicas não-iniciais ou iniciais começadas por vogal; 3) atonicidade mínima, nas pretônicas iniciais começadas por consoante." O sistema vocálico pretônico também é reduzido a 5 vogais, neutralizando as vogais médias e átonas finais, a 3 vogais ([a], [i], [u]), ou seja, os padrões de alofonia equivalem à posição que a vogal ocupa referente à sílaba tônica. Portanto, para Câmara Jr. (2001), a tonicidade ou atonicidade da vogal é essencial para sua descrição no português brasileiro.

Na posição pretônica, ocorre um processo de alofonia em relação às vogais médias /E/ e /O/, em que podem ocorrer com a vogal alta [i, u], média-alta [e, o] e média-baixa [ɛ, ɔ], como nos exemplos abaixo, e marcam, sobretudo, as variedades do português brasileiro.

Exemplo, em <PEQUENO>, podemos ter:
<E> = [i] (*p[i]queno*) ~ [e] (*p[e]queno*) ~ [ɛ] (*p[ɛ]queno*);
e em <COLÉGIO>, podemos ter:
<O> = [u] (c*[u]légio*) ~ [o] (c*[o]légio*)~ [ɔ] (c*[ɔ]légio*).

Em se tratando da posição pretônica, que é de interesse desta pesquisa, entende-se que a vogal média anteceder o acento tônico é determinante da sua variabilidade em todo o Brasil, sendo ambiente favorecedor da variação, ao passo que a posição tônica restringe a variação das médias.

Assim, o objetivo desta pesquisa sociolinguística é descrever o comportamento das vogais médias pretônicas, que são as variáveis <E> e <O>, composta das variantes: alta [i, u], média-alta [e, o] e média-baixa [ɛ, ɔ] e verificar as motivações para a ocorrência de cada variante. O ***alçamento***, então, se refere a quando a vogal média pretônica é elevada para a vogal alta [i,u]; o ***fechamento*** diz respeito à manuntenção do timbre fechado da vogal média pretônica, ou seja, da variante fechada [e, o], as vogais média-altas; e a ***abertura*** é a

realização mais baixa da média pretônica, resultando na realização de uma vogal média-baixa: as variantes abertas [ɛ, ɔ].

Alguns processos linguísticos são observados nesta variação como a neutralização, a harmonização vocálica e o debordamento. Câmara Jr. (2001) busca em Trubetzkoy o conceito clássico de *neutralização*, considerando-a como a perda de oposição fonêmica, pois

> em certas condições de ambiente fonético, uma oposição de fonemas, em geral depreensível na língua, se anula e a realização física passa a ser uma só, quer sob o aspecto em que só se mantêm os traços comuns a ambos. É o chamado fenômeno da neutralização a presença do ‚arquifonema' em que se anula a oposição. (CÂMARA JR., 1977, p. 37)

Em posição tônica, no quadro vocálico do português brasileiro, há contrastes gradativos quanto à Altura da língua [a, ɛ, ɔ, e, o, i, u], mas, "estes contrastes são suscetíveis de neutralização em posição átona" (CÂMARA JR., 1977, p.58), "pois é nas oposições átonas que se afirma a diferença de vocalismo entre Portugal e Brasil" (CÂMARA JR., 2001, p. 23). No sistema vocálico pretônico do português brasileiro, a neutralização ocorre eliminando o contraste entre vogais médias-altas [e, o] e médias-baixas [ɛ, ɔ] no que se refere à Altura da Língua. Assim, a neutralização leva à redução do número de fonemas nas posições átonas, pois

> são três as regras de neutralização em favor da vogal alta: a primeira, a da pretônica que converte vogais médias baixas em médias altas; a segunda, a da postônica não final que converte a vogal média labial em vogal alta; e, a terceira, a da postônica final que converte as vogais médias em vogais altas. (BATTISTI; VIEIRA, 2001, p. 172)

Assim, quanto maior o grau de atonicidade, mais chances da neutralização ocorrer. Porém, Câmara Jr. (2001) afirma que no caso de alçamento das vogais médias pretônicas só "não há neutralização por duas circunstâncias. Em primeiro lugar, a oposição se recria para fim de clareza comunicativa[14]". "Em segundo lugar, com uma interferência do plano morfológico, a vogal média pretônica mantém-se firme em vocábulos derivados, paradigmaticamente associados aos vocábulos primitivos em que ela é tônica[15]" (CÂMARA JR, 2001, p. 45).

---

[14] A clareza comunicativa se refere à questão semântica, como nos casos de: comprido/cumprido, pear/piar, soar/suar, como exemplificado por Câmara Jr. (2001, p. 45), e outros como pesar/pisar, corar/curar, cear/ciar, morar/murar.

[15] Exemplo: s/e/rvil>s/ɛ/rvo, f/o/lhinha>f/o/lha, caf/e/zinho> caf/ɛ/.

A respeito da harmonização vocálica, Câmara Jr. (1977, p.60) a designa quando "a persistência do /e/ em vez do /i/, ou do /o/ em vez do /u/, é determinada pela natureza da vogal tônica com que a vogal átona tende a se harmonizar em abrimento bucal". Ou seja, a harmonização ocorre quando um traço da qualidade da vogal tônica é assimilada pela pretônica, como em m[ɔ]derno/m[ɛ]lhor, pr[o]f[e]ssor, c[u]mida/m[i]nino, pois, como Cristófaro Silva (2002, p.120) afirma, o processo de assimilação é "uma propriedade articulatória própria de um segmento é compartilhada por outro segmento adjacente", neste caso, assimilação regressiva do traço altura da vogal em sílaba seguinte ou tônica.

Consideramos neste trabalho, mesmo que boa parte dos trabalhos se dedique ao alçamento da vogal pretônica, que a harmonização também ocorre para o fechamento e abertura da vogal pretônica: quando a vogal média, em contiguidade com a alta, assimila traços da alta; em contiguidade com a baixa, assimila traços da baixa.

No português brasileiro, a harmonização vocálica de vogais médias pretônica não é regra em todas as comunidades estudadas, como será visto posteriormente. Em português, a harmonização vocálica é apenas fonética, pois não tem fins semânticos.

O fenômeno do debordamento vocálico é principalmente exemplificado pelo alçamento da pretônica quando em hiato a vogal [a] tônica, geralmente em casos de verbos como /vu'ar/ e /pasi'ar/ (Câmara Jr. 1977, 2001). Neste caso, a harmonização vocálica não acontece, pois a vogal seguinte baixa induziria a abertura e não o alçamento. Assim, o debordamento é um processo em que as vogais altas debordam as médias, no sentido de extrapolar, transbordar, invadir, como Câmara Jr. (1977) observa: "Há, apenas, uma invasão ou „debordamento' de um fonema sobre a área do outro. Vale lembrar que neste contexto não ocorre o debordamento por distinção semântica, como no caso de pear-piar e soar-suar.

Com certeza, um estudo diacrônico do português contribuiria para a compreensão da variação das vogais médias pretônicas, mas, em virtude do tempo não permitir um aprofundamento da análise dos dados correlacionada ao vocalismo, optou-se por prezar elementos sincrônicos apreendidos na fala, dado o caráter variável e de significância sociocultural.

2.2 VOGAIS PRETÔNICAS NO BRASIL

Em todas as variedades linguísticas do português brasileiro, o uso das vogais médias pretônicas é variável (CARDOSO, 2006). Nascentes (1953), com base na realização variável das médias pretônicas, identificou nessas vogais um indicador das diferenças

dialetais no Brasil e dividiu-o em duas regiões dialetais, o Sul e o Norte, compostas ambas por subfalares, conforme Mapa6.

MAPA 6 – Divisão linguística do Brasil proposta por Nascentes (1953)

Fonte: Nascentes (1953: 18)

Segundo Nascentes, a predominância das vogais médias pretônicas no Norte é de vogais abertas, enquanto no Sul é de vogais fechadas. É necessário, entretanto, entender que a linha imaginária de Nascentes, cortando o país de Sul a Norte e dividindo os falares em dois grupos e em vários subgrupos, não pressupõe nem impõe uma regra, afinal as comunidades de fala podem ser influenciadas pela localização geográfica e por sua constituição sócio-histórica.

Desde a proposta de 1953 de Nascentes, muitas pesquisas têm sido realizadas para descrever a variação no uso das vogais médias pretônicas, a fim de depreender as regras linguísticas e sociais de uso dessas vogais no território brasileiro e, assim, checar os postulados de Nascentes, confirmando-os ou não. Até o momento, esses postulados têm sido confirmados e nenhuma outra divisão do Brasil e isoglossas foi proposta.

Cardoso (2006, p. 369-370) faz um levantamento da distribuição das vogais médias pretônicas no português brasileiro, a partir, principalmente, mas não somente, de atlas linguísticos regionais. A autora, então, afirma que (destaques nossos)

> Sobre o Amazonas, com base em Correa (1980), verifica-se no falar caboclo a sistemática *elevação* das médias pretônicas, com as realizações [i] e [u]: b[i]bida, [i]vita, s[i]rviço, [i]spardate, e para Manaus, o trabalho de Silva (1980) aponta as vogais médias pretônicas realizadas como *abertas,* seguindo o padrão geral encontrado no Nordeste. No Pará, o estudo de Vieira (1983) revela a predominância da realização *fechada*. No que se refere ao Acre, não há trabalhos publicados sobre a questão, mas há a informação de Lessa, em monografia feita durante o curso de Doutorado, na qual conclui pela predominância *aberta*. Em trabalho de 1986, Maia, fundamentada na análise de uma amostra da fala de Natal, conclui pela predominância da realização *aberta*. Sobre a Paraíba, com base na recente dissertação de Pereira (1997) e em observações por mim feitas (1999), reafirma-se a dominância da realização *aberta*. Para Pernambuco, valho-me da observação de Callou, Leite e Moraes (1995) que reconhecem para Recife comportamento semelhante ao de Salvador no que tange à realização das vogais médias pretônicas. Agrega-se a esses autores, Marroquim que, já em começos da década de 30, afirma ser evidente uma „sensível inclinação no dialeto para a pronúncia *aberta* do é como também do ó' (1996, p. 42). Sobre a realidade de Sergipe, trata (1979) em circunstanciado estudo sobre Ribeirópolis, no qual aponta a predominância da realização *aberta* tanto da média anterior quanto da posterior, tendência que se confirma para todo o Estado, conforme vem demonstrado por Cardoso (1997), com base nos dados do Atlas Linguístico de Sergipe. Da Bahia, mais especificamente de Salvador, tratou, de maneira detalhada, Barbosa da Silva (1989), em trabalho fundado no Projeto NURC. Ao examinar o corpus do Projeto NURC/Salvador e dados cartográficos no Atlas Prévio dos Falares Baianos, reconhece a predominância da realização *aberta*. Essa foi a conclusão a que cheguei, no que diz respeito à fala rural, em trabalho de 1986. A respeito de Minas Gerais, a carta 46, "Isófona do [ɛ] e do [ɔ]", do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (1977) mostra a realidade do estado no que se refere a essas realizações. Há uma identidade muito grande entre o Norte de Minas Gerais e a Bahia, com a presença de pretônicas*abertas*, ficando a realização *fechada* reservada à parte central e ao Sul. (...) Talvez seja o falar do Rio de Janeiro a modalidade de uso padrão do português brasileiro sobre o qual mais se tem escrito focalizando as vogais, com a particularização das vogais pretônicas, a começar pelo próprio Nascente, já em 1922. Atenho-me, porém, para a caracterização da área, ao trabalho de 1995 de Callou, Leite e Moraes no qual afirmam, com base nos dados do Projeto NURC, que na fala culta do Rio de Janeiro, no corpus analisado, a realização *fechada* das médias domina, com um percentual altamente representativo (95%). Esses mesmos autores, fundamentados nos resultados obtidos para o Rio de Janeiro e Porto Alegre, reconhecem para São Paulo, "ao que tudo indica", (1995, p. 110), comportamento semelhante ao dessas outras capitais. Para o Paraná e o Rio Grande do Sul, os dados do Atlas Linguístico do Paraná (1994) e os estudos de Bisol (1981), além do já referido trabalho de Callou, Leite e Moraes, demonstram uma predominância da realização *fechada* no primeiro dos estados e, no tocante ao Rio Grande do Sul, reconhecem a ocorrência categórica das médias *fechadas*. (CARDOSO, 2006, p. 369-370, grifos nossos)

Ao revisar algumas das muitas pesquisas a este respeito, a divisão dialetal emerge da realização das vogais médias pretônicas, assim como neste levantamento de Cardoso, em que confirma a divisão de Nascentes, com tendência à abertura no Norte e ao fechamento no Sul, com exceção do Pará, onde predomina o fechamento.

Se observarmos a descrição de Nascentes (1922, p. 25), para a divisão do Brasil em áreas linguísticas, observamos que o estado de Goiás não compreende apenas um subfalar.

> Os subfalares do Norte são dois: o *amazônico*, que abrange o Acre, o Amazonas, o Pará e a parte de *Goiás* que vai da foz do Aquiri à serra do Estrondo, e o *nordestino*, que compreende os Estados do Maranhão, Piauí. Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de *Goiás* que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaíba. Os subfalares do sul são quatro: o *baiano*, intermediário entre os dois grupos, abrangendo Sergipe, Baía, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste), *Goiás* (parte que vem da nascente do Paranaíba, seguindo pelas serras dos Javais, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrependidos; o *fluminense,* abrangendo o Espírito Santo, o Estado do Rio, o Distrito Federal, Minas (Mata e parte do Leste); o *mineiro* (Centro, Oeste e parte do leste de Minas Gerais); o *sulista*, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triangulo), *Goiás* (Sul) e Mato Grosso.

O Estado de Goiás, apesar de ser considerado "território incaracterístico" por Nascentes, ainda faz parte dos subfalares amazônico, nordestino e baiano, que favorecem a abertura, e do subfalar sulista, em que a variante fechada é predominante. Apenas os subfalares fluminense e mineiro não se estendem até o território goiano. A indefinição deste território, seja por ser denominado incaracterístico ou pelo compartilhamento de subfalares, vai ao encontro da história de povoamento de Goiás, apresentado no capítulo anterior.

A respeito da realização das vogais médias pretônicas em comunidades goianas, há conhecimento de apenas dois estudos e de um em andamento: em Formosa (GRAEBIN, 2008), em Iporá (SILVA, 2009; SILVA, REZENDE, 2013) e em Catalão(OLIVEIRA, 2013)[16], respectivamente. A fim de relacionar os resultados de Formosa, ao norte de Goiás, e de Iporá, ao sul, faz-se uma descrição principalmente metodológica, para visualizar em que termo são comparáveis. A dissertação de Freitas (2013) não está disponível, portanto não fará parte do comparativo.

A princípio, o histórico do município de Formosa auxilia na compreensão de sua formação sociocultural. Graebin (2008) descreve que o processo das entradas dos bandeirantes na região de Formosa iniciou-se com as picadas, seguida da criação dos Registros Lagoa Feia (1736) e Arrependido (1750) pelo governo português a fim de fiscalizar a extradição do ouro recolhido em outras partes de Goiás, ou seja, não houve relação direta com o processo mineratório. Em vez disso, a criação de gado já existia no período colonial, acirrada com a distribuição de sesmarias e incorporando os latifundiários nordestinos. Isto fez surgir povoados, sendo que a constituição de Arraial dos Couros, atual Formosa, é apontado como por um grupo de negros que deixou o Arraial de Santo Antônio do Itiquira. Em 1843, o Arraial dos Couros passou a ser Vila Formosa da Imperatriz. Em 1960, com a construção de Brasília e a recente capital Goiânia (1942), o processo de urbanização explodiu, atraindo de

[16] Flávia Freitas de Oliveira defendeu em 2013 a dissertação entitulada "O alçamento variável das vogais médias pretônicas na fala dos goianos em Catalão".

sulistas a nordestino. Graebin (2008) reconhece que, apesar de Formosa se destacar dos outros municípios do Entorno de Brasília, ainda é „dependente' de Brasília em certos aspectos como trabalho, estudo, laser e saúde.

O trabalho em Formosa foi pautado na Sociolinguística Variacionista, sendo selecionados 14 informantes de 30 a 45 anos, sendo estratificados principalmente quanto ao contato com Brasília, quanto ao sexo, escolaridade e classe social. As entrevistas tiveram um questionário modelo para nortear a conversa e ainda a leitura de um texto com duração de aproximadamente 25 minutos. O programa utilizado foi o GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte & Smith, 2005). Apesar de detectar uma variável ternária, foram realizadas rodadas de forma binária: aberta X fechada, alta X fechada e fechada X aberta/alta. Os dados passaram por um controle lexical, a fim de eliminar casos categóricos. Como variáveis independentes foram elencadas: vogal da sílaba seguinte, segmento precedente, segmento seguinte, acento secundário e sexo, escolaridade, classe socioeconômica, contato com Brasília, nível de formalidade do discurso.

A coleta resultou em 6546 dados, que após o controle lexical passaram a 4123 dados. A predominância da pretônica fechada continua, 61,8% para 66%, mas variante alta passa de segunda predominante para terceira (25% para 13%) e a aberta passa a segunda (13,2 para 21%). Ao comparar com pesquisas referentes ao subfalar baiano, a autora atesta que o falar de Formosa é baiano, embora em um nível intermediário.

Nas rodadas de <E> e <O> separadas, as variáveis sociais foram as primeiras colocadas em 4 rodadas, sendo *classe socioeconômica* para abaixamento de <E> e de <O>, e manutenção de <E> e o *tipo de discurso* para elevação de <E>. A elevação e a manutenção de <O> tiveram como primeiras selecionadas as variáveis linguísticas de *segmento precedente* e *seguinte*, respectivamente. A análise mostrou que a harmonização vocálica não teve resultados significativos. Quanto aos principais resultados sociais: a classe socioeconômica alta favorece manutenção das médias e a classe média favorece sua abertura; o estilo de diálogo favorece a elevação das médias, enquanto o estilo de leitura favorece sua manutenção. Graebin (2008) observa que, em seus dados, os modelos neogramático e difusionista se adéquam parcialmente, acrescentando o modelo de exemplares proposto por Bybee. Por fim, ela conclui que

> a partir do trabalho dialetológico de Nascentes, que a presença da variação ternária das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em posição pretônica (média-fechada ~ média-baixa ~ alta) liga a variedade falada em Formosa às variedades linguísticas da Bahia e do norte de Minas Gerais, ao mesmo tempo em que a separa das variedades faladas ao sul de Goiás, região onde predomina a variação binária (média-fechada ~ alta). (GRAEBIN, 2008, p.208)

Com base nisto, percebe-se que há a impressão de que a variante aberta não existe ou existe em baixa quantidade na região sul de Goiás. Mas, ao contrário, sobre a fala de Iporá, localizada no sul de Goiás, os resultados de Silva (2009) e Silva e Rezende (2013) atestam que a variante aberta é a predominante, com índice mais expressivo do que de Formosa, com 41,4% de abertura, enquanto as variantes fechadas tiveram 34% dos dados.

O histórico de Iporá foi apresentado no capítulo anterior, portanto dispensa ser revisto. Baseado também na Sociolinguística Variacionista, a amostra contempla dados de 36 informantes com perfil estratificado quanto ao sexo, à idade e à escolaridade dos participantes. A duração das entrevistas foi de cerca de 10 minutos composta de opiniões sobre Iporá e narrativas pessoais. O pacote de programas VARBRUL foi utilizado para realizar as rodadas binárias, apesar de a variação ser ternária: abertura X fechamento e alçamento X fechamento/abertura. Não houve nenhum tipo de controle lexical, até mesmo pelo limite de tempo para se realizar uma monografia no curso de graduação. As variáveis independentes foram vogal tônica, contextos precedente e seguinte, extensão da palavra, classe gramatical, posição da pretônica e sexo, escolaridade, faixa etária.

Com cerca de 1700 ocorrências, os dados apontamque tratar-se de uma variaçãoternária, na qual prevalece a abertura das vogais pretônicas, o que pode ser correlacionado com o histórico da vinda de família nordestinas para a região de Iporá, como Silva e Rezende (2013) propuseram.

Para a abertura das vogais, as três variáveis independentes mais importantes foram a altura da vogal tônica, a faixa etária e a escolaridade, tendo duas variáveis sociais atuando na variação. Para as rodadas de alçamento, as variáveis linguísticas posição da vogal pretônica, classe gramatical e altura da sílaba tônica foram as três primeiras selecionadas. Sendo assim, a altura da sílaba tônica se apresentou como operante na abertura e alçamento das pretônicas, quando foi atestada a ocorrência de harmonização vocálica. O fechamento foi favorecido pelos informantes mais jovens e mais estudados, mostrando a preservação da variante conservadora; a abertura foi favorecida pelos adultos e que estudaram de 5 a 8 anos; o alçamento é favorecido pelos informantes menos estudados.

Embora o número de participantes na pesquisa de Silva (2009) seja positivo, tem-se conhecimento de que as condições metodológicas não foram ideais, como por exemplo, a pequena quantidade de dados, o curto período de duração das entrevistas, as rodadas binárias de <E> e <O> juntos, sem descartar o momento inicial da entrevista e sem controle lexical. Apesar destas implicações, acredita-se que tais resultados não devem ser desmerecidos e sim

comparados aos novos de Iporá, a fim de poder caracterizar melhor o território goiano, dito incaracterístico por Nascentes.

Tendo em vista os resultados encontrados por Silva (2009), (i) a fala de Iporá se aproxima dos padrões linguísticos da região dialetal denominada de subfalar baiano, ainda que (ii) Iporá esteja situado em Goiás, na região Oeste Goiano, território considerado por Nascentes (1953) como *incaracterístico*, (iii) agregado ao fato de que historicamente esta região era ocupada pelos povos Caiapó e que (iv) a composição humana de Iporá parte de todos os exploradores dos sertões, advindos do Norte, Nordeste, Sul, Sudeste, (v) afinal, um dos maiores personagens da história da região de Iporá foi o paraense Israel de Amorim, pergunta-se qual será o padrão de uso das médias pretônicas pelos iporaenses? É possível enquadrar Iporá, efetivamente, em uma das áreas dialetais propostas por Nascentes em 1953, tendo em vista que o *território incaracterístico* sofreu tantas influências linguísticas? Esta caracterização dada por Nascentes mostra que ele não conseguiu encontrar um padrão de uso das médias pretônicas nesse território, o que nos leva a crer que são muitos os padrões nesse lugar.

Diante dos fatos, hipotetizamos que a maior frequência de ocorrência das pretônicas abertas em Iporá se deve à composição da população da cidade, de origem nordestina, provavelmente, baiana.

Sendo assim, a caracterização do falar goiano quanto às vogais médias contribui para a apreensão do padrão ou de padrões linguísticos neste território incaracterístico.

2.2.1 Tendências e condicionamentos da variação das vogais médias pretônicas

A variação das vogais médias pretônicas é um dos principais fenômenos que demarcam áreas dialetais no Brasil. As diversas pesquisas realizadas sobre este fenômeno apresentam tendências que geralmente afirmam os postulados de Nascentes e fornecem condicionamentos linguísticos e sociais para a realização de cada variante em cada comunidade de fala estudada.

Muitos pesquisadores observam apenas o alçamento das vogais pretônicas, principalmente quem se dedica à fala da região sul do Brasil, porque a abertura é pouco ocorrente naquelas variedades pesquisadas. No sul do Brasil, a pretônica fechada é a predominante e os casos de alçamento, segundo Bisol (1981), são motivados pela harmonização vocálica. Os casos que não são explicados por esta regra apontam

modestamente relação com o léxico, principalmente para a vogal posterior, conforme Klunck (2007) propõe.

Nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, não prevalece exatamente a realização aberta da vogal média pretônica. Nos resultados do estudo de Freitas (2001), com amostra de Bragança/PA, o fechamento é mais comum do que o alçamento e a abertura, embora a diferença percentual da variante aberta seja apenas de 3% a 4%. No nordeste brasileiro, a abertura da vogal pretônica parece ser a variante preferida, conforme mostram os resultados da pesquisa de Silva (2009), com a fala de Teresina – Piauí, e Silva (1991) sobre a fala culta de Salvador.

Em Brasília, capital federal do Brasil, prevalece a variante fechada, conforme Bortoni, Gomes e Malvar (1992) e Corrêa (1998), mesmo com histórico de povoamento por população vinda do Nordeste brasileiro. A fala de Formosa, cidade goiana vizinha de Brasília, com predominância da variante fechada, segundo Graebin (2008, p.150), "ocupa, de fato, um lugar intermediário entre a fala de Brasília e a fala de cidades nordestinas".

No sudeste brasileiro, as pesquisas realizadas em Minas Gerais são numerosas e crescentes. Almeida (2008) e Dias (2008), que estudaram amostras de fala de Machacalis/MG e de Piranga/MG e Ouro Branco/MG, respectivamente, encontraram a predominância das vogais médias fechadas, seguidas pelas abertas, e depois as altas (exceto na fala de Ouro Branco, onde a variante aberta é menos ocorrente que a alta). Celia (2004) descreve que, na fala culta de Nova Venécia/ES, as médias pretônicas fechadas prevalecem, enquanto as abertas são pouco mais ocorrentes do que as altas.

Há trabalhos que não citam indícios da vogal pretônica aberta com o objetivo de apreender apenas as regras motivadoras do alçamento da vogal média pretônica, como Silveira (2008) sobre o alçamento em São José do Rio Preto/SP, Avelhada e Silveira (2001) sobre São Fidélis e Rio de Janeiro/RJ e Viegas (1987) sobre a fala de Belo Horizonte/MG.

Com este panorama nacional da realização das vogais médias pretônicas no Brasil:

1) a região sul do país é caracterizada pelo alto índice de fechamento, seguido de alçamento e então de abertura, como em pesquisa nas comunidade de Foz do Iguaçu e dePato Branco/PR(KAILER , 2008), de Porto Alegre/RS (KLUNCK, 2007) e no Rio Grande do Sul (BISOL, 1981);

2) Na região nordeste, sobre os falares terezinense/PI (SILVA, 2009)e baiano (SILVA, 1991), há predominânciada abertura, seguida de alçamento e depois de fechamento, enquanto na região Norte, sobre a comunidadede Bragança/PA (FREITAS, 2001), apesar de o

fechamento ser mais ocorrente, a variante aberta tem percentual próximo, com pouco alçamento.

3) As variantes fechadas são mais recorrentes, seguidas das abertas e depois das altas, na região Centro-Oeste, como na fala de Formosa/GO (GRAEBIN, 2008), e na região Sudeste, pela fala de Nova Venécia/ES(CELIA, 2004), de Machacalis/MG (ALMEIDA, 2008) e de Piranga e Ouro Branco (DIAS, 2008), mas em Brasília/DF, a variante fechada é a mais ocorrente e a variante aberta é a menos usada (BORTONI, GOMES, MALVAR, 1992; CORRÊA, (1998).

Diante desse quadro de variação das médias pretônicas no Brasil, vários pesquisadores, desde Antenor Nascentes, tentam se posicionar quanto ao modelo mais adequado para a implementação da mudança sonora, conforme os dados das comunidades de fala estudadas: se o modelo neogramático (foneticamente gradual e lexicalmente abrupto) ou se o modelo de difusão lexical (lexicalmente gradual e foneticamente abrupto).

Viegas (1987, p. 153) considera o modelo de difusão lexical mais adequado para compreender o alçamento, em Belo Horizonte/MG, justificando que

> a implementação da mudança, através do léxico, pode ter ocorrido através de frequência do item, resultante da atuação dos fatores não-estruturais na medida desta frequência (a força do grupo para elevá-la, o ‚peso' deste grupo frente aos outros e a interação dos diversos grupos).

Mesmo frente às frequentes e repetitivas correlações linguísticas com as variantes, tidas como condicionadores significantes pelo programa probabilístico, Oliveira (1992, p.37) refaz suas considerações sobre o contexto fonético, deixando de encará-lo como condicionador da mudança sonora e passando a entendê-lo como "uma espécie de estabilizador de uma inovação, funcionando a nível lexical".

> Não é verdade que na abordagem difusionista da mudança sonora deva ignorar, ou se esconder de, as 'coincidências' fonéticas encontradas. Estas ‚coincidências' deixam de ser 'coincidências' se entendemos o contexto fonético não como condicionador de inovações, mas como um respaldo local para a fixação da inovação em determinados itens lexicais. (p.40)

A este respeito, como Bortoni, Gomes, Malvar (1992, p.26) concluem o artigo afirmando que somente outros trabalhos poderão testar e aprofundar o conhecimento sobre a implementação da mudança sonora, mesmo que as autoras tenham a impressão de que os dados parecessem "sugerir que a variação das vogais pretônicas no português arcaico era motivada foneticamente, mas implementava-se lexicalmente."

Dos resultados concernentes à variação da vogal média pretônica, a *neutralização* e a *harmonização vocálica* são os processos linguísticos mais recorrentes na descrição dos processos fonológicos variáveis envolvendo as médias pretônicas. Como discutido anteriormente, Bisol (2002) reforça que o processo da neutralização assim:

> Estabelecidos os fonemas na pauta tônica por sua função distintiva em número de sete /i, u, e, o, ɛ, ɔ, a/, o sistema fica reduzido nas demais pautas por neutralização, ou seja, por perda do traço que distingue entre si dois fonemas. Disso emanam subsistemas de cinco, quatro e três vogais, respectivamente, pretônica, postônica não-final e final. Na pretônica, perde-se a distinção entre e/E e o/O, resultando cinco vogais átonas: /i, u, e, o, a/ : bɛlo>beleza; sɔl>solar; na átona não-final, o/u perdem o traço que os distingue, fósfuro, abóbura, ficando quatro vogais /i, u, e, a/; e, em posição final de palavra, reduz-se o sistema a três: /a, i, u/, verdi, bolu, casa. A passagem de um subsistema para outro é identificada pela elevação gradual da vogal média (ɛ, ɔ> e, o > i, u) que ocorre de acordo com o grau de enfraquecimento da sílaba: as pretônicas são relativamente menos fortes do que as tônicas e as átonas postônicas são as mais fracas. (BISOL, 2002, p.304,-305)

A respeito da harmonização vocálica, o estudo de Bisol (1981, p.38) sobre a fala do Rio Grande do Sul é referência, em que afirma que o alçamento é resultado da regra variável de harmonização vocálica, a qual é designada por "transformação da vogal média pretônica /e, o/ em vogal alta /i, u/, respectivamente".

Em estudos posteriores, ao observar o processo harmônico, alguns autores detectavam esta regra variável, enquanto outros não. Graebin (2008), Bortoni, Gomes, Malvar (1992), Silveira (2008), Klunck (2007) e Cassique, Cruz, Dias e Oliveira (2009) não identificaram a harmonização vocálica visivelmente, enquanto outros pesquisadores, como Silva (2009, p.182), notam que a variação pretônica "é governada por três tipos de harmonia: harmonia com a vogal baixa, harmonia com a vogal média fechada e harmonia com a vogal alta", tendo itens lexicais como m[ɔ]derno, pr[o]f[e]ssor, c[u]mida (CORRÊA, 1998; SILVA, 2009; FREITAS, 2001) e Silva (1991, p.83) chega a afirmar que "não é somente o número de variantes baixas (60%) que impressiona o ouvinte comum, mas também a predominância de contextos que favorecem essas variantes". Outros observam a harmonização estimulando o alçamento da vogal pretônica, como Kailer (2008) e Bisol (1981). Cristófaro Silva (2002, p.83) também observa que palavras que têm a vogal tônica aberta são motivadoras da abertura da vogal média pretônica em alguns dialetos do Brasil.

Cassique, Cruz, Dias e Oliveira (2009), quanto ao alçamento das vogais médias pretônicas em Breves/PA, têm resultados que apontam para um fenômeno oposto ao da assimilação vocálica, a dissimilação, quando dois fonemas tendem a tornar-se diferentes, em vez de aproximarem-se como pela assimilação. Os autores atribuem este comportamento à

“interferência maior da escola, em especial através do ensino médio, já todo ministrado por professores graduados” (p.174).

A Distância da tônica é uma variável independente também bastante investigada pelos pesquisadores. O alçamento é geralmente favorecido quando tem a tônica seguinte à pretônica, como em “p[i]queno” e “t[u]mate”, ou seja, a proximidade máxima entre vogal média pretônica e tônica tem interferência na aplicação de alçamento, por exemplo, em Silveira (2008), Almeida (2008), Celia (2004), Graebin (2008), Cassique, Cruz, Dias e Oliveira (2009), Klunck (2007) e Dias (2008). Observa-se também que o efeito da proximidade com a tônica é mais evidente para a variável <E>. Os resultados para fechamento e para abertura não demonstram padrão de favorecimento entre as pesquisas.

A tendência de harmonização vocálica também pode ser relacionada à contiguidade. Assim, os fatores referentes à distância da tônica são cruzados com as alturas da vogal tônica ou seguinte. Bisol (1981) realiza muitas possibilidades deste cruzamento e observa que o alçamento é favorecido por ter: vogal alta imediata ou seqüenciada conforme contiguidade com a alta; tônica alta imediata, pretônica e tônica altas, pretônica alta e tônica não alta, conforme contiguidade e tonicidade; pretônica alta, segundo altura da pretônica; pré-pretônica alta de acordo com altura da pré-pretônica. Kailer (2008) observa que o alçamento da pretônica é motivado tanto por ter a tônica na sílaba seguinte quanto por a vogal tônica ser a seguinte.

Bisol (1981) e Silva (2009) observam que a homorganicidade é atuante para o favorecimento de alçamento, pois o alçamento da variável <E> é mais favorecido quando a vogal seguinte é homorgânica e para a variável <O> a não-homorgânica favorece o alçamento. Alguns exemplos de Bisol (1981, p.60) de vogal tônica homorgânica são “m[i]nino” e “c[u]ruja” e de não-homorgânica são “p[i]ludo” e “c[u]rtina”.

Quanto à nasalidade da vogal pretônica, são encontradosresultados praticamente unânimes em favor do alçamento de <E> por ser a pretônica nasal, enquanto o alçamento de <O> é favorecido por ser uma pretônica oral, como em Silveira (2008), Kailer (2008), Bisol (1981), Corrêa (1998), Celia (2004). Apenas Klunck (2007) encontrou que a nasalidade na pretônica favorece o alçamento de <E> e de <O>, que é um resultado diferente, justificado pelo objetivo de observar as vogais médias sem motivação aparente, ou seja, sem dados com vogal alta subsequente, hiato entre pretônica e tônica e início de palavra com e/N/, e/S/ e de/S/.

A variável independente linguística geralmente denominada por atonicidade se refere ao processo derivacional da palavra, observando a tonicidade da vogal pretônica na

forma primitiva da palavra. A "átona permanente" é exemplificada nos casos "m**e**nino – m**e**ninada" e "p**o**lícia-p**o**licial", em que as variáveis<E> ou <O> tanto na palavra primitiva quanto na derivada estão em posição pretônica; e, é "casual" ou "eventual" quando na forma primitiva é a vogal tônica como em "b**e**lo - b**e**leza" e "p**o**rta – p**o**rtaria". Os pesquisadores geralmente subdividem esta variável em mais fatores, mas é possível apreender que a "átona permanente" favorece o alçamento das vogais médias pretônicas em Silveira (2008), Kailer (2008), Bisol (1981), Celia (2004), Cassique, Cruz, Dias e Oliveira (2009). A abertura é favorecida pela átona casual (CORRÊA, 1998; BORTONI, GOMES, MALVAR, 1992), principalmente com o paradigma com vogal aberta (ALMEIDA, 2008; DIAS,2008).

A variável independente Distância do início da palavra revela que a primeira sílaba da palavra tem tendência a favorecer o alçamento da variável <E>, por exemplo em Machacalis/MG (ALMEIDA, 2008), Belo Horizonte/MG (VIEGAS, 1987) e Piranga/MG (DIAS, 2008), principalmente se não tiver segmento precedente (VIEGAS, 1987).

Os contextos adjacentes da vogal pretônica também têm sido reconhecidos como fortes favorecedores de cada variante, embora seja complicado estabelecer um padrão de favorecimento devido a cada pesquisa usar uma quantidade de fatores própria, agrupando as consoantes de maneira variada ou especificando ao máximo cada segmento adjacente. Os fatores geralmente se referem ao ponto de articulação das consoantes, mas há pesquisa em que o modo e a voz da consoante também são usados para a análise. Apesar da dificuldade de lidar com o caráter variado dos fatores, faz-se a tentativa de demonstrar as tendências gerais encontradas nestes estudos em que o contexto adjacente se mostrou determinante da variável dependente.

O fechamento e a abertura não costumam ser explorados pelos autores e, quando são, não revelam tendências comuns entre os falares das comunidades pesquisadas.

Tratando do contexto precedente, não foram percebidos fatores que estimulassem a abertura e o fechamento da vogal média pretônica, mas para o alçamento, foram encontrados alguns fatores tendenciosos. A pausa é um dos fatores mais favorecedores do alçamento, principalmente quando a pretônica é seguida de /S/ ou /N/. Assim, algumas pesquisas preferiram excluir estas ocorrências já que não costuma haver variação neste contexto. Em Graebin (2008), os pesos relativos indicavam somente estes contextos como favorecedores, mas quando retirados surgiram outros fatores motivadores. Assim, palavras iniciadas por e/S/- e e/N/- são comuns em todas as pesquisas e sempre revelam alto favorecimento ao alçamento.

Entre as consoantes mais favoráveis ao alçamento em contexto precedente estão as consoantes velares, as labiais e as palatais para ambas as variáveis, anterior <E> e posterior <O>. Bisol (1981, p.93) julga que a articulação alta das velares e palatais favoreça o alçamento:

> Em outros termos, as vogais altas, as mais convexas, são produzidas pelo levantamento do corpo da língua, seja em direção ao palato mole (u) seja em direção ao palato duro (i). Então, presume-se que as consoantes produzidas por articulação semelhante venham a favorecer o processo assimilatório em pauta, tanto a velar, articulada com o doso da língua levantado, quanto a palatal, emitida com todo o corpo da língua levantado.

Na revisão destas pesquisas, as consoantes velares condicionam mais o alçamento de <O> do que a variável anterior <E>, mas as palatais demonstram ter papel igual em ambas as vogais.

A respeito das consoantes labiais (bilabiais e labiodentais), Bisol (1981) relaciona o traço de labialização destas consoantes com as vogais posteriores, principalmente o [u], pois as vogais pretônicas anteriores não têm este traço labializado. No entanto, pesquisas como as de Silva (2009), Silveira (2008) e Celia (2004) apresentam favorecimento das labiais apenas para a variável anterior <E> e como a de Cassique, Cruz, Dias e Oliveira (2009) em que as labiais não favorecem o alçamento nem em contexto precedente nem seguinte, apresentando-se neutro e tendendo minimamente à ausência de alçamento.

Em contexto seguinte, um dos contextos que tendem a ser excluídos nos trabalhos por ocorrer de maneira categórica ou quase categórica é o "S em coda", que encontra-se quase sempre com a pretônica alta nas diversas variedades do português brasileiro ([i]scola, d[i]scansar e c[u]stume).

O ponto de articulação "palatal" demonstra ser motivador do alçamento em contexto seguinte, sendo que tende a alçar mais a variável<O> do que o <E>. Outros contextos seguintes nas pesquisas favorecedoresdo alçamento são a consoante labial, a velar e as vogais. As vogais (ou hiato) são fortes favorecedoras do alçamento, tanto é verdade que algumas pesquisas excluem os dados que têm a vogal tanto em contexto precedente como seguinte.

Para o alçamento, a consoante labial demonstra afetar mais a variável posterior <O> do que a anterior <E>, ao contrário do que é observado em contexto precedente. Assim, nas variedades do português brasileiro, o traço de labialização parece ser mais eficiente em contexto seguinte, e não precedente.

O Tipo de sílaba, variável independente geralmente estudada pelos pesquisadores, trata da estrutura da sílaba em que a pretônica ocupa. Os estudos geralmente se baseiam principalmente na oposição entre sílaba travada ou não, em que uns designam o tipo de sílaba como CV ou CVC, e outros apenas dualidade entre sílaba aberta ou fechada, e leve ou pesada e alguns ainda definem o fonema da coda se /N/, /S/ ou /R/. O que pode-se perceber de estudos que analisam o tipo silábico é que não há uma tendência explícita. O alçamento de <E> é favorecido por sílaba leve enquanto <O> por pesada (KLUNCK, 2007) e a abertura de <E> é favorecida por CVC e de <O> por CV (ALMEIDA, 2008). A variável<O> é favorecida por CV e CVC em Viegas (1987) e Silveira (2008) e CV e CV/S/ em Kailer (2008). A variável <E> é motivada por CV/N/ e CV /S/ em Kailer (2008) e CV/S/ em Viegas. A sílaba CV tanto para a variável <E> como para <O> favorece o alçamento em Almeida (2008), Celia (2004) e Dias (2008) e favorece a abertura em Celia (2004) e Dias (2008). Como visto, não se pode afirmar qual seria o tipo silábico mais condicionador de alguma variante. Acredita-se que a exclusão ou não de /S/ e /N/, em coda, possa interferir nesta variedade de resultados.

Ainda outras variáveis independentes linguísticas costumam ser correlacionadas como a Classe gramatical e a Extensão da palavra, que não apresentam interferir significativamente na variação das vogais médias pretônicas.

Quanto ao efeito das variáveis independentes sociais sobre a variação das vogais médias pretônicas, percebe-se que é comum estas variáveis independentes serem descartadas, assim como serem selecionadas nas últimas posições e terem pesos relativos próximo à neutralidade, ou seja, pouco significantes para esta variação. Apesar desta constatação, o comportamento sociolinguístico dos informantes revela muito sobre a própria comunidade de fala e sobre a avaliação social das variantes. No entanto, há pouca relação dos resultados de uma comunidade com outra quanto aos aspectos sociais.

Quanto ao sexo/gênero do falante, o alçamento de <E> ou de <O> em algumas comunidades é favorecido pelos homens (KAILER, 2008; VIEGAS, 1987; SILVA, 2009; KLUNCK, 2007) e, em outras, pelas mulheres (ALMEIDA, 2008; GRAEBIN, 2008), demonstrando que não há um padrão. A abertura de <E>e de <O> é geralmente favorecida pelo sexo feminino, como em Almeida (2008), Silva (2009), Graebin (2008), Bortoni, Gomes e Malvar (1992), mas os homens da comunidade de Piranga/MG favorecem a abertura (DIAS, 2008).

Através da variável Faixa etária do falante é possível apreender se está havendo uma mudança linguística por meio do comportamento linguístico dos jovens. Em algumas

comunidades, os jovens demonstram: favorecer o alçamento de <E> (VIEGAS, 1987) ou de <O> (ALMEIDA, 2008), ou de <E> e <O> (DIAS, 2008); inibir o alçamento, enquanto adultos ou idosos o favorecem (BISOL, 1981; CELIA, 2004); favorecer a variante fechada (SILVA, 2009). A abertura costuma ser favorecida por pessoas adultas e idosas (ALMEIDA, 2008; SILVA, 2009; CELIA, 2004).

Quanto à escolaridade, as pesquisas indicam que o alçamento é favorecido pelo menor grau de escolaridade, que em cada pesquisa assume um período de tempo, de analfabeto até 11 anos de estudo. Isto revela que, apesar de o alçamento estar na fala de todos os falantes, ele marca o menor nível escolar. Nas pesquisas, a interpretação de que o alçamento é levemente estigmatizado algumas vezes é confirmado por este fator. A respeito da aplicação de abertura, ela pode ser favorecida tanto em níveis escolares mais baixos, intermediário, como mais altos, portanto não há um único padrão. Em Graebin (2008), o fechamento é favorecido por quem estudou mais de 11 anos.

Os testes de produção, realizados em sua maioria através da leitura de um texto pré-selecionado pelo pesquisador, apresentam resultados esperados: em estilo mais formal, a tendência é inibir a ocorrência de alçamento e abertura, enquanto favorece o fechamento, como em Almeida (2008), Bisol (1981), Graebin (2008), Dias (2008). Geralmente, isto também é interpretado como um indicativo de o alçamento ser ligeiramente estigmatizado.

A classe social é uma variável social pouco usada para fazer a correlação entre o uso das vogais médias pretônicas e a classe social a que pertence o falante. Para Viegas (1987), o grupo social baixo favorece o alçamento de <O>; para Bortoni, Gomes e Malvar (1992), a classe baixa restringe a abertura e classe alta a favorece; para Graebin (2008), a classe média favorece a abertura e a classe alta favorece o fechamento. No estudo em Formosa por Graebin (2008), esta foi a variável mais importante para a abertura de <E> e de <O>.

Acima foi apresentado como estão distribuídas as variantes em várias comunidades de fala e como isto reflete na manutenção das áreas dialetais do país. Também foram expostas as principais variáveis independentes linguísticas e sociais que são correlacionadas com as variantes, a fim de apreender padrões condicionadores do alçamento, do fechamento e da abertura. Devido ao pouco número de pesquisas destinadas ao estudo do fechamento e da abertura, não foi possível traçar um panorama significativo sobre tais fenômenos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo linguístico sobre a comunidade de Iporá observa os padrões linguísticos compartilhados na realização das variáveis dependentes<E> e <O>. O modelo metodológico adotado nesta investigação é o da Sociolinguística Variacionista, que entende a variação linguística como fato apreensível e sistemático, ao correlacionar os aspectos linguísticos e sociais. Como Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 125) afirmam sobre a heterogeneidade estruturada,

> A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.

Esta pesquisa envolve tanto a abordagem quantitativa quanto a qualitativa para alcançar seus objetivos. A abordagem qualitativa é encontrada neste estudo na convicção de que a comunidade e a língua têm uma relação direta, admitindo que a língua é carregada de valores e significados postos por seus falantes. Assim, compreender, do ponto de vista quantitativo e qualitativo, a realidade linguística da comunidade é um ato de reconhecimento da dinâmica da realidade social.

Algumas das posturas metodológicas qualitativas adotadas são ir a campo para coletar dados novos e se prestar como instrumento de pesquisa. A coleta de dados é realizada dentro da comunidade, prezando por um ambiente natural e numa interação verbal por formato de entrevista não-estruturada. A entrevista tem por objetivo uma fala próxima à usada no dia-a-dia pelo falante, mas reconhecendo as dificuldades de que ela emirja em situação de entrevista por um pesquisador. A abordagem do participante e a realização da entrevista etnográfica pelo pesquisador são mediadas pela consciência da complexidade das relações sociais de forma qualitativa. A análise e a interpretação destes dados também têm traços qualitativos quando se presta a reconhecer na realidade valores e significados expressos na língua.

Em outro aspecto, por se tratar de uma quantidade alta de participantes, de dados linguísticos coletados em situações reais de fala e do fato de o caráter do objeto de estudo admitir quantificação, a abordagem qualitativa mostra necessidade de outros meios que amparem esta pesquisa. Por isso, a abordagem quantitativa encontra-se na fase de manejar os dados como procedimento mais apropriado para verificar as ocorrências linguísticas dos

falantes já correlacionando com as variáveis independentes linguísticas e sociais, pois, como afirmam Guys e Zilles (2007, p.73),

> a realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e a sua eventual relação com a mudança linguística. A variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos. Antes do advento da metodologia da quantificação, a variação linguística era considerada secundária, aleatória ou mesmo impossível de ser cientificamente apreendida. O uso de métodos estatísticos, contudo, tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígios e estigma, entre tantas outras.

A correlação entre as duas formas de abordagens proporciona uma visão mais abrangente da variável linguística, que é "um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra", como afirmaram Weinreich, Labov e Herzog (2006,p. 105). Labov (2008, p.26) enumera três quesitos que devem caracterizar a variável linguística a ser estudada: ela deve ser "frequente", "estrutural" e "a distribuição do traço ser altamente estratificada". Então, o fenômeno sob investigação, chamado de variável dependente, é a variável linguística que alterna o uso de elementos linguísticos. Cada variante é uma das realizações possíveis da variável linguística e o conjunto de variantes é a variável linguística.

Sendo assim, a variável dependente desta pesquisa são as vogais médias pretônicas <E> e <O>[17], que, no português brasileiro, são constituídas de até três variantes: a alta (p[i]dido, c[u]mida), a fechada (s[e]gundo, c[o]roa) e a aberta (p[ɛ]daço, c[ɔ]ração), também chamadas aqui de alçamento, fechamento e abertura. A representação fonográfica para cada uma delas é: "i", "e" e "è" e "u", "o" e "ò"[18], respectivamente.

Como visto no capítulo anterior, as variáveis <E> e <O> apesar de serem classificadas como médias quanto à altura da língua, dividem-se quanto aos critérios anterioridade e ao arredondamento dos lábios: enquanto a variável <E> é anterior e não arredondada, a variável <O> é posterior e arredondada. Por ter traços articulatórios diferentes, serão analisadas separadamente. Então, a variável dependente, na verdade, subdivide-se em duas, a variável anterior <E> e posterior <O>.

Com a variável dependente elencada, os objetivos são descrever o comportamento das médias pretônicas na fala de Iporá, descrever o comportamento sociolinguístico do

[17] Os sinais "<>" estão sendo utilizados a fim de identificar as variáveis dependentes e de não ser confundido com fonemas representados por "//" ou fones "[ ]".
[18] Preferiu-se usar o acento grave para indicar a abertura da vogal pretônica para não confundir com o acento agudo que indica tonicidade.

iporaense e, por fim, identificar se em Iporá, no que se refere ao uso das médias pretônicas, há mudança em progresso ou não.

Assim, a pesquisa foi realizada, compreendendo as seguintes fases: seleção da amostra, coleta dos dados, processamento e análise dos dados e interpretação dos resultados.

3.1 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES PARA A AMOSTRA

Conforme mencionado anteriormente, a escolha da comunidade de fala de Iporá foi motivada por uma pesquisa-piloto realizada em 2009, que apontou a necessidade de continuar esta investigação e pelo fato de Iporá representar um perfil de comunidade goiana, ainda pouco estudada.

Antes da coleta, houve uma pré-seleção dos participantes da pesquisa. Para tanto, os critérios eram: conceder a entrevista espontaneamente, ser nascido em Iporá ou ter ido para lá quando criança; não ter morado fora ou no máximo por um terço da vida; encaixar-se nos perfis sociolinguísticos pré-estabelecidos – que são sexo/gênero, faixa etária e anos de escolaridade[19] (Tabela 2).

TABELA 2: Perfil sociolinguístico dos participantes

NÍVEL ESCOLAR	**IDADE**	15 A 25 Anos		26 A 49 Anos		Mais De 50 Anos		Total
	SEXO	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	
Primário (0-4 anos)		---	---	1	1	1	1	4
Fundamental (5 – 8 anos)		1	1	1	1	1	1	6
Médio (9 – 11 anos)		1	1	1	1	1	1	6
Superior (12 – mais anos)		1	1	1	1	1	1	6
Total		3	3	4	4	4	4	22

Fonte: Elaboração própria

São 22 entrevistados que forneceram os dados para a descrição da variação das vogais pretônicas em Iporá, como exposto na Tabela 2. A insuficiência de dados por uma jovem com nível escolar primário (0-4 anos) resultou no não preenchimento de uma célula, causando um desajuste na tabela. Sendo assim, preferiu-se retirar os dados do jovem com baixa escolaridade também a fim de manter a simetria da amostra. Sendo assim, apenas 4 informantes compõem o nível escolar primário.

Ao observar a tabela, é discutível a quantidade de falantes por célula, apenas um. Essa quantidade de entrevistado por célula não é a recomendada pelos pesquisadores, que indicam, geralmente, no mínimo, quatro. Segundo eles, isso pode comprometer a

[19] Estes critérios para seleção dos participantes – sexo/gênero, faixa etária e anos de escolarização - servem como variáveis independentes sociais para análise sociolinguística. Além destas, a "Origem" do informante também é agregada às variáveis sociais, mesmo que não seja critério estratificado para seleção.

representabilidade da amostra. No entanto, este desafio de preencher todas as células numa amostra equilibrada, com, no mínimo, quatro informantes por célula e ainda dentro do prazo disponível para a pesquisa não foi possível. Portanto, preferiu-se usar apenas um informante por célula, mas consciente de que não há como verificar a representabilidade de cada entrevistado, visto que não há outros falantes na mesma célula para comparar, conforme recomendam Guy & Zilles (2007, p. 112).

Como abordado no capítulo 1, a educação tem bons índices no município de Iporá e que há dificuldade de contatar quem tenha baixa escolaridade. Este dado positivo da cidade de Iporá é fruto da meta do governo do Brasil de escolarização do povo brasileiro. Principalmente os jovens com escolaridade de 0 – 4 anos de estudo têm sido mais raros de serem encontrados, que é um indicativo de que nas próximas gerações não haja brasileiros sem o nível primário.

Em se tratando da coleta dos dados destes jovens com nível escolar primário, apesar de serem encontrados, não ocorreu na área urbana de Iporá. A moça com nível escolar primário foi a última participante contatada. Apesar das tentativas de encontrá-la na escola em que estudava, nunca esteve presente. Após conseguir os números de telefone dela, a entrevista foi marcada na fazenda onde mora, a 18 km de Iporá, rumo a Barra do Garças. A participante é uma moça de 15 anos e cursa a quarta série no ensino regular. Durante a entrevista, houve várias tentativas de estratégias para motivar a fala mais natural da participante, mas mesmo assim, ouvindo a entrevista a seguir, percebeu-se que a participante não produziu dados suficientes, além de a maioria deles estar repetindo o que a entrevistadora perguntava ou comentava. Diante disto, decidiu-se que seria melhor não contabilizar esta entrevista a fim de manter a coerência com os outros dados.

O rapaz de 23 anos foi encontrado num vilarejo chamado Goiaporá, distrito de Amorinópolis, a cerca de 8 km de Iporá. O problema de visão o impediu de continuar os estudos quando ainda era criança. A decisão de não considerar os dados dele surgiu do fato de ele não residir no município de Iporá e para prezar por uma amostra mais harmônica.

Ainda na tentativa de eliminar as células vazias do quadro estratificado dos informantes, foram realizadas rodadas sem os dados dos outros informantes com até 4 anos de estudo[20]. Mas a exclusão dos dados destes participantes revelou que este fator é determinante para a seleção da variável Escolaridade para as variáveis dependentes (os resultados poderão ser vistos no capítulo de análise). Assim sendo, descartar estes dados seria esconder que o

[20] Uma breve análise dos resultados com a retirada dos dados deste nível escolar está no Apêndice, mas a sugestão é que seja consultado após a leitura do último capítulo.

fator “0 – 4 anos” é atuante na variação das vogais pretônicas e como esta não é a intenção, optou-se por assegurar que estes resultados sejam expostos, mesmo que com o quadro de estratificação não seja totalmente simétrico.

O perfil social dos participantes da pesquisa está apresentado no Quadro 4:

QUADRO 4: Perfil dos participantes selecionados para a pesquisa

PARTICIPANTE	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	EST. CIVIL	OCUPAÇÃO
2.HAP	48	M	0 – 4 anos	Casado	trabalhador braçal/carroceiro
3.HIP	56	M	0 – 4 anos	Casado	dono de bar
4.MAP	32	F	0 – 4 anos	Viúva	fazendeira
5.MIP	63	F	0 – 4 anos	Casada	dona-de-casa
6.HJF	17	M	5 – 8 anos	Solteiro	decorador de festas
7.HAF	43	M	5 – 8 anos	Casado	dono de supermercado
8.HIF	50	M	5 – 8 anos	Casado	vigia noturno
9.MJF	16	F	5 – 8 anos	Solteira	estudante
10.MAF	36	F	5 – 8 anos	Casada	Babá
11.MIF	61	F	5 – 8 anos	Casada	dona-de-casa
12.HJM	23	M	9 – 11 anos	Solteiro	técnico de informática
13.HAM	45	M	9 – 11 anos	Solteiro	mecânico
14.HIM	59	M	9 – 11 anos	Casado	comerciante
15.MJm	21	F	9 – 11 anos	Casada	dona-de-casa
16.MAM	35	F	9 – 11 anos	Casada	dona de loja de artesanato
17.Mim	52	F	9 – 11 anos	Divorciada	dona de confecção e loja
18.HJg	19	M	+ de 12 anos	Solteiro	marceneiro
19.HAG	31	M	+ de 12 anos	Casado	policial
20.HIg	55	M	+ de 12 anos	Solteiro	pintor e pedreiro
21.MJG	25	F	+ de 12 anos	Solteira	enfermeira
22.MAg	32	F	+ de 12 anos	Casada	costureira
23.MIG	57	F	+ de 12 anos	Viúva	professora aposentada

Fonte: elaboração própria

Acima o Quadro 4 apresentou o perfil sociocultural dos participantes desta pesquisa, através de um código (em vez do nome do participante), sua idade, sexo, escolaridade, estado civil e ocupação. Esta visualização permite confirmar a estratificação a respeito da faixa etária, sexo e escolaridade dos participantes. As outras informações, estado civil e ocupação, não foram triviais para compor a amostra.

3.2 COLETA DOS DADOS

Labov (2008, p. 244) afirma que “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas, no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática”. Segundo o autor, “a observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para análise da estrutura linguística”, sendo o vernáculo “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala”.

A coleta dos dados, com estes objetivos, deve ser realizada focando situações reais de fala dos participantes. A dificuldade na coleta, devido ao desvio de atenção da fala necessária para uma fala sem policiamento, foi denominada por Labov (2008, p.244) de "paradoxo do observador". O que Labov propõe é: "ou achamos maneira de suplementar as entrevistas formais com outros dados, ou mudamos a estrutura da situação de entrevista de um jeito ou de outro", pois o problema não é insolúvel.

Para minimizar os efeitos da presença do pesquisador e do gravador, uma das técnicas citadas é realizar "vários intervalos e pausas, que, se bem definidos, fazem com que a pessoa presuma inconscientemente que, naquele momento, não está sendo entrevistada" (LABOV, 2008, p. 245).

Outro conselho é instigar que a pessoa entrevistada "recrie emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos" (p. 245). Para isto, a coleta sociolinguística é de cunho etnográfico, pois visa a gravar a fala do participante com foco nas narrativas pessoais. Apesar desta intenção, foram registrados outros gêneros discursivos na realização das entrevistas, aparentemente controlado pelo assunto em questão.

A seleção dos participantes com perfil pré-estabelecido e as coletas foram realizadas primeiramente entre o dia 3 a 11 de maio de 2012. O segundo período de coleta compreende alguns dias alternados de julho (18, 19, 24). Em agosto, foram duas viagens, de 2 a 4 e de 15 a 17. A última participante entrevistada, que não foi selecionada para a amostra, foi encontrada dia 5 de janeiro de 2013, devido às dificuldades de encontrar tal perfil e depois em contatá-la.

O ambiente e horário para realização da entrevista foram escolhidos pelo participante e a presença de outras pessoas no local não foi proibida, já que poderia trazer um ambiente mais natural de fala. A sequência da entrevista é a seguinte: esclarecimento da pesquisa e pedido para assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; início da gravação da entrevista com uma Ficha Social (Anexo 1) que comprova os critérios de seleção; em seguida, aplicação do inquérito semântico-lexical para o ALINGO, realização de entrevista sociolinguística com motivação de narrativas e a saída de campo.

A aplicação de um questionário semântico-lexical[21](Anexo 2) se dá pela participação no projeto Construção do acervo audiovisual da língua falada em Goiás e execução do Atlas linguístico de Goiás – ALINGO, que tem como proponentes o Prof. Dr. Sebastião Elias Milani e a Profª. Dra. Tânia Ferreira Rezende, financiado pela FAPEG. Como objetivos, o

[21] O inquérito é um questionário que tem formato fechado, como uma entrevista estruturada, pois as perguntas são específicas (Ex.: Como chama aquele pau usado para atravessar o rio?). Mas tem caráter semi-estruturado porque o pesquisador é livre para questionar as escolhas lexicais, assim como o participante é livre para comentar, e outras pessoas que estiverem presentes. O questionário usado pode ser encontrado em Anexo 2.

projeto busca organizar um acervo audiovisual da variedade linguística falada em Goiás, disponibilizá-lo para futuras pesquisas e contribuir com a descrição do português de Goiás.

Neste trabalho, o pesquisador é parcialmente revelado: é revelado porque o participante deve conceder a entrevista conscientemente, até mesmo pela assinatura no termo de consentimento; e é parcial porque um dos objetivos da entrevista é justamente buscar narrativas que tenham o mínimo de atenção à fala. Para alcançar esta meta, usou-se como justificativa aos participantes o interesse em conhecer suas opiniões a respeito da cidade, as suas próprias memórias e o perfil semântico-lexical.

A entrevista etnográficaé não-estruturada, afinal não tem um questionário a ser realizado, mas é baseada em relatos sobre a cidade e as lembranças dos informantes. A respeito de Iporá, procurou-se levantar se gostavam da cidade, quais seriam as principais qualidades e os defeitos, e os aspectos sociais (saúde, educação, política, lazer, emprego) sob a óptica de cada participante. Estas discussões algumas vezes levavam o falante a narrar os motivos de se identificar ou não com a comunidade estudada. Mas as narrativas ocorreram mais com a evocação de lembranças, como sobre: a própria gravidez ou da mãe, a escolha do próprio nome, surras e machucados de infância, pai que abandonou família, a pobreza vivida, acidentes variados, mentiras, doenças, milagres, situações que se sentiu discriminado, perigo de morte, assassinatos violentos como o ocorrido em Doverlândia no ano de 2012 , descrição de receita de comida, início de relacionamento amoroso, histórias de pescador, planos para futuro, relato sobre viagens, explicação de fotos, história de filmes ou livros, descrição e histórias de personagens conhecidos na cidade, comparação com a criação dos filhos em tempos antigos. Algumas dessas discussões podem ser encontradas na transcrição de uma entrevista sociolinguística no Anexo 3.

Como o questionário semântico-lexical ocupa o maior tempo de realização da entrevista, foi percebido que os participantes entendiam que este era o objetivo principal da entrevista, produzindo opiniões e narrativas com menor atenção à fala e esforço de memória como durante a realização do inquérito. Isto foi considerado positivo por o participante já sentir-se mais seguro e relaxado quanto à entrevista por já ter passado pelo inquérito.

3.3 PROCESSAMENTO DOS DADOS

Após realizadas as entrevistas, o processamento de dados se divide nas seguintes etapas: seleção dos dados, transcrição fonográfica, inventário do fenômeno em análise,

transcrição fonética das palavras inventariadas, levantamento das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas, codificação dos dados, rodadas dos códigos no programa computacional, transposição dos resultados em tabelas e gráficos para organizar a análise dos dados.

Os dados foram selecionados ao descartar o momento inicial da entrevista que é composto pela aplicação da Ficha Social e do Inquérito Semântico-lexical. Os dados considerados na entrevista para este estudo foram o posicionamento pessoal em relação à cidade e às narrativas manifestas na entrevista sociolinguística.

Em seguida, foi realizada a transcrição fonográfica da entrevista etnográfica de cada participante, que é o processo de transpor as falas gravadas em forma escrita mantendo algumas características da fala. É sabido que o dado transcrito nunca representará totalmente o dado gravado, assim como o dado gravado não representa a realização da fala em seu contexto de origem.

A fase seguinte é de inventário da variável dependente, que é a variação das vogais médias pretônicas <E> e <O>. Assim, da entrevista transcrita, foram extraídas todas as ocorrências que tivessem as vogais /e/ ou /o/ em posição pretônica, com todas as realizações, ou seja, as variantes possíveis. Assim, os dados foram reduzidos ao objeto de análise. Em seguida, estes dados inventariados foram transcritos foneticamente.

A seguir, fez-se o levantamento das variáveis independentes, que são grupos de fatores que podem estar atuando na variação das variáveis <E> e <O>. Cada fator representa uma possibilidade daquela variável independente, como por exemplo, a variável independente é "tipo silábico" e os fatores serão: V, CV, VC, CVC, CCV, CVV, CCVC. As variáveis independentes foram construídas conforme as "duas condições básicas" que Brescancini (2002, p.16) listou: "(a) ser mutuamente exclusivos, isto é, nenhum deles deve incluir totalmente ou parcialmente o outro, e (b) representar uma lista exaustiva de todas as possibilidades para ser grupo". Apesar de que como Guy & Zilles (2007, p. 53)observam, há casos em que "tais não-ortoganalidades ocorrem por acaso ou por impossibilidade estrutural" da língua estudada.

A seguir, foi feita a codificação conforme as exigências do programa computacional, codificando a realização de cada variável dependente inicialmente e em seguida os fatores das variáveis independentes correspondentes a cada ocorrência. Como exemplo, a descrição em Silva (2009, p.84):

(1fpjdt4wmen1 (terminando))

> O primeiro elemento (1) refere-se ao processo de abaixamento /e/>/ɛ/, o segundo (f) determina o sexo feminino, o terceiro (p) diz ter estudado de zero a quatro anos, o quarto (j) revela a idade de 15 a 25 anos de idade da falante, o quinto elemento (d) sugere a dental/alveolar precedente /t/, e o sexto (t) remete ao /r/ retroflexo dental/alveolar, o próximo (4) visa a palavra polissílaba, o seguinte (w) implica em verbo, a nona posição (m) diz ser uma pretônica medial, o décimo (e) é a anterioridade da vogal pretônica /e/, o /n/ é a qualidade vocálica nasal da sílaba tônica, e por fim, o número (1) especifica o informante, esta a senhora AMJ. A palavra analisada é "terminando".

Após ter o arquivo de códigos, referente a todas as entrevistas, os dados foram executados no programa de regra variável, chamado GoldVarb. A versão utilizada trata-se de GoldVarb X(SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2012), que permite a aplicação de análise multivariada aos dados linguísticos. O produto final desta análise é chamado de rodada e este resultado é apresentado em número de ocorrências, porcentagem e peso relativo, ordem de seleção ou exclusão das variáveis independentes, portanto um resultado quantitativo.

A versão do GoldVarb X recebe o arquivo de códigos e gera um arquivo de especificação de acordo com as codificações. Neste momento, foram apontados vários erros de codificação presentes no arquivo de códigos. Cada caso foi reanalisado e corrigido. A partir do documento corrigido, seguiu-se a análise, rodando os dados com o arquivo de condição englobando todas as variáveis independentes e fatores para análise univariada. O próprio programa cria automaticamente um arquivo de células que possibilitará o arquivo de resultados.

Estes resultados apresentaram bastantes nocautes. Ocorre um nocaute quando um fator, como, por exemplo, o fator do tipo silábico "CVCC", tem todas as ocorrências da variável dependente com este tipo silábico realizadas com uma mesma variante (100%) ou nenhuma (0%). Os nocautes indicam que não está havendo variação com aquele fator, além de não poder apresentar pesos e frequências, assim sendo, o GoldVarb X não processa os dados com a presença de nocautes. Para resolvê-los, volta-se ao arquivo de dados ou de condição e o modifica de forma a amalgamar estes casos a outros ou eliminá-lo. Mas, na maioria dos casos, optou-se por manter os dados usando a amalgamação com outros fatores. O critério para amalgamação de fatores foi uni-los conforme a maior semelhança com o outro fator e com os números de ocorrência e porcentagem, por exemplo, unir os fatores "CVCC" ao "CVC".

Sem os nocautes, foi possível fazer a análise multivariada, baseada em rodadas "*step-up*" e "*step-down*", que fazem as correlações entre a variante dependente investigada e os

fatores das variáveis independentes a fim de encontrar um padrão de variação. Para esta análise multivariada, como a variável dependente apresenta até três variantes, ou seja, uma variável ternária, o ideal seria uma rodada multinomial, que envolvesse as três variantes. Mas como o programa GoldVarb X ainda não apresenta este recurso, optou-se por rodadas binárias na análise multivariada. Assim, em vez de uma, foram realizadas uma rodada para a aplicação de cada variante. Para obter os resultados referentes às variantes, correlacionou-se os dados de uma variante às outras variantes, sendo assim para os resultados da variante:

(1) alta, a rodada confrontou os dados com a variante alta com os da fechada e da aberta: ALÇAMENTO X FECHAMENTO/ABERTURA;

(2) fechada, foram rodados os dados da variante fechada versus as variantes alta e aberta: FECHAMENTO X ALÇAMENTO/ABERTURA;

(3) aberta, os dados com a variante aberta foram confrontados com os das variantes alta e fechada: ABERTURA X ALÇAMENTO/FECHAMENTO.

Os resultados do "*step-up*" aponta quais as variáveis independentes que mais interferem nesta variação e em que ordem foram selecionadas. O "*step-down*" processa o contrário, descreve quais foram eliminadas e a ordem de eliminação das variáveis independentes por não demonstrarem controle da variação.

As rodadas univariadas e multivariadas foram realizadas muitas vezes, mudando o arquivo de condições a fim de redefinir as variáveis que mais controlavam esta variação, ao verificar casos de não-ortoganalidade e as variáveis eliminadas pelo programa. Com as variáveis independentes redefinidas, são obtidos os resultados que sustentam a análise e a interpretação.

A análise de favorecimento, neutralidade ou desfavorecimento do fator à aplicação da variante se baseia em pesos relativos, que são colhidos no arquivo de resultado na melhor rodada identificada pelo programa - "*best stepping up run*". Os pesos relativos, "medida utilizada pelo VARB2000 para classificar cada fator como mais ou menos condicionante" (BRESCANCINI, 2002, p. 47), são interpretados com base no valor de referência 0.50 por se tratar de rodadas binárias: os valores maiores que 0.50 apresentam tendência à aplicação da regra sob análise e os valores menores que 0.50 indicam desfavorecimento do fator à aplicação da regra, enquanto valores aproximados a 0.50 indicam neutralidade. Por exemplo, se o fator CVC apresentar peso 0.320 para a aplicação de alçamento, entende-se que está abaixo do patamar de neutralidade de 0.50, portanto, interpreta-se que o alçamento é inibido por este tipo silábico, enquanto o fator CV apresenta um peso 0.653, que favorece o

alçamento. Há casos em que os fatores ainda se apresentam neutros, quando estão próximos ao ponto neutro, por exemplo, de 0.450 a 0.550.

Há casos, em que os fatores têm uma taxa porcentual representativa com uma variante e os pesos relativos apresentam uma tendência contrária, como de inibição ou neutralidade. Isto acontece porque os cálculos estatísticos na análise multivariada realizados pelo programa correlacionam todas as variáveis independentes e observam as inter-relações. Assim, o peso relativo é um índice mais confiável quanto à atuação de cada fator sobre a variável dependente do que a porcentagem.

As variáveis independentes linguísticas selecionadas para análise são "Altura da vogal seguinte", "Contexto Precedente", "Contexto seguinte", "Classe gramatical", "Distância da vogal tônica" e as sociais são "Sexo", "Faixa etária", "Escolaridade" e "Origem".

a) A "Altura da vogal seguinte" é uma variável que explora a possibilidade da harmonização vocálica estar controlando a variável dependente. A hipótese é da atuação desta assimilação da altura da vogal seguinte para as variáveis<E> e <O> com base em (SILVA, 2009; SILVA; REZENDE, 2013). No entanto, há uma diferença entre ambas, pois Silva (2009) observa a altura da vogal tônica e não a seguinte, embora seja a mesma vogal na maioria das palavras[22]. Por exemplo, na ocorrência "d<O>ente", a vogal seguinte coincide com a tônica [ẽ], mas na palavra "d<E>pressão" a vogal seguinte é [e] e a tônica é [ãw].

Como estes dados foram codificados com a altura da vogal seguinte e tônica, no momento de redefinição das variáveis, ao realizar rodadas que alternavam entres ambas as variáveis, ficou entendido que a variável "Altura da vogal seguinte" é mais significante que a tônica para esta variação.

Nesta variável, cada vogal ou ditongo seguinte foi codificado separado, mas muitos dos ditongos sofreram nocaute, que ocorre quando há 0% ou 100% das ocorrências com uma mesma variante, sendo necessário amalgamar os ditongos a fatores que compartilhassem as características fonéticas e porcentuais. Assim, pareceu conveniente amalgamar os ditongos à vogal do próprio ditongo por compartilharem os mesmos traços articulatórios e terem porcentagens semelhantes. Por exemplo, o ditongo seguinte de "prefeito" é [ej] e foi amalgamado à vogal [e]. Poucos ditongos não tiveram nocautes, e para facilitar a apresentação do resultado foi decidido amalgamar todos os ditongos às vogais correspondentes.

[22] Poderá ser confirmado na análise da variável independentes "Distância da tônica" que a vogal tônica e seguinte são a mesma na maioria das ocorrências, quanto ao fator "seguinte".

Foram feitas as amalgamações de ditongos com vogais nasais também. Tem-se a hipótese de que as vogais nasais favoreçam a abertura da variável dependente, assim como em Silva (2009).

Assim, os fatores que compõem esta variável são as *vogais seguintes orais* [i], [u], [e], [o], [ɛ], [ɔ], [a] e as *nasais* [ĩ], [ũ], [ẽ], [õ] e [ã].

b) A variável "Contexto precedente" verifica quais são os sons (ou pausa) imediatamente anteriores que favorecem cada variante. A subdivisão delas é dada conforme o tipo da sílaba: *V, CV, CCV, VV.*

V - O fator "pausa" permite inferir que a vogal pretônica ocupa a posição inicial da palavra, como em "*educação, orgulho*". A hipótese é de que a pausa, em contexto precedente, e a posição inicial na palavra favoreçam o alçamento da variável<E>.

#V - Algumas ocorrências tinham a vogal pretônica em fronteira de palavra com consoantes, por exemplo, "*por'exemplo, n'hospital*" e apontaram nocautes em sua maioria. Foram feitas rodadas para observar se seria melhor criar um fator para pretônicas em fronteira de palavras, ou uni-las a cada fonema precedente correspondente, ou ainda à pausa. Assim, foi decidido que, rodando-as separadamente, seria mais produtivo para explorar os resultados do que somando-as a outros fatores.

CV - A divisão dos fatores escolhida para observar as consoantes é pautada no ponto de articulação, após rodadas comparando qual classificação (se ponto ou modo de articulação) permitiria um modelo de análise mais adequado. A proposta de agrupamento dos fonemas precedentes é conforme o ponto de articulação, como no Quadro 5 e no Quadro 6 para as variáveis <E> e <O> respectivamente.

QUADRO 5: Categorização dos pontos de articulação das consoantes em contexto precedente para variável <E>

Bilabiais	Labiodentais	Dentais			Início DE-	Sibilantes		Palatais	Velares	Glotal
		Dental	Alveolar	Alveopalatal	d, dʒ	Alveolar	Alveopalatal			
p, b, m	f, v	t, d, n	l, ɾ	tʃ, dʒ		s, z	ʃ, ʒ	ʎ, ɲ	k, g	h

Fonte: Elaboração própria

QUADRO 6: Categorização dos pontos de articulação das consoantes em contexto precedente para variável <O>

Bilabiais	Labiodentais	Dentais		Sibilantes		Palatais	Velares	Glotal
		Dental	Alveolar	Alveolar	Alveopalatal			
p, b, m	f, v	t, d, n	l, ɾ	s, z	ʃ, ʒ	ʎ, ɲ	k, g	h

Fonte: Elaboração própria

Como se pode observar, para analisar a variável<E> foram considerados alguns fatores que não são para a variável <O>. A categorização “Dentais” para a variável<E> inclui o ponto de articulação alveopalatal, pois, quando a dental [t, d] precede a vogal [i], uma das variantes encontradas nos dados (por exemplo, [dʒi]smaiei e [tʃi]atro), geralmente ocorre a palatalização da oclusiva dental tornando-a alveopalatal [tʃ, dʒ]. O fator “Início DE-” também serve para observar somente a variável<E>, porque há hipótese de que seja um contexto favorecedor ao alçamento de<E>.

Os outros fatores são semelhantes para ambas as vogais: as consoantes “Bilabiais” [p, b, m], “Labiodentais” [f, v], “Sibilantes” [s,z, ʃ, ʒ], “Palatais” [ʎ, ɲ], “Velares” [k, g] e “Glotal” [h]. Ao realizar rodadas com as sibilantes alveolares [s,z] e alveopalatais [ʃ, ʒ] separadas do ponto de articulação, percebeu-se que os resultados eram muito próximos entre elas e distantes do fator “Dentais” e “Alveopalatais”. Baseado nisso, decidiu-se formar o fator “Sibilantes”.

CCV - Os casos de encontro consonantal em contexto precedente são apresentados apenas amalgamando o ponto de articulação da primeira consoante, conforme as porcentagens e a proximidade articulatória permitiam: bilabial [pɾ, bɾ], dental/alveolar e labiodental [tɾ, dɾ, fɾ], velar [kɾ, gɾ] com a tepe [ɾ] e bilabial, labiodental e velar [pl, bl, fl, gl] com lateral [l].

VV - As vogais em hiato foram amalgamadas em virtude dos nocautes ocorridos. Estas vogais são [i], [u], [e], [ɛ], [a] e semivogal [j].

Os fatores da variável “Contexto precedente” são “Pausa”, “Fronteira de palavra”, “Bilabial”, “Labiodental”, “Dental”, “Sibilantes”, “Palatal”, “Velar”, “Glotal”, “[pɾ, bɾ]”, “[tɾ, dɾ, fɾ]”, “[kɾ, gɾ]”, “[pl, bl, fl]” e “Vogais”, a mais para a variável<E> tem “Início DE-”,

c) A variável “Contexto seguinte” é estabelecida por sons imediatamente seguintes. A hipótese é de que estes sons possam influenciar na altura dasvariáveis <E> e <O>. Os tipos de sílaba do português adequados ao contexto seguinte da vogal pretônica permitem reconhecer as seguintes possibilidades: consoante em sílaba seguinte, consoante em coda e vogal formando hiato.

Para consoante em sílaba seguinte, o critério para análise das consoantes seguintes é o ponto de articulação, conforme o agrupamento para as variáveis<E> e <O> como no Quadro 7 se configura:

QUADRO 7: Categorização dos pontos de articulação das consoantes em contexto seguinte para análise da variação das vogais médias pretônicas <E> e <O>

Bilabiais	Labiodentais	Dentais		Sibilantes		Palatais	Alveopalatais	Velares	Glotal
		Dental	Alveolar	Alveolar	Alveopalatal				
p, b, m	f, v	t, d, n	l, ɾ	s, z	ʃ, ʒ	ʎ, ɲ	tʃ, dʒ	k, g	h

Fonte: Elaboração própria

O Quadro 7 dispõe os agrupamentos das consoantes para analisar a variável contexto seguinte. Neste contexto, as consoantes "Alveopalatais" serão observadas separadamente. As sibilantes apresentaram ter comportamentos estatísticos semelhantes, por isso, compõem um mesmo fator.

A sibilante [s], em posição de coda, foi analisada separadamente para observar se havia tendência ao alçamento, quando a sílaba é travada por sibilante. Outro fator não identificado na tabela acima é o fonema /R/ em coda, realizado em sua maioria de modo retroflexo [ɹ]. Ambos os fatores têm sílaba do tipo CVC, assim, é possível verificar se o tipo de sílaba, com consoante em coda, interfere na realização das variáveis <E> e <O> ou se cada fator se comporta diferente.

O fator "Vogais" infere que há formação de hiato entre a vogal média pretônica e a vogal seguinte. Há a hipótese de que elas tendam a alçar a vogal pretônica. As "Vogais" em contexto seguinte ocorrentes nos dados foram [i], [e], [o], [ɛ], [ɔ] e [a] e as semivogais foram [j] e [w] foram amalgamadas em virtude dos nocautes. No caso da semivogal [w], pode-se observar os casos em que ocorre a vocalização da consoante lateral [l] em coda.

A variável "Consoante seguinte" tem os seguintes fatores: "Bilabiais", "Labiodentais", "Dentais", "Alveopalatais", "Palatais", "Velares", "Glotal", "Sibilantes", "S em coda", "R em coda" e "Vogais".

d) A variável "Classe gramatical" visa investigar se o aspecto morfológico interfere na variação das vogais médias pretônicas. Esta variável foi observada na pesquisa-piloto, o que motivou a selecioná-la e orientou a divisão das classes gramaticais, como visto a seguir. A classe gramatical da cada ocorrência foi extraída do arquivo de transcrição, onde era possível analisar a função gramatical exercida em cada contexto. A análise será separada entre dados nominais e verbais.

Os fatores nominais são Substantivo Comum, Substantivo Próprio, Adjetivo, Numeral e Advérbio. Os substantivos foram divididos entre comuns e próprios para observar se há um comportamento diferente entre ambos. A divisão foi motivada por observações feitas por Viegas (1987; 2001) a respeito do conteúdo semântico dos itens lexicais

interferirem na aplicação ou não do alçamento, em virtude da sutil estigmatização social desta variante.

Alguns exemplos que evidenciam esta afirmação são "P[e]ru" (país) X "p[i]ru" (animal), "P[o]rtuguês" (disciplina) X "p[u]rtuga" (gentílico) e "p[o]rção" (quantidade determinada, usado frequentemente em restaurantes) X "p[u]rção" (grande quantidade de alguma coisa). Segundo Viegas (1987, p.138), "os itens com conteúdo semântico menos „prestigiado' socialmente adquirem um som também menos „prestigiado' socialmente. O desprestígio é sutil mas existe e, me parece, ficou evidenciado nos itens acima".

Acredita-se que a classe de "Substantivo Próprio" tem uma marcação social diferente de substantivos comuns, pois, como afirma Viegas (2001, p.95),

> Existe uma questão semântico-pragmática que abrange nome próprio x nome comum e vai além. É uma questão da valoração social do item lexical no momento da enunciação. O nome próprio parece ser, muito freqüentemente, item valorizado, prestigiado socialmente, escrito com maiúsculas (Toninho). Já se se quer marcar intimidade, proximidade, pode haver o alçamento (Tunicão). Itens que possuem um sentido socialmente desprestigiado, ou que sejam itens marginalizados, "assumem" o desprestígio deste sentido, deste uso, e são mais facilmente alçados (pois o alçamento é ligeiramente estigmatizado), como é o caso das gírias e palavrões.

Assim, entendendo a classe "Substantivo Próprio" como grupo de palavras que são frequentemente prestigiadas socialmente, pretende-se analisar o comportamento não dos dados alçados, mas também das outras variáveis dependentes.

Os fatores verbais são verbos da 1ª, 2ª e 3ª conjugações e verbo em gerúndio. Esta subdivisão dos verbos é pautada no interesse em observar se seria a classe verbal e suas conjugações que interferem na variação da vogal pretônica ou se é a altura da vogal temática. A altura da vogal temática da 1ª conjugação é baixa "-a" [a], a da 2ª é média-fechada "-e" [e] e a da 3ª é alta "-i" [i]. Caso a harmonização vocálica seja encontrada nos dados, estas classes verbais devem ser observadas mais atentamente para entender se a variação ocorre motivada pela assimilação da altura da vogal seguinte da vogal temática ou pela função morfológica.

O fator gerúndio também está sendo observado separadamente, a fim de verificar se há tendência à abertura de <E> e de <O>, justificada pela presença da desinência verbal "-ndo", realizada precedida pela vogal temática nasalizada. Assim como afirmado acima, na variável "Altura da vogal seguinte", existe a hipótese de que haja abertura da vogal pretônica quando seguida de vogal seguinte nasal. Este fator pode revelar se a vogal seguinte nasal interfere na realização da abertura, como palavras de outras classes gramaticais, ou se tem comportamento diferente por ser um verbo no gerúndio.

Assim, a variável "Classe gramatical" é formada pelos seguintes fatores: "Substantivo Próprio", "Substantivo Comum", "Adjetivo", "Numeral", "Advérbio", "Verbo

da 1ª conjugação", "Verbo da 2ª conjugação", "Verbo da 3ª conjugação" e "Verbo em gerúndio".

e) A variável "Distância da tônica" examina se a posição que a variável dependente ocupa em relação à tônica é favorecedora de alguma(s) variante(s), se há uma relação entre mais próxima da tônica e mais distante da tônica, com uma variante sendo favorecida pela proximidade e outra pela distância. Sobre as pretônicas mais distantes da tônica, trata-se de palavras que em sua maioria são derivadas, compostas por prefixos e/ou sufixos, por mais que seja limitada esta afirmação.

Com isso, os fatores desta variável são "Seguinte", "Segunda", "Terceira" e "Quarta", sendo que a distância "Quarta" amalgama com as próximas distâncias.

f) A variável social "Sexo/gênero" trata do perfil do participante e será observada para verificar se homens e mulheres têm comportamentos diferentes quanto à realização das variáveis <E> e <O>, que, apesar de não ter sido selecionada nos dados da monografia, pode ter novos resultados.

De acordo com Labov (2008, p.281), "na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio". Baseado nisso e em outras constatações, Paiva (2012) conclui haver um posicionamento da mulher favorável à variante inovadora se for socialmente prestigiada, caso seja estigmatizada, a mulher pode contribuir para a retenção da mudança na sociedade ocidental.

Scherre e Yacovenco (2011) propõem um novo entendimento do papel do sexo/gênero na variação e na mudança sem e com consciência social de que o (des)prestígio seja apenas "um dos aspectos da noção de marcação" (p.139), sendo o princípio da marcação seria mais adequado ao entendimento do gênero. Esta conclusão surge a partir da análise de pesquisas da morfossintaxe do português brasileiro: de alternância de TU e VOCÊ, de imperativo associado ao indicativo e ao subjuntivo e concordância verbal com a terceira pessoa. Assim, as generalizações propõem que "em configurações menos marcadas[23] – e não necessariamente mais prestigiadas – as mulheres estão à frente na variação e na mudança" e

[23] "Menos dependentes das relações interacionais ou mais freqüentes ou mais aceitos." (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p.138)

que "em configurações mais marcadas[24] – e não necessariamente menos prestigiadas – os homens estão à frente na variação ou na mudança" (p.139).

g) A variável "Faixa etária" permite observar o fenômeno nas gerações e verificar caso se trate de variação estável ou de mudança em progresso para cada variante. Isto é possível ao observar a distribuição das variantes em tempo aparente, "ou seja, o comportamento diferenciado dos falantes em várias faixas etárias" (LABOV, 2008, 318), a partir do contraste em tempo real. A partir disto, se estiver em processo de mudança, favorecendo uma variante, será possível reconhecê-la. Os fatores sociais desta variável são "Jovem" (15 a 25 anos), "Adulto" (26 a 49 anos) e "Idoso" (mais de 50 anos).

h) A variável "Escolaridade" permite reconhecer qual(is) variante(s) é(são) favorecida(s) pelos níveis de escolaridade mais altos e qual(is) seria(m) a(s) variante(s) favorecida(s) pelos menores graus de escolaridade. A variável foi subdividida entre anos de estudo que correspondem aos níveis escolares: 0 a 4 anos – primário; 5 a 8 anos – fundamental; 9 a 11 anos – Ensino Médio; e 12 anos ou mais – Ensino Superior. A maioria das pesquisas costuma lidar com menor nível escolar como 0 anos (analfabeto), mas preferiu-se por esta categorização por perceber que representa mais a comunidade, pois o analfabetismo é baixo e participantes assim são raros de ser encontrados. Não houve nenhum informante que nunca tenha frequentado a escola, apesar de que um deles se reconhece como analfabeto quando diz que não sabe nem escrever o próprio nome.

i) A variável "Origem" foi acrescentada em virtude da suspeita de que o alto índice de abertura das vogais médias pretônicas encontrada em Silva (2009) esteja relacionado ao povoamento de Iporá, pois, no histórico da região, famílias nordestinas se instalaram por lá. Segundo Nascentes (1953) e outras várias pesquisas, o Nordeste brasileiro,apresentaria a variante pretônica predominantemente aberta. A migração do povo nordestino com sua cultura para Goiás contribuiu para a formação sociocultural do estado e pode até interferir na maneira de pronunciar as pretôncias, mais abertas.

A informação da origem dos informantes, assim como de seus pais e avós, foi extraída da ficha social realizada durante a entrevista. Deve-se considerar que esta variável baseou-se no relato dos participantes e não houve uma investigação para confirmar a

[24]"Mais dependentes de relações interacionais ou menos freqüentes ou menos aceitos socialmente."(SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p.139)

verdadeira origem dos antecedentes de cada participante. A inclusão dessa variável é importante, pois servirá para verificar qual a variante predominante favorecida por cada localização e se as variáveisanterior <E> e a posterior <O> assimilam a influência do local de origem da família de maneira semelhante ou diferente.

A este respeito, houve a impressão de que principalmente os mais jovens não conhecem a origem dos seus antecedentes, principalmente dos entes que têm um grau de parentesco mais longínquo.

Os cinco fatores que compõem esta variável foram aglomerados em quatro regiões e uma mescla de duas regiões. A primeira região se refere ao "Oeste Goiano", composta por cidades vizinhas do município de Iporá; a segunda região, está no sul do território goiano, em direção a Minas Gerais, e será chamada, nesta análise, de "Sul Goiano"[25]; a terceira região é composta pelo estado de "Minas Gerais", às vezes, citado pelo nome do estado, pelo gentílico (*mineiro/a*) ou pelo nome da cidade; a quarta região é referente à descendente do estado da "Bahia" (com apenas uma participante); e o quinto fator indica os participantes descendentes de baianos e mineiros (dois informantes).

Partindo destas regiões, cada participante da pesquisa foi codificado apenas com uma localidade de origem. Devido à possibilidade de um parente ser de uma região e outro ser de outra, foi adotado como critério usar a região mais distante citada pelo participante. O Quadro 8 a seguir apresenta em que região cada informante foi alocado de acordo com as localidades de pais, avós e cônjuge. Apesar de o cônjuge não ser da origem do informante, foi incluso no quadro.

Poderá ser visto que alguns participantes não apresentam localidade de algum parente, como o pai, porque, nestes casos, o participante não teve contato com este parente, em casos de morte, abandono ou outras possibilidades. Esta variável não serviu como critério para estratificação do perfil do informante que serviria à pesquisa, portanto, a distribuição dos informantes nos fatores é desigual.

[25] É interessante observar que não foram citadas localidades referentes ao norte de Goiás, mas apenas na região sul, sendo dividida aqui em duas regiões para análise "Oeste Goiano" direcionado ao estado do Mato Grosso e "Sul Goiano" indo para Minas Gerais.

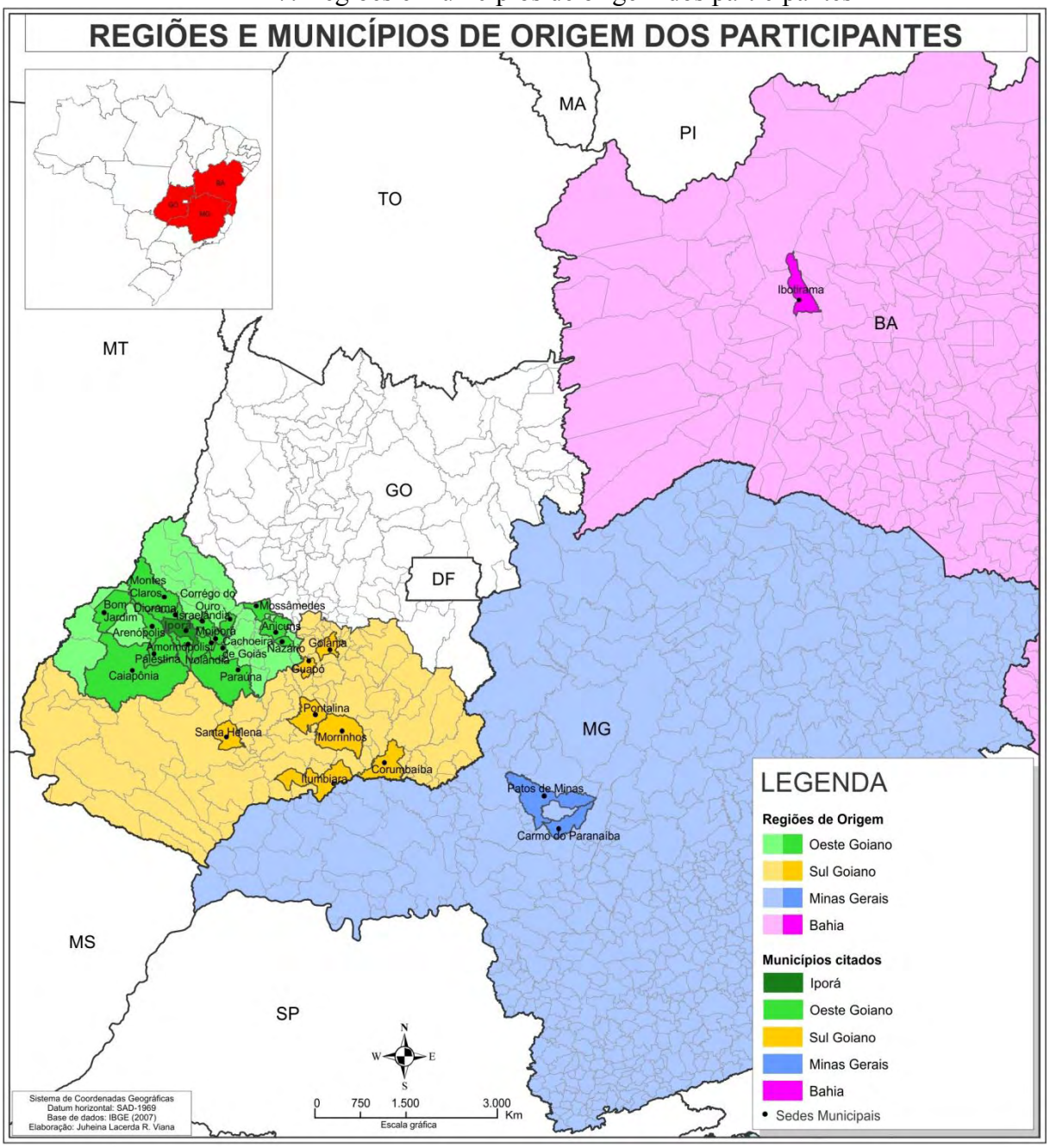
Quadro 8: Distribuição dos participantes por regiões de "origem".

REGIÃO 1 – OESTE GOIANO		REGIÃO 3 – MINAS GERAIS	
MJF	O pai nasceu em Iporá e a mãe é de Mossâmedes.	HAP	O avô paterno era mineiro. O pai e a mãe são da região de Caiapônia, mas ela foi pra Montes Claros e pra Diorama. A esposa é de Moiporá.
HAF	A mãe é de Ivolândia e a esposa é de Iporá.	MAF	O avô paterno era de Minas e os maternos de Morrinhos. Os pais são da região de Arenópolis e o marido é de Minas, Carmo do Paranaíba.
HJF	Os avós são de fazenda na região de Iporá e a mãe nasceu em Iporá.	HIF	Os pais são de Minas e a esposa de Bom Jardim.
HIM	Mãe de Cachoeira de Goiás e esposa de Iporá.	MIF	Os pais são de Minas Gerais, vieram para Nazário e para fazenda perto do Caiapó.
MJm	O pai é de Iporá, a mãe da Diorama e o esposo de Iporá.	HAM	Os pais são de Minas.
HJM	A mãe e a avó nasceram em Iporá e a mãe mora em fazenda de Bom Jardim.	MAM	A avó era de Minas.
HAG	O pai nasceu em Anicuns e depois foi pra Goiânia. A mãe é de Palestina, mas criada em Caiapônia. A esposa é de Iporá	MIG	O pai é de Pontalina e a mãe é de Patos de Minas, mas moram na região de Amorinópolis. O esposo era de Iporá.
MAg	A mãe e o pais são da região de Iporá e o esposo de Israelândia.		
MJG	Os pais são da região de Iporá (fazenda para o lado de Palestina).		
REGIÃO 2 – SUL GOIANO		**REGIÃO 4 - BAHIA**	
HIP	O pai é de Guapó e foi para Moiporá. A mãe é do Mato Grosso, mas morou lá em Ivolândia. A esposa é de Itumbiara.	MIP	A mãe e a tia são de Ibotirama/BA.
MAP	O pai é de Morrinhos, a mãe é de Corumbaíba e o marido é de Ivolândia, depois foi para Paraúna.		
HJg	O pai é de Amorinópolis e a mãe é de Santa Helena.		
REGIÃO 5 – MINAS + BAHIA			
Mim	O pai é da Bahia e mãe é de Minas	HIg	O pai é de Patos de Minas e a mãe é da Bahia. A primeira esposa é de Córrego do Outro.

Fonte: Elaboração própria

A quantidade de informantes por região é: a Região Oeste Goiano possui dados de 9 informantes; a Região Sul Goiano possui 3; a Região Minas Gerais tem 7; a Região Bahia é composta por dados de apenas uma informante; e a Região Minas + Bahia possui apenas dois informantes. Como dito anteriormente, não foi possível equilibrar a quantidade de informantes por região já que esta variável Origem não era uma variável social pré-estabelecida no início da pesquisa, pois foi após a coleta de dados que surgiu a necessidade de acrescentar esta variável.

MAPA 7: Regiões e municípios de origem dos participantes



Fonte: Concepção própria; elaboração Juheina Lacerda R. Viana.

Este Mapa 7 confirma as questões de povoamento levantadas no capítulo 1, quando Iporá foi povoado por famílias vindas de outras cidades de Goiás, de Minas Gerais e da Bahia.

4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 VARIÁVEL DEPENDENTE

Das 22 entrevistas sociolinguísticas realizadas com iporaenses, foram colhidas 8977 ocorrências das vogais médias pretônicas, sendo 4053 da variável dependente <E> e 3218 da variável <O>. As entrevistas foram ouvidas, transcritas, codificadas e lançadas num programa estatístico, a fim de identificar como a comunidade de Iporá compartilha este uso linguístico. Identificou-se que as variáveis dependentes <E> e <O>são realizadas em três alturas:

a) Alta [i]: *[i]ducação, p[i]rmite*
c[u]stume, s[u]ssego

b) Fechada ou média-alta [e]: *[e]xemplo, p[e]rmite*
h[o]rário, f[o]foca

c) Aberta ou média-baixa [ɛ]: *[ɛ]xemplo, p[ɛ]rmite*
h[ɔ]spital, c[ɔ]brança

Trata-se de uma variação ternária, quando a variável dependente se subdivide em três variantes, que serão mencionadas por processos de Alçamento, Fechamento e Abertura, respectivamente. Nos 8977 dados, não foram consideradas as vogais travadas por /N/ como em "*entulho*" e "*conseguir*", pois, com este contexto adjacente, a variação de<E> e de <O> fica limitada ao alçamento e ao fechamento, ou seja, a nasalidade da vogal pretônica restringe a abertura destas vogais. Assim, a variação das vogais médias pretônica nasais é binária e não ternária como das orais, portanto é descartada para esta análise, Posteriormente, seria interessante realizar a análise das médias pretônicas nasais separadamente, o que não foi possível neste trabalho em decorrência do limite de tempo.

A distribuição das variáveis dependentes <E> e <O> na fala dos iporaenses se dá conforme demonstrada na Tabela 3.

TABELA 3 – Distribuição das variantes das variáveis dependentes <E> e <O> na fala dos iporaenses – **com** ocorrências (quase) categóricas

	Anterior <E>	**Posterior <O>**	**Anterior <E> e Posterior <O>**
ALTA [i, u]	1518/5286 = **28,82%**	1173/3691 = **31,78%**	2691/8977 = **29,97%**
FECHADA [e, o]	2109/5286 = **39,89%**	1223/3691= **33,13%**	3332/8977 = **37,11%**
ABERTA [ɛ, ɔ]	1659/5286 = **31,38%**	1295/3691 = **35,08%**	2954/8977 = **32,9%**

Fonte: Elaboração própria

Na exposição feita na Tabela 3, os percentuais apontam para uma preferência pela *variante fechada* (2109/5286 = 39,89%) pela anterior <E> e pela *variante aberta* (1295/3691 = 35,08%) posterior <O>. No geral, o fechamento (3332/8977 = 37,11%) é o mais ocorrente na fala iporaense, seguido pela abertura (2954/8977 = 32,9%) e pelo alçamento (2691/9877 = 29,97%). A *variante alta* é sempre a menos usada.

Durante as várias rodadas dos dados, foi-se percebendo que certos contextos fonológicos adjacentes e alguns itens lexicais estariam determinando a variante, ou seja, estas ocorrências eram realizadas sempre ou quase com a mesma variante. É chamado de uso "categórico" quando todas as ocorrências, sem exceção, são realizadas com uma mesma variante, com 100% de uso de uma dada variante. Assim, quando um uso tem poucas exceções, pode-se chamar de ocorrências "quase categóricas". O fato de itens lexicais e contextos adjacentes se comportarem (quase) categoricamente na aplicação de uma variante, implica que não esteja ocorrendo variação e consequentemente interferindo nos resultados, impedindo de reconhecer os fatores realmente motivadores da aplicação de cada variante em ocorrências variáveis. Portanto, estes dados foram excluídos.

As condições para excluir dados (quase) categóricos são resultado de várias rodadas e da percepção de quais contextos e itens possam estar controlando os dados. A construção de um glossário com todas as ocorrências e a análise dele também seria interessante para ter uma visão panorâmica das ocorrências, dentre outras vantagens. No entanto, dado o curto prazo para realização desta pesquisa, o glossário ficará para outro momento. Assim, o critério definido para exclusão dos contextos e itens (quase) categóricos é (a) ter mais de 50 ocorrências e (b) ter no máximo 3 exceções. A partir disto, os casos excluídos são:

QUADRO 9: Lista de dados (quase) categóricos

ALTA [i, u]			**FECHADA [e, o]**		
		Anterior <E>			
Itens excluídos	Nº de aplicação	Nº de exceção	Itens excluídos	Nº de aplicação	Nº de exceção
"d[i]mais"	120	1	*"d[e]pois"*	205	---
"m[i]nino/a/inho/inha"	183	1	*"p[e]ssoa"*	140	---
Início de palavra ES- * Sendo 32 alçadas em fronteira de palavra	455	2			
Início de palavra DES- *Sendo 74 com S em coda e 45 com [z] em ataque derivadas do prefixo DES-.	123	3			
Total <E>	**881**	**7**	**Total <E>**	**345**	**---**
		Posterior <O>			
"p[u]rque"	312	1	*"v[o]cê*[26]*"*	108	2
"c[u]migo"	48	2			
Total <O>	**360**	**3**	**Total <O>**	**108**	**2**
TOTAL	**1241**	**10**	**TOTAL**	**453**	**2**

Fonte: Elaboração própria.

Ao excluir estes dados foi possível observar o impacto da ausência dos dados quase categóricos, quando alguns resultados emergiram e que antes estavam despercebidos.Muitas das diferenças nos resultados se referem à interferência dos contextos adjacentes sobre as vogais médias pretônicas. Por exemplo, a variante alta ocorreu 183 vezes, nos itens *"m[i]nino/a/inho/inha"*, que possui contexto precedente Bilabial [m] e contexto seguinte Dental [n]. A retirada destes dados alterou a distribuição das variantes para os fatores Bilabial e Dental, o que implicou numa nova análise do programa sobre a interferência destes fatores na aplicação do alçamento.

Não houve diferenças significantes quanto ao condicionamento das variáveis sociais nesta variação, afinal estes contextos e itens são encontrados na fala de todos os participantes, o que não identifica nenhum fator social atuando nos dados excluídos.

Sem a retirada dos dados, eram 8977 ocorrências das vogais médias pretônicas e com a exclusão ficaram 7271 dados. Eram 5286 dados com a vogal <E> e 3691 dados com a vogal <O>, mas com a exclusão dos dados (quase) categóricos ficaram 4053 dados com a vogal <E> e 3218 com a vogal <O>. As Tabelas 4 e 5 a seguir expõem os percentuais das vogais médias pretônicas com a presença e a ausência destes casos (quase) categóricos.

[26] Não foram retirados dados "ocê" e "ucê" pois apresentaram variação.

TABELA 4[27] – Distribuição das variantes das variáveis dependentes <E> e <O> na fala dos iporaenses – **com** ocorrências (quase) categóricas

	Anterior <E>	**Posterior <O>**	**Anterior <E> e Posterior <O>**
ALTA [i, u]	1518/5286 = **28,82%**	1173/3691 = **31,78%**	2691/8977 = **29,97%**
FECHADA [e, o]	2109/5286 = **39,89%**	1223/3691= **33,13%**	3332/8977 = **37,11%**
ABERTA [ɛ, ɔ]	1659/5286 = **31,38%**	1295/3691 = **35,08%**	2954/8977 = **32,9%**

Fonte: Elaboração própria

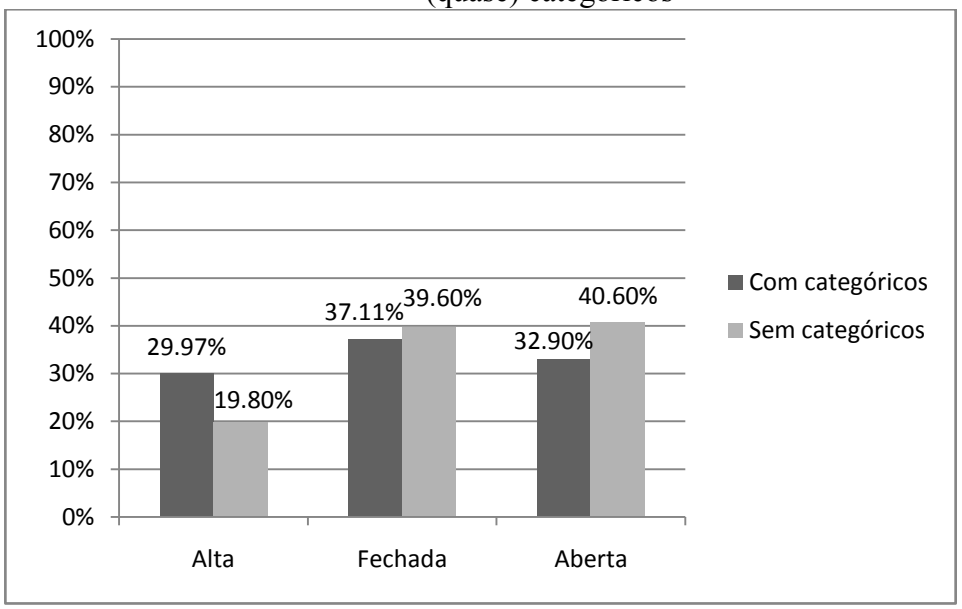
TABELA 5 – Distribuição das variantes das variáveis dependentes <E> e <O> na fala dos iporaenses – **sem** ocorrências (quase) categóricas

	Anterior <E>	**Posterior <O>**	**Anterior <E> e Posterior <O>**
ALTA [i, u]	630/4053 = **15,5%**	810/3218 = **25,2%**	1440/7271 = **19,8%**
FECHADA [e, o]	1764/4053 = **43,5%**	1113/3218 = **34,6%**	2877/7271 = **39,6%**
ABERTA [ɛ, ɔ]	1659/4053 = **40,9%**	1295/3218 = **40,2%**	2954/7271 = **40,6%**

Fonte: Elaboração própria

Ao comparar os resultados sobre a distribuição das variantes na fala iporaense, percebe-se que a predominância geral mudou de fechada [e, o] com 39,6% para aberta [ɛ, ɔ] com 40,6%, apesar de apenas 1% de diferença. No entanto, cada variável<E> e <O> continuou com a variante predominante, fechada [e] e aberta [ɔ] respectivamente. O percentual do alçamento das vogais médias pretônicas foi reduzido em até 13%, como para variável <E>. Veja no Gráfico 4 a seguir a diferença entre as rodadas.

GRÁFICO 4: Distribuição da variável dependente <E> e <O> *com* e *sem* dados (quase) categóricos

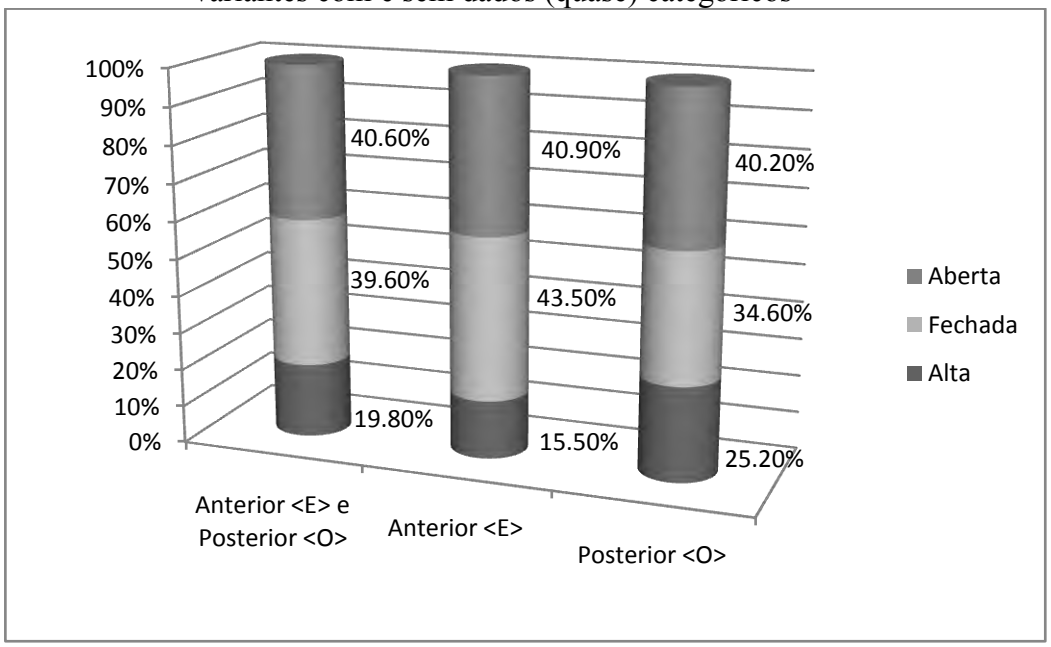


Fonte: Elaboração própria.

[27] Esta Tabela 4 é a mesma Tabela 3 e foi recolocada a fim de facilitar a comparação com a Tabela 5.

Sem os casos categóricos, os dados variáveis competem entre *variante aberta* e *fechada* com apenas 1% de diferença, ou seja, as variantes médias – aberta [ɛ, ɔ] e fechada [e, o] – ocupam cerca de 80% das escolhas fonéticas em Iporá. A distribuição das variantes sem os dados categóricos pode ser vista no Gráfico 5 a seguir.

GRÁFICO 5: Comparação da distribuição da variável <E>, <O> e <E> e <O> com as variantes com e sem dados (quase) categóricos



Fonte: Elaboração própria

Sabe-se das limitações de se fazer comparações entre os resultados de pesquisas, mas a fim de buscar um padrão de uso da média pretônica em Goiás, comparamos os resultados de Graebin (2008) para Formosa, Silva (2009) para Iporá, aos resultados obtidos com a presente análise.

TABELA 6 – Distribuição das variantes das variáveis dependentes <E> e <O> em Iporá (2009, 2013) e Formosa (2008)

		ALTA [i, u]	FECHADA [e, o]	ABERTA [ɛ, ɔ]
Iporá[28]	(SILVA, 2013[29])	1440/7271 = **19,8%**	2877/7271 = **39,6%**	2954/7271 = **40,6%**
Iporá	(SILVA, 2009)	413/1683 = **24,53%**	573/1683 = **34,04%**	697/1683 = **41,41%**
Formosa[30]	(GRAEBIN, 2008)	537/4123 = **13%**	2723/4123 = **66%**	863/4123 = **21%**

Fonte: Elaboração própria

[28] Sem dados (quase) categóricos.
[29] Trata-se da presente pesquisa
[30] Graebin (2008) tratou os dados com controle lexical, eliminando itens categóricos e quase categóricos.

A Tabela 6 mostra semelhanças e diferenças entre os resultados de 2009 e os resultados da pesquisa atual: em Iporá, a variante mais ocorrente continuou sendo a *aberta* (de 697/1683 = 41,1% em 2009 para 2954/7271 = 40,6%), que não são numericamente significantes; o fechamento aumentou passando de 34,04% (573/1683) para 39,6% (2877/7271) e o alçamento diminuiu (provavelmente pela retirada de ocorrências (quase) categóricas), de 24,53% (413/1683) para 19,8% (1440/7271); enquanto em 2009 a distribuição das variantes se apresenta mais equilibrada, na pesquisa atual as *variantes fechada* e *aberta* dominam cerca de 80% das ocorrências, praticamente pela metade.

A *variante alta* é a menos ocorrente nas três pesquisas (19,8%, 24,53%, 13%), enquanto a *fechada* é a mais pronunciada somente em Formosa (66%) e a *variante aberta* ocorre mais em Iporá, tanto na pesquisa de 2009 quanto na atual.

O alçamento tem sido encarado como um fenômeno supra-dialetal como já foi abordado no capitulo anterior, pois a variante alta apresenta se comportar de maneira semelhante nos diversos estudos e tendo percentual parecido em cada variedade.

O fechamento mostra porcentagens muito distantes entre as duas comunidades goianas. A comunidade de Formosa (2723/4123 = 66%) usa a *variante fechada* mais frequentemente que a de Iporá (2877/7271 = 39,6%), que pode ser justificado pelo contato de Formosa com Brasília, visto que a pesquisa com o mesmo fenômeno com a fala de Brasília apresenta resultados com mais de 70% de *fechamento* (CORRÊA, 1998, p.70).

O alto índice de abertura das vogais médias pretônicas na fala iporaense pode implicar aspectos do povoamento de Iporá, já que como exposto no primeiro capítulo, vieram famílias para morar em Iporá de vários lugares, principalmente de São Paulo, Minas Gerais, Nordeste, Mato Grosso e outras cidades goianas. As regiões Norte e Nordeste são conhecidas pela realização *aberta* das vogais médias pretônicas[31]. Assim, pode ser que a *variante aberta* em Iporá se relacione com a presença de famílias nordestinas que migraram à procura de qualidade de vida em algum período da ocupação de Iporá. Esta relação será verificada através de uma variável independente denominada "Origem".

Formosa, que é geograficamente mais próxima da região Nordeste, exibiu porcentagens de *variantes abertas* (863/4123 = 21%) menores que Iporá, localizado ao Oeste Goiano, a caminho do Mato Grosso. Ou seja, se compararmos a distância geográfica que

[31] O artigo de Myrian Barbosa da Silva (1991) sobre a fala culta de Salvador revela a predominância das vogais abertas. Os totais percentuais encontrados são: [u] 24,9%, [i] 20,3%, [o] 17,3%, [e] 19,4%, [ɔ] 57,8%, [ɛ] 60,3%. Apesar de este trabalho merecer uma comparação mais abrangente à fala baiana, isto será feito de maneira breve aqui e uma maior explanação deve ficar para o seguimento do trabalho. Em Iporá, a variante [ɔ] teve 40,2% e a variante[ɛ] teve 40,9%, que possuem quase de 20% de diferença dos dados de Salvador. Ou seja, apesar de em Iporá o número de abertura ser expressivo, não é tanto quanto na fala baiana.

Formosa e Iporá estão das regiões que realizam a pretônica a aberta, no Norte e Nordeste brasileiro, a ideia é de que a comunidade mais próxima, no caso, Formosa, tivesse tendência à abertura. Graebin (2008) afirma que, no estudo de Nascentes, Formosa fazia parte do Subfalar Baiano, e continua sendo, embora em um nível intermediário, já que as taxas de abertura da pretônica não correspondem, mas também não se assemelham com o comportamento linguístico dos brasilienses.

Outras motivações para a realização de cada variante podem ser observadas por meio da correlação com variáveis independentes linguísticas e sociais. É importante relembrar que as rodadas foram binárias: alçamento x fechamento/abertura; fechamento x alçamento/abertura; e abertura x alçamento/fechamento. Foram realizadas 6 (seis) rodadas no programa GoldVarb para compor os resultados desta pesquisa: 3 (três) com a vogal pretônica anterior <E> e 3 (três) com a posterior <O>. Estas seis rodadas foram distribuídas assim para analisar tais fenômenos:

a) 1ª rodada: Alçamento de <E>
b) 2ª rodada: Alçamento de <O>
c) 3ª rodada: Fechamento de <E>
d) 4ª rodada: Fechamento de <O>
e) 5ª rodada: Abertura de <E>
f) 6ª rodada: Abertura de <O>

A Tabela 7 expõe a ordem de seleção das variáveis independentes geradas pelo programa:

TABELA 7: Ordem de seleção das variáveis independentes

	Alçamento		**Fechamento**		**Abertura**	
	[i][32]	[u][33]	[e][34]	[o][35]	[ɛ][36]	[ɔ][37]
Altura da vogal seguinte	1	2	1	1	1	1
Contexto precedente	4	3	6	4	7	4
Contexto Seguinte	2	1		5	3	2
Classe Gramatical	3	5	2	6	2	3
Distância da Tônica	6	4		2	6	6
Sexo/gênero			4		4	
Idade		6		3		
Escolaridade	5	8	3	7		7
Origem		7	5		5	5

Fonte: Elaboração própria

[32] Significance = 0.000.
[33] Significance = 0.039.
[34] Significance = 0.008.
[35] Significance = 0.020.
[36] Significance = 0.005.
[37] Significance = 0.008.

De acordo com a Tabela 7, as variáveis independentes, de natureza *linguística*, apresentam mais influência nesta variação do que as sociais, tendo em vista que quase todas as linguísticas foram selecionadas (apenas o fechamento de <E> não selecionou duas variáveis linguísticas), ocupando os primeiros lugares enquanto as variáveis sociais foram selecionadas nas últimas colocações, além de algumas serem eliminadas por não apresentarem significação na aplicação de alguma variante da variável dependente.

Primeiro, serão apresentados os resultados referentes às variáveis independentes linguísticas e depois as variáveis independentes sociais, para cada variável dependente <E> e <O>, respectivamente, por acreditar que possam ter motivações diferentes já que têm traços de anterioridade e arredondamento diferenciados.

4.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS

4.2.1 Altura da vogal seguinte

4.2.1.1 Variável dependente anterior <E>

Através da análise da variável "*Altura da Vogal Seguinte*" é possível concluir se há ou não interferência da vogal seguinte na realização da variável <E>. A Tabela 8 apresenta os resultados do efeito desta variável no comportamento desta vogal pretônica.

TABELA 8: Efeito da Altura da vogal seguinte na realização da variável dependente <E>

		ALÇAMENTO			FECHAMENTO			ABERTURA		
Vogais Seguintes Orais	[i]	396/852 = 46,5%	**0.938**	*cons**[i]**gui*	328/852 = 38,5%	0.473	*t**[e]**rminei*	128/852 = 15%	0.277	*p**[ɛ]**rdido*
	[u]	24/151 = 15,9%	**0.779**	*r**[i]**sumi*	99/151 = 65,6%	**0.672**	*J**[e]**sus*	28/151 = 18,5%	0.290	*d**[ɛ]**putado*
	[e]	34/675 = 5%	0.322	*cont**[i]**cê*	631/675 = 93,5%	**0.961**	*m**[e]**xero*	10/675 = 1,5%	0.026	*s**[ɛ]**cretaria*
	[o]	14/353 = 4%	0.171	*t**[i]**sora*	319/353 = 90,4%	**0.937**	*corr**[e]**dor*	20/353 = 5,7%	0.119	***[ɛ]**voluiu*
	[ɛ]	18/185 = 9,7%	0.413	*d**[i]**zèssete*	9/185 = 4,9%	0.050	*r**[e]**médio*	158/185 = 85,4%	**0.942**	*v**[ɛ]**nènosa*
	[ɔ]	8/213 = 3,8%	0.227	*m**[i]**lhor*	18/213 = 8,5%	0.090	*p**[e]**ssòalmente*	187/213 = 87,8%	**0.950**	*T**[ɛ]**ófilo*
	[a]	2/798 = 3,1%	0.181	*d**[i]**vagá*	109/798 = 13,7%	0.133	*v**[e]**rdade*	664/798 = 83,2%	**0.930**	*fèst**[ɛ]**já*
Vogais Seguintes Nasais	[ĩ]	32/137 = 23,4%	**0.839**	*s**[i]**ringa*	53/137 = 38,7%	0.366	*Vand**[e]**rvino*	52/137 = 38%	**0.579**	*p**[ɛ]**rtim*
	[ũ]	17/40 = 42,5%	**0.934**	*s**[i]**gundo*	16/40 = 40%	**0.598**	*d**[e]**núncia*	7/40 = 17,5%	0.181	*p**[ɛ]**rguntano*
	[ẽ]	48/313 = 15,3%	0.550	*nov**[i]**cento*	54/313 = 17,3%	0.184	*compr**[e]**endê*	211/313 = 67,4%	**0.865**	*compl**[ɛ]**menta*
	[õ]	1/28 = 3,6%	0.522	*r[i]conhece*	7/28 = 25%	0.263	*r**[e]**spondê*	20/28 = 71,4%	**0.798**	*rinonc**[ɛ]**ronte*
	[ã]	13/308 = 4,2%	0.267	***[i]**xame*	121/308 = 39,3%	0.458	*isp**[e]**rança*	174/308 = 56,5%	**0.729**	*intèr**[ɛ]**ssante*
TOTAL		**630/4053 = 15,5%**			**1764/4053 = 43,5%**			**1659/4053 = 40.9%**		

Fonte: Elaboração própria

A visualização da Tabela 8 com todos os fenômenos permite reconhecer algumas tendências, com base nas porcentagens e pesos relativos produzidos pelo programa. O alçamento de <E> é favorecido pelas vogais [i] (0.938), [u] (0.779), [ĩ] (0.839) e [ũ] (0.934), justamente as vogais altas orais e nasais. A vogal [ẽ] (0.550) também demonstra um leve favorecimento, mas com tendência à neutralidade. É interessante notar que as vogais seguintes [i] (396/852 = 46,5%) e [ũ] (17/40 = 42,5%) têm as maiores ocorrências da variante alta [i], entretanto as vogais seguintes [u] (24/151 = 15,9%) e [ĩ] (32/137 = 23,4%) têm as menores. Com isto, entende-se que a homorganicidade entre a variável dependente <E> e a vogal seguinte não é suficiente para seu alçamento. Somente a vogal seguinte [õ] tende à neutralidade (0.522) para o alçamento, enquanto as outras o inibem, sendo as vogais [o] (0.171) e [a] (0.181) as mais inibidoras.

O fechamento é favorecido pelas vogais seguintes [u] (0.672), [e] (0.961), [o] (0.937) e [ũ] (0.598). Asvogais seguintes orais médias-altas [e] e [o] tem pesos relativos tecnicamente iguais e são as maiores favorecedoras de fechamento, o que indica a assimilação da altura da vogal seguinte, independente se é anterior ou posterior, sendo que a homorgânica é pouco mais favorecedora do que posterior.

As vogais seguintes posteriores altas [u] e [ũ] favorecem o fechamento, mesmo que com pesos não tão significativos. A vogal [u] tem expressiva porcentagem (99/151 = 65,6%), inclusive mais que de alçamento (24/151 = 15,9%). A vogal nasal alta posterior [ũ] favorece o fechamento, mas as médias [ẽ] e [õ] tendem a inibi-lo. Isto indica que a variável <E> não assimila a altura das vogais nasais, como das orais.

As vogais seguintes com pesos relativos próximos ao ponto neutro são [i] (0.473) e [ã] (0.458). Observa-se pesos muito inibidores ao fechamento em vogais seguintes orais médias-baixas [ɛ] (0.050) e [ɔ] (0.090) e baixa [a] (0.133), ou seja, as médias-baixas e a baixa. Isto implica que as alturas mais baixas das vogais orais [ɛ, ɔ, a] seguintes sejam mais inibidoras do fechamento.

As vogais orais favorecedoras da abertura são [ɛ] (0.942), [ɔ] (0.950) e [a] (0.930), que possuem efeito semelhante.Aqui é possível pensar que a altura da vogal seguinte média-baixa e baixa interfere na realização da vogal pretônica abrindo-a, independente da homorganicidade, afinal [ɔ] (0.950)seguinte tem peso relativo mais alto que [ɛ](0.942). Cristófaro Silva (2002, p. 83) afirma esta tendência de abertura se a vogal tônica for média-

baixa. Apesar de se tratar da vogal seguinte, e não da tônica[38], esta tendência é confirmada nos dados produzidos por iporaenses.

A abertura é favorecida pelas vogais seguintes nasais [ĩ] (0.579), [ẽ] (0.865), [õ] (0.798), [ã] (0.729), ou seja, somente [ũ] (0.181) inibe a abertura. Assim, a hipótese de que a vogal seguinte nasal, como em Silva (2009), tende a influenciar a vogal pretônica a abrir é confirmada, com exceção para a posterior alta [ũ].

Cristófaro Silva (2002, p.82-84), quanto à ocorrência de vogais *aberta*s [ɛ, ɔ] em posição pretônica, observa a derivação com os sufixos –mente, -inh, -zin ou -íssim motivadora da abertura e afirma que este comportamento "parece ser uniforme para o português de um modo geral". Dos sufixos sugeridos por Cristófaro Silva, apenas -íssim não tem vogal nasal, pois os outros tem a vogal nasal [ẽ] e [ĩ]. Assim, a nasalidade dos sufixos pode ser motivadora desta abertura.

Nos dados da fala de Iporá, os sufixos -inh e –zinh são os mais comuns em dados com [ĩ] na vogal seguinte (p[ɛ]rtim, z[ɛ]rim, p[ɛ]linha, Z[ɛ]zim, pr[ɛ]zim) e tônica (cons[ɛ]rvadinha, l[ɛ]vizim). Alguns exemplos com o sufixo -mente são "g[ɛ]ralmente, dir[ɛ]tamente, r[ɛ]almente, r[ɛ]centemente".

Destes exemplos extraídos dos dados, além de sufixo –inh e –zinh, eles têm em comum a tônica aberta na palavra primitiva, que são "p[ɛ]rto, z[ɛ]ro, p[ɛ]le, Jos[ɛ], pr[ɛ] (prefixo – pré-escolar), cons[ɛ]rva, l[ɛ]ve, dir[ɛ]to", exceto "geral" que a tônica é [aw]. Algumas pesquisas analisam isto como variável linguística "Atonicidade", dividida em fatores de átona permanente (geralmente) e átona casual (pertim).

Outra observação de Cristófaro Silva (2002) é de que [ẽ, õ] em vogal tônica favorecem a abertura das vogais pretônicas, como já foi confirmado acima, não só as vogais médias nasais, mas [ĩ] e [ã].

Quanto às vogais seguintes nasais, são observados comportamentos diferenciados quanto à cada variante: a *variante alta* [i] assimila o traço [+ alto] das vogais seguintes nasais [ĩ] (0.839) e [ũ] (0.934); a *variante fechada* [e] é menos favorecida por [ũ] (0.598); e a *variante aberta* [ɛ] é favorecida por todas as alturas das vogais seguintes nasais, exceto pela vogal alta posterior [ũ] (0.181).

Graebin (2008) também teve resultados semelhantes, quando as vogais seguintes altas nasais [ĩ] e [ũ] favorecem o alçamento, sinal de harmonização com a vogal alta, [ũ] não

[38] As vogais seguintes geralmente são as vogais tônicas, como pode ser constatado na análise da variável "Distância da sílaba tônica".

favorece a abertura, mas, segundo os dados dela, nenhuma vogal seguinte nasal é favorecedora do fechamento.

Fica evidente que as vogais seguintes orais e nasais têm comportamentos diferentes para cada variante, enquanto as orais exibem um padrão de assimilação da altura da vogal seguinte, como mostra a Tabela 9. Os pesos foram obtidos ao amalgamar as vogais seguintes altas, as médias-altas e as médias-baixas.

TABELA 9: Pesos relativos distribuídos por Altura da vogal seguinte oral na realização da variável <E>

	Alçamento[39]	**Fechamento**[40]	**Abertura**[41]
Altas [i,u]	**0.919**	0.507	0.273
Média-Alta [e, o]	0.257	**0.954**	0.052
Média-Baixa [ɛ, ɔ]	0.345	0.069	**0.942**
Baixa [a]	0.191	0.132	**0.924**

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 9 mostra que: o que favorece o alçamento da vogal pretônica são as vogais altas (0.919), na sílaba seguinte; o fechamento é favorecido pelas vogais médias- altas (0.954); a variável <E> tende a abrir quando seguida de vogal média-baixa (0.942) e baixa (0.924).

No geral, os pesos numericamente mais significativos demonstram que a variável <E> assimila a altura da vogal seguinte oral, ou seja, a vogal seguinte apresenta-se determinante na realização da pretônica, de forma a induzir a altura dela. Chama atenção que a *variante fechada* na Tabela 8 tinha a vogal alta [u] como favorecedora, mas, nesta nova rodada que amalgamou as vogais altas [i] e [u], elas apresentam-se neutras quanto à realização do fechamento.

Nos dados, pode ser atestado que existe harmonização vocálica na fala de Iporá e que atua na variável<E> nas três alturas: alta, fechada e aberta. Esses resultados confirmam a harmonização vocálica encontrada em Silva (2009). No entanto, em Formosa, Graebin (2008, p.164) afirma que "essa expectativa não se confirmou" quanto aos dados orais. Esta informação evidencia mais uma diferença entre estes dois falares goianos.

4.2.1.2 Variável dependente posterior <O>

A Tabela 10 apresenta os resultados do efeito desta variável no comportamento da variável <O>.

[39]Significance = 0.000.
[40]Significance = 0.006.
[41]Significance = 0.006.

TABELA 10: Efeito da Altura da vogal seguinte na realização da variável dependente <O>

		ALÇAMENTO			FECHAMENTO			ABERTURA		
Vogais Seguintes Orais	[i]	290/579 =50,1%	**0.924**	*c**[u]**mida*	194/579 = 33,5%	0.429	*cardiol**[o]**gista*	95/579 = 16,4%	0.208	*h**[ɔ]**rrível*
	[u]	50/133 = 37,6%	**0.897**	*gr**[u]**ssura*	67/133 = 50,4%	**0.701**	*d**[o]**cumento*	16/133 = 12%	0.094	*p**[ɔ]**pulação*
	[e]	169/596 = 28,4%	**0.551**	*m**[u]**reninha*	396/596 = 66,4%	**0.852**	*m**[o]**rrê*	31/596 = 5,2%	0.103	*pr**[ɔ]**tegê*
	[o]	9/205 = 4,4%	0.097	*v**[u]**ô*	191/205 = 93,2%	**0.978**	*nam**[o]**rô*	5/205 = 2,4%	0.035	*m**[ɔ]**tocicleta*
	[ɛ][ɔ]	64/305 = 21%	0.495	*c**[u]**mèçada*	29/305 = 9,5%	0.186	*c**[o]**mèrcial*	212/305 = 69,5%	**0.825**	*inc**[ɔ]**mòdado*
	[a]	92/835 = 11%	0.223	*alm**[u]**çava*	85/835 = 10,2%	0.198	*c**[o]**brá*	658/835 = 78,8%	**0.910**	*Ip**[ɔ]**rá*
Vogais Seguintes Nasais	[ĩ]	53/174 = 30,5%	**0.667**	*d**[u]**mingo*	46/174 = 26,4%	0.375	*t**[o]**dim*	75/174 = 43,1%	**0.708**	*s**[ɔ]**zim*
	[ẽ]	70/203 = 34,5%	0.385	*d**[u]**ença*	30/203 = 14,8%	0.308	*pr**[o]**blema*	103/203 = 50,7%	**0.829**	*c**[ɔ]**rreno*
	[ã][õ] [ũ]	13/188 = 6,9%	0.121	*v**[u]**ano*	75/188 = 39,9%	**0.630**	*g**[o]**rdona*	100/188 = 53,2%	**0.702**	*pr**[ɔ]**fundo*
TOTAL		**810/3218 = 25,2%**			**1113/3218 = 34,6%**			**1295/3218 =40,2%**		

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 10 acima não contém um fator para cada vogal seguinte, pois houve nocautes quanto à realização da variável <E> de algumas vogais seguintes. Nesses casos, decidiu-se por amalgamar as vogais médias-baixas [ɛ] e [ɔ], e as nasais posteriores [õ] e [ũ] e a central [ã] em um só fator, conforme os resultados que mais se assemelhavam.

Observando verticalmente a Tabela 10, percebe-se que o alçamento da variável <O> é favorecido pelas vogais [i] (0.924), [u] (0.897), [ĩ] (0.667) e [e] (0.551), sendo que apenas a vogal [e] que não é uma vogal alta, mas média-alta. O peso relativo desta vogal mostra que, apesar de favorecer a aplicação do alçamento, há uma tendência à neutralidade, portanto é o fator menos significante que as vogais seguintes altas.

É interessante observar que a vogal seguinte [u] não tem a maioria das ocorrências da pretônica alçadas (50/133 = 37,6%), mas sim fechadas (67/133 = 50,4%). O peso relativo das vogais seguintes altas permite afirmar que a vogal não-homorgânica [i] (0.924) é mais influente na realização do alçamento da variável <O> do que a homorgânica [u] (0.897).

Quanto às nasais, o alçamento é favorecido apenas pela vogal alta anterior [ĩ] (0.667). Não houve realizações com a variante alta tendo a vogal seguinte nasal [ũ], somente fechada (*c**[o]**mum (2), inv**[o]**luntariamente, c**[o]**rcunda*) e aberta (*v**[ɔ]**lume, pr**[ɔ]**fundo*). A vogal [õ] também não tem nenhuma ocorrência alta. O fator que engloba estas vogais é inibidor ao alçamento [ã, õ, ũ] (0.121), assim como [o] (0.097), [a] (0.223), [ẽ] (0.385). As vogais seguintes média-baixa [ɛ, ɔ] (0.495) são neutras para a aplicação de alçamento.

Os pesos relativos para alçamento da variável <O> revelam que há uma assimilação da altura das vogais seguintes orais [i] e [u] e a nasal [ĩ] para a pretônica e que as vogais homorgânicas tendem menos ao alçamento de <O>, ou seja, a tendência de a pretônica alçar é mais forte com a vogal seguinte [i] do que de com [u], [o] é mais inibidor do que [e] e nem houve ocorrências de [ũ] e [õ]. A não-homorganicidade parece atuar para o alçamento da variável posterior <O>.

Para a variável <E>, as vogais seguintes homorgânicas orais têm mais efeito de alçar a pretônica, mas quando as vogais seguintes são nasais não se aplica esta ideia, pois [ũ] é mais favorecedor que [ĩ]. Com isto, é possível afirmar que não se trata de a homorganicidade se comportar como mais favorecedora ou inibidora, mas sim de as vogais seguintes orais anteriores [i, e, ɛ] apresentarem mais influência sobre o alçamento da pretônica, seja ela anterior <E> ou posterior <O>.

Quanto à aplicação da variante fechada, o fechamento de <O> é induzido pelas vogais seguintes [u] (0.701), [e] (0.852), [o] (0.978) e [ã, õ, ũ] (0.630). O alto índice de

fechamento com vogais seguintes média-altas [e] e [o] permite reconhecer que pode ocorrer a assimilação regressiva da altura da vogal seguinte, que será testada mais adiante.

Dentre as vogais seguintes, as vogais homorgânicas são mais favoráveis ao fechamento do que as não-homorgânicas, pois, a vogal [o] é mais favorecedora do que [e], [u] favorece enquanto [i] desfavorece (0.42) e [ã, õ, ũ] na sílaba seguinte tende a fechar a variável <O>, ao passo que [ĩ] (0.375) e [ẽ] (0.308) a desfavorecem. Assim, as vogais homorgânicas da variável <O> tendem ao fechamento.

Para a variável<E>, a vogal não-homorgânica tem mais atuação no fechamento, com exceção das médias-altas em que [o] (0.937) favorece menos que [e] (0.961). Assim, para o fechamento das variáveis<E> e <O>, é possível afirmar que não se trata de (não-) homorganicidade na aplicação do fechamento, mas sim de as vogais seguintes orais posteriores [u, o, ɔ] terem mais influência no fechamento da pretônica do que as anteriores.

As vogais posteriores oral [u] (67/133 = 50,4%) e nasal [ũ] (4/6 = 66,6%) ocorrem mais com a pretônica fechada. As vogais seguintes mais inibidoras do fechamento são as médias-baixas [ɛ, ɔ] (0.186) e a baixa [a] (0.198).

A altura das vogais seguintes [ɛ, ɔ] (0.825) e [a] (0.910) tem efeito na aberturada variável <O>. Ao verificar os pesos relativos, percebe-se que são expressivos tanto para a aplicação da abertura por vogais seguintes mais baixas [a, ɛ, ɔ], como para sua inibição por vogais não-baixas, como as altas [i] (0.208) e [u] (0.094) e as médias-altas [e] (0.103) e [o] (0.035).

A abertura de <O> é favorecida por todas as vogais seguintes nasais - [ĩ] (0.708), [ẽ] (0.829) e [ã, õ, ũ] (0.702). Assim, confirma-se a hipótese de que a vogal seguinte nasal tende a abrir a vogal pretônica sem exceção, ao contrário da variável<E> em que [ũ] não favorece a abertura.

Dos dados com a vogal seguinte [ĩ], há os que possuem os sufixos –inh e –zinh, como foi observado para a variável<E>. Foram extraídos dados com variável <O> seguida da vogal [ĩ] com os sufixos citados. Os itens que tiveram a variável <O>: alçada são *"còrreg**[u]**zim, romantic**[u]**zim, discuid**[u]**zim, impreg**[u]**zinho*"; fechada são "*m**[o]**cinha, t**[o]**dim/nha, p**[o]**stim, n**[o]**vim, d**[o]**cim, trat**[o]**rzim, h**[o]**mim, b**[o]**rrinha, mot**[o]**zim, r**[o]**squinha, r**[o]**xinha, cab**[o]**quim*"; e aberta são "*l**[ɔ]**guim, b**[ɔ]**linha, h**[ɔ]**rinha, n**[ɔ]**vinha, v**[ɔ]**ltinha, mic**[ɔ]**sinha, ag**[ɔ]**rinha, isc**[ɔ]**linha, hist**[ɔ]**rinha, c**[ɔ]**rguim, m**[ɔ]**tinha, r**[ɔ]**dinha, ab**[ɔ]**brinha"*.

Visualizar estas ocorrências permite observar que as pretônicas que foram alçadas têm apenas o sufixo –zinh e apenas outros dois itens com este sufixo tiveram a pretônica

fechada (*tratorzim* e *motozim*). Em palavras com o sufixo –inh, a variável <O> se manteve fechada ou abriu. Chama a atenção que a aplicação do fechamento ou da abertura é dependente da altura da vogal tônica primitiva, ou seja, "*m**[o]**cinha*" e "*m**[ɔ]**tinha*" são derivados de "*m**[o]**ça*" e "*m**[ɔ]**to"* e carregam a altura da vogal tônica da palavra primitiva para a pretônica da palavra derivada.

Para verificar se a harmonização vocálica da variável <O> com as vogais seguintes é encontrada nos dados, a seguir, a Tabela 11 apresenta os pesos relativos referentes à rodada que une as vogais anteriores e posteriores nas alturas devidas.

TABELA 11: Pesos relativos distribuídos por altura da vogal seguinte oral na realização da vogal média pretônica <O>

	Alçamento[42]	**Fechamento**[43]	**Abertura**[44]
Alta [i,u]	**0.908**	0.510	0.175
Média-Alta [e, o]	0.424	**0.899**	0.079
Média-Baixa [ɛ, ɔ]	0.469	0.198	**0.825**
Baixa [a]	0.242	0.179	**0.913**

Fonte: Elaboração própria

Os realces em negrito ajudam a evidenciar que cada altura favorece a mesma altura da pretônica: o alçamento de <O> é favorecido pela altura mais alta das vogais [i, u] (0.908), o fechamento é favorecido pela altura média-alta (0.899) e a abertura é favorecida pelas alturas mais baixas - média-baixa (0.825) e baixa (0.913). Os altos pesos relativos favorecendo a aplicação da altura da vogal seguinte na pretônica, assim como a inibição pelas outras alturas, indicam que a harmonização vocálica ocorre também para a variável <O>.

O traço alto das vogais seguintes obteve peso relativo que indica neutralidade na aplicação do fechamento (0.510), mesmo que as vogais altas separadas apresentassem comportamento inverso quanto ao fechamento de <O>, [i] (0.429) inibindo e [u] (0.701) favorecendo. Isto demonstra que o favorecimento de [u] para o fechamento de <O> não é suficiente para tornar esta altura favorecedora também, antes neutra.

Assim como com a variável<E>, Iporá apresenta harmonização vocálica nos dados com a variável <O>, embora que os pesos relativos indiquem que seja menos influenciado.

Em Formosa, Graebin (2008) não notou a altura das vogais como determinantes da realização pretônica. É comum entre os resultados de Formosa e Iporá que: as vogais seguintes [i] (0.579), [u] (0.645) e [e] (0.717) favoreçam o alçamento, embora em Formosa os pesos relativos sejam menos expressivos; [u] e [o] favoreçam o fechamento, mas a vogal [e]

[42]Significance = 0.003.
[43]Significance = 0.003.
[44]Significance = 0.008.

(0.332) tende a inibir o fechamento em Formosa, enquanto em Iporá o provoca; as vogais [ɛ], [ɔ] e [a] favorecem a abertura de <O>, mas com pesos reduzidos em relação a Iporá, 0.595, 0.574 e 0.555 respectivamente; as vogais seguintes nasais [ẽ] e [ã] favorecem a abertura, mas em Iporá todas as nasais favorecem a abertura.

4.2.2 Contexto Precedente

4.2.2.1 Variável dependente anterior <E>

A variável "*Contexto precedente*" está sendo observada para verificar quais sons (ou pausa) que precedem imediatamente a vogal pretônica favorecem cada variante. A tabela 12 a seguir exibe os resultados obtidos para o alçamento de <E>:

TABELA 12: Efeito do Contexto Precedente sobre o alçamento da variável dependente <E>

FATORES	PORCENTAGEM	PESO REL.[45]	EXEMPLOS
Pausa	37/177 = 20,9%	**0.839**	***[i]****ducação*
Fronteira de palavra	6/38 = 15,8%	**0.717**	*ness'**[i]**xame*
Bilabiais [p, b, m]	173/924 = 18,7%	**0.753**	*p**[i]**dido*
Labiodentais [f, v]	27/373 = 7,2%	0.380	*f**[i]**rida*
Dentais			
[t, tʃ, d, dʒ, n, ɾ, l]	51/776 = 6,6%	0.309	*int**[i]**ado*
Início DE –	47/198 = 23,7%	**0.594**	*d**[i]**vagazim*
Palatais [ɲ, ʎ]	30/51 = 58,8%	**0.627**	*cunh**[i]**cia*
Velares [k, g]	58/158 = 36,7%	**0.816**	*qu**[i]**ria*
Glotal [h]	13/333 = 3,9%	0.152	*r**[i]**cibido*
Sibilantes [s , z, ʃ, ʒ]	112/709 = 15,8%	0.337	*s**[i]**rviço*
[pɾ, bɾ]	66/198 = 33,3%	**0.760**	*pr**[i]**ciso*
[tɾ, dɾ, fɾ]	2/31 = 6,5%	0.393	*tr**[i]**mei*[46]
[kɾ, gɾ]	5/54 = 9,3%	0.304	*magr**[i]**ci*
[pl, bl, fl]	1/11 = 9,1%	0.519	*simpl**[i]**smente*
Vogais	2/22 = 9,1%	0.422	*du**[i]**ci*[47]
TOTAL	**630/4053 = 15,5%**		

Fonte: Elaboração própria

O alçamento é favorecido pelo fator "Pausa" com peso relativo de 0.839. Esse fator permite inferir que, se a "Pausa" é o contexto precedente, a vogal pretônica ocupa a posição inicial na palavra, com isso, a posição inicial é favorecedora do alçamento. É interessante

[45] PESO RELATIVO
[46] "tr[i]mei" é a realização da palavra "*entremeio*".
[47] "du[i]ci" é a realização da palavra "*adoeci"*.

observar que mesmo com a exclusão de 457 ocorrências que iniciavam com ES- (sendo 32 em "Fronteira de Palavra") e tendo apenas 20,9% (37/177) das ocorrências, a posição inicial da palavra (0.839) continua sendo forte favorecedora do alçamento, assim como de "Fronteira de palavra" (0.717).

A variável <E> em "Fronteira de palavra" também ocupa a posição inicial, afinal, na pronunciação de uma frase pelo participante, a última consonante da palavra que vem antes forma sílaba com a pretônica inicial da outra palavra. As palavras que ocorrem com a pretônica alta são "*exame*" ou "*exemplo*".

Os outros contextos precedentes que favorecem o alçamento são: as consoantes "Bilabiais" (0.753), as "Palatais" (0.627), as "Velares" (0.816), "Início DE-" (0.594) e os encontros consonantais "[pɾ, bɾ]" (0.760). Os encontros consonantais [pɾ] e [bɾ] são compostos pelas bilabiais orais [p, b] e pela tepe [ɾ], sendo que nenhum outro encontro consonantal o favorece, antes inibindo-o. O que parece acontecer com "[pɾ, bɾ]" é o ponto de articulação da primeira consoante ser bilabial e ter comportamento favorecedor ao alçamento semelhante às consoantes "Bilabiais" (0.753), não havendo relação com a consoante imediatamente precedente [ɾ]. O traço labializado das consoantes "Bilabiais" é sugerido por Bisol (1981) como favorecedor do alçamento, principalmente da vogal posterior, pela configuração arredondada dos lábios, mas nos dados colhidos em Iporá, assim como em outras comunidades, favorece a anterior <E>.

A influência das consoantes palatais e velares também é justificada por Bisol (1981) sehunda a qual o traço mais alto destas consoantes favorece o alçamento da vogal pretônica, confirmado aqui para a variável anterior <E> em posição precedente.

A variável<E> de palavras que iniciam com "DE-" tende a alçar (0.594) mesmo que o percentual seja baixo (47/198 = 23,7%)[48]. Este resultado é interessante porque, mesmo sem os 126 inícios de palavra com DES-, a tendência de alçamento continua independente da presença de [s] em sílaba seguinte.

A Tabela 13 mostra os resultados quanto ao fechamento da variável<E>.

[48] É válido lembrar que o alçamento da vogal <E> também promove o processo de palatalização das oclusivas alveolares quando precedem a pretônica: [d] para [dʒ].

TABELA 13: Efeito do Contexto Precedente sobre o fechamento da variável dependente <E>

FATORES	PORCENTAGEM	PESO REL.	EXEMPLOS
Pausa	78/177 = 44,1%	0.510	***[e]****ducação*
Fronteira de palavra	12/38 = 31,6%	0.534	*pur'**[e]**xemplo*
Bilabiais [p, b, m]	382/924= 41,3%	0.406	*p**[e]**lejô*
Labiodentais [f, v]	161/373 =43,2%	**0.557**	*rev**[e]**Lou*
Dentais *[t, tʃ, d, dʒ, n, ɾ, l]*	358/776 = 46,1%	**0.548**	*fal**[e]**ceu*
Início DE -	80/198 = 40,4%	0.479	*d**[e]**veria*
Palatais [ɲ, ʎ]	20/51 = 39,2%	0.274	*conh**[e]**cê*
Velares [k, g]	61/158 = 38,6%	0.409	*qu**[e]**stão*
Glotal [h]	131/333 = 39,3%	0.507	*r**[e]**crei*
Sibilantes [s , z, ʃ, ʒ]	340/709 = 48%	**0.567**	*ch**[e]**gá*
[pɾ, bɾ]	78/198 = 39,4%	0.441	*sobr**[e]**vivê*
[tɾ, dɾ, fɾ]	14/31 = 45,2%	**0.555**	*intr**[e]**GO*
[kɾ, gɾ]	34/54 = 63%	**0.758**	*igr**[e]**jinha*
[pl, bl, fl]	2/11 = 18,2%	0.395	*supl**[e]**tivo*
Vogais	13/22 = 59,1%	**0.654**	*a**[e]**romodelo*
TOTAL	**1764/4053 = 43,5%**		

Fonte: Elaboração própria

Segundo os pesos relativos, o fechamento da variável<E> é mais favorecido pelos encontros consonantais "[kɾ, gɾ]" (0.758). As primeiras consoantes destes encontros consonantais são velares [k, g], mas não têm relação com o fator consoante "Velares", porque este tende a restringir o fechamento com peso 0.409.

As "Vogais" formando hiato com a variável<E> tendem a fechar a vogal pretônica (0.654). O fechamento também é favorecido pelos encontros consonantais "[tɾ, dɾ, fɾ]", embora timidamente (0.555). As primeiras consoantes destes encontros são fatores favorecedores do fechamento – "Dentais" [t, tʃ, d, dʒ, n, ɾ, l] (0.548) e "Labiodentais" [f, v] (0.557).

Os fatores que se apresentam neutros para a aplicação do fechamento são: "Início DE-" (0.479), a consoante "Glotal" (0.507), a "Pausa" (0.510), a "Fronteira de Palavra" (0.534). A "Pausa" (0.510) como contexto precedente, apesar de ter a maioria das pretônicas fechadas com 44,1% (78/177), se mostra neutra para o fechamento.

As consoantes "Sibilantes" – alveolar [s, z] e alveopalatal [ʃ, ʒ] –, em contexto precedente, tendem a fechar a variável<E> (0.567), sendo desfavoráveis ao alçamento (0.337). Aliás, todos os fatores que são favorecedores para o fechamento não são para o alçamento, e vice-versa. Assim, pode-se concluir que estas consoantes em contexto

precedente são favorecedoras do fechamento em contradição ao alçamento, evidenciando uma dualidade entre essas variantes.

Em seguida, a Tabela 14 mostra o resultado do efeito sobre a *variante aberta.*

TABELA 14: Efeito do Contexto Precedente sobre a abertura da variável dependente <E>

FATORES	PORCENTAGEM	PESO REL.	EXEMPLOS
Pausa	62/177 = 35%	0.406	***[ɛ]****xceção*
Fronteira de palavra	20/38 =52,6%	**0.561**	*fal'**[ɛ]**rrado*
Bilabiais [p, b, m]	369/924= 39,9%	0.468	*m**[ɛ]**lhores*
Labiodentais [f, v]	185/373 =49,6%	0.469	*v**[ɛ]**lório*
Dentais			
[t, tʃ, d, dʒ, n, r, l]	367/776 = 47,3%	**0.570**	*b**[ɛ]**tèrraba*
Início DE -	71/198 = 35,9%	0.470	*d**[ɛ]**nunciada*
Palatais [ɲ, ʎ]	1/51 = 2%	0.259	*cunh**[ɛ]**ceno*
Velares [k, g]	39/158 = 24,7%	0.327	*qu**[ɛ]**Reno*
Glotal [h]	189/333 = 56,8%	**0.717**	*r**[ɛ]**cramam*
Sibilantes [s , z, ʃ, ʒ]	257/709 = 36,2%	0.496	*c**[ɛ]**sário*
[pɾ, bɾ]	54/198 = 27,3%	0.415	*pr**[ɛ]**judicial*
[tɾ, dɾ, fɾ]	15/31 = 48,4%	**0.542**	*fr**[ɛ]**quento*
[kɾ, gɾ]	15/54 = 27,8%	0.358	*acr**[ɛ]**dito*
[pl, bl, fl]	8/11 = 72,5%	**0.697**	*pòbl**[ɛ]**mática*
Vogais	7/22 = 31,8%	0.318	*vi**[ɛ]**linha*
TOTAL	**1659/4053 = 40,9%**		

Fonte: Elaboração própria

Quanto aos pesos relativos, a abertura é favorecida apenas por cinco fatores: consoante "Glotal" (0.717), "[pl, bl, fl]" (0.697), consoantes "Dentais" (0.570), "Fronteira de Palavra" (0.561) e "[tɾ,dɾ,fɾ]" (0.542). A consoante "Glotal", que é inibidora para alçamento e neutra para fechamento, é o fator mais expressivo para aplicação da abertura. As consoantes "Dentais", que desfavorecem o alçamento e favorecem o fechamento, favorecem também a abertura de <E>.

A abertura é mais favorecida pelos encontros consonantais "[pl, bl, fl]" do que pelos "[tɾ, dɾ, fɾ]". Dos primeiros, chama-se atenção para a baixa quantidade de dados e para a predominância da variante aberta nas ocorrências, afinal de 11 ocorrências, 8 são *abertas* (*compl**[ɛ]**menta, compl**[ɛ]**tado (2)*[49]*, rèfl**[ɛ]**tino, pòbl**[ɛ]**mática, probl**[ɛ]**mático, supl**[ɛ]**tivo (2)*). O fechamento é favorecido também pelos sons precedentes "[tɾ, dɾ, fɾ]" com peso 0.555, valor próximo do da abertura (0.542).

[49] Os números entre parênteses representam a quantidade de ocorrências com a mesma palavra e a ausência dos parênteses e do número representa uma única ocorrência.

Em resumo, a consoante "Glotal" e os encontros "[pl, bl, fl]" favorecem exclusivamente a abertura, mas o favorecimento é compartilhado com o fechamento quanto às consoantes "Dentais" e os encontros "[tɾ, dɾ, fɾ]".

A variável "Contexto precedente" foi selecionada quarta variável mais importante para a aplicação de alçamento, sexta para o fechamento e sétima para a abertura da variável <E>. A ordem de seleção desta variável mostra que o alçamento é mais afetado por esta variável, enquanto é uma das últimas selecionadas para fechamento e abertura. Ao observar os dados, também percebeu-se que cada fator favorece uma variante, com exceção de "Dentais" e "[tɾ, dɾ, fɾ]", que favorecem o fechamento e a abertura com pesos relativos próximos e "Fronteira de Palavra", que tendem a alçar e a abrir a variável<E>.

4.2.2.2 Variável dependente posterior <O>

A tabela 15 a seguir exibe os resultados obtidos para o alçamento da variável <O>:

TABELA 15: Efeito do Contexto Precedente sobre o alçamento da variável dependente <O>

FATORES	PORCENTAGEM	PESO REL.	EXEMPLOS
Pausa	4/191 = 2,1%	0.045	***[u]****pinião*
Fronteira de palavra	4/84 = 4,8%	0.154	*pr'**[u]**cê*
Bilabiais [p, b, m]	200/849 = 23,6%	**0.618**	*p**[u]**litica*
Labiodentais [f, v]	47/192 = 24,5%	0.219	*f**[u]**rmiga*
Dentais [t, tʃ, d, dʒ, n, ɾ, l]	155/513 = 30,2%	**0.579**	*d**[u]**rmi*
Palatais [ɲ, ʎ]	1/40 = 2,5%	0.113	*milh**[u]**ria*
Velares [k, g]	272/697 = 39%	**0.745**	*g**[u]**verno*
Glotal [h]	9/78 = 11,5%	0.448	*r**[u]**eno*
Sibilantes [s , z, ʃ, ʒ]	100/298 = 33,6%	**0.647**	*pess**[u]**al*
[pɾ, bɾ]	8/195 = 4,1%	0.124	*fibr**[u]**mialgia*
[tɾ, dɾ, fɾ]	3/33 = 9,1%	0.404	*atr**[u]**pelado*
[kɾ, gɾ]	4/15 = 26,7%	0.526	*gr**[u]**ssura*
[pl, bl, fl, gl]	1/6 = 16,7%	0.300	*ixpl**[u]**diu*
Vogais	2/27 = 7,4%	0.210	*mai**[u]**ria*
TOTAL	**810/3218 =25,2%**		

Fonte: Elaboração própria

Os fatores favorecedores do alçamento, correspondentes ao contexto precedente, são as consoantes "Velares" (0.745), "Bilabiais" (0.618), "Sibilantes" (0.647) e "Dentais" (0.579). A consoante bilabial, segundo Bisol (1981), tem a justificativa de levar a variável <O> ao alçamento porque tem o traço labializado.

As consoantes velar e palatal tem o traço mais alto, então, isto favoreceria o alçamento da pretônica, no entanto para a variável <O>, as consoantes "Palatais" (0.113) tem apenas uma ocorrência ("milhuria") e peso relativo muito inibidor (0.133). São 39% (272/697) de alçamento de <O>, quando é precedido por consoantes "Velares", e 33,6% (100/298) quando consoantes "Sibilantes" antecedem a variável <O>. Palavras como *"aj**[u]**elhá, inj**[u]**era, s**[u]**brinha, gas**[u]**lina, s**[u]**ssego"* são exemplos de alçamento com "Sibilantes" antecedendo. Quando precedida de consoantes "Dentais", a vogal pretônica tende a alçar, como nos seguintes exemplos "*aposentad**[u]**ria, quat**[u]**centos, d**[u]**ença, n**[u]**tícia, d**[u]**rmi, abut**[u]**ado",* entre outros.

O fator que exibe comportamento neutro ao alçamento são os encontros "[kɾ, gɾ]" (0.526), apesar de tenderem para a aplicação do alçamento. Os fatores que afetam a variável <O> restringindo o alçamento são fortemente a "Pausa" (0.045), "Fronteira de Palavra" (0.154), "Palatais" (0.113) e encontro "[pɾ, bɾ]" (0.124).

Ao comparar estes resultados com os obtidos para a variável<E>, percebe-se algumas semelhanças como em ambos, o alçamento é favorecidos pelas consoantes "Bilabiais" e "Velares" e inibido pelas consoantes "Labiodentais" e "Glotal". Mas, todos os outros fatores atuam diferente no alçamento das vogais pretônicas.

A Tabela 16 mostra os resultados para quanto ao fechamento da variável <O>.

TABELA 16: Efeito do Contexto Precedente sobre o fechamento da variável dependente <O>

FATORES	PORCENTAGEM	PESO REL.	EXEMPLOS
Pausa	96/191 = 50,3%	**0.690**	***[o]**relha*
Fronteira de palavra	41/84 = 48,8%	**0.557**	*n'h**[o]**spital*
Bilabiais [p, b, m]	309/849= 36,4%	0.489	*m**[o]**rreu*
Labiodentais [f, v]	63/192 =32,8%	**0.638**	*disinv**[o]**lvido*
Dentais [t, tʃ, d, dʒ, n, ɾ, l]	171/513 = 33,3%	**0.670**	*l**[o]**bera*
Palatais [ɲ, ʎ]	18/40 = 45%	**0.677**	*milh**[o]**ria*
Velares [k, g]	188/697 = 27%	0.279	*g**[o]**stei*
Glotal [h]	25/78 = 32,1%	**0.568**	*r**[o]**doviária*
Sibilantes [s , z, ʃ, ʒ]	89/298 = 29,9%	0.524	*des**[o]**nestidade*
[pɾ, bɾ]	93/195 = 47,7%	0.486	*apr**[o]**priado*
[tɾ, dɾ, fɾ]	10/33 = 30,3%	0.494	*gastr**[o]**nomia*
[kɾ, gɾ]	1/15 = 6,7%	0.112	*micr**[o]**Vilar*
[pl, bl, fl, gl]	1/6 = 16,7%	0.417	*pl**[o]**blema*
Vogais	8/27 = 29,6%	**0.683**	*te**[o]**ria*
TOTAL	**1113/3218 = 34,6%**		

Fonte: Elaboração própria

Conforme os pesos relativos, o que mais favorece o fechamento de <O> é a "Pausa" (0.690), ou seja, a posição inicial da palavra induz a variável <O> a fechar. O fator "Fronteira

de palavra" (0.557) também se refere à pretônica no início da palavra e também atua como favorecedor ao fechamento, embora com peso tendendo à neutralidade.

As "Vogais" favorecem o fechamento em contexto precedente com 0.683 de peso relativo, as ocorrências estão no Quadro 10 a seguir.

Quadro 10: Lista de ocorrências da variável dependente <O> precedida por Vogal

ALÇAMENTO		FECHAMENTO		ABERTURA	
*Mai**[u]**ria (2)*		*Te**[o]**ria, pri**[o]**ridade (2), cami**[o]**nero, mai**[o]**ria (4)*		*Lè**[ɔ]**nardo, pi**[ɔ]**rá (2), pi**[ɔ]**rano, istaci**[ɔ]**nava, mi**[ɔ]**rava, vi**[ɔ]**lento/a (3), vi**[ɔ]**lência (6), vi**[ɔ]**lentado, vi**[ɔ]**lão.*	
2/27 = 7,4%	0.210	8/27 = 29,6%	**0.683**	17/27 = 63%	0.515

Fonte: Elaboração própria

A partir da exposição das ocorrências com vogal em contexto precedente, é notável que a vogal precedente que mais ocorre é [i]. Apesar de a maioria das ocorrências ser realizada com a variante aberta davariável <O>, este contexto é favorável ao fechamento e não à abertura.

O fechamento de <O> não é favorecido apenas pelas consoantes "Bilabiais" (0.489), "Velares" (0.279) e "Sibilantes" (0.524), enquanto as outras são favorecedoras. As consoantes "Dentais" em contexto precedente favorecem o alçamento e o fechamento, apesar de que tem maior porcentagem (33,3%) e peso relativo com a variante fechada davariável <O>.

Nenhum encontro consonantal se mostrou favorável ao fechamento, mas se demonstraram neutros, como "[pɾ, bɾ]" (0.486) e "[tɾ, dɾ, fɾ]", ou inibidores, como "[kɾ, gɾ]" (0.112) e "[pl, bl, fl, gl]". Pode-se fazer a relação de que "[pɾ, bɾ]" é neutro, assim como as "Bilabiais" e que "[kɾ, gɾ]" é inibidor assim como as consoantes velares. Esta relação não é válida para "[tɾ, dɾ, fɾ]" e "[pl, bl, fl, gl]", porque não apresentam comportamento semelhante quanto à pretônica.

Em relação à variável <E>, os fatores motivadores do alçamento que coincidem são as "Vogais", as consoantes "Dentais" e as "Labiodentais", enquanto os outros fatores atuam diferentemente para cada vogal.

Em seguida, a Tabela 17 mostra o resultado do efeito de cada fator sobre a *variante aberta.*

TABELA 17: Efeito do Contexto Precedente sobre a abertura da variável dependente <O>

FATORES	PORCENTAGEM	PESO REL.	EXEMPLOS
Pausa	91/191 = 47,6%	**0.673**	*h**[ɔ]**rrível*
Fronteira de palavra	39/84 =46,4%	**0.765**	*os'h**[ɔ]**rário*
Bilabiais [p, b, m]	340/849= 40%	0.455	*imp**[ɔ]**rtante*
Labiodentais [f, v]	82/192 =42,7%	**0.651**	*v**[ɔ]**ltados*
Dentais [t, tʃ, d, dʒ, n, ɾ, l]	187/513 = 36,5%	0.334	*ign**[ɔ]**rante*
Palatais [ɲ, ʎ]	21/40 = 52,5%	**0.551**	*melh**[ɔ]**rá*
Velares [k, g]	237/697 = 34%	0.453	*c**[ɔ]**rage*
Glotal [h]	44/78 = 56,4%	0.519	*R**[ɔ]**naldo*
Sibilantes [s , z, ʃ, ʒ]	109/298 = 36,6%	0.399	*ch**[ɔ]**rano*
[pɾ, bɾ]	94/195 = 48,2%	**0.834**	*pr**[ɔ]**jeto*
[tɾ, dɾ, fɾ]	20/33 = 60,6%	**0.659**	*tr**[ɔ]**cá*
[kɾ, gɾ]	10/15 = 66,7%	**0.930**	*acr**[ɔ]**bacia*
[pl, bl, fl, gl]	4/6 = 66,7%	**0.864**	*fl**[ɔ]**resta*
Vogais	17/27 = 63%	0.515	*vi**[ɔ]**lão*
TOTAL	**1285/3218 = 40,2%**		

Fonte: Elaboração própria

A abertura de <O> é favorecida apenas por quatro fatores que não favorecem o fechamento, o que mostra que os contextos precedentes "Pausa" (0.647), "Fronteira de Palavra" (0.797), "Labiodentais" (0.657), "Palatais" (0.540) e "Vogais" (0.544) exercem influência na variação de modo a inibir o alçamento e de favorecer as variantes fechadas e abertas, às vezes mais ao fechamento como a "Pausa", "Labiodentais", "Palatais", "Vogais" e outros fatores mais à abertura, como é o caso de "Fronteira de palavra". As ocorrências em "Fronteira de Palavra" foram dispostas no Quadro 11 a seguir:

Quadro 11: Lista de ocorrências da variável dependente <O> em Fronteira de palavra

ALÇAMENTO		FECHAMENTO		ABERTURA	
*pr'**[u]**cê, p'**[u]**cê (2), s'**[u]**cê*		*n'**[o]**cê, pr'**[o]**cê (8), p'**[o]**cê (3), c'**[o]**cê (3), foss'**[o]**cê, pr'**[o]**cêis, d'**[o]**cêis*			
		*n'h**[o]**spital (10), p'h**[o]**spital (8), naquel'h**[o]**spital,*		*n'h**[ɔ]**spital (11), pr'h**[ɔ]**spital, d'h**[ɔ]**spital (2), p'h**[ɔ]**spital (11)*	
		*motor'**[o]**riginal, nas'**[o]**reia*		*n'**[ɔ]**este, n'**[ɔ]**tòrrino, men'**[ɔ]**lhasse, os'h**[ɔ]**rário, n'h**[ɔ]**rar, n'**[ɔ]**ração, tod'h**[ɔ]**rinha, dot'**[ɔ]**rèstino (7)*	
4/84 = 4,8%	0.154	41/84 = 48,8%	**0.557**	39/84 =46,4%	**0.765**

Fonte: Elaboração própria

É visível que as únicas ocorrências alçadas tratam de uma mesma palavra, que variam com as fechadas. A palavra "*você"* foi excluída dos dados por se tratar de um caso quase categórico para o fechamento, no entanto, foi preferível deixar a palavra "*você*" quando realizada sem a consoante inicial [v], pois demonstravam haver variação, o que ficou visível aqui. Além destes dados em "Fronteira de Palavra", há 4 ocorrências de "*ucê*", 6 de "*ocê*" e 1 de "*ocêis*".

A palavra "*hospital"* também ocorreu bastante em "Fronteira de Palavra", variando entre a variante fechada e a aberta. Os outros casos não apresentam variação. Assim, não é perceptível que a qualidade do som que precede à variável <O> em "Fronteira de Palavra" tenha algum efeito sobre esta variação.

As vogais, as consoantes "Glotal", "Velares" e "Bilabiais" apresentam tendência à neutralidade para a aplicação da abertura da variável <O>.

Apesar do compartilhamento de fatores favorecedores entre fechamento e abertura, o que mais favorece a abertura são os encontros consonantais: "[kɾ, gɾ]" com peso (0.930), "[pl, bl, fl, gl]" com peso 0.864, "[pɾ, bɾ]" com 0.834) e "[tɾ, dɾ, fɾ]" com 0.659. Estes fatores têm em comum apenas o fato de unirem duas consoantes, mas não interferem na pretônica como para a variável <E>, que algumas vezes segue o comportamento da primeira consoante do encontro. Todos os encontros ocorrem em sua maioria com a variante aberta davariável <O>, como nos exemplos a seguir: *"acr**[ɔ]**bacia, micr**[ɔ]**ondas, fl**[ɔ]**resta, gl**[ɔ]**rifica, pr**[ɔ]**teção, pr**[ɔ]**fundo, contr**[ɔ]**lá, tr**[ɔ]**cado"*.

A abertura de <E> e de <O> é favorecida pelos fatores do contexto precedente são "Fronteira de Palavra" e os encontros "[tɾ, dɾ, fɾ]" e "[pl, bl, ,fl]".

A variável "Contexto precedente" é mais relevante para o alçamento de <O>, pois foi a terceira selecionada, sendo que para o fechamento e para a abertura foi selecionada em quarto lugar.

4.2.3 Contexto seguinte

4.2.3.1 Variável dependente anterior <E>

A variável "Contexto seguinte" possibilita identificar quais os sons seguintes que motivam e inibem cada uma das variantes. Os resultados para Alçamento são expostos na Tabela 18.

TABELA 18: Efeito do Contexto Seguinte sobre o alçamento da variável dependente <E>

FATORES	PORCENTAGEM	PESOREL.	EXEMPLOS
Bilabiais [p, b, m]	41/320 = 12,8%	**0.711**	*pirc**[i]**bi*
Labiodentais [f, v]	13/277 = 4,7%	0.198	*d**[i]**vagá*
Dentais [t, d, ɾ, n, l]	94/826 = 11,4%	0.333	*m**[i]**nina*
Alveopalatais [tʃ, dʒ]	43/101 = 42,6%	0.304	*p**[i]**dido*
Palatais [ɲ, ʎ]	2/98 = 2%	0.379	*m**[i]**lhoria*
Velares [k, g]	138/698 = 19,8%	**0.841**	*s**[i]**gundo*
Glotal [h]	1/47 = 2,1%	0.213	*d**[i]**rrubá*
Sibilantes [s , z, ʃ, ʒ]	250/977 = 25,6%	**0.664**	m**[i]**xia
S em coda	12/172 = 7%	0.363	*simpl**[i]**smente*
R em coda	14/462 = 3%	0.077	*s**[i]**rviço*
Vogais	22/75 = 29,3%	**0.976**	*int**[i]**ado*
TOTAL	**630/4053 = 15,5%**		

Fonte: Elaboração própria

Os pesos relativos indicam que as “Vogais” (0.976) são altamente significativas para o alçamento da variável<E>, ou seja, quando a média pretônica forma hiato com a vogal seguinte, a tendência é a pretônica alçar, apesar de não ter uma quantidade de dados expressiva (22/75 = 29,3%). No contexto seguinte, é confirmado que o alçamento é favorecido por ter “Vogais” em contexto seguinte, conforme na literatura. Quanto às “Vogais”, o objetivo era ver como cada vogal seguinte interferia na realização da pretônica, mas devido aos nocautes foram realizadas amalgamações contemplando todas as vogais seguintes. O Quadro 12 mostra distribuição das ocorrências com as três variantes seguidas de vogal.

QUADRO 12: Lista de palavras com “Vogal” no Contexto Seguinte

ALÇAMENTO			**FECHAMENTO**			**ABERTURA**		
[a]	*pass**[i]**á, arr**[i]**ado, bas**[i]**ado (2), v**[i]**ado, massag**[i]**á, int**[i]**ado/a (6), t**[i]**atro*		[aw]	*r**[e]**almente(2), id**[e]**al (2)*		[a] [aw] [aj]	*ver**[ɛ]**adô, r**[ɛ]**alidade (2), am**[ɛ]**açano, r**[ɛ]**agiu, r**[ɛ]**ação, r**[ɛ]**al (5), r**[ɛ]**almente (8) r**[ɛ]**ais (5)*	
[ej]	*massag**[i]**ei*		[o]	*t**[e]**oria*		[ɔ] [jɔ]	*T**[ɛ]**ófilo,* *m**[ɛ]**ió*	
[ɔ]	*m**[i]**orava, m**[i]**óra, m**[i]**ó*		[ã]	*L**[e]**andro*		[w]	*s**[ɛ]**lvagem (5), an**[ɛ]**lzinho (2), hot**[ɛ]**lzão, N**[ɛ]**lsim*	
[ã] [ãw]	*pass**[i]**ano, L**[i]**ão (2), p**[i]**ão*		[ẽ]	*repr**[e]**endeno, compr**[e]**endê*		[ã]	*L**[ɛ]**andro (2)*	
[ẽ]	*apr**[i]**ensiva,*		[ĩ]	*ch**[e]**inha, ch**[e]**in (6)*				
22/75 = 29,3%		0.974	15/75 = 20%			38/75 = 50,7%		0.179

Fonte: Elaboração própria

Observando os percentuais, as “Vogais”, em contexto seguinte, ocorrem mais com a *variante aberta* (38/75 = 50,7%) do que com a *alta*, no entanto é a inibidora da abertura (0.179) e favorecedora do alçamento com peso relativo quase categórico (0.976). Das 75 ocorrências com pretônica seguida de vogal, 41 delas têm a vogal [a] ([a], [aw], [aj]) seguinte: 13 com a variável<E> alta, 4 com ela fechada e 24 com a pretônica aberta. Mesmo que a maioria das ocorrências com [a] seguinte seja aberta, e sendo comprovado anteriormente que a variável <E> tende a harmonizar com a altura da vogal seguinte, o peso relativo indica que é bastante inibidor (0.179), sendo que o alçamento é favorecido.

Neste caso, o que ocorre é um caso de debordamento, como Câmara Jr. (1977, 2001) explicou, devido à formação de hiato entre pretônica e vogal seguinte pretônica/tônica. Assim, este processo consiste de as vogais altas debordarem as médias. Assim, os dados de Iporá refletem que o hiato entre a vogal média pretônica e outra vogal (pretônica ou tônica) favorece o alçamento como se tinha a hipótese.

Ainda a propósito das “Vogais” em contexto seguinte, a semivogal [w] representa a realização de vocalização do fonema /l/ em coda. Todas as 9 ocorrências (sèlvagem (5), anèlzim (2), hòtèlzão, Nèlsim) tiveram a vogal pretônica *aberta*.

O alçamento de <E> é favorecido pelas consoantes “Bilabiais” (0.711), “Velares” (0.841) e Sibilantes” (0.664) em contexto seguinte, mesmo com as menores frequências de ocorrências com “Bilabiais” (41/320 = 12,8%) e “Velares” (138/698 = 19,8%). Os pontos de articulação bilabial e velar então podem ser entendidos como favorecedores do alçamento em ambos ambientes, precedente ou seguinte.

Com a retirada dos dados categóricos, o alçamento de <E> passou a ser desfavorecido pelo fator “S em coda” (0.363). Apenas 7% (12/162) das ocorrências com “S em coda” alçaram, são elas: *v**[i]**stida, v**[i]**sti (3), car**[i]**stia, dis**[i]**spero (2), dis**[i]**sperei, dis**[i]**spèradô, inv**[i]**stimento, inv**[i]**stida, simpl**[i]**smente.* Com a separação de “S em coda” do fator “Sibilantes”, foi possível perceber um efeito diferente na realização da variável<E>, sendo que a atuação é relativa à posição que [s] ocupa na sílaba, se coda ou ataque.

O alçamento de <E> é mais inibido quando seguido por “R em coda” (0.077), pelas consoantes “Labiodentais” (0.198) e pela “Glotal” (0.213), sendo que há apenas uma ocorrência com a variante alta de <E> seguida de “Glotal” (1/47 = 2,1%), que é a palavra “*d**[i]**rrubá”*.

A Tabela 19 apresenta os resultados percentuais para o Fechamento, pois devido a esta variável não ter sido selecionada como relevante para a aplicação do Fechamento, não há pesos relativos estatisticamente significativos.

TABELA 19: Efeito do Contexto Seguinte sobre o fechamento da variável dependente <E>

FATORES	PORCENTAGEM	PESO REL.	EXEMPLOS
Bilabiais [p, b, m]	115/320 = 35,9%		*s**[e]**mana*
Labiodentais [f, v]	143/277 = 51,6%		*inscr**[e]**vê*
Dentais [t, d, ɾ, n, l]	334/826= 40,4%		*b**[e]**nefício*
Alveopalatais [tʃ, dʒ]	38/101 = 37,6%		*concr**[e]**tizá*
Palatais [ɲ, ʎ]	26/98 = 26,5%		*m**[e]**lhorô*
Velares [k, g]	272/698 = 39%		*disismpr**[e]**gado*
Glotal [h]	24/47 = 51,1%		*t**[e]**rreno*
Sibilantes [s , z, ʃ, ʒ]	497/977 = 50,9%		*j**[e]**sus*
S em coda	103/172 = 59,9%		*inv**[e]**stimento*
R em coda	197/462 = 42,6%		*t**[e]**rcero*
Vogais	15/75 = 20%		*ch**[e]**inha*
TOTAL	**1764/4053 = 43,5%**		

Fonte: Elaboração própria

Apesar de não ter sido selecionada como relevante para a variação, as porcentagens mostram as maiores e menores quantidades conforme cada fator. Na tabela acima, são mais perceptíveis os casos com percentual baixo fechamento do que com alto, porque com menos de que 30% das ocorrências, apenas dois fatores são encontrados: as "Vogais" (15/75 = 20%) e as consoantes "Palatais" (26/98 = 26,5%).

A maior porcentagem está para ocorrências que tem "S em coda" (103/172 = 59,9%), o que leva a reconhecer a importância de ter retirado os dados categóricos, que mostrou uma tendência que estava oculta com a presença daqueles dados.

As consoantes "Labiodentais" em contexto seguinte têm 51,6% (143/277) das ocorrências realizadas fechadas. Assim, sendo que em contexto precedente atuam favorecendo o fechamento e em seguinte tem o maior número de ocorrências, em ambos os ambientes as consoantes "Labiodentais" são motivadoras do fechamento da variável<E>.

Os outros fatores com alta porcentagem para a variante fechada são a consoante "Glotal" com 51,1% (24/47) e as consoantes "Sibilantes" com 51,1% (510/998). Os fatores "S em coda" e "Sibilantes" têm percentuais parecidos, indicando que para o fechamento não parece haver importância quanto à posição na sílaba como para o alçamento. A atuação das sibilantes, seja em ataque ou coda, ou ainda em contexto precedente ou seguinte, é frequente para fechamento de <E>.

A seguir, na Tabela 20 estão os resultados referentes à abertura sob efeito do "Contexto seguinte".

TABELA 20: Efeito do Contexto Seguinte sobre a abertura
da variável dependente <E>

FATORES	PORCENTAGEM	PESO REL.	EXEMPLOS
Bilabiais [p, b, m]	164/320 = 51,2%	0.509	*r**[ɛ]**médio*
Labiodentais [f, v]	121/277 = 43,7%	**0.631**	***[ɛ]**vangèlico*
Dentais [t, d, ɾ, n, l]	398/826 = 48,2%	**0.610**	*r**[ɛ]**novano*
Alveopalatais [tʃ, dʒ]	20/101 = 19,8%	**0.577**	*prèm**[ɛ]**ditada*
Palatais [ɲ, ʎ]	70/98 = 71,4%	**0.533**	*m**[ɛ]**lhor*
Velares [k, g]	288/698 = 41,3%	0.406	*dèl**[ɛ]**gado*
Glotal [h]	22/47 = 46,8%	**0.720**	***[ɛ]**rrado*
Sibilantes [s , z, ʃ, ʒ]	230/977 = 23,5%	0.311	*cont**[ɛ]**ceno*
S em coda	57/172 = 33,1%	0.458	*pr**[ɛ]**stá*
R em coda	251/462 = 54,3%	**0.773**	*inj**[ɛ]**rção*
Vogais	38/75 = 50,7%	0.178	*L**[ɛ]**ònardo*
TOTAL	**1559/4053 = 40,9%**		

Fonte: Elaboração própria

Os dados revelaram muitos fatores em contexto seguinte motivadores da abertura da média pretônica: "R em coda" (0.773), "Glotal" (0.720), "Labiodentais" (0.631), "Dentais" (0.610) e "Alveopalatais" (0.577). As consoantes "Palatais" (0.533) apresentam apenas uma leve tendência à abertura e podem ser consideradas como neutra. Ao observar os dados, as 70 ocorrências *abertas* seguidas de "Palatais" (70/98 = 71,4%) apenas uma palavra não é derivada da palavra "*melhor",* que é a palavra "*v**[ɛ]**lhice*". Embora quase todos os casos ocorram derivados da mesma palavra, as pretônicas das palavras derivadas variam entre as três variantes, mesmo que haja menos ocorrências com as *variantes altas* e *abertas.* Alguns exemplos com a variante aberta "*m**[ɛ]**lhor, m**[ɛ]**lhó, m**[ɛ]**lhores, m**[ɛ]**lhoria, m**[ɛ]**lhòrada, m**[ɛ]**lhora, m**[ɛ]**lhorá, m**[ɛ]**lhora, m**[ɛ]**lhore, m**[ɛ]**lhorô, m**[ɛ]**lhorano*"; com a pretônica *alta* são "*m**[i]**lhoria", "m**[i]**ora", "m**[i]**ó", "m**[i]**òrava*"; e com a pretônica *fechada* são "*m**[e]**lhorô"* e "*m**[e]**lhoria".*

O "R em coda" tem o peso relativo expressivo (0.773) para abertura da variável<E> pretônica e para a inibição do alçamento (0.077). As realizações do "R em coda" são geralmente no modo de articulação retroflexo [ɹ] em posição tônica ou pretônica, mas em final de palavra muitas vezes ocorre o apagamento do fonema. Vale lembrar que o "R em coda" é um fenômeno variável em Goiás. A abertura é inibida pelo contexto seguinte "S em coda" (0.458), mas tendendo à neutralidade. O fonema /l/ em coda, que foi realizado sempre vocalizado [w], teve ocorrências categóricas com a *variante aberta* (9/9 = 100%). Assim, o tipo de sílaba com coda não apresenta um padrão de favorecimento.

A abertura é favorecida quando uma consoante "Glotal" (0.720) está em contexto seguinte. Quase metade dos dados (22/47=46,8%) foi realizada com a carainte aberta, com

exceção de uma ocorrência alta e o restante os dados são realizados com a *variante fechada.* Ao observar os dados com a consoante "Glotal" seguinte, nota-se que a maioria das ocorrências tem vogais seguintes com *altura* ou *nasalidade* responsáveis pela abertura da vogal média pretônica, como pode ser atestado na variável "Altura da vogal seguinte". As vogais seguintes motivadoras da abertura são [a] *("**[ɛ]**rrado" (11), "d**[ɛ]**rradero/a" (3), "bèt**[ɛ]**rraba", f**[ɛ]**rrá), [ã] ("d**[ɛ]**rrame), [ẽ] ("t**[ɛ]**rreno", "p**[ɛ]**rrengue"*) e a vogal seguinte desfavorecedora é [i] (*"t**[ɛ]**rrível*" (3)).

A abertura é favorecida tendo em sequência também as consoantes "Labiodentais" (0.631), "Dentais" (0.610) e "Alveopalatais" (0.577). As consoantes "Alveopalatais" favorecem a abertura mesmo que tenham uma porcentagem reduzida (20/101 = 19,8%) de dados com a variante aberta, são os casos de "c*r**[ɛ]**diário, pr**[ɛ]**dim, m**[ɛ]**dicamento, col**[ɛ]**tivo, qu**[ɛ]**tim, rem**[ɛ]**dim (2), im**[ɛ]**diato, supl**[ɛ]**tivo (2), d**[ɛ]**tido, r**[ɛ]**tido, acr**[ɛ]**dito (4), prèm**[ɛ]**ditada, rèfl**[ɛ]**tino, s**[ɛ]**ticentos (2)*".

No geral, os fatores do contexto seguinte favorecedores do alçamento não são os mesmos da abertura, assim atuam inversamente. Isto leva a considerar a dualidade dos fatores na atuação da variável <E>. Esta comparação não pode ser feita com os motivadores da variante fechada porque não há pesos relativos estatisticamente significativos para basear a análise, mas o fator "S em coda" não favorece nem o alçamento nem a abertura, mas tem o maior índice de fechamento da pretônica.

Ao rever os resultados de Silva (2009), confirma-se que os contextos seguintes: as vogais (0.87) e consoantes "Bilabiais" (0.66) favorecem o alçamento e que as consoantes "Labiodentais" (0.58) e "Palatais" (0.62) favorecem a abertura (SILVA, 2009, p.101).

O alçamento em Formosa, segundo Graebin (2008, p. 164-173), também é favorecido por "Vogais (hiato)" (0.867) e pela "Velar [g]" (0.729), mas em Formosa "S em coda" (0.569) favorece o alçamento enquanto em Iporá desfavorece[50]. O fechamento em ambas as comunidades goianas é favorecido por consoantes "Labiodentais" (0.695) e "Sibilantes" [ʃ, ʒ] (0.821). Quanto à abertura, todos os fatores favorecedores à abertura em Formosa, o são em Iporá: "R em coda" (0.753), "Glotal" (0.703), "Dentais" (0.617) e "Palatal [ʎ]" (0.841). Ao contrário de Formosa, o favorecimento à abertura por consoantes "Palatais" é bem pequeno em Iporá, tendendo à neutralidade, e as consoantes "Alveopalatais" e "Labiodentais" também tenderem a abrir a variável<E>.

[50] Esta diferença pode estar relacionada ao fato de que foram excluídos os inícios de palavra com ES- e DES dos dados de Iporá, enquanto, em Formosa, foram excluídos iniciado por ES- e não por DES-. (GRAEBIN, 2008, p. 146)

4.2.3.2 Variável dependente posterior <O>

A variável "Contexto seguinte" possibilita identificar quais os sons que motivam e inibem cada uma das variantes da variável <O>. Os resultados para Alçamento são expostos na Tabela 21.

TABELA 21: Efeito do Contexto Seguinte sobre o alçamento da variável dependente <O>

FATORES	PORCENTAGEM	PESOREL.	EXEMPLOS
Bilabiais [p, b, m]	249/592 = 42,1%	**0.746**	*c**[u]**mecim*
Labiodentais [f, v]	29/187 = 15,5%	0.291	*s**[u]**fri*
Dentais [t, d, ɾ, n, l]	134/944 = 14,2%	0.396	*b**[u]**nitim*
Alveopalatais [tʃ, dʒ]	45/69 = 65,2%	**0.557**	*m**[u]**tivo*
Palatais [ɲ, ʎ]	1/40 = 2,5%	0.050	*isc**[u]**lhido*
Velares [k, g]	3/239 = 1,3%	0.092	*f**[u]**gão*
Glotal	33/201 = 16,4%	0.218	*m**[u]**rrido*
Sibilantes [s , z, ʃ, ʒ]	52/213 = 24,4%	0.513	*disp**[u]**sição*
S em coda	32/187 = 17,1%	0.298	*c**[u]**stume*
R em coda	38/233 = 16,3%	0.406	*d**[u]**rmi*
Vogais	194/313 = 62%	**0.969**	*c**[u]**elho*
TOTAL	**810/3218 = 25,2%**		

Fonte: Elaboração própria

Os pesos relativos indicam que apenas três fatores são significativos para o alçamento da variável <O>, são as "Vogais" (0.939), as consoantes "Bilabiais" (0.746) e "Alveopalatais" (0.557). Todas estas exibem percentuais muito altos, 62%, 42,1% e 65,2% respectivamente.

Alguns exemplos de ocorrências com a variante alta seguida de vogais são "*d**[u]**ador, d**[u]**á, pess**[u]**al(mente), abenç**[u]**á, inj**[u]**ado, v**[u]**adera, v**[u]**á, b**[u]**ato, t**[u]**alha, amaldiç**[u]**ado, abut**[u]**ado, raz**[u]**ável, mag**[u]**ado, z**[u]**ação, J**[u]**aquim*" seguido da vogal [a], "*c**[u]**elho, m**[u]**ê, v**[u]**ei, p**[u]**era, d**[u]**ente, d**[u]**eu, j**[u]**elho, r**[u]**eno, cach**[u]**era"* seguido da vogal [e] e "*d**[u]**ído, m**[u]**ía, d**[u]**ía, d**[u]**ici, rec**[u]**ia, c**[u]**ia*" seguido da vogal [i]. Estes exemplos revelam que a ocorrência de hiatos favorece o alçamento, assim como para a variável<E>, em que foi possível comprrender um processo de debordamento das vogais altas sobre as médias, como Câmara Jr. (1977, 2001) observou.

Apesar de as consoantes "Alveopalatais" em contexto seguinte terem o maior número de ocorrências com a variante alta (65,2%), o peso relativo (0.557) não é tão significativo e tende a ser neutro para a aplicação de alçamento. A maioria das ocorrências

trata-se da palavra "*p**[u]**dia*", mas há outros casos como "*m**[u]**tivo, n**[u]**tícia, b**[u]**tina, f**[u]**dido, ixpl**[u]**diu".*

As consoantes "Sibilantes" (0.513) em contexto seguinte têm atuação neutra no alçamento da variável <O>. O fator mais inibidor do alçamento são as consoantes "Palatais" com peso 0.050, tendo apenas a palavra "*isc**[u]**lhido"* como pretônica alçada diante de "Palatais". O alçamento é inibido pelas consoantes "Velares" com peso 0.090 e apenas 3 ocorrências altas, todas da palavra *"f**[u]**gão*" (esta palavra se refere ao eletrodoméstico, e não é o aumentativo da palavra "*fogo*").

A variável Contexto Seguinte foi a primeira selecionada para o alçamento de <O> e a segunda para a variável <E>. O alçamento de <E> e de <O> é favorecido pelas consoantes "Bilabiais" e pelas "Vogais" quando em contexto seguinte, enquanto as "Velares" e "Sibilantes" favorecem o alçamento apenas de <E>, e as "Alveopalatais" apenas a variável <O>.

O alçamento das pretônicas em Formosa também é favorecido pelas "Vogais", entretanto as consoantes "Bilabiais" não favorecem o alçamento. É interessante perceber que os resultados de Graebin (2008) apontam que o fator "S em coda" favorece o alçamento de <E> e <O>, fato que não foi percebido em Iporá após a retirada de palavras que iniciavam com ES- e DES-. A interferência deste fator na variação das pretônicas então demonstra comportar-se de maneira diferente entre as duas comunidades goianas.

A Tabela 22 apresenta os resultados para o fechamento quanto à influência dos fatores em contexto seguinte.

TABELA 22: Efeito do Contexto Seguinte sobre o fechamento da variável dependente <O>

FATORES	PORCENTAGEM	PESO REL.	EXEMPLOS
Bilabiais [p, b, m]	194/592 = 32,8%	0.493	***[o]****bsèrvano*
Labiodentais [f, v]	91/187 = 48,7%	**0.643**	*f**[o]**foquero*
Dentais [t, d, ɾ, n, l]	263/944 = 27,9%	0.461	*z**[o]**tecnia*
Alveopalatais [tʃ, dʒ]	23/69 = 33,3%	**0.604**	*p**[o]**dia*
Palatais [ɲ, ʎ]	20/40 = 50%	**0.670**	*m**[o]**lhô*
Velares [k, g]	92/239 = 38,5%	0.531	*tr**[o]**quei*
Glotal [h]	126/201 = 62,7%	**0.798**	*c**[o]**rreram*
Sibilantes [s , z, ʃ, ʒ]	92/213 = 43,2%	**0.605**	*r**[o]**xinha*
S em coda	80/187 = 42,8%	**0.603**	*g**[o]**stoso*
R em coda	69/233 = 29,6%	**0.454**	*c**[o]**rtô*
Vogais	63/313 = 20,1%	0.200	*t**[o]**alha*
TOTAL	**1113/3218 = 34,6%**		

Fonte: Elaboração própria

Ao contrário do efeito do contexto seguinte sobre o alçamento da variável <O>, vários fatores favorecem o fechamento e apenas as consoantes "Alveopalatais" que favorecem tanto alçamento (0.557) quanto fechamento (0.604). Estas consoantes, embora tendo menos número de ocorrências, têm peso mais representativo que para alçamento. Os itens que ocorrem são *"t**[o]**dim, hem**[o]**diálise, p**[o]**dia, com**[o]**didade, **[o]**dilon, m**[o]**dificado, n**[o]**tícia, r**[o]**tina"*.

De acordo com os pesos relativos, o fator mais motivador do fechamento é a consoante "Glotal" (0.798) em contexto seguinte e tem a maioria das ocorrências com a pretônica fechada, como "*h**[o]**rror, hem**[o]**rragia, m**[o]**rreu, t**[o]**rrá, c**[o]**rrê, c**[o]**rredera, c**[o]**rrupção, c**[o]**rreção, c**[o]**rreia, oc**[o]**rrê, soc**[o]**rrê, cach**[o]**rrão, s**[o]**rria, b**[o]**rrinha"*.

As outras consoantes que favorecem o fechamento são as consoantes "Palatais" (0.670), "Labiodentais" (0.643), "Sibilantes" (0.605) e "S em coda" (0.603). Os resultados entre as consoantes "Sibilantes" [s, z, ʃ, ʒ] e "S em coda" são bem próximos, ou seja, a posição na sílaba não parece intervir na aplicação do fechamento e inibição de alçamento para a variável <O> .

O fechamento de <O> é favorecido pelas consoantes "Labiodentais", "Glotal" e "Palatais" tanto em contexto seguinte como precedente. Para a variável<E>, o contexto seguinte foi descartado por ser irrelevante do ponto de vista estatísticopara a aplicação do fechamento, mas é possível perceber os altos percentuais de "S em coda" e das consoantes "Glotal", "Sibilantes" e "Labiodentais". Em contexto precedente, o fechamento não é favorecido nem pela "Glotal" nem pelas "Palatais". Portanto, as consoantes "Labiodentais" favorecem as variáveis<E> e <O> nos dois ambientes, precedente e seguinte.

Em Formosa, as “Bilabiais” em contexto seguinte favorecem o fechamento, enquanto em Iporá favorecem a abertura. As falas das duas comunidades se mostra influenciada pelas consoantes “Labiodentais” em contexto seguinte.

A seguir, na Tabela 23 estão os resultados referentes à abertura sob efeito do “Contexto seguinte”.

TABELA 23: Efeito do Contexto Seguinte sobre a abertura
da variável dependente <O>

FATORES	PORCENTAGEM	PESO REL.	EXEMPLOS
Bilabiais [p, b, m]	149/592 = 25,2%	0.310	*d**[ɔ]**méstica*
Labiodentais [f, v]	67/187 = 35,8%	**0.554**	*D**[ɔ]**verlândia*
Dentais [t, d, ɾ, n, l]	547/944 = 57,9%	**0.696**	*ch**[ɔ]**rano*
Alveopalatais [tʃ, dʒ]	1/69 = 1,4%	0.080	***[ɔ]**divaldo*
Palatais [ɲ, ʎ]	19/40 = 47,5%	**0.657**	***[ɔ]**lhar*
Velares [k, g]	144/239 = 60,3%	**0.668**	*col**[ɔ]**cava*
Glotal [h]	42/201 = 20,9%	**0.543**	*hem**[ɔ]**rragia*
Sibilantes [s , z, ʃ, ʒ]	69/213 = 32,4%	0.460	*prom**[ɔ]**ção*
S em coda	75/187 = 40,1%	**0.702**	*m**[ɔ]**strá*
R em coda	126/233 = 54,1%	**0.656**	*ing**[ɔ]**rdá*
Vogais	56/313 = 17,9%	0.102	*c**[ɔ]**agulo*
TOTAL	**1295/3218 = 40,2%**		

Fonte: Elaboração própria

Esta variável foi a segunda selecionada pelo programa, portanto é reconhecida como uma das mais controladoras da abertura. Segundo os resultados, apenas quatro fatores não favorecem a abertura, que são as consoantes “Bilabiais” (0.310), “Alveopalatais” (0.080), “Sibilantes” (0.460) e “Vogais” (0.102).

O contexto seguinte mais favorecedor da abertura da variável <O> é “S em coda” com peso relativo 0.702. É interessante perceber que a posição na sílaba é importante, porque “S em coda” é favorecedor, mas as “Sibilantes” são inibidoras ao alçamento. O fator “R em coda” (0.656) também é motivador da abertura e tem 54,1% (126/233) das ocorrências. As ocorrências com o fonema /l/ em coda, realizado pela semivogal [w], também pode ser contabilizado quando extraídas das ocorrências com vogais em contexto seguinte, como “*v**[o]**ltar, desenv**[o]**lver, emp**[o]**lgar, s**[o]**ltar, res**[o]**lver, dev**[o]**lver*”. Das 87 ocorrências com [w] em coda, 37 (42,52%) ocorrem com a variável <O> aberta e 50 (57,47%) com a variante fechada, ou seja, ao contrário da variável<E>, a maioria das ocorrências não acontece com a variante aberta. Assim, apesar de “S” e “R em coda” favorecerem a abertura, o baixo número de ocorrências abertas com [w] em coda, não permite afirmar que a posição de coda é favorecedora da abertura.

Os outros fatores favorecedores à abertura são as consoantes “Dentais” (0.696), “Velares” (0.668), “Palatais” (0.657), “Labiodentais” (0.554) e “Glotal” (0.543). As consoantes “Labiodentais” e a “Glotal” apresentam uma tendência à neutralidade, sendo pouco atuantes na abertura da variável <O>. Em contexto precedente, coincide de a abertura de <O> ser favorecida apenas com as consoantes “Palatais” e “Labiodentais”.

Ao comparar com os resultados da variável<E>, percebe-se que a abertura de ambas as vogais é favorecida pela presença de consoantes “Labiodentais”, “Dentais”, “Glotal” e “R em coda” em contexto seguinte. Sendo que a abertura em contexto precedente de <E> é favorecida pelas “Dentais” e “Glotal”.

Em Formosa, a abertura de <O> também é motivada pela presença da “Dental [t]”, da “Glotal” e de “R e coda” em contexto seguinte, mas as “Palatais não a favorecem, assim como as “Velares” e “S em coda”. Isto mostra que, apesar de compartilhar alguns condicionamentos, a variação das médias pretônicas revela diferenças na distribuição e aplicação das variantes conforme os contexto adjacentes da vogal pretônica.

4.2.4 Classe gramatical

4.2.4.1 Variável dependente anterior <E>

A variável “Classe gramatical” permite verificar se a classe gramatical das palavras interfere na realização da variável <E>. A Tabela 24 tem uma divisão dos fatores nominais e verbais, pois serão analisados separadamente.

TABELA 24: Efeito da Classe gramatical na realização da variável dependente <E>

		ALÇAMENTO			FECHAMENTO			ABERTURA		
NOMINAL	Substantivos Comuns	132/1459 =9%	0.447	*trav**[i]**ssero*	713/1459 = 48,9%	**0.606**	*impr**[e]**guzim*	614/1459 = 42,1%	0.489	*r**[ɛ]**lação*
	Substantivos Próprios	9/140 = 6,4%	0.303	*C**[i]**cília*	63/140 = 45%	0.460	*R**[e]**ni*	68/140 = 48,6%	**0.715**	*T**[ɛ]**ófilo*
	Adjetivos	67/408 = 16,4%	0.499	*ob**[i]**diente*	116/408 = 28,4%	0.519	*isp**[e]**cífico*	225/408 = 55,1%	0.499	*n**[ɛ]**gativo*
	Numerais	45/90 = 50%	**0.967**	*d**[i]**zesseis*	18/90 = 20%	0.061	*t**[e]**rceiro*	27/90 = 30%	0.308	*tr**[ɛ]**zentos*
	Advérbios	16/86 = 18,6%	**0.808**	*constant**[i]**mente*	18/86 = 20,9%	0.515	*d**[e]**vido*	52/86 = 60,5%	0.422	*p**[ɛ]**rtim*
VERBAL	1ª conjugação	90/1084 = 8,3%	0.373	***[i]**studá*	513/1084 = 47,3%	0.510	*p**[e]**guei*	481/1084 = 44,4%	**0.573**	*p**[ɛ]**gá*
	2ª conjugação	144/489 = 29,4%	**0.646**	*qu**[i]**ria*	280/489 = 57,3%	0.479	*r**[e]**solveu*	65/489 = 13,3%	0.363	*d**[ɛ]**volve*
	3ª conjugação	114/140 = 81,4%	**0.925**	*p**[i]**di*	21/140 = 15%	0.164	*p**[e]**rmite*	5/140 = 3,6%	0.149	***[ɛ]**voluiu*
	Gerúndio	13/157 = 8,3%	0.369	*p**[i]**dino*	22/157 = 14%	0.249	*ch**[e]**gano*	122/157 = 77,7%	**0.818**	*cunv**[ɛ]**rsano*
TOTAL		**630/4053 = 15,5%**			**1764/4-53 = 43,5%**			**1659/4053 = 40,9%**		

Fonte: Elaboração própria

Cada fator apresentado na Tabela 24 favorece apenas uma variante, exceto a classe de “Adjetivos”, que se apresenta neutra para a aplicação de todas as variantes. A maioria dos “Adjetivos” ocorre com a variável <E> aberta (225/408 = 55,1%).

Dos fatores nominais, o alçamento é favorecido pela classe “Numerais” (0.967) e “Advérbio” (0.808). Os “Numerais*”* têm o maior número de ocorrências *altas* (45/91 = 49,5%). Ao pesquisar as palavras que compõem este fator, nota-se que não variam, com apenas uma exceção (*setenta~sètenta*). O Quadro 13 lista as ocorrências:

QUADRO 13: Lista de ocorrências dos “Numerais” com a variável dependente <E>

ALÇAMENTO		FECHAMENTO		ABERTURA	
*s**[i]**gundo/a (12), d**[i]**zesseis (5), d**[i]**zèssete (5), d**[i]**zoito (10), d**[i]**zenove (8), set**[i]**centos (2), nov**[i]**centos (3)*		*t**[e]**rceiro (12), diz**[e]**sseis (5), s**[e]**tenta*		*diz**[ɛ]**ssete (5), diz**[ɛ]**nove (8), s**[ɛ]**ssenta (3), s**[ɛ]**tenta (8), tr**[ɛ]**zentos, s**[ɛ]**ticentos (2)*	
45/90 = 50%	**0.967**	18/99 = 20%	0.061	27/90 = 30%	0.308

Fonte: Elaboração própria

Com exceção da palavra “*setenta*”, que tem 1 ocorrência fechada e 8 abertas, cada vogal pretônica nos “Numerais” encontrada nos dados é realizada com apenas uma variante, não concorre com outra. Apesar de não haver diversidade nos itens lexicais, os pesos relativos indicam que a classe dos “Numerais” favorece o alçamento e inibe o fechamento (0.061) e a abertura (0.308).

A classe dos “Advérbios” é apontada pelo programa como favorecedora do alçamento (0.808), apesar de ter mais realizações fechadas (18/86=20,9%) e abertas (52/86=60,5%) do que altas (16/86 = 18,6%). Na classe dos “Advérbios”, a realização da variável <E> varia em poucos itens lexicais e essa pouca variação se restringe ao fechamento e à abertura, como mostra o Quadro 14.

Quadro 14: Lista de ocorrências dos "Advérbios" com a variável dependente <E>

ALÇAMENTO		FECHAMENTO		ABERTURA	
		*d**[e]**vido (6)*		*d**[ɛ]**vido*	
		*p**[e]**ssòalmente*		*p**[ɛ]**ssualmente, p**[ɛ]**ssòalmente*	
		***[e]**xatamente*		***[ɛ]**xatamente*	
		*p**[e]**rtim,*		*p**[ɛ]**rtim (12),*	
		*r**[e]**almente(3),*		*r**[ɛ]**almente (9)*	
*rècent**[i]**mente (2), d**[i]**vagar/zim/zinho (4), constant**[i]**mente (3), d**[i]**pressa, aparent**[i]**mente (2), d**[i]**certo (2) , simpl**[i]**smente (2)*		*c**[e]**dim (2), (in)f**[e]**lizmente (4)*		*ap**[ɛ]**sar (10), g**[ɛ]**ralmente (14), c**[ɛ]**rtim*[51]*, r**[ɛ]**centimente (2), in/dir**[ɛ]**tamente (2), dir**[ɛ]**tão*	
16/86 = 18,6%	**0.808**	18/86 = 20,9%	0.515	52/86 = 60,5%	0.422

Fonte: Elaboração própria

Observa-se que os advérbios têm mais realizações com a pretônica aberta (52/86 = 60,5%), mas é fator desfavorecedor da abertura com peso relativo 0.422. Destes advérbios que têm a pretônica aberta, a maioria tem o sufixo -mente e -inh, que, como foi discutido anteriormente, possuem a vogal seguinte nasal. As vogais seguintes nasais se mostraram favorecedoras da abertura de <E>, mas a classe gramatical Advérbios:não favorece a abertura, antes a restringe (0.422); é neutra para a aplicação do fechamento (0.515); e favorece somente o alçamento da variável <E> (0.808). Aqui, então, merece ser destacado que, além dos fatores fonológicos, inibidores do alçamento, encontra-se a classe gramatical dos "Advérbios" favorecendo o alçamento das vogais médias pretônicas.

Somente o "Substantivo comum" (0.606) favorece o fechamento da variável <E>, inclusive dos fatores verbais. O fechamento é altamente inibido pela classe dos "Numerais" (0.061), enquanto as outras classes são neutras.

O único fator nominal que favorece a abertura é o "Substantivo Próprio" (0.684), embora "Adjetivos" (225/408 = 55,1%) e "Advérbios" (52/86 = 60,5%) apresentem percentuais mais altos, pois os "Substantivos Próprios" têm 48,6% (68/140) dos dados com a variável<E> aberta.

Os itens que nomeiam algum lugar realizados com a variável<E> são *"Mont**[i]**vidiu, F**[ɛ]**rnandópolis, Dov**[ɛ]**rlândia, Isr**[ɛ]**lândia, Ub**[ɛ]**rlândia, Pal**[ɛ]**stina",* destes apenas "*Mont**[i]**vidiu*" teve a variável <E> alçada, enquanto as outras ocorrências foram realizadas abertas.

[51] "c[ɛ]ɹtim" é a realização da palavra "certinho".

Um número reduzido de alçamento também foi localizado nos nomes de pessoas, sendo apenas *"G**[i]**nuína", "C**[i]**cília"* e *"Apar**[i]**cido"*. A narrativa cita que *"Ginuína"* era uma mulher com problemas mentais e jogava pedra nas pessoas que andavam na rua. O nome *"C**[e]**cília*" foi encontrado com a pretônica fechada na fala do mesmo informante.

Os nomes mais ocorrentes com a pretônica fechada são *"J**[e]**sus"* e o sobrenome *"F**[e]**rrera"*. Outros casos como fechamento da variável <E> são *"**[e]**dilaine, **[e]**divaine, **[e]**li, L**[e]**tícia, L**[e]**andro, V**[e]**nil, T**[e]**resa, Id**[e]**cássio, At**[e]**neu Vand**[e]**rvino, Vand**[e]**rlan R**[e]**gina, R**[e]**ni, C**[e]**lina, Gu**[e]**rrero, G**[e]**neci"*.

Uma variedade maior de nomes de pessoas é encontrado com a pretônica aberta, são eles ***"[ɛ]**lione, Òr**[ɛ]**stino, Id**[ɛ]**cássio, Vand**[ɛ]**rlan, T**[ɛ]**ófilo, Al**[ɛ]**ssandra, L**[ɛ]**onardo, L**[ɛ]**andro, Pi**[ɛ]**dade, S**[ɛ]**bastião, Jusc**[ɛ]**lino, Palm**[ɛ]**stron, N**[ɛ]**lsi, B**[ɛ]**rnardo, G**[ɛ]**romo, G**[ɛ]**raldo, Z**[ɛ]**quiel, Ros**[ɛ]**rvaldo, Z**[ɛ]**zim"*.

A partir da frequência absoluta e relativa e da visualização das ocorrências, pode-se relacionar com a conclusão semântico-pragmática sobre a aplicação ou não do alçamento por Viegas (1987, 2001). A autora observa nos dados que o alçamento é ligeiramente estigmatizado, fato que é observado no conteúdo semântico dos itens lexicais. Assim, por se considerar que os nomes próprios são socialmente valorizados, a análise destas ocorrências à parte revela que, com base no percentual e peso relativo reduzidos de Substantivos próprios alçados (9/140 = 6,4%), há esta tendência de uso das variantes não-alçadas em nomes próprios.

Estendendo a reflexão de Viegas, além de um percentual mais alto (68/140 = 48,6%), é a abertura da variável<E> que é determinada por esta classe gramatical com 0.715, sendo o fechamento inibido (0.46). Na análise da variação pretônica de <E> em nomes próprios, caso se entenda o baixo índice de alçamento como levemente estigmatizado, o alto número de ocorrências e peso relativo poderia indicar a abertura como variável dependente suavemente prestigiada? Como esta pesquisa não se propõe a abranger a avaliação social das variáveis dependentes, esta afirmação não teria respaldo empírico aqui.

A subdivisão dos substantivos proporcionou a visualização de tendências diferentes para cada fator. O que ambos têm em comum é a inibição ao alçamento.

A seguir, a Tabela 25 apresenta os resultados para as formas verbais (extraído da tabela 24[52]). A subdivisão da classe verbal entre cada conjugação e o gerúndio foi para compreender melhor esta classe gramatical.

[52] A Tabela 25 com apenas dados verbais foi recolocada no texto em função de facilitar a leitura e a visualização da mesma.

TABELA 25: Efeito dos Verbos na realização da variável dependente <E>

		Alçamento		**Fechamento**		**Abertura**	
VERBAL	1ª conjugação	90/1084 = 8,3%	0.373	513/1084 = 47,3%	0.510	481/1084 = 44,4%	**0.573**
		[i]*studá*		*p**[e]**guei*		*p**[ɛ]**gá*	
	2ª conjugação	144/489 = 29,4%	**0.646**	280/489 = 57,3%	0.479	65/489 = 13,3%	0.363
		*qu**[i]**ria*		*r**[e]**solveu*		*d**[ɛ]**volve*	
	3ª conjugação	114/140 = 81,4%	**0.925**	21/140 = 15%	0.164	5/140 = 3,6%	0.149
		*p**[i]**di*		*p**[e]**rmite*		***[ɛ]****voluiu*	
	Gerúndio	13/157 = 8,3%	0.369	22/157 = 14%	0.249	122/157 = 77,7%	**0.818**
		*p**[i]**dino*		*ch**[e]**gano*		*cunv**[ɛ]**rsano*	

Fonte: Elaboração própria

Segundo os pesos relativos, o fechamento não é favorecido por nenhuma das conjugações verbais, mesmo a "1ª" (513/1084 = 47,3%) e "2ª" (280/489 = 57,3%) conjugações que apresentam as maiores porcentagens, antes tendo pesos relativos com tendência à neutralidade.

A divisão da classe verbal nas três conjugações poderá esclarecer se a altura da vogal temática de cada conjugação demonstra ser assimilada pela variável<E>.

A abertura é condicionada por verbos da "1ª conjugação" com peso relativo 0.573. A maioria dos 481 dados verbais da "1ª conjugação" que apresentam a média pretônica *aberta* (481/1084 = 44,4%) está no tempo verbal *infinitivo* (213/481 = 44,28%),[53] no *tempo pretérito imperfeito* (62/481 = 12,88%) ou particípio (112/481 = 23,88%)como, por exemplo: "*p**[ɛ]**gá, p**[ɛ]**gava, ch**[ɛ]**gá, ch**[ɛ]**gava, isp**[ɛ]**rá, cunv**[ɛ]**rsava, d**[ɛ]**colá, d**[ɛ]**mòrá, ap**[ɛ]**gado, carr**[ɛ]**gado, pr**[ɛ]**parado".*

Segundo os pesos relativos, os verbos da "1ª conjugação" são neutros (0.502) para o fechamento da vogal pretônica, apesar de ter mais ocorrências (47,3%). Dos verbos da "1ª conjugação" com vogal pretônica *fechada*, 75,24% (386/453) pertencem ao pretérito perfeito, como nos exemplos: *ch**[e]**gô, ch**[e]**guei, p**[e]**gô, p**[e]**guei, cong**[e]**lô, com**[e]**çô.*

Apenas 8,3% (90/1084) das pretônicas da "1ª conjugação" alçaram. Destas ocorrências, a maioria delas são formas do verbo "*precisar"* conjugado em vários tempos verbais, outros itens são encontrados como "*massag**[i]**á, pass**[i]**á, **[i]**ducá, **[i]**vitá, **[i]**xaminô, b**[i]**lisca, s**[i]**gura, d**[i]**rrubá, d**[i]**ssècá, acr**[i]**dito, dis**[i]**sperei".*

A partir dos resultados dos verbos da "1ª conjugação", pode-se considerar que as realizações *abertas* e *fechadas* da variável<E>apresentam mais alta frequência nos tempos *infinitivo*, *pretérito perfeito* e *imperfeito*, aparentemente, em função de sofrerem

[53] As freqências referentes aos tempos verbais não foram fornecidas pelo programa, já que os verbos foram codificados apenas quanto a qual conjugação pertenciam. Sendo assim, os verbos foram listados, classificados quanto ao tempo verbal e em seguida contados para obter tais percentuais apresentados acima.

harmonização vocálica decorrente de a altura da vogal da desinência pessoal dos verbos da "1ª conjugação" (seguinte e/ou vogal tônica) ser baixa [a] (-ar/-ava/-ado) ou fechada [e, o] (-ei/-ou).

O alçamento é favorecido pelos verbos da "2ª conjugação" (0.646) e não possui o maior número de ocorrências (144/489 = 29,4%). Os dados com a *variante alta* são muito frequentes no tempo pretérito perfeito na primeira pessoa (61/144 = 42,36% - *r**[i]**pindi, d**[i]**sci, cunh**[i]**ci*) e no pretérito *Imperfeito* (68/144 = 47,22% - *m**[i]**xia, qu**[i]**ria, f**[i]**dia, par**[i]**cia*).

As *variantes fechadas*ocorrem mais nos verbos de "2ª conjugação" (280/489 = 57,3%), mas o peso relativo indica que é neutro ao fechamento (0.479). Os tempos verbais da "2ª conjugação" que têm pretônica *fechada* mais incidentes são infinitivo (110/280 = 39,28% - *m**[e]**xê, r**[e]**c**[e]**bê, fal**[e]**cê, d**[e]**scê*) e pretérito perfeito na terceira pessoa (80/280 = 28,57% - *cunh**[e]**ceu, r**[e]**solveu, cunt**[e]**ceu*)[54].

Aparentemente, as realizações *aberta*s não se relacionam com a desinência verbo-nominal dos verbos da "2ª conjugação", mas com "Início DE-" (*d**[ɛ]**pende, d**[ɛ]**fenderia, d**[ɛ]**volve, d**[ɛ]**fende*), contexto precedente "Glotal" [h] (*r**[ɛ]**stabeleceu, r**[ɛ]**cebe, (ar)r**[ɛ]**pendi*) e altura aberta ou baixa da vogal seguinte ou nasalidade (*pr**[ɛ]**tendo, òb**[ɛ]**dece, m**[ɛ]**rece, **[ɛ]**magrecê, m**[ɛ]**xeno, p**[ɛ]**rdi*).

Os verbos da "2ª conjugação" mostram uma distribuição das variantes controlada pela harmonização vocálica para o alçamento e para o fechamento, de acordo com a altura da vogal da desinência verbal. No entanto, o cálculo probabilístico revela que esta conjugação favorece o alçamento independente da quantidade de dados com a pretônica fechada.

O alçamento também é favorecido pela "3ª conjugação" (0.925), apresentando uma porcentagem de alçamento considerável (114/140 = 81,4%). Na análise dos dados, percebeu-se que o tempo pretérito perfeito tem mais ocorrências, tanto com a 1ª pessoa (48/140 = 34,28% - *s**[i]**rviu, p**[i]**diu*) como da 3ª pessoa (25/140 = 17,85% -, *cons**[i]**gui, r**[i]**p**[i]**ti, p**[i]**di*). Como se trata da "3ª conjugação", as desinências verbais geralmente têm esta vogal alta [i], como nos tempos acima, ou ainda no p*retérito imperfeito* (*p**[i]**dia, r**[i]**p**[i]**tia, d**[i]**sistia*), *infinitivo* (*cons**[i]**gui, v**[i]**sti)* e particípio (*pr**[i]**vinido, r**[i]**primido, **[i]**xigido*). Com isso, a vogal temática "i" dos verbos da "3ª conjugação" está desencadeando o alçamento da

[54] Silva (1991, p.88) entendeu que dados como ‚ç[o]l[]o]cou' e ‚ƥ[e]guei'são controlados pela "Regra categórica de timbre, que determina o sinal do traço [baixo] entre as pretônicas de traço [-alto-nasal], recebendo o traço [-baixo] as que estiverem no contexto de vogal da mesma altura, isto é, antes de **ô** ou de **ê**, e o raço [+baixo] as que estiverem nos demais contextos, ou seja, antes de a, ò è, u, i e ã, õ, ẽ, ũ, ĩ. [-bx] c**ê**rveja, c**ô**rreio, **ê**feito, **ô**relha, m**ô**er/ [+bx] esp**ò**stivo, ap**è**lar, **è**clipse, **ò**casião, id**è**al, pr**ò**ibido, propriedade".

variável<E>, vê-se pela alta porcentagem de ocorrências altas (81,4%), o que revela o processo de harmonização atuando em verbos da "3ª conjugação" com tendência ao alçamento.

A análise da variável <E> em dados verbais de cada conjugação é resumida da seguinte maneira: a abertura é favorecida pela "1ª conjugação" (0.573), mas tem mais ocorrências *fechada*s (47,3%); o alçamento é favorecido pela "2ª conjugação" (0.646), apesar de ter mais ocorrências *fechada*s (57,3%); o alçamento também é favorecido pela "3ª conjugação" (0.925) e tem o maior valor de ocorrências (81,4%). Com isto, é possível concluir que as vogais temáticas da "1ª" –a- e "3ª" –i- conjugações podem estar aliadas na realização da vogal média pretônica, quando harmonizam com a altura da vogal temática, no entanto, os verbos de segunda conjugação com vogal temática –e- favorecem o alçamento.

A classe de verbos no "Gerúndio" foi separada das respectivas conjugações para testar a hipótese de que a nasalidade da vogal temática [ã], [ẽ] e [ĩ] estimularia a ocorrência de abertura. Confirmou-se o favorecimento à abertura por verbos no "Gerúndio", pela frequência de 77,7% (122/157) e peso de 0.818.

4.2.4.2 Variável dependente posterior <O>

A Tabela 26 permite verificar o impacto da classe gramatical, tanto verbal como nominal, na realização das vogais médias pretônicas.

TABELA 26: Efeito da Classe Gramatical na realização da variável dependente <O>

		ALÇAMENTO			FECHAMENTO			ABERTURA		
NOMINAL	Subst. Comuns	289/1199 =24,1%	0.477	*p**[u]**rtuguês*	464/1199 = 38,7%	**0.559**	*c**[o]**zinha*	446/1199 = 37,2%	0.491	*c**[ɔ]**lega*
	Subst. Próprios	15/194 = 7,7%	0.218	*Car**[u]**lina*	30/194 = 15,5%	0.484	*D**[o]**vèrlandia*	149/194 = 76,8%	**0.741**	*Ip**[ɔ]**rá*
	Adjetivos	86/306 = 28,1%	0.400	*d**[u]**ente*	87/306 = 28,4%	0.488	*s**[o]**ltero*	133/306 = 43,5%	**0.633**	*n**[ɔ]**vinha*
	Numerais	5/18 = 27,8%	**0.699**	*quat**[u]**centos*	1/18 = 5,6%	0.069	*n**[o]**venta*	12/18 = 66,7%n	**0.826**	*n**[ɔ]**vicentos*
	Advérbios	1/23 = 4,3%	0.034	*pess**[u]**almente*	2/23 = 8,7%	0.188	*n**[o]**rmalmente*	20/23 = 87%	**0.942**	*s**[ɔ]**mente*
VERBAL	1ª conjugação	177/896=19,8%	**0.571**	*c**[u]**mecei*	289/896 =32,3%	0.490	*pr**[o]**curei*	430/896 = 48%	**0.538**	*f**[ɔ]**rçado*
	2ª conjugação	145/336 = 43,2%	**0.558**	*s**[u]**fria*	185/336 = 55,1%	0.490	*isc**[o]**lhe*	6/336 = 1,8%	0.172	***[ɔ]**bèdece*
	3ª conjugação	43/57 = 75,4%	**0.607**	*c**[u]**bria*	13/57 = 22,8%	0.481	*ev**[o]**luiu*	1/57 = 1,8%	0.170	*pr**[ɔ]**ibido*
	Gerúndio	49/189 = 25,9%	**0.725**	*m**[u]**eno*	42/189 = 22,2%	0.343	*pr**[o]**curano*	98/189 = 51,9%	**0.582**	*c**[ɔ]**rreno*
TOTAL		**810/3218 = 25,2%**			**1113/3218 = 34,6%**			**1295/3218 = 40,2%**		

Fonte: Elaboração própria

A análise das classes gramaticais sobre a realização da variável<O> será dividida: inicialmente são observadas as classes nominais, em seguida, a verbal. A respeito dos fatores nominais, o alçamento e o fechamento de <O> têm apenas um favorecedor, "Numerais" (0.699) e "Substantivos Comuns" (0.559) respectivamente. Os "Numerais" não têm o maior número de ocorrências altas (5/18 = 27,8%), mas sim abertas (12/18 = 66,7%), que inclusive é mais favorecida (0.826) do que o alçamento. Os "Numerais" restringem bastante a variante fechada com peso relativo 0.069, afinal trata-se de apenas um item lexical, como pode ser visto no seguinte Quadro 15:

QUADRO 15: Lista de ocorrências dos "Numerais" com a variável dependente <O>

ALÇAMENTO		FECHAMENTO		ABERTURA	
quat[u]centos (5)		*n[o]venta*		*n[ɔ]venta (8), n[ɔ]vicentos (4)*	
5/18 = 27,8%	**0.699**	1/18 = 5,6%	0.069	12/18 = 66,7%	**0.826**

Fonte: Elaboração própria

Averiguando os "Numerais" com a variável <O>, entende-se que, além do número reduzido de ocorrências (18), também há apenas três itens lexicais (*quatrocentos, noventa e novecentos*) em que apenas "*noventa*" varia com 1 caso de fechamento e 8 de abertura. É interessante destacar que as palavras "*noventa*" e "novecentos" são derivadas do numeral "*nove*", que tem a vogal tônica aberta, apresentando um caso de manutenção da altura da vogal tônica.

A classe de "Substantivos Comuns" tem número de ocorrências com variantes fechadas (464/1199 = 38,7%) e abertas (446/1199 = 37,2%) aproximado, mas esta classe gramatical favorece apenas a aplicação de fechamento (0.559), apontando neutralidade para o emprego da variante aberta da variável<O>(0.491).

Com exceção dos "Substantivos Comuns", todas as outras classes nominais favorecem a abertura, sendo que a classe dos "Advérbios" é apontada pelo programa como mais favorecedora (0.942). Os "Advérbios" encontrados são estes no Quadro 16 seguinte:

QUADRO 16: Lista de ocorrências de "Advérbios" com a variável dependente <O>

ALÇAMENTO		FECHAMENTO		ABERTURA	
*Pèss**[u]**almente*		*Inv**[o]**luntariamente, n**[o]**rmalzim*		*Pess**[ɔ]**almente (2), t**[ɔ]**talmente (2), **[ɔ]**bviamente, l**[ɔ]**gicamente, pr**[ɔ]**priamente, f**[ɔ]**rtimente, n**[ɔ]**rmalmente, s**[ɔ]**mente (2), s**[ɔ]**zim, l**[ɔ]**guim (3), ag**[ɔ]**rinha (5)*	
1/23 = 4,3%	0.034	2/23 = 8,7%	0.188	20/23 = 87%	**0.942**

Fonte: Elaboração própria

A maioria das ocorrências dos "Advérbios" é a pretônica aberta (20/23 = 87%). Observando os casos de advérbios com a variável <O>, nota-se a presença de sufixos –mente e –inh- nos dados, ou seja, são todas palavras derivadas. Isso lembra a discussão anterior sobre a atuação das vogais nasais seguintes favorecendo a abertura.

A abertura é favorecida pela classe de "Substantivos Próprios" que tem peso relativo 0.741 e também o maior número de ocorrências (149/194 = 76,8%). Destas, boa parte se trata do nome da cidade "*Ip**[ɔ]**rá*", mas também tem nomes de outros lugares como "*H**[ɔ]**landa*" (apenas uma informante produziu), "*D**[ɔ]**verlândia*" (comentários sobre o chacina ocorrida em 2012), "Amórin**[ɔ]**polis" (cidade a 18 km de Iporá) e "Goiap**[ɔ]**rá" (vilarejo distrito de Amorinópolis a 8 km de Iporá).

Os nomes de pessoa que começam comn a variável <O> ocorrem mais com a pretônica aberta como nos nomes "*[ɔ]zório, [ɔ]restino, [ɔ]zaná, [ɔ]ripe, [ɔ]divaldo, H[ɔ]mero, [ɔ]félia*", com poucas ocorrências fechadas como **"[o]***zaná*" e "**[o]***dilon*". Foram encontrados vários nomes em que a consoante inicial é glotal [h] e precede a variável <O> que em sua maioria se tornava aberta como em *"R[ɔ]simeire, R[ɔ]servaldo, R[ɔ]berto, R[ɔ]naldo, R[ɔ]silda, R[ɔ]seli, R[ɔ]milda, R[ɔ]salina, R[ɔ]sângela*", tendo apenas os nomes "*R[o]berto, R[o]drigo e R[o]milda"* com a pretônica fechada. Outros nomes de pessoas são encontrados com a pretônica aberta: *Lind[ɔ]má, D[ɔ]ralice, N[ɔ]ésio, Ant[ɔ]nov, Lè[ɔ]nardo, L[ɔ]rena".*

Os "Substantivos Próprios" têm 15,5% (30/194) das ocorrências com a pretônica fechada e não se mostra favorecedor da aplicação de fechamento com peso 0.484, antes apresenta-se neutros. Os casos com a pretônica fechada são "*D[o]verlândia, Am[o]rinópolis, T[o]cantins, B[o]rboia (apelido), Am[o]rim, Sand[o]vil"*. O alçamento também não é motivado por esta classe de palavras (0.218) e tem poucas ocorrências com a pretônica alta, são elas: "*Cach[u]era, T[u]bias, Am[u]rim, Car[u]lina, M[u]nique, J[u]sé, J[u]aquim, D[u]mingo, C[u]elho".*

Segundo Viegas (1987), por o alçamento ser levemente estigmatizado, isto poderia ser visto em palavras como "*purtuga*" (gentílico) e "*Português*" (nome de disciplina), conforme a carga semântica construída socialmente. Assim como para a variável<E>, o alçamento de <O> em "Substantivos Próprios" ocupa poucas ocorrências, apenas 7,7% (15/194), enquanto a maioria ocorre com a variante aberta (149/194 = 76,8%). Este resultado indica que há tendência a inibir o alçamento em nomes próprios, fato que pode ser relacionado com a interpretação de Viegas de que o alçamento é socialmente estigmatizado e os nomes próprios são frequentemente prestigiados socialmente. Caso se considere o alçamento socialmente estigmatizado, a abertura da vogal pretônica poderia então ser considerada valorizada já que é favorecida pelos substantivos próprios? Como afirmado para a variável<E>, seria o caso de um estudo da avaliação social da abertura em Iporá.

A abertura também é favorecida pela classe dos "Advérbios" (0.633), mas demonstra ser neutra para o fechamento (0.488) e inibidora do alçamento (0.400) da variável <O>. A maioria dos "Advérbios" tem a pretônica alta, são 43,5% (133/306).

A influência das classes gramaticais nominais nas variáveis<E> e <O> é semelhante quando o alçamento é favorecido pelos "Numerais", o fechamento pelo "Substantivos Comuns" e a abertura pelo "Substantivos Próprios".

Os resultados de Silva (2009) assemelham-se a estes quanto à abertura é favorecida pelos "Numerais" e pelos "Adjetivos" e o alçamento é motivado pelos "Numerais" e "Adjetivos", apesar de que em Silva (2009) não houve separação entre a variáel anterior <E> e a posterior <O>.A respeito dos substantivos não há como fazer comparação pela divisão feita aqui entre "Próprio" e "Comum", assim como para a classe verbal.

A seguir, a Tabela 27 apresenta os resultados para as formas verbais (extraído da tabela 26[55]).

[55] A Tabela 27 com apenas dados verbais foi recolocada no texto em função de facilitar a leitura e a visualização da tabela.

TABELA 27: Efeito dos Verbos na realização da variável dependente <O>

		Alçamento		Fechamento		Abertura	
VERBAL	1ª conjugação	177/896=19,8%	**0.571**	289/896 =32,3%	0.490	430/896 = 48%	**0.538**
		*c**[u]**mecei*		*pr**[o]**curei*		*esf**[ɔ]**rçando*	
	2ª conjugação	145/336 = 43,2%	**0.558**	185/336 = 55,1%	0.490	6/336 = 1,8%	0.172
		*s**[u]**fria*		*isc**[o]**lhe*		***[ɔ]**bèdece*	
	3ª conjugação	43/57 = 75,4%	**0.607**	13/57 = 22,8%	0.481	1/57 = 1,8%	0.170
		*c**[u]**bria*		*ev**[o]**luiu*		*pr**[ɔ]**ibiu*	
	Gerúndio	49/189 = 25,9%	**0.725**	42/189 = 22,2%	0.343	98/189 = 51,9%	**0.582**
		*m**[u]**eno*		*pr**[o]**curano*		*c**[ɔ]**rreno*	

Fonte: Elaboração própria.

Os pesos relativos revelam que cada conjugação tende a ser neutra para a realização do fechamento de <O> - "1ª" (0.490), "2ª" (0.490) e "3ª" (0.481) e que o "Gerúndio" (0.375) o inibe. Isto ocorre mesmo que no caso da "2ª conjugação" em que 55,1% (185/336) das ocorrências são fechadas.

Para a variável <O>, não será apresentado o levantamento dos dados conforme os tempos verbais para conferir a distribuição das pretônicas conforme a altura da vogal da desinência verbal. Este intento não foi atingido em virtude do limite de tempo, de que dispúnhamos para o término desta dissertação, apesar de acreditar que a variável <O>, que também é uma vogal média, possa ter resultados diferentes devido ao traço posterior, o que vem sendo mostrado que em alguns aspectos sofre condicionamentos linguísticos diferentes.

Ao contrário do fechamento, o alçamento é favorecido pela classe verbal com todas as conjugações. O fator "Gerúndio" que é a classe verbal mais favorecedora do alçamento (0.725) que da abertura (0.582), contesta os resultados para a variável<E> em que o "Gerúndio" promovia somente a abertura da vogal, e não o alçamento.

A abertura é favorecida minimamente por verbos da "1ª conjugação" (0.538) e por verbos no "Gerúndio" (0.582). Embora com um favorecimento reduzido, os fatores verbais têm um comportamento semelhante no favorecimento da abertura da variável<E>.

O fator gerúndio, na análise de <E>, é correlacionado com nasalidade da desinência verbal, o que aqui não parece interferir tanto devido ao peso relativo pouco expressivo (0.582). Algumas ocorrências encontradas nos dados são "*pr**[ɔ]**curano, m**[ɔ]**rano, v**[ɔ]**ltano, p**[ɔ]**dano, c**[ɔ]**rreno, m**[ɔ]**rreno, ev**[ɔ]**luino"*.

4.2.5 Distância da tônica

4.2.5.1 Variável dependente anterior <E>

A análise da atuação da variável *Distância da tônica* possibilita observar se a maior ou menor aproximação entre a vogal média pretônica e a sílaba/vogal tônica favorece a ocorrência de uma das variantes. Essa variável foi a sexta selecionada para o alçamento e a abertura da variável<E>, mas foi eliminada para o fechamento. Assim, a variável "Distância da sílaba tônica" não está entre as variáveis mais significantes para a variação da variável <E>. A Tabela 28 a seguir apresenta os resultados.

TABELA 28: Efeito da Distância da sílaba tônica na realização da variável dependente <E>

	Alçamento		**Fechamento**	**Abertura**	
Seguinte	482/2971 = 16,2%	**0.547**	1294/2971 = 43,6%	1195/2971 = 40,2%	0.470
	*acr**[i]**dito*		*gu**[e]**rrero*	*ap**[ɛ]**SAR*	
Segunda	123/861 = 14,3%	0.385	368/861 = 42,7%	370/861 = 43%	**0.582**
	*d**[i]**ssécá*		*G**[e]**neci*	*r**[ɛ]**spirá*	
Terceira	25/221 = 11,3%	0.327	95/204 = 46,6%	84/204= 41,2%	**0.556**
	*p**[i]**quininim*		***[e]**ducação*	*r**[ɛ]**alidade*	
Quarta			7/17 = 41,2%	10/17 = 58,8%	**0.784**
			*r**[e]**cuperação*	*r**[ɛ]**sponsabilidade*	
TOTAL	**630/4053 = 15,5%**		**1764/4053 = 43,5%**	**1659/4053 = 40,9%**	

Fonte: Elaboração própria

A respeito do fator "Seguinte", observa-se que se trata de 2971 dados que têm a tônica na sílaba seguinte, ou seja, a maioria dos dados tem a sílaba tônica seguinte, implicando que a Vogal Seguinte, também é a Vogal Tônica na maioria das vezes. Seria interessante realizar um cruzamento entre esta variável Distância da Tônica e Altura da Vogal Tônica, o que não será realizado aqui por não dispor de mais tempo.

O alçamento é favorecido unicamente pela distância da tônica mais próxima, ou seja, a "Seguinte" (0.547) e neutra para a abertura (0.470) da variável<E>, sendo que somente 16,2% (482/2971) das variantes são altas, enquanto são mais frequentes com as fechadas (43,6%) ou abertas (40,2%).

O fechamento não tem a variável Distância da tônica como controladora de sua (não) aplicação. Dentre as ocorrências fechadas, o que tem menor porcentagem são as pretônicas com a tônica "Quarta", em que são encontradas as seguintes palavras: *"isp**[e]**cializado, pr**[e]**judicial, b**[e]**neficiência, hip**[e]**ratividade, r**[e]**cuperação"*. Ao contrário do fechamento,

a abertura da variável<E> tem o maior número de ocorrência desta distância (10/17 = 58,8%) e também apresenta-se o fator mais favorável à abertura, com as seguintes ocorrências: *"r**[ɛ]**gularizá, r**[ɛ]**lacionamento, r**[ɛ]**stabeleceu, r**[ɛ]**sponsabilidade, pr**[ɛ]**cariedade, pr**[ɛ]**judicial, imp**[ɛ]**ratividade, b**[ɛ]**nèficiá, **[ɛ]**ducacional".*

Os pesos relativos indicam que a abertura é favorecida por uma distância a partir da segunda sílaba da tônica: "Segunda" (0.582), "Terceira" (0.556) e "Quarta" (0.784), que sustenta a afirmação de que o distanciamento da tônica atua na variável<E> como motivadora à abertura.

Estes resultados indicam que: a tônica "Seguinte" à pretônica é favorecedora unicamente do alçamento, mesmo que contrarie o baixo percentual; as tônicas "Segunda", "Terceira" e "Quarta" favorecem a abertura, mas inibem o alçamento.

4.2.5.2 Variável dependente posterior <O>

A variável *Distância da tônica* foi a segunda selecionada como motivadora do fechamentoda variável <O>, mas foi a quarta para alçamento e a sexta para abertura. Apesar de que a essa variável nem foi selecionada para a variável <E>, os resultados para a variável <O>indicam que o fechamento está vinculado à distância da tônica, A Tabela 29 a seguir apresenta os resultados desta relação à variável<O>:

TABELA 29: Efeito da Distância da sílaba tônica na realização da variável dependente <O>

	Alçamento		**Fechamento**		**Abertura**	
Seguinte	625/2387=26,2%	**0.551**	764/2387 =32%	0.474	998/2387 =41,8%	0.494
	*s**[u]**brim*		*p**[o]**dê*		*m**[ɔ]**rada*	
Segunda	168/688=24,4%	0.411	267/688=38,8%	**0.544**	253/688 = 36,8%	0.526
	*c**[u]**meçô*		*c**[o]**rredô*		*D**[ɔ]**vèrlândia*	
Terceira	15/125 =12%	0.159	67/125= 53,6%	**0.662**	43/125 = 34,4%	**0.603**
	*p**[u]**licial*		***[o]**ferecê*		*pr**[ɔ]**fissional*	
Quarta	2/18 = 11,1%	0.178	15/18 = 83,3%	**0.916**	1/18 = 5,6%	0.027
	*p**[u]**liciamento*		***[o]**portunidade*		*ap**[ɔ]**sentaduria*	
TOTAL	**810/3218 = 25,2%**		**1113/3218 = 34,6%**		**1295/3218 = 40,2%**	

Fonte: Elaboração própria

Assim como para a variável<E>, a maioria das ocorrências da variável <O> tem uma sílaba tônica na vogal seguinte, o que evidencia que a tônica na sílaba seguinte tem um comportamento semelhante para <E> e <O>. O alçamento da pretônica é levemente favorecido pela posição "Seguinte" (0.551) à pretônica, enquanto é neutro para o fechamento

(0.474) e para a abertura (0.494). O alçamento não é favorecido por nenhuma outra distância, que o inibe.

Para o fechamento da variável <O> somente a posição "Seguinte" não é favorável (0.474), pois todas as outras são e apresentam um contínuo de favorecimento (0.474>0.544>0.662>0.916), o que leva a concluir que quanto mais a variável <O> está afastada da tônica, mas ela tende a fechar. Apenas a tônica "Seguinte" que não tem o maior porcentual de ocorrências com a variante fechada (764/2387 = 32%), mas a partir da "Segunda" distância a maioria das pretônicas é realizada fechada.

A Abertura possui apenas a "Terceira" (0.603) distância da tônica como favorecedora. A distância "Seguinte" (0.494) e "Segunda" (0.526) são neutras para a aplicação da abertura. A distância da tônica que mais restringe a abertura é a "Quarta" (0.027), com apenas a ocorrência da palavra "*ap[ɔ]sentaduria*".

Ao comparar o efeito da variável Distância da tônica sobre a variação de<O>e<E>, conclui-se que: tem comportamentos semelhantes no que tange À aplicação do alçamento, quando a tônica "Seguinte" é favorecedora; o fechamento da variável <E> não está relacionado à distância da tônica, enquanto esta variável é a segunda mais importante para aplicação do fechamento da variável <O>; quanto mais distante da variável <E>, há uma tendência maior a abrir, enquanto <O> tende a fechar; a relação da distância da tônica e da abertura da pretônica é diferente para <E> e <O>.

Comparando com os resultados da fala de Formosa, a variável <E> com a tônica "Seguinte" favorece a aplicação de fechamento, enquanto, para a variável <O>, esta posição favorece o alçamento. Em relação à Iporá, apenas a variável <O> tem comportamento semelhante. A Abertura de <E> e de <O> em Formosa é favorecida a partir da 2ª sílaba de distância da Tônica, enquanto este comportamento em Iporá é confirmado para variável <E> e com exceção da 4ª distância para <O>. Em Iporá, a única distância que favorece o alçamento é a "Seguinte", enquanto em Formosa, a variável <E> tende a alçar a partir da 2ª distância. Nesta comparação, o que se percebe é que os condicionamentos linguísticos são diferenciados pelas duas comunidades goianas.

4.3 VARIÁVEIS INDEPENDENTES SOCIAIS

4.3.1 Sexo/gênero

4.3.1.1 Variável dependente anterior <E>

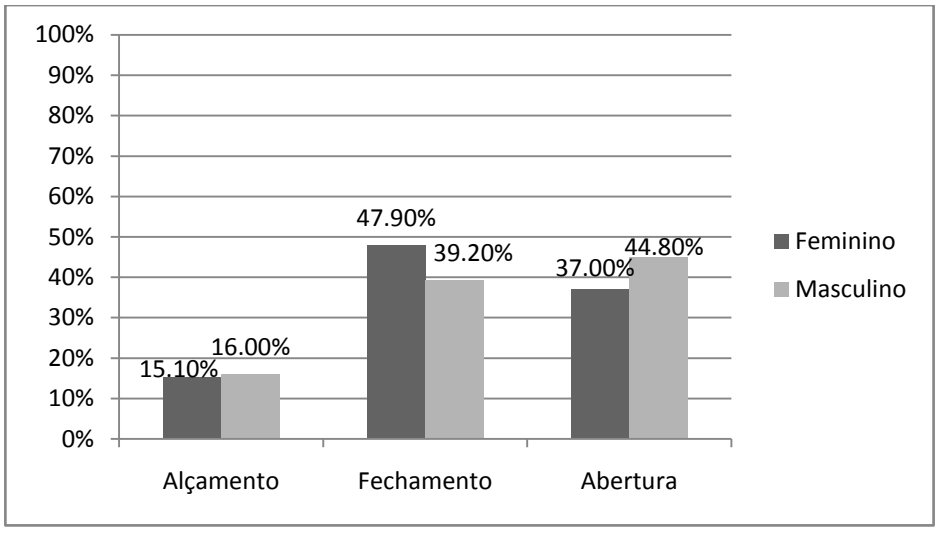
Aparentemente, esta variável não se revela importante para o Alçamento da variável <E>, mas se mostrou significante para o Fechamento e para a Abertura, sendo a quarta variável selecionada como mais importante para ambas. O programa não fornece os pesos relativos estatisticamente significativos para a rodada de Alçamento por ter sido uma variável eliminada. Por este motivo, eles não compõem a Tabela 30, que apresenta os resultados.

TABELA 30: Efeito de "Sexo/gênero" na realização da variável dependente <E>

	Alçamento		**Fechamento**		**Abertura**	
Feminino	304/2011 =15,1%	---	963/2011 = 47,9%	**0.581**	744/2011 = 37%	0.413
Masculino	326/2042 = 16%	---	801/2042 = 39,2%	0.420	915/2042 = 44,8%	**0.585**
TOTAL	**630/4053 = 15,5%**		**1764/4053 = 43,5%**		**1659/4053 = 40,9%**	

Fonte: Elaboração própria

GRÁFICO 6: Distribuição da variável dependente <E> conforme "Sexo/Gênero"



Fonte: Elaboração Própria

Na fala dos iporaense, a abertura é favorecida pelos homens (0.585) e inibida pelas mulheres (0.413). Essa tendência de homens realizarem mais a vogal média pretônica *aberta* [ɛ] é encontrada também na porcentagem de 44,8% das ocorrências (915/2042), sendo a mais usada pelos homens. As mulheres usam mais a *variante fechada* com 47,9% (963/2011) e a

fala delas tende ao fechamento (0.581) da variável <E>. Quanto ao alçamento, os sexos feminino e masculino têm percentuais parecidos: 15,1% e 16%, respectivamente.

É interessante perceber que esta variável não apresentou significância para Silva (2009), com pesos relativos praticamente neutros. No entanto, os papéis feminino e masculino ficam mais evidentes com esta análise.

Em Formosa, a variável "Sexo" foi selecionada para todas as variantes da variável anteriores <E> e não foi selecionada para as posteriores <O>. Os resultados de Graebin (2008, p.199) mostram que o sexo feminino favorece o alçamento (0.588) e a abertura (0.552) e o sexo masculino inibe estes processos, favorecendo somente o fechamento (0.568).

Assim, percebe-se uma postura oposta entre o comportamento dos participantes de sexo masculino ou feminino das comunidades de fala goiana, Iporá e Formosa. Em Iporá, o alçamento nem reconhece a variável "Sexo/gênero" como motivador. Enquanto em Formosa, os homens tendem a fechar a pretônica, em Iporá são as mulheres que ocupam este papel; e enquanto as formosenses tendem à abertura, em Iporá são os homens que tendem a aplicar a variante aberta.

O comportamento sociolinguístico entre homens e mulheres nas comunidades goianas é inverso para a aplicação do Fechamento e da Abertura da vogal pretônica.

4.3.1.2 Variável dependente posterior <O>

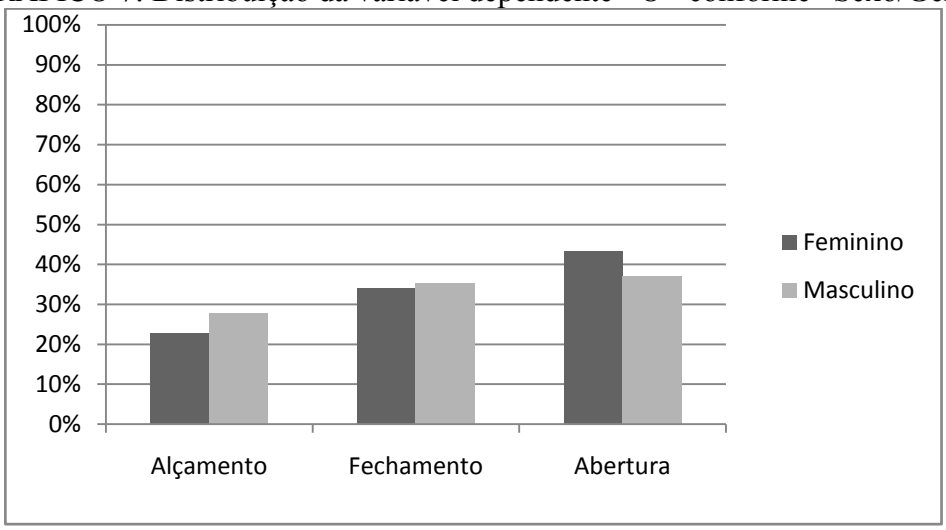
Apesar de o programa não ter selecionado a variável social "Sexo/Gênero" para nenhuma das fenômenos da variável <O>, ainda é importante observar o que as porcentagens na Tabela 31 e no Gráfico 7 revelam a respeito de quais variantes são mais incidentes em cada sexo.

TABELA 31: Efeito de "Sexo/gênero" na realização da variável <O>

	Alçamento	**Fechamento**	**Abertura**
Feminino	367/1621 =22,6%	551/1621= 34%	703/1621 = 43,4%
Masculino	443/1597 = 27,7%	562/1597 = 35,2%	592/1597 = 37,1%
TOTAL	**810/3218 = 25,2%**	**1113/3218 = 43,6%**	**1295/3218 = 40,2%**

Fonte: Elaboração própria

GRÁFICO 7: Distribuição da variável dependente <O> conforme "Sexo/Gênero"



Fonte: Elaboração Própria

As vogais pretônicas realizadas fechadas têm praticamente a mesma porcentagem de ocorrências usadas por homens (35,2%) e por mulheres (34%), o que esclarece que mulheres não usam mais a variável <O> fechada do que os homens, como acontece com a variável <E>.

A diferença maior entre o sexo dos informantes na realização da variável <O> está no alçamento e abertura da pretônica. O sexo feminino (22,6%) evita usar a variante alta [u] em relação aos homens (27,7%), mas pronuncia mais a variante aberta [ɔ] (43,4%) do que eles (37,1%).

Assim, mesmo sem os pesos relativos, entende-se que homens e mulheres distribuem diferentemente as variantes da variável<O> em suas falas. Em Formosa, a variável sexo também não foi selecionada (GRAEBIN, 2008, p.199), mostrando que a variável <O> em ambas as comunidades não é afetada pela diferença de sexo.

Comparando com a distribuição das variantes de <E>, (i) a abertura é favorecida por homens, enquanto inibida por mulheres, (ii) o fechamento é favorecido por mulheres e inibido por homens, percebe-se que quanto à abertura e ao fechamento de <E> e de <O> não há um papel claro do sexo do falante, demonstrando que cada vogal é influenciada diferentemente.

Por este motivo, estes resultados não são suficientes para diagnosticar as variantes como de prestígio ou de estigmatização, ou ainda, mais ou menos marcados, por os pesos nem os percentuais serem tão representativos assim, como Labov (2008), Paiva (2012) e Scherre e Yacovenco (2011) demonstraram apreender as variáveis sociolinguísticas.

4.3.2 Faixa etária

4.3.2.1 Variável dependente anterior <E>

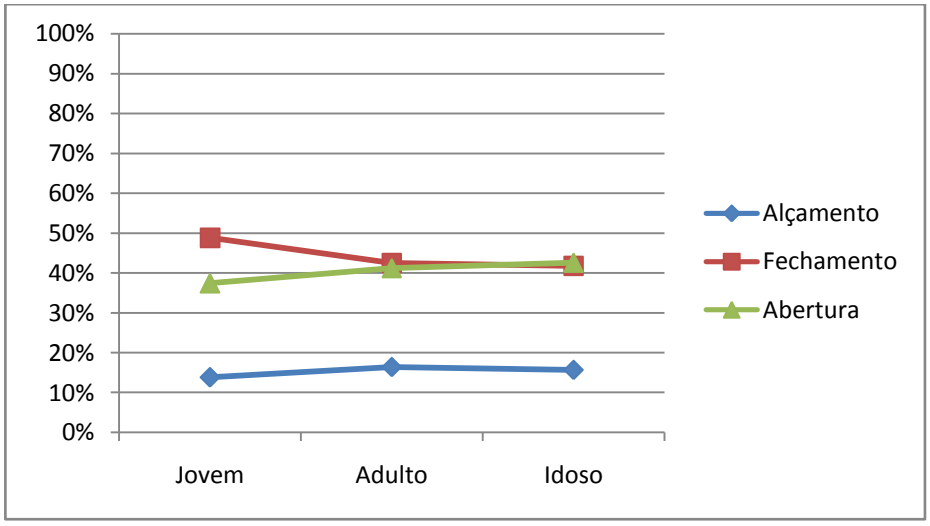
A variável "Faixa etária" permite compreender a distribuição das variantes segundo as gerações e identificar se há mudança em progresso ou se a variação é estável. Essa variável foi selecionada apenas para a variação da variável posterior <O>, ou seja, a faixa etária do falante não atua na variação da variável anterior <E> por não ter significância estatística. Ainda assim, os resultados percentuais estão na Tabela 32 a seguir, a fim de reconhecer qual a variante predominante para cada grupo etário:

TABELA 32: Efeito da "Faixa etária" na realização da variável dependente <E>

	Alçamento	**Fechamento**	**Abertura**
Jovem	119/861 = 13,8%	420/861= 48,8%	322/861 = 37,4%
Adulto	260/1590 = 16,4%	675/1590 = 42,5%	655/1590 = 41,2%
Idoso	251/1602 = 15,7%	669/1602 = 41,8%	682/1602 =42,6%
TOTAL	**630/4053 = 15,5%**	**1764/4053 = 43,5%**	**1659/4053 = 40,9%**

Fonte: Elaboração própria

GRÁFICO 8: Distribuição da variável dependente <E> por "Faixa Etária"



Fonte: Elaboração Própria

A variante mais ocorrente para jovens (420/861 = 48,8%) e adultos (675/1590 = 42,5%) é a fechada, mas na fala dos idosos, a variante aberta com 42,6% (682/1602) é a mais usada, embora que com pouca diferença.

Nas faixas etárias “Adulto” e “Idoso” é possível reconhecer uma semelhança nos percentuais, além de um equilíbrio da aplicação do Fechamento e da Abertura, sendo que os jovens têm uma distribuição menos balanceada entre as variantes. Os jovens são quem menos usam a variável <E> alta (13,8%) e aberta (37,4%).

Observando os percentuais verticalmente para fechamento e abertura, é perceptível um contínuo de diminuição do fechamento (48,8>42,5>41,8%) e um de aumento da abertura (37,4>41,2>42,6%) que emerge à medida que a idade do falante aumenta. Assim que a idade dos informantes aumenta, há um crescimento do uso do fechamento de <E> enquanto um enfraquecimento do uso da variante aberta.

4.3.2.2 Variável dependente posterior <O>

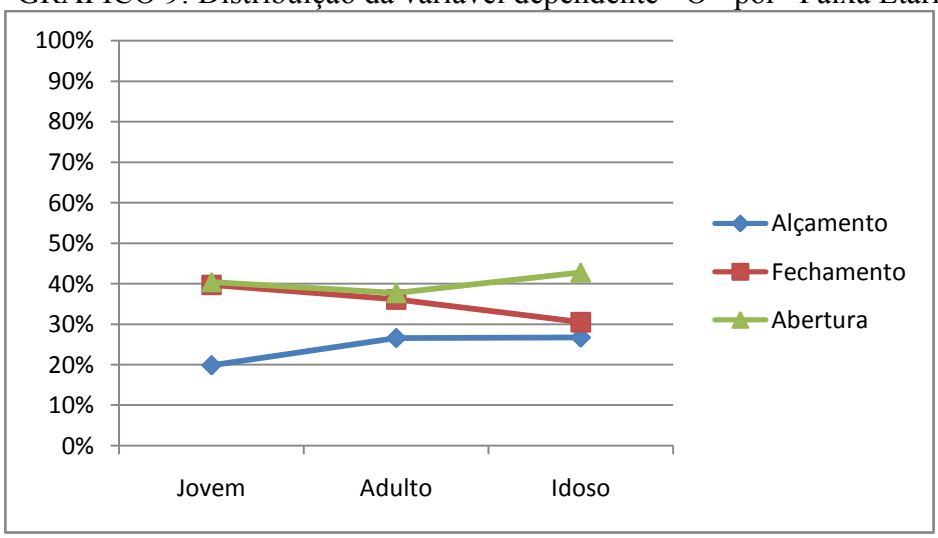
Os resultados da interferência da variável Faixa Etária na variação da variável <O> estão na Tabela 33, a fim de verificar a distribuição das variantes conforme as gerações. Essa variável foi eliminada na rodadas para a abertura, mas foi a sexta selecionada para o alçamento de <O> e a terceira para o fechamento. Sendo assim, a idade do falante é mais determinantena aplicação ou não do fechamento do que das outras variáveis dependentes.

TABELA 33: Efeito da “Faixa etária” na realização da variável dependente <O>

	Alçamento		**Fechamento**		**Abertura**	
Jovem	138/695 = 19,9%	0.378	276/695 = 39,7%	**0.612**	281/695 = 40,4%	---
Adulto	320/1205 = 26,6%	0.495	435/1205 = 36,1%	0.494	450/1205 = 37,7%	---
Idoso	352/1318 = 26,7%	**0.570**	402/1318 = 30,5%	0.445	564/1318 =42,8%	---
TOTAL	**810/3218 = 25,2%**		**1113/3218 = 34,6%**		**1295/3218 = 40,2%**	

Fonte: Elaboração própria

GRÁFICO 9: Distribuição da variável dependente <O> por “Faixa Etária”



Fonte: Elaboração Própria

A faixa etária mais favorecedora do alçamento é por idosos com 0.570, enquanto adultos tendem à neutralidade (0.495) e jovens inibem o alçamento (0.378).

Uma cadência de aplicação do fechamento por ser visualizada com o aumento da idade do participante, tendendo a inibi-lo (0.612>0.494>0.445), ou seja, são os mais jovens que favorecem o fechamento de <O>, enquanto os idosos o inibem. Considerando que os adultos demonstram imparcialidade quanto aos fenômenos linguísticos, os jovens e os idosos apresentam comportamento oposto.

Ao observar as porcentagens de dados com a variante aberta, a faixa etária dos idosos tem mais ocorrências com 42,8% (564/1205), mas os jovens têm 40,4% (281/695), ou seja, não há uma diferença tão visível entre as porcentagens para estas gerações. Sendo assim, a oposição do comportamento de jovens e idosos acontece apenas quando se trata do alçamento ou fechamento da variável <O>, mas não da abertura.

Para a variável <E>, a "Faixa etária" não foi selecionada para nenhum dos fenômenos, mas com base nos percentuais, a oposição entre jovens e idosos existe, mas para o fechamento e levemente para a abertura. Isto permite afirmar que a oposição entre a geração mais idosa e a mais jovem ocorre para o fechamento de ambas as vogais, sendo que os mais jovens tendem a fechar a pretônica, ao passo que os mais de idade a inibem. Esta oposição é significativa para o alçamento variável <O> e para a abertura da variável <E>.

Concluindo, as três variantes estão distribuídas na fala dos iporaenses de todas as idades. As faixas etárias se mostraram atuantes principalmente no fechamento (terceira selecionada) e alçamento (sexta selecionada) da variável <O>, mas não apresentaram importância na variação de <E> ou na abertura de <O>.

Assim como em Silva (2009) e Silva e Rezende (1013), com estes resultados, percebe-se que os jovens não têm favorecido uma variante inovadora, pois considerando que o timbre fechado é o mais antigo, há manutenção da forma mais conservadora, indicando que não se trata de mudança em progresso, mas de uma variação estável. Afinal, para uma mudança em progresso deveria se basear em uma "distribuição contínua através de sucessivas faixas etárias da população", como afirmam Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.122).

4.3.3 Cruzamento das variáveis sociais “Sexo/Gênero” e “Faixa etária”

4.3.3.1 Variável dependente anterior <E>

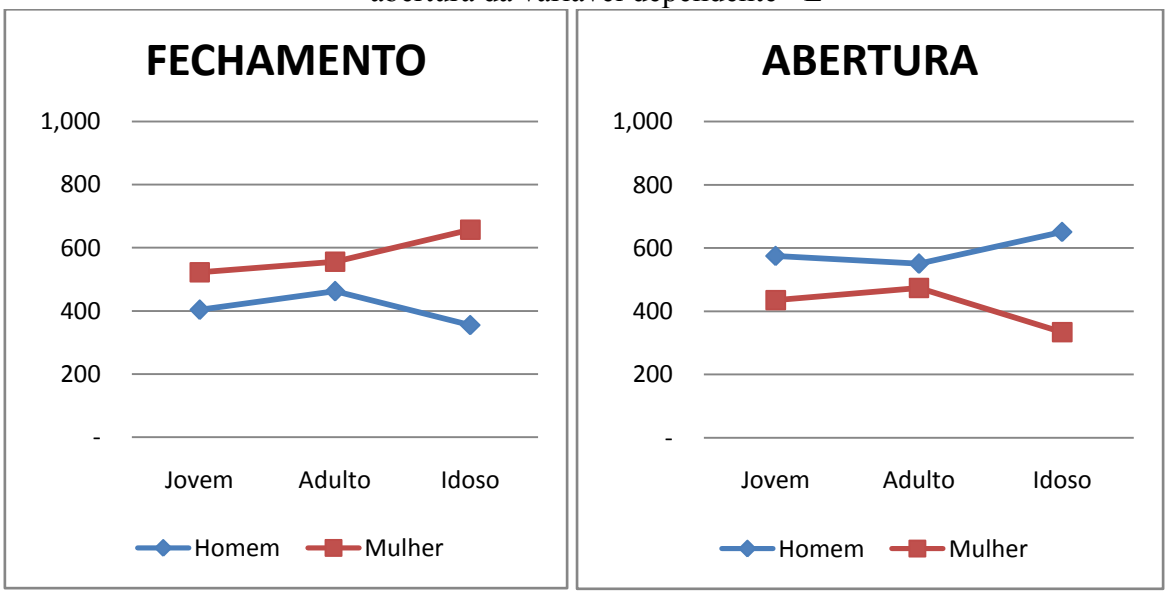
A realização do cruzamento das variáveis sociais “Sexo/Gênero” e “Faixa etária” confirmará se os fatores sociais interagem nesta variação, conforme Tabela 34.

TABELA 34: Efeito do cruzamento das variáveis “Sexo/gênero” e “Faixa etária” na realização da variável dependente <E>

		Jovens		Adultos		Idosos	
Feminino	Alçamento[56]	56/443 = 12,6%	---	123/725 = 17%	---	125/843 = 14,8%	---
	Fechamento[57]	235/443 = 53%	**0.522**	328/725 = 45,2%	**0.556**	400/843 = 47,4%	**0.657**
	Abertura[58]	152/443 = 34,3%	0.435	274/725 = 37,8%	0.474	318/843 = 37,7%	0.334
Masculino	Alçamento	63/418 = 15,1%	---	137/865 = 15,8%	---	126/759 = 16,6%	---
	Fechamento	185/418 = 44,3%	0.403	347/865 = 40,1%	0.462	269/ 759 = 35,4%	0355
	Abertura	170/418 = 40,7%	**0.575**	381/865 = 44%	**0.550**	364/769 = 48%	**0.651**

Fonte: Elaboração própria

GRÁFICO 10: Efeito do cruzamento do “Sexo/Gênero” e da “Faixa etária” no fechamento e abertura da variável dependente <E>



Fonte: Elaboração Própria

[56]Significance = 0.000.
[57]Significance = 0.008.
[58]Significance = 0.006.

As variáveis “Sexo/Gênero” e “Faixa etária” não foram selecionadas como relevantes para o alçamento da variável<E> e o cruzamento de ambas confirmou que realmente não atuam na aplicação da variante alta. Em termos percentuais, mulheres jovens e idosas usam menos a variante alta de <E> do que homens jovens e idosos e somente as adultas que tem uma taxa de alçamento maior que a dos homens.

O cruzamento destas variáveis sociais foi selecionada como significante para a aplicação da variante fechada e aberta, sendo a quarta colocada. É interessante perceber que apenas a variável “Sexo/gênero” havia sido selecionada anteriormente como quarta colocada para ambas.

Quanto ao fechamento, as mulheres em todas as idade tendem a fechar a variável<E>, enquanto os homens em todas as idade inibem o fechamento. Quanto ao sexo feminino é possível perceber uma gradação de favorecimento de acordo com o acréscimo da idade (0.522>0.556>0.657). Com isso, fica claro que o que determina o fechamento é o sexo do falante e não a idade e que as iporaenses idosas fecham mais a variável<E> do que as mais jovens.

Um comportamento inverso ocorre quanto ao uso da variante aberta, pois as mulheres inibem a abertura em todas as idades e os homens a favorecem. É possível reconhecer pelos pesos relativos que, quanto mais o homem favorece a abertura, mais a mulher a inibe, como é o caso de jovens mulheres (0.435) e homens (0.575) e idosas (0.334) e idosos (0.651). Portanto basta reconhecer que a variável “Faixa Etária” não controla a aplicação de nenhuma das variantes de <E>.

4.3.3.2 Variável dependente posterior <O>

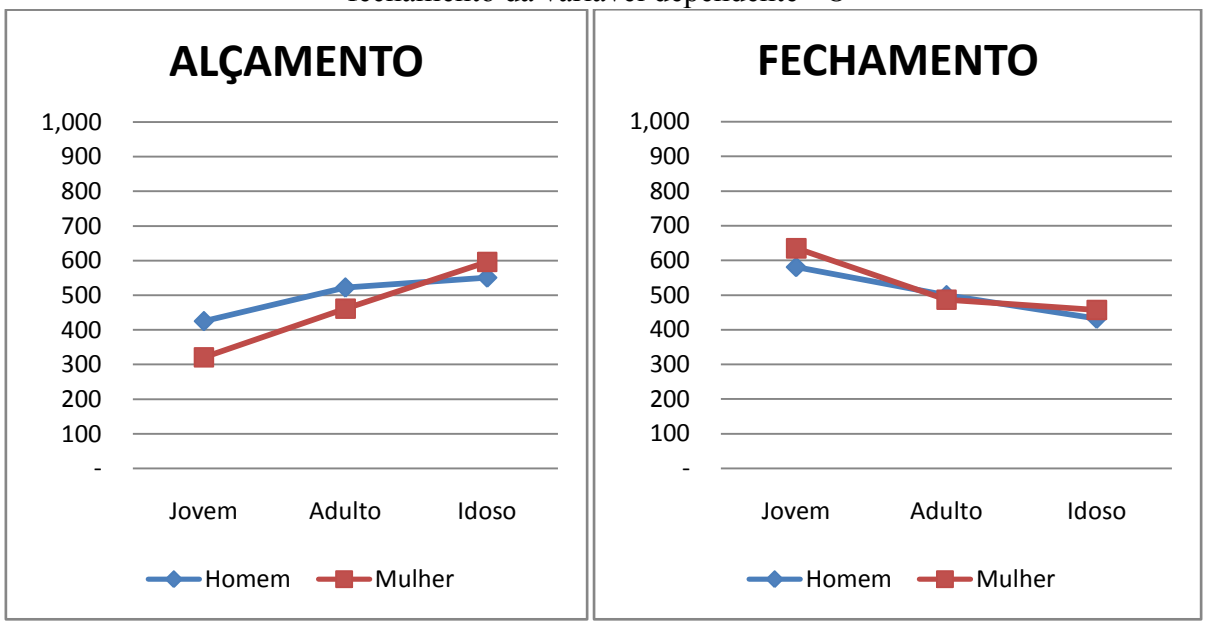
A Tabela 35 apresenta os resultados do cruzamento das variáveis sociais “Sexo/Gênero” e “Faixa etária”.

TABELA 35: Efeito do cruzamento das variáveis “Sexo/gênero” e “Faixa etária” na realização da variável dependente <O>

		Jovens		Adultos		Idosos	
Feminino	Alçamento[59]	13/387 = 18,9%	0.321	124/510 = 24,3%	0.461	170/724 = 23,5%	**0.596**
	Fechamento[60]	154/387 = 39,8%	**0.635**	172/510 = 33,7%	0.487	225/724 = 31,1%	0.457
	Abertura[61]	160/387 = 41,3%	---	214/510 = 42%	---	329/724 = 45,4%	---
Masculino	Alçamento	65/308 = 21,1%	0.425	196/695 = 28,2%	0.522	182/594 = 30,6%	**0.551**
	Fechamento	122/308 = 39,6%	**0.581**	263/695 = 37,8%	0.500	177/594 = 29,8%	0.432
	Abertura	121/308 = 39,3%	---	236/695 = 34%	---	235/594 = 39,6%	---

Fonte: Elaboração própria

GRÁFICO 11: Efeito do cruzamento do “Sexo/Gênero” e da “Faixa etária” no alçamento e fechamento da variável dependente <O>



Efeito: Elaboração Própria

A abertura de <O> não é motivada por este cruzamento, portanto não são liberados pesos relativos. Nem a variável Sexo/Genero, nem a Faixa etária foi selecionada como relevante para a aplicação da abertura de <O>, assim a eliminação deste cruzamento é coerente com os resultados anteriores. Com base nas porcentagens, o sexo feminino usa mais a variante aberta em qualquer faixa etária do que o masculino, assim como visto para a variável Sexo/Gênero.

[59]Significance = 0.048.
[60]Significance = 0.025.
[61]Significance = 0.008.

O alçamento da variável <O> é favorecido mais por idosas (0.596) do que por idosos (0.551) e é inibido mais por jovens do gênero feminino (0.321) do que por jovens do sexo masculino (0.425). A idade adulta em ambos os sexos apresenta-se neutro, apesar de que as mulheres se inclinam a restringir a abertura (0.461) e os homens a favorecê-la (0.522). Assim, confirma-se que falantes mais idosos tendem a alçar a variável <O>, os jovens a inibi-la e os adultos demonstram imparcialidade, independente do sexo. Ou seja, para o alçamento, a interação dos fatores não revela nenhum dado novo.

O fechamento da variável <O> é motivado pela menor idade, tanto para o sexo feminino (0.635) como para o masculino (0.581). Os adultos (0.500) e as adultas (0.487) são neutros quanto à aplicação de fechamento e os idosos (0.432) e as idosas (0.457) inibem-no, constatando que o sexo não interage com a Faixa Etária dos falantes.

Conclui-se que o cruzamento de Sexo/Gênero e Faixa etária confirmou que a idade dos falantes é determinante na realização da variável<O>, não tendo o sexo interferido significativamente em qualquer faixa etária.

A semelhança entre os resultados deste cruzamento das variáveis <E> e <O> é que ambos descartam que haja interação entre os fatores das variáveis sociais, sendo que para a variável<E> a variável Sexo/Gênero é a relevante para a variação, enquanto a Faixa etária é para <O>.

4.3.4 Escolaridade

4.3.4.1 Variável dependente anterior <E>

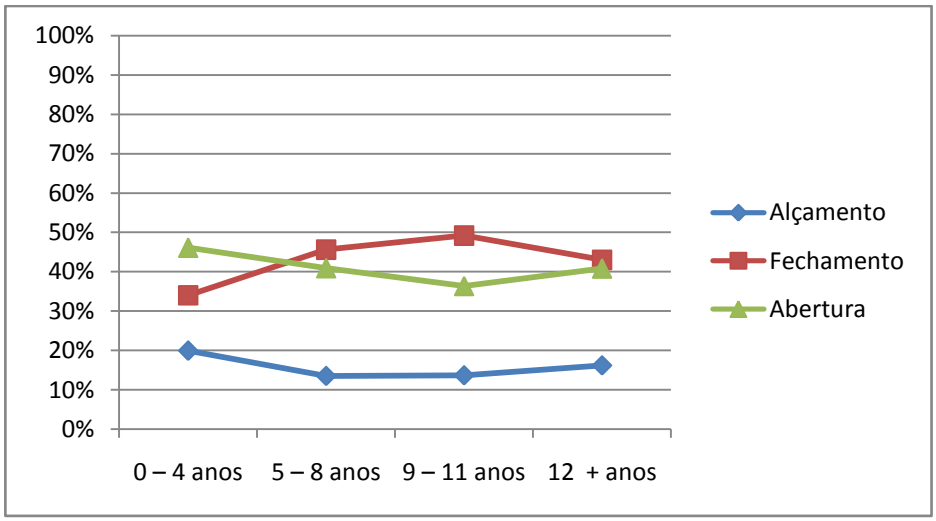
A variável social “Escolaridade” ajuda a esclarecer se o tempo passado no sistema educacional interfere na escolha da variante. Esta variável foi a quinta selecionada para o Alçamento e a terceira para o Fechamento da vogal pretônica, mas não foi significante para a Abertura da variável <E>. A tabela 36 exibe os resultados:

TABELA 36: Efeito da "Escolaridade " na realização da variável dependente <E>

	Alçamento		Fechamento		Abertura	
0 – 4 anos	158/794 = 19,9%	**0.664**	270/794 = 34%	0.398	366/794 = 46,1%	---
5 – 8 anos	152/1129 =13,5%	0.463	515/1129 =45,6%	0.523	462/1129 =40,9%	---
9 – 11 anos	140/1022 = 13,7%	0.426	503/1022 = 49,2%	**0.560**	379/1022 =36,4%	---
12 + anos	180/1108 = 16,2%	0.484	476/1108 = 43%	0.495	452/1108 =40,8%	---
TOTAL	**630/4053 = 15,5%**		**1764/4053 = 43,5%**		**1659/4053 = 40,9%**	

Fonte: Elaboração própria

GRÁFICO 12: Distribuição da variável dependente <E> por "Escolaridade"



Fonte: Elaboração Própria

As rodadas de Abertura não selecionaram a variável "Escolaridade" como relevante porque não foi considerada estatisticamente significante. Observando os percentuais, não há uma gradação do uso da abertura entre iporaenses que estudaram mais ou menos. A *variante aberta* foi a mais usada apenas por quem tem de "0 – 4 anos" de estudo (366/794 = 46,1%).

Os pesos relativos indicam que os falantes do nível escolar mais baixo, com menos de 4 anos de estudo, correspondente ao nível primário, favorecem o alçamento (0.664) e inibem o fechamento (0.398). O fechamento é favorecido somente por iporaense com 9 a 11 anos de estudo (0.560), com o maior número de ocorrências (503/1022 = 49,2%).

Por outro lado, quem tem de "5 – 8 anos", que corresponde ao Ensino Fundamental, tem atuação mais neutra para a variável <E>, assim como os falantes com mais de 12 anos de estudo.

4.3.4.2 Variável dependente posterior <O>

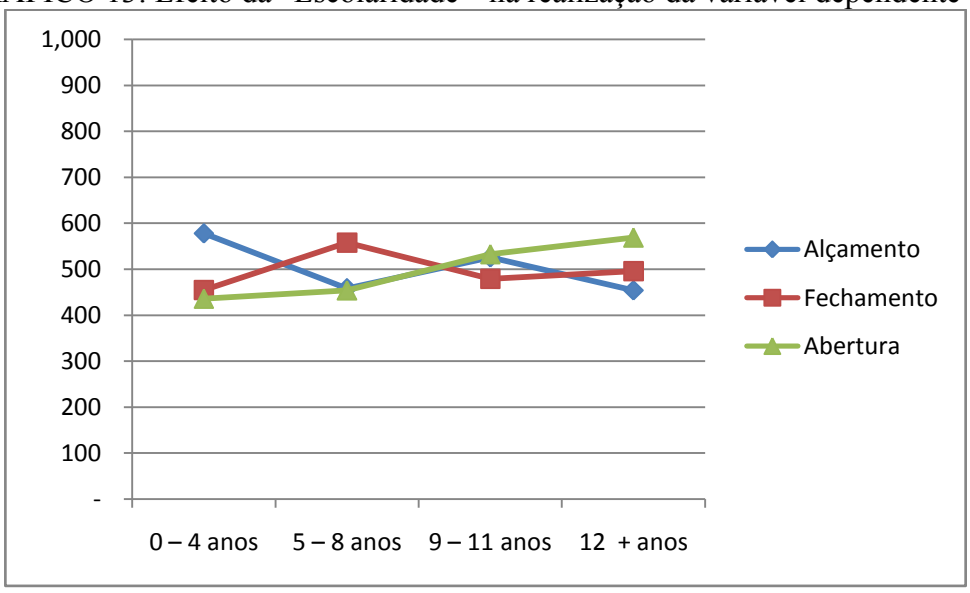
A relação entre "Escolaridade" e a variação das vogais médias busca investigar se o tempo de estudos influencia na realização da pretônica. Pela seleção das variáveis, é possível perceber que a interferência da escolaridade não é grande, principalmente porque são as últimas variáveis selecionadas como relevantes para avariável <O>. A tabela 37 exibe os resultados:

TABELA 37: Efeito da "Escolaridade " na realização da variável dependente <O>

ANOS	**Alçamento**		**Fechamento**		**Abertura**	
0 – 4	194/674 = 28,8%	**0.578**	202/674 = 30%	0.455	278/674 = 41,2%	0.436
5 – 8	208/885 =23,5%	0.458	340/885 =38,4%	**0.558**	337/885 =38,1%	0.454
9 – 11	231/845 = 27,3%	0.526	310/845= 36,7%	0.479	304/845 =36%	0.533
+ de 12	177/814 = 21,7%	0.454	261/81 = 32,1%	0.496	376/814 = 46,2%	**0.569**
TOTAL	**810/3218 = 25,2%**		**1113/3218 = 34,6%**		**1295/3218 = 40,2%**	

Fonte: Elaboração própria

GRÁFICO 13: Efeito da "Escolaridade " na realização da variável dependente <O>



Fonte: Elaboração própria

O alçamento da variável<O> pretônica é favorecido pelo menor nível escolar, de 0 – 4 anos de estudo (0.578), sendo que os outros níveis têm pesos relativos tendentes à neutralidade. Este nível escolar inibe a aplicação da abertura da variável<O>, sendo que é imparcial para o fechamento.

O fechamento é favorecido pelo nível escolar referente ao Ensino Fundamental, de 5 -8 anos de estudo (0.558), enquanto tem peso mais neutro para o alçamento e para a abertura.

Quem tem de 9 – 11 anos de escolaridade tem pesos relativos neutros para todas as variáveis dependentes, sendo que tende minimamente a inibir o fechamento e a favorecer o alçamento e a abertura. A abertura de <O> é motivada pelo maior nível de escolaridade, mais de 12 anos (0.569) .

Apesar de os fatores terem sido divididos num crescente de anos de escolaridade, em nenhuma das variantes pode-se perceber percentuais ou pesos relativos sequenciais, o que dificulta compreender a interferência sociolinguística desta variável.

Ao comparar com os resultados para as variáveis <E> e <O>: o alçamento de ambas variáveis é favorecido pelo nível escolar mais baixo; o fechamento de <O> é motivado pelo intervalo de 5 – 8 anos de estudo e de <E> é pelo de 9 - 11 anos; a abertura nem foi selecionada como importante para a variável <E>, mas para a variável <O>, o favorecimento ocorre para o nível de estudo mais alto.

Em Silva (2009), o alçamento é favorecido por falantes com 0 -4 anos de estudo, a abertura é motivada por quem estudou de 5 a 8 anos, e o fechamento é favorecido por quem estudou mais de nove anos. Assim, confirma-se que os falantes menos estudados tendem a usar mais a pretônica alta, mas a influência dos outros períodos escolares não demonstra um padrão claro.

Em Formosa, os resultados de Graebin (2008, p.197) mostram favorecimento ao alçamento e à abertura por falantes com até 11 anos de estudo, que equivale ao Ensino Médio, e ao fechamento para formosenses com mais de 11 anos de estudo para a variável <E>, sendo que, para a variável <O>, esta variável não foi selecionada para alçamento nem abertura. Compreende-se que a variante alta é, tanto em Iporá como em Formosa, favorecidas pelos níveis mais baixos de escolaridade: em Iporá até 4 anos de estudo e em Formosa até 11 anos. Assim, a variável "Escolaridade" demonstra atuação parcialmente semelhante entre essas comunidades goianas.

4.3.5 Cruzamento das variáveis sociais "Sexo/gênero" e "Escolaridade"

4.3.5.1 Variável dependente anterior <E>

Com o cruzamento das variáveis "Sexo/gênero" e "Escolaridade", é possível reconhecer se há uma relação entre os perfis dos participantes com as variáveis dependentes.

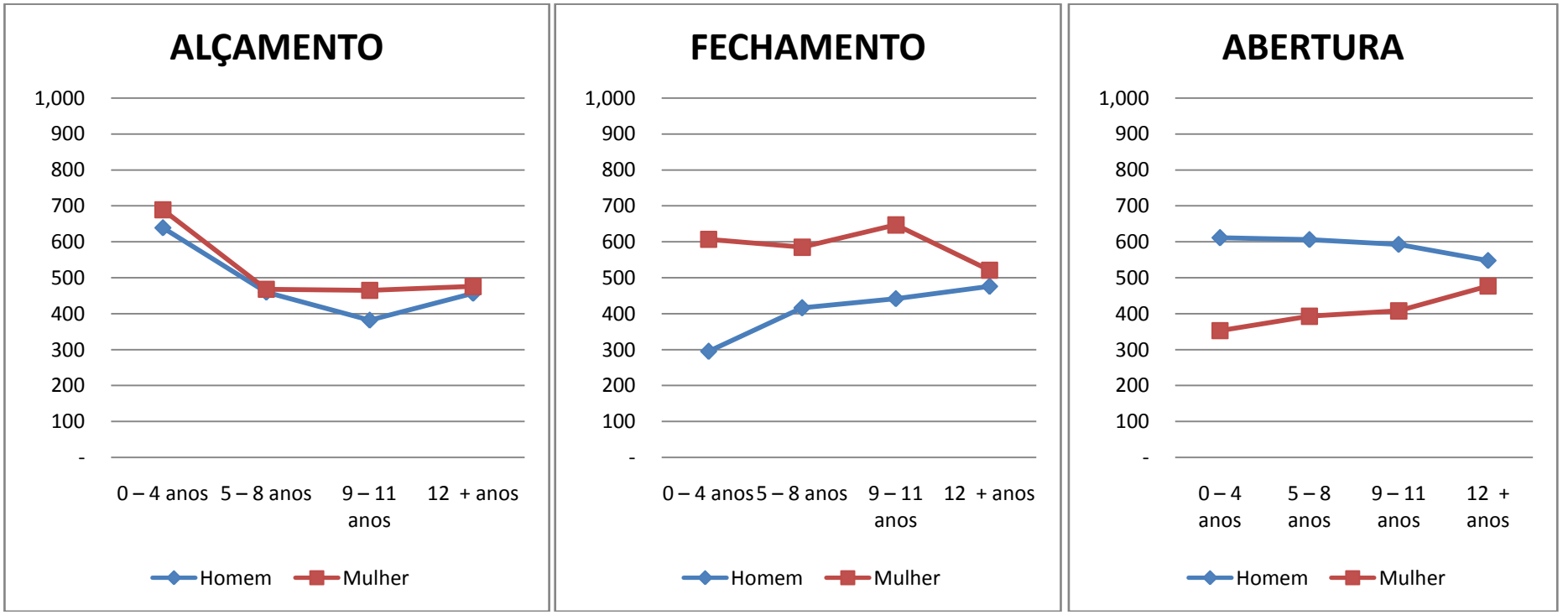
Portanto, foi realizada uma rodada para o Alçamento[62], para o Fechamento[63] e para a Abertura[64]. A Tabela 38 a seguir exibe os resultados deste cruzamento.

[62]Significance = 0.000.
[63]Significance = 0.008.
[64]Significance = 0.006.

TABELA 38: Efeito do cruzamento das variáveis “Sexo/gênero” e “Escolaridade” na realização da variável dependente <E>

	FEMININO			MASCULINO		
	Alçamento	**Fechamento**	**Abertura**	**Alçamento**	**Fechamento**	**Abertura**
0 – 4 anos	**0.639** 71/409 = 17,4%	**0.607** 157/409 = 38,4%	0.353 181/409 = 44,3%	**0.689** 87/385 = 22,6%	0.295 113/385 = 29,4%	**0.611** 185/385 = 48,1%
5 – 8 anos	0.460 91/573 = 15,9%	**0.585** 274/573 = 47,8%	0.393 208/573 = 36,1%	0.468 61/556 = 11%	0.416 241/556 = 43,3%	**0.606** 254/556 = 45,7%
9 – 11 anos	0.382 58/472 = 12,3%	**0.647** 264/472 = 55,9%	0.408 150/472 = 31,8%	0.465 82/550 = 14,9%	0.442 239/550 = 43,5%	**0.593** 229/550 = 41,6%
+ 12 anos	0.457 84/557 = 15,1%	**0.521** 268/557 = 48,1%	0.477 205/557 = 36,8%	0.509 96/551 = 17,4%	0.476 208/551 = 37,7%	**0.548** 247/551 = 44,8%

GRÁFICO 14: Efeito do cruzamento do “Sexo/Gênero” e da “Escolaridade” no fechamento e abertura da variável dependente <E>



Fonte: Elaboração própria

Este cruzamento foi selecionado para todas as variáveis dependentes, enquanto para a variável independente "Sexo/gênero" não foi selecionada para alçamento e "Escolaridade" não foi selecionado para a abertura de <E>.

Segundo a Tabela 38 acima, o alçamento é favorecido por ambos os sexos (Feminino (0.639) e Masculino (0.689)) no nível "0 – 4 anos". Homens com mais de 12 anos de estudo são neutros para a aplicação de alçamento (0.509). Todos os outros níveis de escolaridade inibem o alçamento.

Quanto ao fechamento, o comportamento inibidor dos homens é inverso ao favorecedor das mulheres, independente dos anos de escolaridade cursados. As mulheres com mais de 12 anos de estudo favorecem o fechamento da variável <E>, mas com peso relativo tendendo à neutralidade (0.521), ou seja, o maior grau de escolaridade por falantes do sexo feminino demonstra queda de favorecimento do fechamento, enquanto de 0 a 11 anos de estudo exibe pesos relativos mais significativos.

Apesar de o fechamento ser inibido pelos homens de todos os graus escolares, os que mais inibem tem grau de escolaridade mais baixo (0.295) e o que tende mais à neutralidade é o que mais tem estudo, ou seja, quanto maior o grau de escolaridade que o sexo masculino alcançar, mais tende a ser neutro na aplicação de fechamento. Ou seja, os níveis de 0 a 11 anos divergem com base no sexo dos falantes, mas acima de 12 anos tendem à neutralidade.

Quanto à abertura, homens e mulheres também têm comportamento diferente: mulheres a inibem e homens a favorecem. O desfavorecimento à abertura de <E> das mulheres diminui conforme aumenta a escolaridade, tendendo à neutralidade. O favorecimento de homens pela abertura diminui com o aumento da escolaridade, com tendência à neutralidade. Sendo assim, de acordo com o aumento da escolaridade, mais os homens e as mulheres tendem à neutralidade para a aplicação da abertura, assim com para de fechamento.

Concluindo, o cruzamento de Sexo e Escolaridade confirmou que a variável sexo não é determinante para o alçamento, mas que é essencial para a compreensão do fechamento e da abertura de <E>.

4.3.5.2 Variável dependente posterior <O>

O cruzamento das variáveis sociais "Sexo/gênero" e "Escolaridade" foi selecionado para o Alçamento[65], Fechamento[66] e Abertura[67] da variável <O>, como pode ser observado na Tabela 39 e Gráfico 15, na página seguinte:

O alçamento da variável <O> é favorecido por homens (0.560) e mulheres (0.633) com baixa escolaridade e por homens com 9 a 11 anos de estudo (0.559). É interessante perceber que o índice de alçamento (110/337 = 32,6%) é maior que o de fechamento (102/337=30,3%) para homens com pouca escolaridade, fato que não ocorre em nenhum outro cruzamento de fatores.

O fechamento tem muitos fatores que apresentam pesos relativos quase neutros, pois apenas mulheres com nível escolar do Ensino Fundamental, de 5 a 8 anos de estudo (0.606) e por homens mais estudados (0.549) favorecem o fechamento.

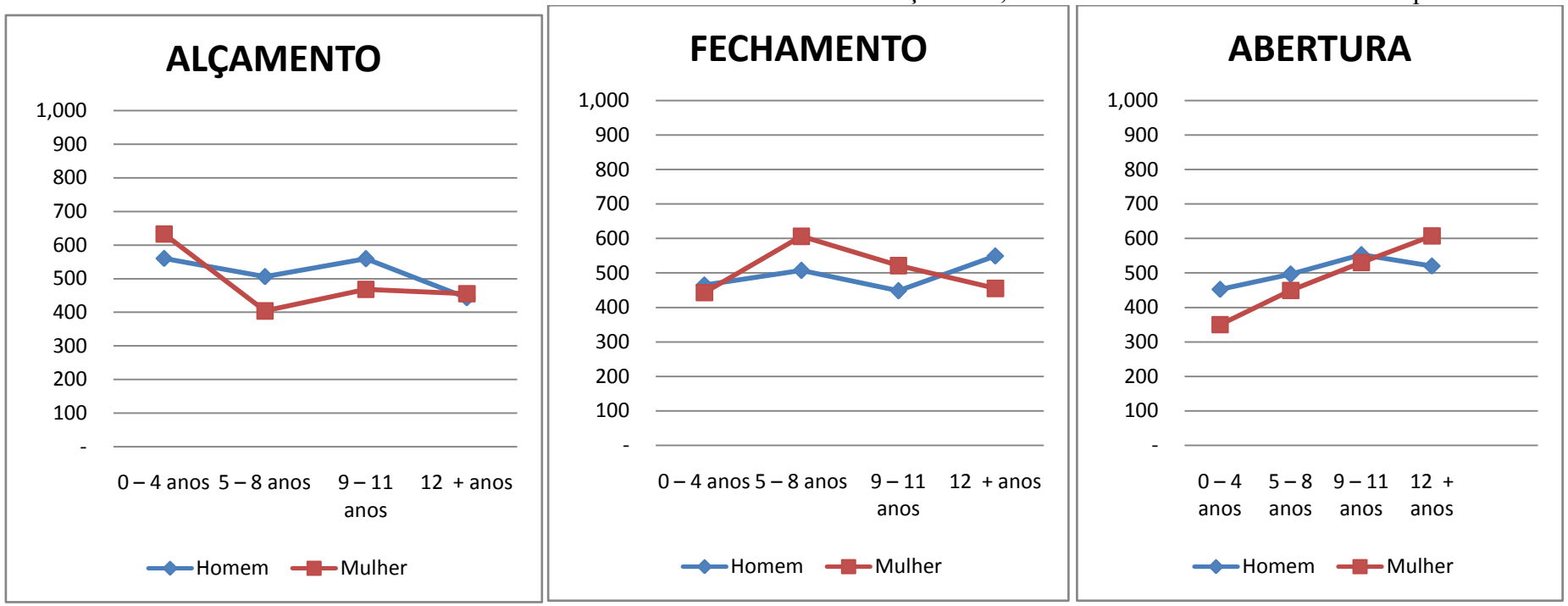
A abertura da variável <O> é favorecida por homens e mulheres mais estudados, com mais de 9 anos de estudo. As mulheres de 9 a 11 anos de estudo (0.530), apesar de favorecerem a aplicação da abertura, demonstram forte tendência à neutralidade, e com mais de 12 anos de estudo (0.607) favorecem a abertura com peso relativo mais significativo. Ao contrário das mulheres, a abertura é favorecida timidamente pelos homens com mais de 12 anos de estudo (0.520) , sendo mais visível por homens com 9 a 11 anos de estudo (0.553).

[65]Significance = 0.014.
[66]Significance = 0.006.
[67]Significance = 0.024.

TABELA 39: Efeito do cruzamento das variáveis “Sexo/gênero” e “Escolaridade” na realização da variável dependente <O>

	FEMININO			MASCULINO		
	Alçamento	**Fechamento**	**Abertura**	**Alçamento**	**Fechamento**	**Abertura**
0 – 4 anos	**0.633** 84/337 = 24,9%	0.443 100/337 = 29,7%	0.350 153/337 = 45,4%	**0.560** 110/337 = 32,6%	0.465 102/337 = 30,3%	0.452 124/337 = 37,1%
5 – 8 anos	0.404 91/463 = 19,7%	**0.606** 181/463 = 39,1%	0.449 191/463 = 41,3%	0.506 117/422 = 27,7%	0.507 159/422 = 37,7%	0.496 146/422 = 34,6%
9 – 11 anos	0.468 81/357 = 22,7%	0.521 133/357 = 37,3%	**0.530** 143/357 = 40,1%	**0.559** 150/488 = 30,7%	0.448 177/488 = 36,3%	**0.553** 161/488 = 33%
+ 12 anos	0.455 111/469 = 23,9%	0.455 137/464 = 29,5%	**0.607** 216/464 = 46,6%	0.443 66/350 = 18,9%	**0.549** 124/350 = 35,4%	0.520 160/350 = 45,7%

GRÁFICO 15: Efeito do cruzamento do “Sexo/Gênero” e da “Escolaridade” no alçamento, fechamento e abertura da variável dependente <O>



Fonte: Elaboração própria

Observando horizontalmente a Tabela 39, a escolaridade mais baixa é favorecedora apenas do alçamento e por ambos os sexos; o nível Fundamental favorece o fechamento, apenas pelo sexo feminino; mulheres e homens com 9 a 11 anos de estudo favorecem a abertura, sendo que os homens com este nível escolar também favorecem o alçamento; por fim, mulheres que têm mais de 12 anos de estudo revelam abrir a variável <O> e homens fechá-la. Os sexos feminino e masculino têm comportamentos semelhantes quando com nível escolar 0 - 4 anos ou 9 - 11 anos, mas diferenciado nos outros intervalos.

Ao retornar à tabela referente aos resultados para a variável <O> sobre o efeito da variável Escolaridade, percebe-se que há interação entre os fatores da variável sexo e da Escolaridade. O cruzamento reforça que o fator 0 – 4 favorece claramente a aplicação de alçamento, tanto para <E> como para <O> e que a partir de 9 anos de estudo há uma leve tendência à abertura de <O>. Para o fechamento de <O>, os resultados cruzados ainda não foram suficientes para mostrar a atuação da escolaridade.

4.3.6 Origem

4.3.6.1 Variável dependente anterior <E>

A variável "Origem" foi acrescentada para testar se a descendência de cada região interfere na produção da vogal média pretônica. Assim, foram levantados diversos municípios de origem dos pais e avós e aglomerados em regiões que servem de fatores para análise. A Tabela 40 a seguir apresenta os resultados para esta variável social:

TABELA 40: Efeito da "Origem" na realização da variável dependente <E>

	Alçamento	**Fechamento**		**Abertura**	
Oeste Goiano	203/1600= 12,7%	768/1600 = 48%	**0.577**	629/1600 = 39,3%	0.424
Sul Goiano	87/382 = 22,8%	130/382= 34%	0.379	165/382 = 43,2%	**0.582**
Minas Gerais	236/1437= 16,4%	631/1437 = 43,9%	0.481	570/1437 = 39,7%	0.510
Minas + Bahia	72/406 = 17,7%	153/406 = 37,7%	0.446	181/406 = 44,6%	**0.587**
Bahia	32/228 = 14%	82/228 = 36%	0.383	114/228 = 50%	**0.673**
TOTAL	**630/4053 = 15,5%**	**1764/4053 = 43,5%**		**1659/4053 = 40,9%**	

Fonte: Elaboração própria

O alçamento é mais frequente na fala de descendentes do Sul Goiano com 22,8% (87/383), enquanto menos usado por quem tem a origem no "Oeste Goiano" com apenas

12,7% (203/1600). O alçamento de <E> não reconheceu a variável "Origem" como controladora por não apresentar significância estatística.

A variante fechada de <E> é predominante na fala de quem é originário do Oeste Goiano com 48% (768/1600) e de Minas Gerais com 43,9% (631/1437). Os pesos relativos indicam que o fechamento da variável <E> pretônica é favorecido por iporaenses com antecedentes da própria região, ou seja, do Oeste Goiano. Ao passo que mesmo com maior porcentagem de uso da variante fechada na fala por descendentes de mineiros, a região de Minas Gerais se apresenta neutra na aplicação do fechamento com peso 0.481.

O fator de origem "Minas Gerais" (0.510) também se apresenta neutro para aplicação da abertura da variável <E>. Os participantes que têm descendência do Oeste Goiano tendem a não realizar a variante aberta, ou seja, a inibir a abertura (0.424).

As outras regiões são favoráveis à abertura de <E>, mas a origem da "Bahia" (0.673) é que tem peso relativo mais alto e indica favorecer mais a abertura. Quem tem a mistura da origem baiana com a mineira (0.587) também favorece a abertura. O "Sul Goiano" com peso 0.582 favorece a abertura também.

Assim, a realização da variável <E> demonstra ter correlação com a origem dos falantes, sendo que tendo origem na região goiana de Iporá mesmo, no Oeste Goiano, tem baixo uso de alçamento se comparado às outras regiões e favorece o fechamento e inibe a abertura. O capítulo anterior mostra que os participantes que compõem esta região são 5 jovens, 3 adultos e 1 idoso.

O comportamento das vogais na fala de descendentes de baianos e de mineiros com baianos tem semelhanças. Como a tendência da fala nordestina é abrir a vogal pretônica (fato exposto no capítulo 2), com estes dados de Iporá, percebe-se que falantes que têm raiz no território da Bahia tendem a abrir a variável <E> pretônica, independente se há casamento com povo mineiro.

A descendência de mineiros não apresenta nenhuma tendência de favorecimento a nenhuma variante, o que revela que este fator não interfere na realização da variável <E>. Assim sendo, a neutralidade de descendentes de mineiros quando mesclada com o favorecimento a abertura da pretônica dos baianos resulta no favorecimento da abertura, embora em porcentagem e peso relativos mais reduzidos. Assim fica posto que o povoamento de Iporá por povos nordestinos tenha papel na taxa de abertura da variável <E> encontrada em Iporá.

Os falantes descendentes da região do "Sul Goiano" também têm comportamento das vogais pretônicas semelhante aos descendentes de baianos e mineiros com baianos.

Imaginava-se que por a região “Sul Goiano” estar em limite com o estado de Minas Gerais haveria uma semelhança quanto à realização das pretônicas, no entanto, esta região não se comporta semelhante nem ao estado de Minas Gerais nem à região do mesmo estado, Oeste Goiano. Assim, não foi possível apreender com exatidão porque se assemelha mais com Bahia.

4.3.6.2 Variável dependente posterior <O>

A Tabela 41 a seguir exibe os resultados da variável “Origem” para a variável <O>:

TABELA 41: Efeito da “Origem” na realização da variável dependente <O>

	Alçamento		**Fechamento**	**Abertura**	
Oeste Goiano	303/1230= 24,6%	**0.564**	467/1230 = 38%	460/1230 = 37,4%	0.427
Sul Goiano	84/299 = 28,1%	**0.550**	99/299= 33,2%	116/299 = 38,8%	0.493
Minas Gerais	328/1197= 27,4%	0.494	397/1197 = 33,2%	472/1197 = 39,4%	0.525
Minas + Bahia	55/292 = 18,8%	0.358	97/292 = 33,2%	140/292 = 47,9%	**0.564**
Bahia	40/200 = 20%	0.289	53/200 = 26,5%	107/200 = 53,5%	**0.704**
TOTAL	**810/3218 = 25,2%**		**1113/3218 = 34,6%**	**1295/3218 = 40,2%**	

Fonte: Elaboração própria

Para a variável <O>, a variável “Origem” foi tida como selecionada para o alçamento e para a abertura, mas não para o fechamento. Por isso, não foram dispostos os pesos relativos referentes ao fechamento. A variante fechada foi a mais ocorrente apenas na fala de quem tem origem no Oeste Goiano (467/1230 = 38%), enquanto nas outras regiões prevalece a abertura. Quem tem menor índice de fechamento em termos percentuais é a informante descendente de baianos (53/200 = 26,5%). O fechamento havia sido selecionado para a variável anterior <E> e era favorecido apenas pela região Oeste Goiano.

O alçamento da variável <O> é favorecido por descendentes do estado de Goiás, da região Oeste Goiano (0.564) e Sul Goiano (0.550), ao contrário das outras regiões de outros estados: Minas se mostra neutro (0.494) e Minas + Bahia (0.358) e Bahia (0.289) são inibidores. Para a variável <E>, o alçamento não foi selecionado.

Numa leitura vertical dos pesos para abertura, é possível perceber que há uma gradação crescente rumo à descendência baiana, desde pesos inibidores aos favorecedores. Assim, a origem mineira continua tendendo à neutralidade para abertura de <O> (0.525) assim como para <E> (0.510), embora a variável<O> se incline mais para abertura. A abertura de <E> é favorecida pela região “Sul Goiano”, mas para a abertura de <O>, o fator

tende à neutralidade (0.493). A região "Oeste Goiano" atua na abertura da variável <O> assim como para <E>, inibindo-a (0.427).

A abertura de <O> é favorecida pela descendência de baianos (0.704) e de mineiros com baianos (0.564), assim como para a variável anterior <E>. A partir disto, é possível afirmar que tanto para <E> como para <O>, a origem nordestina, seja ela misturada com mineiros ou não, é controladora da abertura das vogais pretônicas. Estes resultados confirmam a suspeita da atuação da presença de baianos justificar o alto índice de abertura encontrada em Iporá.

4.4 DISCUSSÃO SOBRE O EFEITO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

4.4.1 Discussão sobre o efeito das variáveis independentes linguísticas

Acredita-se que a ordem de seleção das variáveis independentes proporciona já um panorama sobre quais delas mais controlam a variação das vogais médias pretônicas. Assim sendo, percebe-se que as variáveis independentes linguísticas intervêm mais na realização da pretônica do que as sociais, como pode ser visto na Tabela 42[68].

TABELA 42: Ordem de seleção das variáveis independentes

	Alçamento		**Fechamento**		**Abertura**	
	[i]	[u]	[e]	[o]	[ɛ]	[ɔ]
Altura da vogal seguinte	1	2	1	1	1	1
Contexto precedente	4	3	6	4	7	4
Contexto Seguinte	2	1		5	3	2
Classe Gramatical	3	5	2	6	2	3
Distância da Tônica	6	4		2	6	6
Sexo/gênero			4		4	
Idade		6		3		
Escolaridade	5	8	3	7		7
Origem		7	5		5	5

Fonte: Elaboração própria

Destas, a mais significativa estatisticamente para a aplicação do alçamento, do fechamento e da abertura é a "Altura da vogal seguinte", com exceção para o alçamento da variável <O>, que tem esta variável como segunda mais importante. Esta variável revelou que ocorre um processo de harmonização vocálica com a vogal seguinte oral, tanto para a variável anterior <E> como para a posterior <O>, embora com mais acentuadapara a variável <E>.

[68] A Tabela 42 trata-se da Tabela 7 apresentada no início do capítulo e foi recolocada para facilitar a discussão.

Assim, palavras que têm a vogal seguinte oral alta tendem a ter a média pretônica alta também, como em "f[i]rida, d[i]rrubá, c[u]mida, gr[u]ssura". A assimilação regressiva da altura da vogal seguinte e tônica tem sido bastante estudada para a aplicação de alçamento e um dos trabalhos clássicos a este respeito é de Leda Bisol (1981) sobre o falar do Rio Grande do Sul, em que a autora discute a harmonização vocálica como regra variável. Em outras comunidades, outros trabalhos têm revelado a ocorrência ou não da harmonização, como exposto no capítulo 2.

Este processo fonológico em Iporá ocorre também com o fechamento e a abertura das variáveis <E> e <O>, ou seja, a assimilação regressiva da altura da vogal seguinte oral se aplica na realização pretônica, tornando-a alta, fechada ou aberta. Alguns itens que exemplificam o fechamento das variáveis<E> e <O> pela harmonização com a vogal seguinte são "*m**[e]**xeram, c**[o]**rr**[e]**dor, h**[o]**rror*" e a abertura são "***[ɛ]**rrado, r**[ɛ]**médio, r**[ɛ]**n**[ɔ]**vação, inc**[ɔ]**m**[ɔ]**dado, m**[ɔ]**derno*".

Em outros momentos da análise pode ser percebido como a harmonização está presente nos dados, como, por exemplo, na classe verbal. Os verbos da terceira conjugação costumam ter as desinências verbais com a vogal [i] tônica, o que implica numa porcentagem e pesos relativos expressivos para o alçamento. Os verbos da primeira conjugação têm parte das desinências verbais com a vogal [a] tônica como "*p**[ɛ]**gá, p**[ɛ]**gado, p**[ɛ]**gava, f**[ɔ]**rçá, f**[ɔ]**rçado, f**[ɔ]**rçava*" e outra parte com as vogais médias-altas [e] como "*p**[e]**guei, f**[o]**rcei*" e [o] "p**[e]**gô, f**[o]**rçô". Os verbos desta conjugação apresentam uma distribuição das variantes conforme a altura da vogal da desinência verbal. Não foi feita mesma correlação entre tempo verbal e as variantes para a variável <O>.

Apesar de a harmonização vocálica ser encontrada em Iporá com pesos relativos expressivos, nem todos os itens sofrem a harmonização vocálica, como "*r**[ɛ]**spirá, d**[i]**ssècá, p**[e]**ssual, pr**[ɔ]**tegê, h**[ɔ]**rrível, d**[o]**cumento, atr**[u]**pelado*". Isto permite inferir que a variação das vogais médias pretônica em Iporá, embora seja controlada pela Harmonização Vocálica com a altura da vogal seguinte oral, não atinge todos os itens, mas há variação.

Além do processo de Harmonização vocálica, o fechamento das vogais pretônicas se mostrou influenciado pelas vogais seguintes [u] e [ũ], fato interessante já que são altas. O processo de Debordamento foi identificado quando a pretônica faz hiato com uma vogal seguinte para <E> e <O>.

Constatou-se que a homorganicidade não tem papel sobre a aplicação do alçamento de <E> e de <O>, pois as vogais seguintes orais anteriores [i, e, ɛ] se mostram mais motivadoras do alçamento e menos inibidoras do que as posteriores [u, o, ɔ]. Bisol (1981) usa

o diagrama de Jones (1957) para justificar o não favorecimento da vogal seguinte [u] para o alçamento de <E>, pois, por causa de a vogal [u] "ser menos alta, é natural que não exerça sua força atrativa sobre /e/, pois convertê-la em /i/ seria provocar uma articulação mais alta que a própria" (p. 114). Apesar de este resultado não ser encontrado em Iporá, o fato de a língua se posicionar mais alta na boca para pronunciar as vogais anteriores [i, e,ɛ] pode desencadear um processo de alçamento mais forte por ter ponto de articulação mais alto.

A respeito das vogais seguinte nasais, não pode-se reconhecer a harmonização vocálica como pelas vogais seguintes orais. Apenas as vogais seguintes nasais altas [ĩ] e [ũ] são favorecedoras da aplicação do alçamento de <E> e <O> (com exceção da vogal seguinte [ũ], em que <O> não alçou das 6 ocorrências), sendo que, para a variável <O>, os resultados não são tão expressivos quanto para <E>.

As vogais seguintes nasais apresentam favorecimento à abertura (com exceção de [ũ] que desfavorece a abertura de <E>). Em outros momentos da análise, foi verificado que em palavras com sufixo *–inh* e *–zinh* há tendência de abertura, assim como a classe de advérbios com o sufixo *–mente* e os verbos no gerúndio com desinência *–ando, -endo* e *–indo*. A interação entre classe gramatical e nasalidade da vogal opera na aplicação da abertura de <E> e de <O>. Mas tudo indica que há uma relação entre a palvra primitiva e a derivada nestes casos, que podem ser estudados em outro momento.

Os contextos adjacentes às pretônicas também têm papel essencial nesta variação, mesmo que tenham sido selecionados de maneira alternada. Nota-se que o Contexto Seguinte atua mais no alçamento e abertura de <E> e <O>, enquanto para o fechamento tenha ocupado colocação menos significativa ao Contexto Precedente. Os contextos seguintes comuns ao favorecimento do alçamento de <E> e de <O> são as "Vogais" e as "Bilabiais", ao passo que as consoantes "Bilabiais" e "Velares" favorecem o alçamento de <E> e <O> em contexto seguinte.

A exclusão dos itens "*d**[i]**mais*", "*m**[i]**nino/a/inho/inha*", "*p**[u]**rque*", "*c**[u]**migo*", "*d**[e]**pois*", "*p**[e]**ssoa*", "*v**[o]**cê*" e dos contextos "*Início de palavra ES-*" e "*DES-"* que se apresentaram (quase) categóricos nos dados foi reveladora para a visualização de tendências que estavam ocultas com a presença destes dados. No entanto, mesmo sem "Início de palavra ES-" e "DES-", os contextos precedentes "Pausa", "Fronteira de Palavra" e Início de palavra DE- continuaram favorecendo a aplicação de alçamento de <E>, embora com peso relativo menos expressivo, sendo que "Fronteira de Palavra" passou a favorecer minimamente também a abertura da variável <E>. Em contexto seguinte, o fator S em coda não favorece nenhuma variante, mas tem o maior número de ocorrências fechadas. Ou seja, a exclusão dos

contextos categóricos mostrou que os contextos precedentes citados acima continuam favorecedores do alçamento, mas que “S em coda” não.

A “Pausa” e a “Fronteira de Palavra” são fatores referentes ao início da palavra com asvariáveis <E> ou <O>. O início de palavra atua diferente para as variáveis <E> e <O>, pois à medida que a tendência é de alçamento de <E> nestes contextos, é de favorecimento ao fechamento e à abertura de <O>, ou seja, um comportamento inverso para <E> e <O>.

O fechamento de <E> e de <O> é favorecido pelas consoantes “Labiodentais” em ambos os ambientes, enquanto as “Vogais” e as consoantes “Dentais” favorecem em contexto precedente e as “Sibilantes”, “Glotal” e “S em coda” favorecem em contexto seguinte. Os fatores “S em coda” e “Sibilantes” foram indicados pelos pesos relativos como motivadores do fechamento de <E> e de <O>, o que leva a entender que as consoantes sibilantes, seja em coda ou em ataque da sílaba seguinte, favorecem o fechamento independente do tipo silábico.

A abertura das vogais médias pretônicas é favorecida em contexto seguinte por “R em coda” e pelas consoantes “Glotal”, “Labiodentais” e “Dentais”, enquanto, em contexto precedente, há apenas o encontro [tɾ, dɾ, fɾ] influenciando em comum as variáveis <E> e <O>.

O tipo de sílaba CCV apresentou comportamento diferente entre a variável anterior <E> e a posterior <O>. Para a variável anterior <E>, [pɾ, bɾ] favorece o alçamento, [kɾ, gɾ] e [tɾ, dɾ, fɾ] favorecem o fechamento e [pl, bl, fl] e [tɾ, dɾ, fɾ] favorecem a abertura, ou seja, o tipo de sílaba não demonstra determinar a realização da pretônica. Mas para a variável <O>, todos os encontros apresentam motivar a abertura, o que configura um favorecimento pelo tipo de sílaba CCV.

O tipo de sílaba travada (C)VC subdividiu-se em “R em coda”, “S em coda” e “L em coda”, sendo que o último foi amalgamado às “Vogais” devido à ocorrência de nocautes e à vocalização de [l] em [w]. Para a variável <E>, o fechamento é favorecido por “S em coda” e a abertura por “L em coda” e “R em coda”, o que evidencia que este tipo de sílaba não tem comportamento específico para a variável <E>. Os dados com a variável <O> demonstram que “S em coda” e “R em coda” inibem o alçamento e favorecem tanto o fechamento como a abertura, enquanto “L em coda” motiva mais o fechamento com porcentagem de ocorrências maior. A sílaba travada (C)VC não apresenta uniformidade de interferência na realização das vogais pretônicas, isso implica dizer que, nesta variação, a qualidade do som que trava a sílaba é mais determinante do que o simples fato de ser travada.

É interessante perceber que “R em coda” também é um fenômeno variável na língua portuguesa brasileira, e também em se tratando de Goiás. Nos dados encontrados em Iporá, a tendência é o apagamento em final de palavra, mas, quando no meio da palavra, como é o

caso que envolve as pretônicas, as ocorrências são geralmente com a variante retroflexa [ɹ]. Conforme Santos (2004), a realização do "erre" retroflexo não caracteriza a fala rural da região centro-norte goiana, apenas a comunidade Acaba Vida, descendente de mineiros. Isto reflete a variabilidade do "R em coda" em Goiás em adjacência à variação das vogais médias pretônicas, sendo que o "R em coda" favorece a abertura de <E> e de <O> e o fechamento apenas de <O> em Iporá.

A variável Classe Gramatical teve ordem de seleção privilegiada, alternando entre segunda e terceira posição para todas as realizações da variável <E> e apenas para abertura da variável <O>, ou seja, a classe gramatical interfere mais na realização da variável <E> do que <O>.

A abertura de <E> e de <O> é favorecida pela classe nominal de "Substantivos Próprios", quando nomes de locais e de pessoas tendem a abrir as variáveis <E> e <O>. Esta classe demonstrou restringir a aplicação de alçamento. Este resultado confirmou o que Viegas (1987, 2001) observou sobre o caráter ligeiramente estigmatizado do alçamento, quando a semântica do item reflete na tendência de aplicação ou não do alçamento. A este respeito, ela mencionou que os nomes próprios tendem a ser mais prestigiados, o que levaria à restrição do alçamento nestes nomes. Através da baixa aplicação de alçamento nestes nomes, fica atestada a impressão de Viegas sobre a carga semântica prestigiada dificultar a realização da variante alta, considerada como levemente desprestigiada.

No entanto, além de inibir o alçamento como símbolo de interferência semântica da palavra, os "Substantivos Próprios" favorecem a aplicação da variante aberta, inclusive o nome da comunidade estudada "*Ip**[ɔ]**rá*" é realizada categoricamente com a pretônica aberta. O que leva a indagar se o significado social da variante aberta seria de prestígio. Esta questão deve ser observada com base em elementos empíricos da avaliação social sobre esta variante, o que extrapola os objetivos desta pesquisa.

O fechamento é favorecido unicamente pela classe de "Substantivos Comuns", sendo que a variável Classe Gramatical foi a segunda selecionada para a variável <E> e a sexta para a variável <O>, ou seja, esta variável tem mais atuação sobre a anterior <E> do que sobre a posterior <O>.

Os "Numerais" favorecem o alçamento das variáveis <E> e <O>, mas tendem a abrir a variável <O> também. Os "Advérbios" motivam o alçamento da variável <E>, enquanto favorecem a abertura da variável <O>, enquanto os "Adjetivos" são imparciais para a variação da variável <E> e são favorecedores da abertura para a variável <O>.

A respeito da classe verbal, as variáveis <E> e <O> apresentam comportamento semelhante quanto ao fechamento e à abertura. Nenhum dos fatores verbais se apresentou favorável ao fechamento, mesmo que os porcentuais apontassem para a predominância de variantes fechadas. Os verbos da "1ª conjugação" e os no "Gerúndio" tendem à abertura das vogais pretônicas, sendo que o "Gerúndio" é bem menos favorecido pela variável <O>. O alçamento da variável <E> é motivado pelos verbos da "2ª" e da "3ª" conjugações e da variável <O> é favorecido por todas as conjugações e pelos verbos no "Gerúndio". Isto indica que a classe verbal é favorecedora do alçamento <O>, independente da divisão dos fatores.

Foi investigado se a altura das vogais das desinências verbais poderia estar desencadeando o processo de harmonização vocálica, como discutido acima. Ficou posto que em termos percentuais há aplicação da variante com a mesma altura da desinência verbal, mas os pesos relativos acusam tendências nem sempre condizentes com o maior valor percentual, como é o caso das ocorrências com a pretônica fechada em verbos da "1ª" e "2ª" conjugações, sendo que nenhuma delas foi selecionada como relevante para a aplicação do fechamento. Seria interessante observar os dados da classe verbal separadamente dos nominais e compreender se as motivações sociolinguísticas são as mesmas.

Os resultados sobre o efeito da variável "Distância da Tônica" apresenta a dualidade entre a menor distância da tônica, que é "Seguinte", e as outras distâncias "Segunda", "Terceira" e "Quarta". O alçamento de <E> e <O> é motivado pela vogal tônica em sílaba "Seguinte", enquanto as outras distâncias favorecem a abertura de <E> e o fechamento de <O>. Esta variável se mostrou dispensável para o fechamento da variável <E>.

A rodada para observar o fechamento de <E> foi a única que não reconheceu todas as variáveis linguísticas, descartando Contexto Seguinte e Distância da Tônica e tendo o Contexto Precedente como última variável selecionada. Assim, o fechamento de <E> tem como principais motivadores linguísticos a Harmonização vocálica com a altura da vogal seguinte média-alta [e] e [o] e a classe de Substantivos Comuns. As variáveis sociais Escolaridade, Sexo/Gênero e Origem operam mais sobre a aplicação do fechamento de <E>do que os contextos adjacentes e a distância da tônica. Ou seja, esta rodada não demonstra o mesmo padrão de seleção das variáveis independentes das outras rodadas.

As variáveis independentes linguísticas apontam para diversas motivações internas ao sistema linguístico que justificam a variação das vogais médias pretônica na fala de iporaenses.

4.4.2Discussão sobre o efeito das variáveis independentes sociais

Segundo a seleção das variáveis independentes pelo programa, as variáveis sociais atuam sobre a variação das vogais médias pretônicas, mas não tanto como as linguísticas, com base em que as rodadas descartaram sempre alguma(s) variável(is) social(is) e outras foram as últimas selecionadas para controle da variação.

TABELA 43[69]: Ordem de seleção das variáveis independentes

	Alçamento		**Fechamento**		**Abertura**	
	[i]	[u]	[e]	[o]	[ɛ]	[ɔ]
Sexo/gênero			4		4	
Idade		6		3		
Escolaridade	5	8	3	7		7
Origem		7	5		5	5

Fonte: Elaboração própria

A variável Escolaridade não foi selecionada apenas para a abertura de <E>, o que indica que a variável social mais operante na variação das vogais pretônica é relativa ao tempo que o falante passou no ambiente escolar. A seleção desta variável é condicionada pela existência do intervalo de 0 – 4 anos de estudo, pois, nas rodadas sem este nível escolar, esta variável nem foi selecionada.

Os resultados apontam que a tendência de pessoas com menos tempo de estudo, 0 – 4 anos, é alçar as variáveis <E> e <O>, isto é, o alçamento marca a fala de pessoas com pouco tempo de estudo. Este nível escolar inibe a realização do fechamento das variáveis <E> e <O> e as abertas de <O> (porque não foi selecionado para fechamento de <E>). O cruzamento das variáveis "Escolaridade" e "Sexo/Gênero" comprovou que o sexo do falante não controla o alçamento de <E> e de <O>, mas sim o nível escolar mais baixo.

Os outros intervalos de tempo de estudos não demonstram um padrão de favorecimento de <E> e de <O>, geralmente com pesos próximos à neutralidade. No cruzamento desta variável com "Sexo/Gênero": o fechamento e a abertura de <E> são controlados pelo sexo do falante e não pela escolaridade; e a variável <O> apresentou interação entre os fatores referentes ao sexo e à escolaridade dos falantes.

A segunda variável social mais selecionada nas rodadas foi a "Origem" dos participantes. A análise da abertura de <E> e <O>indicou a seleçãodesta variável como a quinta mais importante estatisticamente. As origens "Bahia" ou "Minas+Bahia" foram

[69] A Tabela 43 é parte da Tabela 7 sobre a ordem de seleção das variáveis independentes.

indicadas como principais fatores estatisticamente operantes na aplicação da abertura de <E> e de <O>, sendo que a origem na região Sul Goiano favorece somente a abertura de <E>.

Nascentes (1953), com base na realização das vogais médias pretônicas, dividiu o Brasil em Sul e Norte. Na região Norte/Nordeste, predomina a abertura das médias pretônicas, constituindo-se em um dos traços mais marcados da fala nortista/nordestina (vide capítulo 2). A origem baiana, ao lado da origem mineira, é um dos fatores sociais mais relevantes no controle da variação no uso das médias pretônicas em Iporá. Assim, acreditamos que a abertura passou de geração para geração, pois a tendência à abertura nos dados é visível mesmo na fala dos participantesque passaram a maior parte da vida ou a vida toda em Iporá (ou região). Assim, a história dos processos migratórios mais recentes de Iporá parece ter maior peso no uso das médias pretônicas do que a formação sócio-histórica de Iporá.

Mas, voltando ao capítulo 3, onde se faz a caracterização dos fatores que compõem a variável "Origem", nota-se que apenas uma participante constitui o fator "Bahia" e dois (um homem e uma mulher idosos) o fator "Minas+Bahia", o que leva a pensar sobre qual a proporção de descendentes de cada região do país em Iporá. A este respeito, seria necessário um estudo mais amplo e mais profundo com essa finalidade, sobre Iporá. Atualmente, em pesquisas do IBGE (2010), a maioria dos residentes em Iporá nasceu na região Centro-Oeste (91,13%), como exposto no primeiro capítulo, mas pôde-se observar o fluxo migratório de famílias do Sudeste (3,88%) e do Nordeste (2,98%), aqui deduzido como dos estados de Minas e da Bahia por razões históricas e geográficas.

Na amostra utilizada para realizar a descrição da variação das vogais pretônicas em Iporá, apenas três participantes têm origem baiana, o que implica em questionar a alta porcentagem de abertura na fala dos outros informantes que são descendentes das outras regiões, alternando entre a predominância da variante aberta e fechada. A predominância da abertura não é exclusividade dos descendentes de baianos.

Se tivessem sido citadas localidades mineiras mais ao norte de Minas Gerais, ou seja, mais próximas ao estado da Bahia, ainda haveria a possibilidade de que a abertura também tivesse sido trazida por mineiros do norte. Mas os municípios mineiros citados são Patos de Minas e Carmo do Paranaíba, que pertencem ao Triângulo Mineiro, ou seja, mesorregião que faz limite com São Paulo e não com a Bahia. Assim, o contato com famílias nordestinas pode ter desencadeado este processo de abertura das vogais médias pretônicas, tanto por descendentes que apresentam um porcentual maior, como por descendentes de outras regiões de origem.

Neste caso, ao observar com a presença de nordestinos em Brasília, a tendência é outra, como mostra Corrêa (1998), pois os brasilienses tendem a usar a média pretônica fechada, seguindo a tendência do Sudeste (Rio de Janeiro, especialmente), de maior prestígio no Distrito Federal por ser associada à fala dos administradores e não dos operários.

Obviamente,Brasília e Iporá passaram por uma constituição histórica e sociocultural diferentes. Vale destacar é que em Iporá a abertura das vogais pretônicas, possivelmente, vinda do Nordeste brasileiro, foi assimilada pela população que se agregava e não só pela nordestina, tanto que está na fala de todos os participantes, de diferentes origens.

Outra hipótese que pode ser apenas estabelecida, embora não testada, é a de que a língua portuguesa ou a língua geral do sul, nos períodos colonial e imperial do Brasil, ao se instalar na região de Iporá, entra em contato, talvez confronto, com a língua Caiapó, do tronco Macro-jê, família Jê, que era usada pelos nativos em Goiás. Não se pode descartar a possibilidade de traços dessa língua indígena terem integrado a variedade iporaense do português, afinal eles eram muitos e tinham um enorme território e, provavelmente, vários dos nossos hábitos provem da cultura deles.

Ao observar as listas de palavras[70] reunidas por Giraldin (1997) e o texto em apêndice da tese de Dourado (2001), pode-se afirmar que as vogais médias baixas /ɛ/ e /ɔ/ fazem parte do sistema vocálico da língua Caiapó; as médias altas ocorrem na posição átona postônica, em geral, em final de palavras, consideradas todas as limitações do entendimento das listas.

A respeito das vogais do Panará, Dourado (2001, p.233-234) descreve um sistema com 15 vogais e onze consoantes, em que 9 vogais são orais e 6 nasais e as vogais em posição pretônica não sofrem redução, apenas as finais. Alguns exemplos são [tɛ'tɛti] "verde", [„yɔwpɨ] "onça", [pɛ'yə] "jatobá", [sɔw'si] "semente", [krɛ'tõmə] "nome de homem", [tɔ'tɔka] "espécie de macaco" (DOURADO, 2001). Apesar da existência das vogais abertas no Panará, não se pode fazer nenhuma afirmação a respeito da correlação com a variante aberta, pois extrapola os objetivos desta pesquisa, mas oferece mais uma idéia sobre a proveniência da abertura. Para isto, seria interessante estudar outras comunidades que fazem parte do histórico território dos Caiapó.

Por fim, descobrir que a abertura das vogais médias pretônicas tende a ser mais acentuada por participantes com ascendência baiana, é o primeiro passo para entender como a

[70]Giraldin (1997) reúne registros da língua dos Caiapó do Sul feita, por Alexandre de Souza Barbosa, Joaquim Lemos da Silva, Saint-Hilaire, Johann E. Pohl, Dr. Kupfer, Nehring, em épocas e grupos diferentes.

abertura em Iporá é predominante. Afinal, trata-se de um aspecto complexo sobre como e porque a abertura está presente em Iporá, e não só na fala dos descendentes de baianos.

Os participantes com ascendência na região de Minas Gerais apresentaram imparcialidade na aplicação das variantes, ou seja, a origem mineira não parece interferir na escolha da variante pretônica. As regiões goianas “Oeste Goiano” e "Sul Goiano” mostram-se favorecendo o alçamento da variável <O>, sendo que as regiões mais próximas à Iporá são mais favorecedoras do que as mais distantes. Com isto, a variante alta de <O> aparece nos dados, propondo uma divisão geográfica para a aplicação do alçamento por descendentes do próprio território goiano. Para a variável <E>, o alçamento nem foi selecionado como uma variante influenciada pela origem do falante.

Os participantes com origem na região Oeste Goiano, onde se encontra o município de Iporá, apresentam-se favorecedores do fechamento das variáveis <E> e <O>, com o maior número das ocorrências. Esse resultado, possivelmente associado aos jovens, que são favorecedores do fechamento, mostra que a variante local é a fechada, e, se futuramente for confirmado que esta é a variante padrão da região, será uma contribuição para afirmar perfil das médias pretônicas em Goiás. Assim, a abertura é uma variante inovadora, proveniente da origem familiar.

As variáveis sociais Sexo/gênero e Faixa Etária não apresentam a mesma atuação sobre as variáveis<E> e <O>, sendo antes opostas. A variável “Faixa Etária” foi selecionada apenas para o alçamento e o fechamento da variável<O> e revelou que os idosos tendem a alçar, enquanto os jovens tendem a fechar a média pretônica, e, apesar de não seremselecionados para a variável<E>, os percentuais confirmam essa tendência. Segundo as porcentagens, os iporaenses mais idosos tendem mais à abertura da vogal do que os jovens. Diante disso, concluimos que, em Iporá, a variação das vogais médias pretônicas não configura um caso de mudança em progresso, mas sim de variação estável.

A variável “Sexo/Gênero” do informante foi selecionada como relevante para o fechamento e para a abertura da variável<E>, em que mulheres favorecem o fechamento e homens a abertura. Para a variável <O>, os percentuais apontam o contrário, que os homens usam mais as variantes fechadas (embora com diferença mínima) e que as mulheres usem mais a abertura. O alçamento é mais ocorrente na fala de homens, mesmo que com pouca diferença a respeito de<E>. Os cruzamentos confirmaram que a variável*sexo* é mais importante para <E> e que a idade do falanteé mais importante para <O>. Esses resultados confirmam a tendência à avaliação social positiva do fechamento, uma vez que, segundo Labov (1972), as mulheres são mais atentas às formas de prestígio social.

As variáveis sociais, apesar de nem sempre serem selecionadas e de não ocuparem as primeiras posições da seleção das variáveis independentes, revelam muito sobre o comportamento sociolinguístico dos iporaenses frente à variação das vogais médias pretônicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das vogais médias pretônicas em Iporá vem para se somar aos diversos estudos realizados no Brasil e para contribuir para o entendimento de como esta variação acontece em território goiano. Conforme foi apresentado, o desafio de apreender o comportamento das vogais médias pretônicas na fala dos iporaenses partiu da pesquisa realizada em Silva (2009), que motivou o aprofundamento da investigação, a fim de descrever melhor a complexidade encontrada na distribuição das pretônicas.

Sob a metodologia da Sociolinguística Variacionista, o tratamento estatístico dos dados de 22 participantes demonstrou que a variável dependente pode se realizar foneticamente como uma das três variantes: a *alta*, a *fechada* e a *aberta*, como nas palavras "s[i~e~ɛ]rviço" com a variável<E> e "t[u~o~ɔ]alha" com a variável <O>. Nãoforam consideradas as pretônicas nasais, por não alternarem com a variante aberta.

Em um primeiro momento, o fechamentoapresentava a frequência mais alta,com predominânciada abertura somente na variável posterior <O>. Em seguida, foram eliminados alguns itens e contextos adjacentes, que se comportavam de maneira (quase) categórica, o que alterou os resultados, passando de uma tendência ao fechamento à tendência à abertura, com uma diferença mínima de 1%, ainda que a variável anterior <E> continuasse com maior porcentual com a variante fechada. O alto índice de abertura, apontado em Silva (2009), foi encontrado também na atual pesquisa, diferentemente de Formosa/GO, em que a taxa de abertura é próxima à taxa de alçamento, com 66% de fechamento (GRAEBIN, 2008). A preferência dos goianos, então, fica claramente dividida entre a preferência pela variante fechada ou aberta, conforme a região do estado em que vivem.

A tendência de aplicação destas três variantes foi observada através de variáveis independentes linguísticas e sociais, das quais as linguísticas apresentam maior controle sobre a variação. Serão apontados a seguir os principais resultados obtidos através da análise do efeito de cada variável:

- A partir da análise da *Altura da Vogal Seguinte*, principal fator de controle sobre todas as variantes, foi constatado o processo de harmonização vocálica da variável <E> e <O> com a altura das vogais seguintes orais, se tornando altas [i, u], fechadas [e, o] e abertas [ɛ, ɔ]. Esta assimilação regressiva foi observada na classe verbal, com relação à altura das vogais das desinências verbais. Apesar de ser a primeira variável selecionada e de ter pesos relativos

expressivos, esta regra é variável, pois não atinge todos os itens, o que aponta que outros fatores estão envolvidos na variação, além da harmonização vocálica;

- As vogais seguintes nasais [ĩ] e [ũ] favorecem o alçamentoda variável <E> e <O> (exceto [ũ]), com tendência a harmonizar-se, apesar de que o fechamento e a abertura não sofram o mesmo processo quando seguidos de vogais nasais;
- As vogais seguintes [u] e [ũ] atuam sobre o fechamento da variável<E> e <O>, contrariando o processo de harmonização vocálica;
- As vogais seguintes orais anteriores [i, e, ɛ], que têm ponto articulatório mais alto que as posteriores, favorecem mais e inibem menos o alçamento, levando a entender que, por serem mais altas, tendem a alçar <E> e <O>, ou a inibir menos;
- As vogais seguintes nasais (com exceção de [ũ] para <E>) favorecem a abertura das vogais pretônicas, fato correlacionado com a presença dos sufixos -inh, -zinh, -mente, -ndo;
- As consoantes "Bilabiais" favorecem o alçamento em ambos os contextos, mas as consoantes "Velares" motivam a variável<E> e <O> a alçarem em contexto precedente, enquanto as "Vogais" favorecem o alçamento em contexto seguinte;
- A exclusão dos itens (quase) categóricos apresentou resultados interessantes, pois com a eliminação de "Início de palavras com ES-" e "DES-", os contextos "Pausa", "Fronteira de Palavra" e "Início DE-" continuaram favorecendo o alçamento, enquanto S em coda passou a inibi-lo;
- A "Pausa" e a "Fronteira de Palavra" atuam da mesma maneira na variação das vogais pretônicas, para <E> favorecem o alçamento e para <O> favorecem o fechamento e a abertura, inibindo o alçamento, mostrando que o início de palavra tem motivações opostas sobre <E> e <O>;
- As consoantes "Labiodentais" favorecem o fechamento de <E> e <O>, independentemente do contexto, juntamente com as "Vogais" e as consoantes "Dentais", em contexto precedente e com as "Sibilantes", a "Glotal" e "S em coda" em contexto seguinte;
- "S em coda" e as consoantes "Sibilantes" favorecem o fechamento, apontando que não épelo tipo silábico, mas pelo fato de serem sibilantes;
- Em contexto precedente, apenas o encontro [pɾ, bɾ] favorece a abertura de <E> e <O>, mas, em contexto seguinte, as consoantes "Glotal", "Labiodentais", "Dentais" e "R em coda" influenciam a abertura;
- O tipo de sílaba *CCV*, observado por meio da variável Contexto Precedente, favorece a abertura da vogal <O>, enquanto, para <E>, os comportamentos variados apontem para a

qualidade dos sons dos encontros consonantais como mais determinantes do que o tipo silábico;

- O tipo de sílaba *travada (C)VC* demonstra atuação na inibição do alçamento, enquanto se mostra variável quanto à aplicação de fechamento e abertura de <E> e <O>;
- Os "Substantivos Comuns" são favorecedores do fechamento das vogais pretônicas, sendo que estes substantivos fecham mais <E> do que <O>;
- Os "Substantivos Próprios" comprovaram que o índice de alçamento é reduzido em virtude de se tratar de uma classe nominal mais prestigiada socialmente, como Viegas (1987, 2001) notou. Em Iporá, a abertura é favorecida por esta classe gramatical;
- O alçamento de <E> é favorecido pela classe de "Numerais" e "Advérbios", enquanto que "Numerais", "Advérbios" e "Adjetivos" favorecem a abertura de <O>. Os "Adjetivos" apresentam neutralidade para a variação de<E>;
- A classe verbal não favorece o fechamento e os verbos da "1ª conjugação" e no "Gerúndio" favorecem a abertura das vogais pretônicas. O alçamento é favorecido, em<E>, por verbos da "2ª" e a "3ª" conjugações e, em <O>, por todos os verbos;
- Ao explorar os dados verbais e o percentual da distribuição das variantes, percebeu-se que é frequente o processo de harmonização vocálica em <E> e <O>, com a altura das vogais das desinências verbais;
- A menor distância da sílaba tônica, ou seja, a "Seguinte", favorece o alçamento, enquanto as outras distâncias favorecem a abertura de <E> e o fechamento de <O>.

O comportamento sociolinguístico emerge da análise das variáveis independentes sociais, mesmo que as variáveis sociais sejam menos selecionadas:

- O alçamento de <E> e de <O> é favorecido pelos participantes com menos escolaridade, de "0 – 4 anos" apenas. Na seleção dos participantes para compor a amostra, cogitou-se excluir este nível escolar por não ter preenchido as células de participantes jovens, no entanto, esta rodada revelou que este intervalo de tempo de estudo é determinante para compreender a conduta sociolinguística dos falantes, favorecendo o alçamento e inibindo o fechamento.
- A partir dos outros níveis escolares, acima de 5 anos de estudo, o fechamento e a abertura não apresentaram um padrão de favorecimento;
- A abertura de <E> e de <O> é motivada por participantes que tenham a origem na "Bahia" ou "Minas+Bahia", o que demonstra que o povoamento de Iporá por baianos tem participação na alta taxa de abertura encontrada nos dados, mesmo de quem não citou ter

baianos em sua origem. Visivelmente, a questão da abertura de vogais pretônicas no território do Oeste Goiano é mais complexa, mas esta variável de análise se justifica por identificar a correlação entre a sócio-história da comunidade de fala e o padrão de uso da variável;

- A descendência de mineiros apresentou-se imparcial para a aplicação das variantes;
- O fechamento de <E> e de <O> é favorecido por iporaense que tem origem na própria região do Oeste Goiano, enquanto esta região motiva o alçamento apenas da vogal <O>;
- O alçamento de<O> é favorecido pela faixa etária de participantes mais idosos, enquanto a fala dos mais jovens tende ao fechamento. A Faixa etária não se mostrou relevante para o controle da variação de<E>;
- O fechamento de <E> é favorecido pelo sexo feminino e a abertura pelo masculino. A variável "Sexo/Gênero" não foi selecionada como atuando na variação de <O>.

Os numerosos resultados apontaram uma competição ocorrendo mais entre as variantes *fechadas* e *abertas*, com cerca de 80% das ocorrências, enquanto que o *alçamento* tem baixa produtividade, como nas outras regiões brasileiras. As ocorrências de *alçamento*das vogais médias pretônicas apresentam motivações internas à língua, podendo também ser associadas à fala de pessoas com 0 a 4 anos de estudos e à fala de pessoas idosas. Verifica-se, ainda, uma leve estigmatização com respeito ao *alçamento*, tanto por ser atribuído à fala dos menos estudados, numa sociedade que tende cada vez mais a extinguir o analfabetismo, quanto pela inibição de *alçamento* em nomes próprios, que possuem valoração social semântica.

Foi percebido em vários momentos da análise que as variantes *fechada* e *aberta* são favorecidas pelos mesmos fatores linguísticos, indicando uma concorrência entre as variantes, não só pela predominância na fala, mas por ambientes condicionadores fonéticos/ fonológicos/ morfológicos. A variante *fechada*, considerada a mais antiga e preservada pela escrita, representa o conservadorismo, enquanto, a variante *aberta*, em território brasileiro é uma marca dialetal das regiões do norte e nordeste do país.

Em Iporá não foi possível apreender questões de prestígio ou estigmatização quanto a essas duas variantes, mesmo que o fechamento aparente ser menos marcado do que a abertura. A baixa escolaridade mostrou relação clara com a variante alta, mas os jovense as mulheres utilizam mais a variante *fechada*.

Com respeito à *abertura*, a relação com a origem baiana serviu como pista sociolinguística para motivar novas indagações, tais como: (i) como se deu a extensão da

abertura para a fala de todos os iporaenses, (ii) houve participação da língua Caiapó na formação da variedade iporaense, e (iii) qual seria a avaliação social dessa variante (já que é favorecida por uma classe nominal valorizada socialmente). Essas reflexões apontam para aspectos que merecem atenção em estudos posteriores.

Ao tentar relacionar as pesquisas sobre a fala de Formosa (GRAEBIN, 2008) e de dados anteriores de Iporá (SILVA, 2009), com o objetivo de observar os padrões sociolinguísticos compartilhados, percebeu-se que, apesar de apresentarem traços em comum, também apresentam muitas diferenças, de cunho linguístico e social. O fato de a fala de ambas as comunidades não serem afetadas pelas mesmas regras variáveis revela que em Goiás não há apenas um padrão[71]. O que releva que o "território incaracterístico" pode ser assim denominado por Nascentes(1953), não por falta de caracterização, mas por convivência de padrões diferenciados. Se em Formosa, predomina a variante fechada, e, em Iporá, a aberta, é claro que as médias pretônicas se comportam diferente, assim como os falantes se comportam diferentes em relação às médias pretônicas.

A relação com a pesquisa-piloto (SILVA, 2009) norteou o andamento do trabalho através de hipóteses e confirmando muitas delas no corpo do trabalho, enquanto outras não, quando uma das justificativas pode ser pelo tratamento metodológico diferente. Embora, os novos resultados quanto à distribuição da variante não afirmem totalmente o mesmo que em Silva (2009), demonstrando a variante aberta com porcentagem menor, é possível reconhecer que, das áreas dialetais propostas por Nascentes, a que mais se assemelha à fala de Iporá é a Norte, mais especificamente o subfalar baiano, devido à composição populacional de Iporá e resultados da variável "Origem". Sabe-se que para tal confirmação seria necessário um estudo comparativo com estudos de comunidades do subfalar baiano e observar os percentuais alcançados.

A discrepância entre os resultados de Silva (2009) e os resultados desta pesquisa corrobora o pressuposto de que realmente são necessários muitos dados para se depreender regras variáveis de uso de um determinado fenômeno e que categorias previamente estabelecidas são significativas até um determinado ponto, mas as diferenças de uma variedade para outra emergem do estudo de categorias reveladas pelos dados das comunidades.

[71] Encontra-se em avançado processo de elaboração a proposta de divisão das áreas dialetais de Goiás, pelo professor Sebastião Elias Milani e pela professora Tânia Ferreira Rezende, com base nos estudos realizados no Núcleo de Estudos da História Linguística de Goiás, no Obiah Grupo Transdisciplinar de Estudos Interculturais da Linguagem, no Laboratório de Estudos da Linguagem em Goiás - Labolinggo e no Imago.

A classe verbal demonstrou um campo de estudo interessante para novos encaminhamentos da pesquisa, já que tem comportamento diferenciado para <E> e <O> e, praticamente, ignora a frequência absoluta e relativa.

Os resultados deste trabalho são apenas um caminho para a compreensão da complexidade da análise das vogais médias pretônicas em comunidades goianas. Por ser uma pesquisa com inúmeras dificuldades desde a seleção dos participantes até a análise dos dados e com o pouco tempo disponível para realização da mesma, muitas decisões não foram as ideias, como, por exemplo, por não ter a quantidade satisfatória de informantes por célula, o que compromete em partes a análise. Mesmo assim, o material produzido é suficiente para direcionar próximos passos mais conscientes a respeito da interferência das variáveis independentes linguísticas e sociais sobre a variação das vogais médias pretônicas em Goiás.

Em trabalhos seguintes sobre a variação das médias pretônicas, seria interessante fazer o levantamento das ocorrências, como em forma de glossário, e examinar, além da frequência de cada item, quais são realmente ternários ou quais são binários entre *alçamento* e *fechamento* ou entre *abertura* e *fechamento*, pois palavras como "*noventa*" e "*sessenta*" dificilmente terão a pretônica alta.

Apesar das limitações encontradas neste trabalho, a variação das vogais médias pretônicas tem possibilitado vislumbrar a diversidade de comportamentos linguísticos dos falantes de Iporá, "heterogeneidade estruturada", que torna instigante a investigação sociolinguística.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luciana de Fátima. **A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis**. Dissertação de mestrado, Belo Horizonte, UFMG, 2008.

AVELHADA, Ana Carolina da Costa; SILVEIRA, Eliete Figueira Batista da. **Alteamento das vogais médias pretônicas na cidade de São Fidélis e Rio de Janeiro**: uma análise comparativa. Anais do VII Congresso Internacional da Abralin, Curitiba, 2001. (p.450-464)

BATTISTI, Elisa; VIEIRA, Maria José Blaskovski. O sistema vocálico do português. IN: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001 (159-194)

BISOL, Leda. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ, 1981.

BISOL, Leda. Epílogo. IN: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (p. 303-306)

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. IN: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Claudia (org.). **Fonologia e variação: recortes doportuguês brasileiro**. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 13-76.

BORTONI, Stela Maris; GOMES, Christina A.; MALVAR, Elizabete. **A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília. Um fenômeno neogramático ou de difusão lexical?** Revista Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, 1992. (p.9-29)

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 35ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Diatopia e diastratia no português do Brasil: prevalência ou convivência? IN: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MATTOS E SILVA, R. V. (eds.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil.** Salvador: Fundo de Cultura da Bahia, 2006. pp. 359-380

CASSIQUE, Orlando; CRUZ, Regina; DIAS, Marcelo Pires; OLIVEIRA, Daniele de Abreu. Análise do processo de alteamento das vogais médias pretônicas no português falado em Breves (PA). IN: HORA, Demerval da (org.). Vogais: no ponto mais oriental das Américas. João Pessoa: Ideia, 2009.

CELIA, Gianni Fontis. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venédia – ES.** Dissertação de mestrado, Campinas, Unicamp, 2004.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. IN: BISOL, Leda (org.).**Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. (p.91-123)

CORRÊA, Cíntia da Costa. **Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do /S/ pós-vocálico.** Dissertação de mestrado, Brasília, UnB, 1998.

CRISTÓFARO SILVA, Thaïs. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercício**s. 7ª Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

DIAS, Melina Rezende. **A variação das vogais médias pretônicas na fala dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco.** Dissertação de mestrado, Belo Horizonte, UFMG, 2008.

DOURADO, Luciana. **Aspectos morfossitáticos da língua Panará (Jê).** Tese de doutorado, Campinas, Unicamp, 2001.

FREITAS, Simone Negrão de. **As vogais médias pretônicas na fala da cidade de Bragança.** Dissertação de mestrado, Belém, UFPA, 2001.

GIRALDIN, Odair. **Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil Central.** Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

GOMIS, Moizeis Alexandre. **Uma viagem no tempo de pilões a Iporá (1748 – 1998):** dois séculos e meio de história da colonização e desenvolvimento do oeste goiano. Iporá/GO: UEG – UnU de Iporá, 2002.

GRAEBIN, Geruza de Souza. **A fala de Formosa/GO:** a pronúncia das vogais médias pretônicas. Dissertação de mestrado, Brasília, UnB, 2008.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental deanálise.** - São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em: **http://www.ibge.gov.br**. Acesso em: 30/08/2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão Regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas.** Rio de Janeiro, 1990.

KAILER, Dircel Aparecida**. Vogais pretônicas /e/ e /o/: um estudo em tempo aparente**. Tese de doutorado, Aararaquara, São Paulo, UNESP, 2008.

KLUNCK, Patrícia. **Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente.** Dissertação de mestrado, Porto Alegre, PUCRS, 2007.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Schere, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The sounds of the world's languages.** Massachusets: Blackwell plubishers, 1996.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Aspectos da difusão lexical.**Revista Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, 1992. (p.31-41)

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. IN: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Cecilia (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. – São Paulo: Contexto, 2012.PÁGINAS 33-42

SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, Sali & SMITH, Eric. **Goldvarb Lion: A multivariate analysis application.** Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2012. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm.Acesso em 30/08/2013;

SANTOS, Tânia Ferreira Rezende. **Falares rurais goianos**. Revista da UFG, Vol7, Nº 01, junho, 2004. Disponível em> www.proec.ufg.br . Acesso em 04/09/2013.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. **A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco.** Revista da Abralin, 2011. (p.121-146)

SEGPLAN. Secretaria de Estado de Gestão e de Planejamento. 2010. Disponível em: http://www.segplan.go.gov.br/. Acesso em 30/08/2013

SEPLAN. Secretaria de Planejamento de Goiás. Goiás em Dados. 2010. Disponível em: **www2.seplan.go.gov.br/bde/.** Acesso em: 30/08/2013.

SILVA, Ailma do Nascimento. **As pretônicas no falar teresinense.** Tese de doutorado, Porto Alegre, PUCRS, 2009.

SILVA, Myrian Barbosa da Silva. **Um traço regional na fala culta de Salvador.** Organon – Revista do Instituto de letras da universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 5, n.18, p.79 – 89, 1991.

SILVA, Wildinara Karlane Luiz da. **Realização variável dasvogais médias pretônicas na comunidade de fala de Iporá – GO**. Monografia, Iporá, UEG (UnU – Iporá), 2009.

SILVA, Wildinara Karlane Luiz da Silva; REZENDE, Tânia Ferreira. **Realização das vogais médias pretônicas em Iporá-GO.**II CIDS – II Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística. Universidade Federal do Pará, 24 a 27 de setembro. São Luís: EDUFMA, 2013. P. 2231-2243.

SILVEIRA, Ana Amélia Menegasso da. **As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista.** Dissertação de mestrado, São José do Rio Preto, UNESP, 2008.

VIEGAS, Maria do Carmo. **O alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolinguística.** Dissertaçãode mestrado, Belo Horizonte, UFMG, 1987.

VIEGAS, Maria do Carmo. **O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais.** Tese de doutorado, Belo Horizonte, UFMG, 2001.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.**São Paulo: Parábola, 2006

APÊNDICE

Análise comparativa dos resultados para a variável <E> entre as rodadas (1) sem os jovens com nível escolar primário e (2) sem todos os falantes do nível escolar primário.

TABELA: Distribuição das variantes da variável <E> entre as rodadas (1) e (2)

	ALÇAMENTO		FECHAMENTO		ABERTURA	
(1)	630/4053	15,5%	1764/4053	43,5%	1659/4053	40,9%
(2)	472/3259	14,5%	1494/3259	45,8%	1293/3259	39,7%

Fonte: Elaboração própria

O alçamento foi afetado pela retirada de todos os falantes do nível primário (2) caindo 1% de ocorrências (15,5% para 14,5%). A incidência de abertura cai cerca de 1% também (40,9% para 39,7%). O fechamento continua sendo o mais ocorrente em ambas as rodadas, mas torna-se mais ocorrente mais de 2% (43,5% para 45,8%). Enquanto alçamento e abertura são menos usados, o fechamento é a variante mais escolhida, ou seja, a retirada destes dados apontou que o índice de alçamento e abertura cai em favor do fechamento.

Abaixo é apresentada a ordem de seleção das variáveis independentes para ambas as rodadas.

Ordem de seleção das variáveis independentes para a variável <E>

	Alçamento		**Fechamento**		**Abertura**	
	(1)	(2)	(1)	(2)	(1)	(2)
Altura da vogal seguinte	1	1	1	1	1	1
Contexto precedente	4	4	6		7	7
Contexto Seguinte	2	2			3	3
Classe Gramatical	3	3	2	2	2	2
Distância da Tônica	6	5			6	6
Sexo/gênero			4	3	4	4
Idade						
Escolaridade	5		3			
Origem			5	4	5	5

Fonte: Elaboração própria

A respeito da seleção das variáveis, alterações mais significativas são percebidas entre a retirada dos dados dos jovens (1) e de todos participantes de nível primário (1). O alçamento perdeu a seleção da variável social Escolaridade, o que demonstra que o fator "Primário" é determinante para a seleção desta variável. Para o fechamento de <E>, fato semelhante ocorre, pois a Escolaridade também deixa de ser selecionada, juntamente com

Contexto Precedente. A abertura não apresenta nenhuma alteração na ordem de seleção, portanto, já que não selecionou a Escolaridade em nenhuma das rodadas.

TABELA: Efeito do "Sexo/gênero" sobre a variável <E> nas rodadas (1) e (2)

	ABERTURA		FECHAMENTO	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
(1)	0.412	0.583	0.584	0.421
(2)	0.409	0.588	0.569	0.434

A respeito da abertura, as mulheres passaram a ser mais inibidoras (0.412>0.409) e os homens mais favorecedores (0.583>0.588), embora com pouca significância. Quanto ao fechamento da variável <E>, as mulheres diminuem o favorecimento (0.584>0.569) e os homens se tornam menos inibidores (0.421>0.434).

TABELA: Efeito do "Escolaridade" sobre a variável <E> nas rodadas (1) e (2)

	ALÇAMENTO		FECHAMENTO	
	(1)	(2)	(1)	(2)
Primário (0 – 4 anos)	0.647	---	0.434	---
Fundam. (5 – 8 anos)	0.464	---	0.516	---
Médio (9 – 11 anos)	0.427	---	0.552	---
Superior (+ de 12 anos)	0.482	---	0.489	---

Na tabela acima pode ser vista a não eliminação da variável Escolaridade para a rodada (2). Além disso, ao observar o fator "Primário", percebe-se dualidade deste fator entre o alçamento e o fechamento, pois enquanto o alçamento é favorecido pelo nível Primário, o fechamento é inibido por ele. Assim, a presença deste fator na amostra é essencial para a seleção desta variável social, que é significativa quanto à aplicação de alçamento e à não-aplicação de fechamento.

Concluindo, a retirada dos dados com nível escolar primário altera: a distribuição das variantes em favor da vogal fechada; a escolaridade deixa de ser selecionada para alçamento e para fechamento; os fatores sociais recebem pesos relativos diferentes, no entanto não mudam de inibidores para favorecedores ou vice-versa. Assim, apesar de a retirada não afetar tanto os valores dos pesos relativos, não é capaz de mostrar que este nível de escolaridade tem papel na aplicação de alçamento e na não-aplicação de fechamento.

Portanto, a conservação da variável independente Escolaridade apresenta ser a atitude mais acertada para descrever como a fala dos iporaenses menos escolarizados contribui para a variação.

ANEXO 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
LABOLINGGO – LABORATÓRIO DA REDE DE PESQUISAS LINGGO
OBIAH GRUPO TRANSDISCIPLINAR DE ESTUDOS INTERCULTURAIS DA LINGUAGEM

FICHA SOCIAL DO COLABORADOR

Nome completo:_____

Idade: _____ Sexo:_____ Estado Civil:_____

Local de nascimento: _____

Permanência no local (anos):_____

Período fora do local (anos): _____ Onde? _____

Escolaridade:_____

Naturalidade do pai: _____

Naturalidade da mãe: _____

Naturalidade do cônjuge: _____

Atividade profissional:_____

Outras atividades na comunidade:_____

_____

Profissão do pai: _____

Profissão da mãe: _____

Profissão do cônjuge: _____

Meios de comunicação na residência:

TV ( ) Rádio ( ) Telefone ( ) internet ( ) Outros: _____

OBS:_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Data da coleta: ____/____/_____

Assinatura do coletor _____

Anexo 2

INQUÉRITO SEMÂNTICO-LEXICAL

Acidente geográfico

1. Como chama um rio pequeno?
2. Como chama o lugar onde o rio começa?
3. Como chama aquele pau que se coloca sobre o riozinho para atravessar?
4. Como chama a emenda de um rio com outro?
5. Como chama o movimento da água do rio?
6. Como chama o lugar no rio onde o gado bebe água?
7. Como chama a mistura de água com terra?
8. IMAGEM DE UM MORRO (1) E se for grande? E se for pequeno?
9. Como chama um monte de pedras?
10. Como chama um conjunto de muitas árvores?
11. Como chama a mata típica de Goiás?

Fenômenos atmosféricos

12. Como chama quando a água do rio fica girando fazendo aquele funil?
13. Como chama aquele funil que o vento faz e que levanta poeira?
14. Como chama aquele barulhão que faz quando chove?
15. Como chama o clarão que sai da nuvem quando chove?
16. E se cair?
17. Como chama a chuva muito forte com vento?
    a) chuva grossa e passageira?
    b) chuvinha fininha?
    c) chuva de gelo?

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

18. Como chamam aquelas cores que se formam quando tem sol e chuva?
19. Como chama quando para de chover?
20. Como chama aquela água que encontra nas plantas de manhã?
21. Como chama aquela fumaça que aparece pela manhã, quando está frio?

Tempo e astros

22. Quais são os períodos do dia?
    a) Como chama quando não é manhã nem tarde?
    b) Como chama quando não é nem tarde nem noite?
    c) E o período do fim da noite antes de amanhecer?
    d) Como chama o horário entre 4 e 5 da manhã, romper do dia?
23. O que marca o começo do dia?
    a) E o fim dele?
24. Como chama quando o céu fica colorido, alaranjado no começo da noite?
25. Como chama o dia antes de hoje?
    a) E um dia antes?
    b) E o dia antes ainda?
26. E o dia depois de hoje?
    a) E o próximo dia?
27. Como chama o nome daquela estrela grande que se vê pela manhã?
    a) E à noite, como ela se chama?
28. Como chama aquela luz que passa pelo céu à noite pra qual a gente faz um pedido?
29. Quais os conjuntos/formação de estrelas no céu que você conhece (que podem ser vistas à noite)?
    a) E aquela faixa branca larga que tem no céu à noite?

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

Alimentação e cozinha

30. Como chama aquela fruta que parece laranja que a gente tira a casca com a mão? IMAGEM (2)
31. Quais os tipos de chá que você conhece?
32. Como chama um monte de bananas penduradas no cacho?
33. Como chamam duas bananas grudadas?
34. Como chama a ponta do cacho da bananeira?
35. Como chama o fruto do pé de milho? IMAGEM (3)
36. Como chama o pau onde ficam os grãos de milho? IMAGEM (4)
37. Como chama o feijão ainda no pé?
38. Do que é feito pé-de-moleque?
39. Como chama a janta que não foi comida que fica na panela?
40. Como chama a comida que fica no prato depois da janta?
41. Como chama a máquina de triturar café em casa?
42. Como chama aquela raiz usada pra fazer farinha?
43. Como chama a bola de carne moída?
44. Como chama o acompanhamento do arroz e feijão nas refeições?
45. Como chama o cigarro feito pelo próprio fumante?
46. Como chama o pedaço que sobra do cigarro?
47. Como chama a bebida alcoólica fabricada da cana-de-açúcar?
48. Como chama o lugar aonde as pessoas vão para beber?
49. Como chama o docinho comprado para chupar?
50. IMAGEM DO PÃO FRANCÊS (5)
51. Como chama aquele pão grande e comprido?

Atividades agropastoris e vida no campo

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

52. Como chama um monte de capim?
53. Como chama a comida que se junta em casa para dar para os porcos?
54. Quando corta o rabo do animal, como fica?
55. Como chama aquilo que se coloca sobre os bois mansos?
56. Como chama aquilo que se coloca no lombo do animal para carregar carga?
57. Como chama aquilo que tem no arreio para carregar coisas?
58. Como chama o filhote da vaca?
59. Como chama o transporte da roça puxado por cavalo?
    a) E por boi?
60. Como chama a fêmea que está para dar cria?
61. Como chama uma égua velha?
62. Como chama o trabalhador rural contratado pra limpar pasto?
    a) E para lidar com gado?
    b) E com a plantação e a colheita?
63. Como é o nome do caminho feito com facão na mata?
64. Como chama o cesto que serve para carregar coisas?

Fauna e flora

65. Como chama aquela flor amarela e grande, cheia de sementes?
66. Como chama aquela ave que come carniça?
67. IMAGEM DE UM BEIJA-FLOR (6)
68. Como chama aquele passarinho que faz a casinha na árvore?
69. Como chama aquela ave caseira que faz “tô-fraco”?
70. Como chama aquele passarinho verde que fala?
71. Como chama aquele bicho fedorento que come galinha?

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

72. Como chama as patas dianteiras do cavalo?
73. Como chama o pelo da cauda? E o do pescoço?
74. Onde se coloca a cela no animal?
75. Onde se bate no animal com o chicote?
76. Como chamam aquelas pontas que crescem na cabeça do boi?
77. Como chama o boi que tem um chifre só?
78. Como chama o boi que não tem chifre?
79. Onde o bezerro mama?
80. Como chama onde fica o leite na vaca?
81. Como chama aquela parte de traz da vaca que ela usa para espantar mosquitos?
82. Como chama o cavalo que tem uma perna mais curta?
83. Como chama aquele tipo de gado criado solto que se alimenta do mato?
84. Como chama o inseto que faz dar bicho nas feridas dos animais (berne)?
85. Como chama aquele bicho da água que gruda na pele chupa o sangue?
86. IMAGEM DE UMA LIBÉLULA (7)
87. Como chama o bicho de fruta?
    a) o que queima a pele?
    b) o que dá em árvore principalmente em palmeiras e limoeiros?
88. Como chama aquele inseto que pica a gente à noite?

Corpo humano

89. Como chama a pele que cobre os olhos?
90. Como chama a parte de trás da cabeça?
91. Como chama o nó que os homens têm no pescoço?
92. Como chama esse osso que fica no ombro?

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

93. Como chama a parte das mulheres em que os bebês mamam?
94. Como chama o órgão onde os bebês são gerados?
95. Como chama a parte de trás do pé?
96. Como chama o osso pontudo que fica entre o pé e a perna?
97. Como chama o osso redondo do joelho?
98. O que é que a gente sente quando alguém cutuca as costelas?
99. Como chamam as coisas que usamos para mastigar?
100. Como chama o dente que a gente usa para rasgar as coisas?
101. Como chama o dente que nasce por último?
102. Como chama o dente do fundo?
103. Como chama aquilo que cai no olho?
104. Como chama aquela doença que pega nos olhos?
105. Como chama aquela bolinha que sai no olho e dói muito?
106. Como chama aquela doença que deixa o olho branco?
107. Como chama aquele ar preso que passa com um susto?
108. Como chama aquela sujeira que fica no nariz?
    a) E a do olho?
    b) E a do ouvido?
109. Como chama a parte embaixo do braço?
110. Como chama o cheiro que fica embaixo do braço?
111. Como chama quando a pessoa solta a comida pela boca?
112. Como chama este cabelo?

IMAGEM (8) cacheado

IMAGEM (8) pixaim

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

IMAGEM (8) liso

Convívio e comportamento social

113. Como chama a caminhada que se faz pela manhã com fogos e músicas para anunciar a festa?
114. Como chama a pessoa que dança muito bem?
115. Como chama as pessoas que ficam no final da festa?
116. Como se sente a pessoa que comeu demais?
117. Como chama a pessoa que sempre come demais?
118. Como chama a pessoa que bebeu muito?
119. Como chama a pessoa que sempre bebe muito?
120. Como chama a pessoa que tem as costas tortas?
121. Como chama a pessoa que tem uma perna menor que a outra?
    a) De pernas arqueadas?
    b) de uma só perna?
122. Como chama a pessoa que pega as coisas com a mão esquerda?
123. Como chama o homem que não tem cabelo?
124. Como chama quem não tem os dentes?
125. Como chama a pessoa que fala pelo nariz?
126. Como chama quem é cego de um olho?
127. Como chama quem tem um olho torto?
128. Como chama quem não enxerga longe?
129. Como chama a pessoa fala sem parar?
130. Como chama a pessoa pouco inteligente?
131. Como chama alguém que não gosta de gastar dinheiro?

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

132. Como é chamado alguém que não paga as contas?

133. Como chama o assassino pago?

134. Como chama o homem que fica na terra, mas não tem documentos de escritura dela?

135. Como chama as pessoas que têm o mesmo nome se tratam?

136. Como é chamado o marido enganado pela mulher?

137. Como chama o homem que gosta de outro homem?

138. Como chama a mulher que gosta de outra mulher?

139. Como chama mulher que trabalha vendendo o corpo, como é nomeada? (tem outro nome?)

Ciclos da vida

140. Como é o nome para o sangramento mensal da mulher?

141. Como chama quando o sangramento acaba, ali pelos 50 anos?

142. Como chama a mulher que ajuda os bebês a nascerem em casa?

143. Como chama o nascimento do bebê?

144. Como chama duas crianças nascem juntas?

145. Como chama a mulher está grávida e perde o bebê?

a) E quando ela tira?

146. Como chama a mulher que dá de mamar para o filho de outra?

147. Como chamam dois bebês de mães diferentes que mamaram na mesma mulher?

148. Como chama a criança vive com outros pais?

a) mulher do pai que não é a mãe?

b) E o marido da mãe que não é o pai?

c) E o filho?

149. Como chama a mãe do marido ou da esposa?

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

150. Como chama a irmã da esposa?

151. Como chama o irmão do marido?

152. Como chama o marido da filha?

153. Como chama a esposa do filho?

154. Como chama o último filho de uma família?

155. Como chama quando o recém nascido é do sexo masculino?

a) E se for do sexo feminino?

156. Como é chamada uma pessoa que morreu?

Religião e crenças

157. Como chama a visão de alguém que já morreu?

158. Como chamam os trabalhos feitos para o bem ou para o mal?

159. Como chama o objeto que protege a pessoa do mal?

160. Qual é o nome do anjo do mal?

161. Como chama a mulher que reza para curar cobreiro?

a) E o homem?

b) e a mulher que reza para curar doenças?

c) E o homem?

162. Como chama o lugar onde se coloca a manjedoura com a imagem do menino Jesus no Natal?

Jogos e diversões infantis

163. De quais brinquedos infantis você se lembra?

a) E de quais brincadeiras?

164. Como chama quando alguém vira de pernas para o ar:

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

a) De frente?

b) De lado?

c) No ar?

d) De ponta cabeça?

165. Como chama aquela bolinha de vidro para jogar?

166. Como chama aquele objeto de atirar pedras?

167. Como chama aquilo que as crianças soltam no vento e seguram pela linha?

168. Como chama a brincadeira em que, enquanto um conta, os outros se escondem?

169. Como se chama quando um tapa o olho de um e os outros fogem dele?

170. Como chama aquela brincadeira de correr atrás uns dos outros?

171. IMAGEM DE GANGORRA (9)

172. Como chama duas cordas penduradas e uma tábua para sentar?

173. Como chama aqueles quadrados que se risca no chão para pular?

174. Como chama a pessoa que age com desonestidade no jogo?

175. Como chama a pessoa que tem sorte no jogo?

a) e sem sorte no jogo?

176. Como chama o bom jogador?

a) E o mau jogador?

Habitação

177. IMAGEM DA TARAMELA (10)

178. Que tipos de janela você conhece?

179. Como chama a sujeira da chaminé?

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

180. Como chama o lugar onde ficam a cinza e a brasa no fogão a lenha?
181. Como chama aquilo que se usa para acender cigarro?
182. Aquela lâmpada de pilha para andar no quintal à noite?
    a) E a querosene?
    b) E a gás?
    c) E a azeite?

Vestuário e acessórios

183. Como chamam as roupas íntimas da mulher?
    a) Como chama a peça de roupa para sustentar seios?
184. Como chamam as roupas íntimas do homem?
185. Como chama a parte da roupa que se guarda dinheiro?
186. Como chama a maquiagem que se passa nas bochechas?
187. Como chama o prendedor de cabelo se usa para fazer penteados?
188. Como chama o prendedor que se usa na franja?
189. Como chama os acessórios que prendem todo o cabelo?
    a) Piranha(mímica)
    b) Liguinha(mímica)
    c) Diadema(mímica)

Vida urbana

190. Qual o nome para os ferros onde passa o trem?
191. Como chama o veículo/carro para todos?
192. IMAGEM (11)
193. Como chama a elevação na rua para diminuir a velocidade?
194. Como chama o lugar em que o pedestre anda ao lado da rua?
195. Como chama a borda da calçada?

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

196. Como chama a elevação na rua para diminuir a velocidade?
197. Como chama o círculo nos cruzamentos?
198. Como chama o lugar onde se constrói a casa?
199. Como chama uma rua pequena?

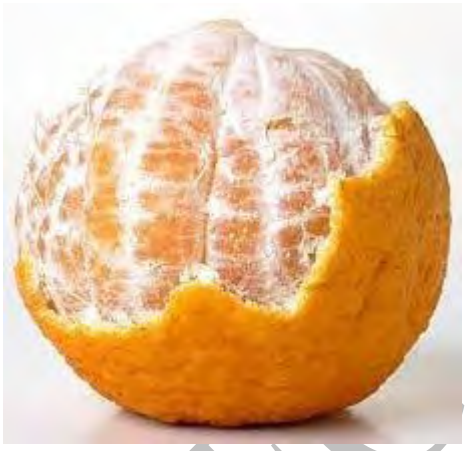
ALINGGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

IMAGENS

8.

30.



36.

35.

50.

67.

86.

112.

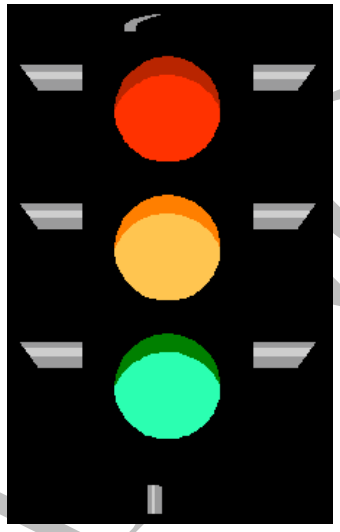
Todos os direitos reservados à autora.

112.

112.

171.

177.

192. 

Todos os direitos reservados à autora.

ANEXO 3

Transcrição de entrevista

PARTICIPANTE: HAP (homem, 48 anos de idade, nível escolar primário, carroceiro)

E: Agora eu quero que o senhor fala pra mim, quê que o senhor acha da cidade, quê que o sinhor acha de bom, aqui in Iporá? Quais que são as vantagens de Iporá, de morá aqui in Iporá?
P: A vantage que teim de mòrá aqui num é muita não, a vantage de morá aqui é poca violência, in vista, nóis tá num paraíso e a vantage que teim é essa. Se fô pa mòrá, lugá igual aqui é difici. A gente pode saí até tarde na rua, a gente pode chègá in casa, cê sentá na porta da rua fica até tarde, se quisé amanhecê na porta da rua...
NILDE (esposa dele): Aqui é baum in termo d'umas coisa, né, João.
P: A vantage que teim é, que eu acho é isso. Tem dia que eu fico pròcurano, sèrá que ixiste lugar bão pa morá igual aqui?
MEU PAI: Pa morá aqui é bão mesmo, igual ela tá falano mesmo, agora serviço aqui eu vô falá pro cê.
P: Tem que custumá cum poca coisa.
MEU PAI: Poca coisa.
E: Aí, o lado ruim já é a falta de imprego?
P: É a falta de imprego, a falta de zelo da cidade que tá muito precária, né. Cê anda no Ipòrá intero só teim lixo, intui, buraco...
E: Intão a istrutura física tá dexano a desejá?
P: Tá péssima, e muito.
E: E o senhor acha que a culpa é de quem disso?
P: Eu quèdito que é do prefeito, que imposto cobra to'dia né.
MEU PAI: Pió que é.
P: Todo treim que cê vai pagá é impsoto, incrusive a água agora vei cum aumento terrivi, né?
MEU PAI: Uai, a minha água pagava, que eu num uso água da rua, né, eu teim o poço artesiano, eu pagava sessenta real sem usá, agora sem usá...
P: Vai brincá pra lá.
MEU PAI: Eu teim de pagá duzen'setenta, sem usá.
P: Eu tava pagano dizoito e agora esse mêis vei trinta e cinco. Eu falei, eu assustei.
MEU PAI: Quais dobrô, heim?
P: Intão, dizoito pra trinta ...
MEU PAI: A minha subiu duma manera, eu num uso a água. Eu falei pra eles "Eu num uso a água".
P: [...] Furá um poço artesiano tameim, purque hoje...
MEU PAI: Poisé, mais igual eu, eu não uso e pago duzento e setenta pur méis.
P: E num pode tirá?
MEU PAI: E num pode tirá.
P: E isso é puque cê tá pagano a red'isgoto(s)?
[...]
P: Pur isso que eu falei, vai passá aqui, mêis de junho vai cumèçá.
MEU PAI: O pior dia que cêis vai tê na vida d'ocêis, cêis teim que falá que aqui é uma casa só, uma casa só, pra melhorá procêis, se não vô falá procê, que é dureza.
P: Num é fácil não, né, Vando.
MEU PAI: Moço do céu, é uma tentação.

ALUNO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

P: Ô cidade, mais é aquela história que nóis tá cunvèrsano. O povo fala: "Vô pa Goiânia, vô pa Rio Verde", cê vai pa cidade grande quê que acuntece? O que cê vai ganhá vai ficá lá, que pr'ocê entrá no còlètivo teim de pagá, aluguel é caro, tudo que cê vai fazê, "ah, eu vô ali", cê teim de pagá, e o "ali" dês é dez, quinze quilômetro, de oito quilômetro, cinco quilômetro. Tão num fica barato, pr'ocê tirá, "vô tirá pra imprègá lá no Ipòrá", cê num dá conta. Tão pur'isso que aqui é baum pra mòrá, aqui ganha poco, mas fica aqui.

E: E o custo de vida aqui, o senhor acha que é menor que os otos lugar?

P: Não, dèpende das coisa, mas a maior parte qui é caro.

E: Tipo alimentação, supermercado,...

P: Eh, varea, tem lugar que cê vai que consegue comprá mais barato, que neim Baratão pur'exempo(s). Eu fui lá no Baratão, um quilo de batatinha bão, igualzim eu compro aqui, quarenta centavo, "mas a batatinha num perde, não?" Não, a quarenta centavo o mesmo jeito que eu compro aqui no [...] ô na fera, num teim defeito, num teim nada. O pessoal, às veiz, fica pèrguntano purque, às veiz, vende desse preço lá e nos oto lugá é mais caro, um quilo de feijão ali pra comprá é seis real.

E: E assistêNcia de saúde de Iporá?

P: Assistência de saúde aqui é o que tá mais ruim, que aqui no Ipòrá hoje, se fô do lado público, eu vô te falá uma coisa, num tá pa, pésssimo, péssimo, péssimo, memo. Teim jeito não. Ess'aqui ó, levei ela pa fazê um inxame mei de março, dia nove de março, ixame de labòratório, sangue, urina, fezes, té hoje num consiguiu intrègá pro médico. E no nosso centro, no postim [...], agente de saúde aqui num teim.

MEU PAI: Num teim não?

P: Num teim. É oto dinhero que eu penso que o pefeito, no meu ponto de vista, eu penso que é dinhero jògado fora, é agente de saúde. Que é assim, vem cá, cê assina, vem cá fazê visita, mais cê teim que i lá no postim, de todo jeito cê teim que i lá no postim. No postim te incaminha p'hòspital(s), num pricisa de agente de saúde. Vem cá só pra pegá o número da sua casa pra anòtá no caderno, pra quê?

E: Passa todo mêis só pra...

P: Num é? Aí cê fala, hora que chega lá, que cê tá duente, pricisa cê i lá no posto. "Não, eu mesmo vô trazê o médico, o médico veim cá", Não, cê pode tá mòrreno que cê é obrigado passá pelo postim pa depois i p'hòspital. Pra quê jogá dinhero fora? É uma coisa a mais de inxugá, eu penso, mais o povo num pensa assim.

E: Sinhor acha que a cidade tá mudano, que tá tomano um novo rumo, o sinhô tá percebeno alguma diferença?

MEU PAI: Pra melhor, pra mais ruim...

P: Eu acho que não. Cê sabe quê que tá mudano in Ipòrá? Teim construção dimais, mais pode vê que todas ela é financiada. A única coisa que tá mudano aqui muito é geota, tem dimais,

MEU PAI: Treim é brabo!

P: Ou, dinhero é na boca não, dá pa mamãe guardá lá. Geota, eu comparo cum [...],é um ramo de nègoço, eu sei que é, mais é um treim que infraquece, é igual carrapato ni gado, infraquece dimais, né?

MEU PAI: É verdade.

E: A comparação é boa. Agora que queria sabê mais assim da história do sinhor...

P: Ixi, agora nóis vai longe. Sabê como assim?

E: O sinhor pode ficá a vontade pra contá, parece que o sinhor tameim é duente, faiz uns tratamento, já deve tê passado uns perrengue...

P: Eh, eu já passei uns perrengue, uma piripécia danada. Inclusive a parte mais ruim, a parte mais ruim do incômodo que cê sente num é aquele pòbema, é as gaiofa que cê iscuta da boca dos'oto, aquela história, gente pa te atirá pedra cê acha montão, mas pa te istendê a mão...

MEU PAI: De'jeitim.

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

P: De cem, cê tira um.
E: Quando foi que o senhor cumeçô a sinti?
P: Uai, esse treim, cê lembra? eu num lembro o ano, né, Nilde, cê lembra?
NILDE: Dois mil e seis, dois mil e sete, pur'aí...
P: Eu cumecei esse treim cum arranhão de facão, nessas arve assim, na chaca do, cê sabe aquela chaca do pai do Valdion? ali pra baxo do curtume, ali do figurífico(s)? Eu tava pòdano(g) umas árvore lá, pòdano umas arvinha dessa num campo de futibol lá. Eu subi, já tava na tercera arve, e eu levei o braç'assim ó, o facão passô a ponta, e aqui só teve um ranhãozim só. Mais eu toda vida, eu gosto de, pur eu num tê leitura, cê teim de prèstá atenção(s). Sempre eu falei "cê teim de prèstá atenção in tudo pra num dá tanta bobera, né". Eu num teim leitura, se eu pego ônibus pa viajá, eu apeio lá na frente, tem uma letra lá do banhero das muié e dos'home, tá lá iscrito "masculino", "feminino", eu que num sei lê. Eu teim de isperá um home entrá lá primero, num vô da baianada. Intão, assim cunteceu...
E: Isso é assim, num sabê e sê inteligente, né?
P: Aí'intão,
MEU PAI: Pensá pa podê fazê a coisa certa.
P: Aí o quê que acuntece, eu pòdano lá, passa o facão assim, no peito nesse lado isquerdo. Aí deu um ranhãozim, e foi zangano, azangano, zangano. Aí a muié falava assim, "João, vai n'hòspital(s) fazê um ixame(s) vê se tem diabete, cê num sabe". Falei "Ah, teim nada", e aquilo foi zangano, quando tava vèspano fazê uns trêis méis, eu fui no doto, no dotori Saulo, não dotô Celso, aí "moço, iss'aqui é micose, iss'aqui é uma micòsinha". No hospital Municipal, "Iss'aqui é micose, é micòsinha à toa". Passô a pumada, eu passei usá. Aquilo foi um ano, aí foi um ano, eu usano aquele treim. Aí quando teve, aí o treim foi só abrino, era um cadim de nada, uns pilãozim...
NILDE: Tinha aquela pelinha mais tava rueno.
P: Senta lá na mamãe, perna do papai tá dueno, senta lá. Vai lá no colo da mamãe. Aí o pilãozim rèdondo foi abrino, rueno, aquilo tava cumeno, e foi imprètèjano ao rèdó. Aí, vô lèvantá aqui um poquim pra pegá aqui, ó Vando, eu falo que essa cera que teim na foia aqui ó, sabe puque que eu falo? Que o facão de tanto eu podá, o corte dele tava o [...], no leite e essa cera vai prègano. Aí no passá essa cera entrô dento, até isso eu rèparei no dia. Aí azangô, eu acredito que azangô pur conta dessa cera, que o leite da arve.
E: Iss'aqui é tipo um fungo dela?
P: Eu quedito que seja, eh, pode sê uma proteção. No passá o facão, ficô o leite c'aquela cera já prègado, né. E aí, e foi zangano, zangano, quando vei aquele, no SENAC ali, que teve aquela primera, eu já tava, tava lá na Jacuba, até tava lá pòsano lá. Cunhece o Òzaná da Luciene?
MEU PAI: Ozaná?
P: Eh, ele tocô essa padaria aqui dèsceno.
MEU PAI: Sei, sei, sei, sei.
P: Ozaná, aí sempre eu falo uma parte da gente èrrado da gente, mas o ser'humano quando ele pende po lado da hònèsidade é bão. Quando eu fiçu ixame, o dia que eu vim, eu vim de biscleta da Jacuba aqui [...] tava sujo de sangue aqui, isgòtava sangue direto. Aí chegô aí, eu peguei uma senha, eu era trèzento e sessenta, nunca isquici o número da senha. Nesse nègóço tinha agente de saúde que era daqui, aí eu cheguei lá e gritei "Aruza, vem cá", ela vei, "Aruza eu moro na fazenda, eu teim de tá ali de tarde, eu quiria fazê ess'inxame, dá um jeito aí pra mim". Ela foi, ela cunversô cum a muié, falô, "ele tá com a camisa suja de sangue, sabe", "Traiz ele aqui agora, aí levei lá", que ela oiô, "Seu João cê vai fazê a biópsia num é amanhã não, é agora", já mandô me lèvá lá po Municipal. Intão lá feiz a biopsia e dispachô, fui imbora pra casa. Deu rèsultado, é o que eu tava tèmeno, cum medo, né. Naquele tempo eu fumava, aí vei o resultado, dei pusitivo, já tava passano da hora de tirá. Aí té tem um oto nome lá, tem ele

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

de pele e tem ele quais fala carnívoro, um nome assim, que o carnívoro tá rueno a parte da carne, cumèçano pèga a carne. Aí eu fui pa, foi da veiz que eu já fui. Aí foi um cara falô seu Sanato assim, "João, ruma seus dòcumento pra mim assinaásua cartera", eu falei "Não, eu num quero que cê assina a cartera", "Por quê? Eu sou obrigado assiná sua cartera.", eu falei "Não, purque eu vô tê que i'mbora, eu ficá aqui agora desse jeito num dá, e ota, procê assiná minha cartera eu vô passá pur um ixame fazê um ixame lá pa podê assiná a cartera e lá ness'ixame ês vai discubri, vai querê sabê purque que eu teim essa firida, vai discubri que eu tô cum câncer, e s'eu, e s'ês discubri e o cê assiná, cê vai tê que me pagá um bom tempo".
MEU PAI: Sem trabaiá.
P: Sem trabaiá. "E eu num quero fica cumeno nas suas costa não", aí ele pegô os papel trouxe pro médico aqui que era amigo dele, depois m'intregô, aí eu pidi conta e saí. Aí ele até falô pra mim, "João, vai pòcurá quanto que eu teim de te pagá", fui lá no Rònaldo na Pará, contabilista, nóis é amigo dimais, aí falei "Rònaldo, tirá só seis mêis, quanto que ele teim de me pagá?" ele falô "João", bateu tudo direitim, ele falô "ele num quis assiná sua cartera?", eu falei "Não, ele que num quis não, eu que num quis dexá ele assiná". Eu contei a história, fui eu que pidi conta, dá mil e duzentos, aí cheguei mostrei o papel do jeitim que ele pidiu. Moço, pra quê que eu mostei o papel? O home virô um lião, "mais eu num vô te pagá isso não, é dinhero dimais", eu falei "não, cê pidiu pra mim pròcurá quanto que dava, eu num tô falano p'ucê pagá". E aí ele teve que i lá no contadô tameim, e foi lá, "mas purque que eu teim que pagá isso?", virô aquele rolo, o home falô, "o sinhor num teim que pagá, o sinhô num é obrigado". Aí nóis vei imbora, ele falô "vô te dá mil conto, tá bão?", falei "se cê me pagá só o salário que eu ganho lá, eu tô satisfeito, cê tá me pagano que cê tá me dèveno". Mas muito pió foi falá que eu levei ele na lei, coisa que nunca nunca passô na minha cabeça.
MEU PAI: Mais é brabo, heim, rapaiz.
P: Pur'isso que eu falo p'ucê, a honestidade é difícil. Ali naquele bairro ali teim os meus primo, Bastião [...] todo mundo sabe que eu levei ele na lei, coisa que nunca aconteceu. Fui no contadô, que é no Rònaldo, ele me pidiu "ó, cê vai caçá um pa sòmá quanto cê teim pa recebê, quanto eu teim de pagá". Intão, eu fui no Rònaldo, que eu mais o Rònaldo é amigo, ele é contabilista, aí saiu essa buato. Rapaiz e é ruim,que isso acaba c'ocê.
MEU PAI: Eh, acaba, e a gente fica...
P: Aí, eu já entrei na fase do tratamento onde que eu sufri muito, fui pa Goiâna, só lá eu fiquei nove mêis, e ota, o que mata a gente mais ligero é cê ficá sabeno que cê tá com aquele treim. [...] entrá in dèpressão, aí eu tive de largá do cigarro tameim, no mesmo momento, pra mim hoje foi bão dimais, maisi o que mais acaba c'ocê num é isso, é cê'scutá os oto falá "ô fulano". Um dia eu cheguei na padaria ali, tava assim de gente cedo, fui comprá pão pra neném, aí saiu o padero lá, o Borboia cunversa dimais, as veis cê cunhece ele tameim que é muito cunhicido meu. Aí o Borboia chegô ni mim e falô, "nossa mais cê aqui?", "eu vim comprá uma rosca", ele falô "rapaiz", até falô assim, "seu irmão falô que cê num trabaia não, cê é priguiçoso, cê num gosta de trabaiá". Intão, esse tipo de coisa te machuca, que com'é que cê vai trabaiá, se cê ta pròibido, cê tá [...] de fazê aquele tipo de treim. Intão, cê iscuta muita... Um dia, eu cheguei numa casa e pidi um copo d'água, e o cara, nóis trabaiô na prefeitura junto. Eu falô isso assim, eu achei ruim, mais cê num pode falá nada, a muié troxe um copo d'água numa latrinha daquela latrinha d'ixtrato de tumate, que tem o rètrato do elefante. Ela, já, aí eu pensei, meu raciocínio trabaia rapidim, quando ela vei c'aquela água, que ela já trouxe aquela latinha, que ela vai jògá a latinha fora. Nóis cunvèrsano lá, eu falei, o cara falô "moço cê sumiu", "Não, eu tava in Goiânia tratano dum câncer", fui ixpricano, aí quando eu falei isso, que eu pidi a água, aí ela já troxe numa latrinha, aí vei na minha cabeça, ela vai ò a latrinha fora, pra num bebê no copo dês. E foi dito e certo, cabei de bebê água, ela pegô a latinha e jogô assim no mei-fio, na bera do asfalto. Esse tipo de coisa, cê iscuta muito, né, isso daí dexa a gente mais pra baxo.

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

E: É preconceito, né,
P: É, mais tirano disso, hoje não, hoje já fui seis cirurgia. Tô graças a Deus curado.
E: E como que, e, tudo de graça que o senhor consiguiu?
P: Graças a Deus, tudo de graça, dèmorô primero que foi pela SUS, foi dèmòrado, agora não, andô mais rápido, mais a primera foi sufrida. Agora teim minha nètinha que teim pròbema de audição.
E: Ah, de audição.
P: Levei(i) ela na Trindade lá pa fazê. É até aquela parte que nóis tava cunvèrsano, Ipòrá sobre tratamento é... Tratei n'òtòrrino lá in Trindade, já feiz aqui, só que agora num sabe neim quando vai sê chamado. É onde eu falo o atraso, eu fui, tava fazeno na fonaudióloga aqui, pa vê se miorava a fala, fui, aí fui dispensado, onde até fui lá na sècretaria da saúde pque teim treim que num dá p'ocê, cê ficá sem ixplicação, ês num me ixpricô, quando cumeçô lá num falô num pode faiá, trêis veiz que faia còrtá, num teve esse assunto. Aí cê vai lá, dá o número do seu telefone, no dia do fèriado a muié ligô aqui, "Ô seu João, tô ligano pa falá po sinhor que num teim sèssão cum a minina, que a dotora, é feriado", tudo beim. Aí cheguei lá, ela teve trêis faia, é puque ficava terça e quarta quatro e meia pa tarde, tão se ocê num prèstá beim atenção, cum tanta coisa que cê teim que fazê, aí cê perde a nòção do tempo naquele dia, cê perde a hora, foi o que acunteceu. Aí cheguei lá, agora dotora tava lá, "João não vô atendê ela", falei "pur quê?", "é purque ela tem treis faia, vai sê cortada", "mas sinhora num tá fazendo nada aí hoje, tá na hora dela, eu trux'ela", "não, mais tem treis falta, eu num posso atendê", eu falei "dotora, eu num conformo cum isso", "puquê seu João?", "pque a sinhora faiô oito veis, minino tava cum febre sinhora faiô, sinhora foi pa Goiana, a sinhora deu uma dor no braço a sinhora num vei", "mas eu posso o sinhor não", falei "mas é èrrado, só a sinhora que teim pòbema na casa da sinhora?"
MEU PAI: Moço, essa foi feia, "eu posso".
P: Ela falô, "eu posso, mas o sinhor num pode", "mas purque só a sinhora que dá pòbrema in casa?", eu falei "dona, a sinhora vai me disculpá mas eu vô lá na sèquètaria de saúde sabê se é assim mesmo, [...] quê se fô eu num trago mais ela mais não", "é mais o sinhor num recebe ligação a còbrá", eu falei "não, cêis num liga a cobrá, que o dia do feriado cêis acho minha casa, achô meu tèlèfone, cêis ligô, agora a sinhora veim falá que num liga, num atende a cobrá". Aí eu fui na sècrètaria, mas aquela hisória, quando eu fui lá ela já tinha ligado, aí sempre eu falo, "formiga pô de pareia cum èlèfante, quem vai sair pisado". A saúde do Ipòrá ela é péssima, ela num teim, aqui vai muito é pur'amizade, se o cara teim uma amizade cum oto lá, vai pela amizade que ele teim, sabe, pela parência da pessoa. Intão vai, aqui funciona desse jeito, toda vida foi, né, Vando, toda vida foi assim. Se cê num tive um bom mizade, cê num consegue nada, se cê num tivé uma boa parência, cê num consegue nada. Tão é aqui no Ipòrá funciona assim, agora cê qué sabe a parte da minha vida? Com'é que é? Ô não num é esse detalhe?
E: Eu já to sabeno um poco né, sinhor já contô aí...
P: Eu teim de cumèçá lá do cumeço, lá da raiz...
E: Não pode sê picado, tem problema não. O sinhor cumeçô falá da iscola né, o sinhor teve dificuldade... o sinhor falá mais das dificuldade que o sinhor teve na iscola, porque que o sinhor parô de istudá, e o quê que o sinhor vem passano por não tê esse, num tê nem leitura né, iscrita como que o sinnhor faiz pra iscrevê seu nome...
P: É justamente, onde eu quiria de baxo pra cima, que eu ia chegá nessa parte da iscola.
E: Pode cumeçá, tem problema não.
P: Se eu cumèçá ixplicá como que meu pai mudô pra cá, na época ele tinha oito fii. Ele ficô cego cum quarenta e pocos ano. Aqui tinha uma istrada onde é aquele pòrtão ali, ele travessa quatro hora da manhã, lá pr'aquela chácara que era o Cardoso, que era uma tia minha minha madrinha. Ele ia fazê, antigamente tinha aquelas bomba manual, que ês falava de enchê caxa

ALINGUA

Todos os direitos reservados à autora.

d'água, cê cunheceu d'és Vando? [..] meu pai saia quato hora pa i pa batê uma bomba daquela pa enchê as caxa lá, e faze sabão, tratá de porco, ele mixia c'aqueles treim. Já tava vei, intão ele pegô constipação fico cego, aí intão nóis ficô oito fii piqueno. Eu memo, quando eu cumecei trabaiá p'us'oto, eu tinha cinco'ano, cinco ano de idade, meu pai me abriu a portera subia in riba dela pa podê dá no rumo da tramela pra puxá pra descê e abri. Eu lèvantava quato hora da manhã, fui cumèçano a vida pur'aí. Intão nossa vida foi cumèçada assim, passano fome, aí o véi ficô cego, parô de trabaiá, né, intão. Lá no tempo da safra, ês cuia aquês mantimento bão, ês trazia aquês treim ruim pra nóis, fejão, pur'ixempo. Naquele tempo usava fejao preto, intão ti João trazia aquele litro de fejao que já tinha vincido, aí dava po meu pai. Minha mãe punha aqui no fogo, hoje se a pessoa se vê num come, eu mesmo hoje num dô conta cumê, aí quando punha na água, num tinha panela de pressão, aquês cadèrão que ficava in riba do fogo o temp'intero cuzinhano. Depois fazia assim, cê rapava, cê inchia a mão de caruncho, tinha mais era caruncho, aquilo por nóis tê o que cume. Aí o quê que fazia, minha mãe misturava uma farinha naquilo e nóis cumia, nóis num tinha, tinha dia que almuçava, nóis num sabia que que muitas veiz num jantava mesmo. Aqui ó, no rumo desse portão aqui, tinha uma istrada, num sei se o Vando lembra dessa istrada aí, aí naquele tempo puxava, lixo era de carroça, num tinha condução de puxá.

E: Num tinha caminhão, né?

P: Não, aí, intão, o que fazia nóis deitava sem cumê manhicia sem cumê, e nóis era oito, era quato home quato muié, nóis tinha uma cama nosso era catre, durmia os quato, num tinha onde durmi.

E: Catre é o quê?

P: Catre é uma cama de madera [...] de coro, correia de coro,

E: Ah tá, aí num era colchão...

P: Não, e os còchão, quando tinha um còchão era feito de paia, [...] rasgava as paia [...], nossa vida er'assim. Hoje é difici a pessoa cunhecê, sua mãe acho que sabe, o Vando sabe. Intão, nóis cumia mais era cumbuquira de abobra. Sabe quê que é cumbuquira?

E: Não, cunheço abóbra.

P: Cumbuquira de abobra, ela é quando planta o pé de abobra, ela num dá aquele broto na ponta?

E: Ãhã...

P: Então, minha mãe saia quèbrano aquês broto do pé de abobra, aí cê vai disfiano, e tirano aquela linha de fora, aí fica só o talo de dento. Aí còrtava, que neim cê còrtá a vage de fejão, um repoio sabe. Intão fazia aquele moi, daquele treim, intão, fazia muito aquilo. Aí jogava o lixo aqui in baxo, tão nóis lèvantava cedo, nóis levantava cedim pa compá, pa pega, nóis curria lá pa pègá. Até o sogro daquele home ali ó, tá sentado ali, qu'era o carrègadô de lixo. Intão nóis saía aqui cum iscuro e ia lá pa baxo, era eu e mais trêis irmão. Nóis ispèrá trazê a primera carroça de lixo, aí trazia quê que nóis, nóis ia, aí dispejava ela, nóis ia pra lá puxá ca mão mesmo, era discalço, calçãozim, sem camisa...

E: Onde que é esse negoço do lixo ali pra baxo?

P: Aqui ó, pra baxo dessas casa aqui ó, trimei o córgo e essas casa aqui. Esse fundo aí ó. Intão nóis achava uma laranja, uma banana, um pèdaço de rosca. Aquilo era nosso cumê, nóis foi viveno assim. Intão, eu ia ali pa ròdòviára, sempre eu conto isso p'us'oto. Minha vida foi sufrida dimais. Lá onde é a ròdòviara hoje era uma igrejinha, e aonde era aquela aquela padaria era a ròdòviara. Intão eu ia lá pa onde era a padaria que era a ròdòviara antigamente, que onde era a ròdòviara, era igrejinha, intão ali eu ia pra lá, no tempo de, que antigamente ês fazia, hoje num faiz mais, as veis faiz muito in casa, aquês bauru. O bauru cê faiz ele, a berada dele fica dura, rèssècada né, e o mei mole, se as pessoa ia lá pa ròdòviara, às veiz chègava lá a pessoa tava cumeno um bauru daquele eu ficava in rèdó dele, eu num pidia não, eu ficava ali in rèdó, aí ele cumia a parte mais mole e jògava a parte mais dura no lixo né. Eu

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

ia lá e catava pa mim cumê, tão eu ia lá pa padaria. Tinha seu Dilon, lá tameim que tinha padaria, intão sempe nóis ia pa lá pidi um pão. Chègava aqui nóis fazia uma água doce cumia aquele pão. Tão foi criado assim, cumeno treim do lixo, foi muita das veis, às veiz, discalço. Achava um pé de sapato fuçava o lixo todim pa caçá o oto e às veiz num achava, né. É cumeno banana, banana nóis achava muito no lixo, tão todos trêis foi criado assim, cumeno treim do lixo, pidino treim na rua. Aí, onde é aquele armazém na frente da rodoviára, ali era uma loja, ali era uma loja, chamava Lojas Brasil, ali era do marido da Isabel, que a Isabel mora lá até hoje.
MEU PAI: Isso é.
P: Intão ali eu posava na rua, muitas veis nem pra cá num vinha. Dexava os véi incòmòdado, que, às veiz, nóis ia pidi treim num lugá e nóis ficava até tarde na rua. E ali antigamente naquela Lojas Brasil tinha umas caxa da água que punha pra fora pra vendê e num recuia ès pra dento. Intão nóis chègava lá, rasgava papèlão, pègava papèlão na rua, aí nóis puxava a caxa d'água, que ficava com a boca po lado da parede. Aí nóis abria um poquim, fòrrava papèlão e ia durmi ali. O pai ficava incòmòdado, no oto dia nóis vinha cá cedo, já ia po lixo ali, pègá treim pa cume. Intão nossa vida foi criado assim. Depois de grande aí meu pai pegô dá nóis p'os'oto, às veiz, chègava uma pessoa aqui falava assim "seu João, eu priciso dum minino lá pa passá um bizerro pra mim, ajudá lá no curral", "ah, leva o fulano, leva cicrano". Tão era assim, e eu memo fui assim. Naquele tempo nóis num ganhava nada não, eu ganhava muito era surra, apanhei dimais na mão dos'oto. Esse povo aqui da chacra que é o pai do Pedro Dètran, o véi, fui criado cum ele,apanhei dimais, apanhei dele até idade de onze ano. Naquele tempo, era discalço, só de calção, ês num dava nada não, mal dava o cume. Intão, às veiz, dava ês criava a gente era cum abuso, nem a véia, [...] "ah, nóis vai criá o cêis memo se num criá o cêis seu pai cêis vai virá ladrão, seu pai num dá conta de trabaiá mais". Eu lembro um dia que tinha que já tava mais galudim já, eu tinha cabado de apanhá, e naquele tempo num batia que nem bate hoje não, chinela cum corda, ou, às veiz, um treim leve, não, eu apanhei muito foi com ajojo.
E: Ajojo é o quê?
P: Ajojo era um correia dessa grussura, de coro trançado só fazia torcê, punha pa...
MEU PAI: Pa batê in cavalo.
P: Cèdém, cèdém é feito de rabo de vaca. Aquele treim piniquento danado, apanhei dimai. Intão eu lembro da dèrradera surra que eu tomei dele, eu falei assim "tii, essa vai sê a última surra que o sinhô me bateu", ele falô "pur quê?", eu falei "puque eu nunca mais vô pô os pé na casa do sinhor, eu vô imbora e num veim aqui mais não", aí eu lembro deu falá pra ela "tia, a sinhora num pudia fazê isso não, cêis é mal dimaisi, o pai da sinhora que é meu avô", ela é irmã, a muié dele, ela era irmã do meu vô, pai da minha mãe, "o pai da sinhora era igual nóis, num tinha o que cumê não, cêis era pobre, cêis vivia mendigano, igual nóis, cêis teim as coisa pque a sinhora casô com o tii João, que ele era rico, agora hoje a sinhora tá pisano nos oto, cê tinha que tratá os oto cum mais respeito, sinhora num trata, cêis taméim já passô fome na vida", apanhei de novo purque eu falei.
E: Foi infrentá, uai.
P: Eu saí da casa do véi, eu tinha onze ano. Eu té hoje, tô cum quarenta e oito ano, se eu falá pr'ocê que eu trabaiei um dia de sirviço pra um fii dele, eu to mintino. Nunca mais fui, o véi morreu, a minha tia morreu ali, num pisei den'da casa dele não. Num pisei puque eu levei aquilo assim, eu criei, crisci c'aquele treim na cabeça, é igual meu pai falava pra nóis, "meu fii, nóis num veve", ele comparava cum uma ispiga di mii, "nóis num veve sem uma ispiga de mii intera, mas sem até vinte caroço daquela ispiga de mii nóis veve sem". E é verdade, às veiz, num veve sem o povão, mas, às veiz, menos da mètade dele nóis veve sem.
MEU PAI: É verdade,

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

P: Quê que dianta cê fica berano uma pessoa se só maltrata e pisa. Intão, eu criado assim, passano fome, cumeno treim do lixo, e criei dois fii mais a muié e nunca fui na casa dele pidi uma chicra de café. Hoje depois que eu duici, eu necessitei muita ajuda, graças a Deus muita gente me ajudo. Pastô da igreja que é o pastô me ajudô, muita gente me ajudô, mais eu nunca pisei na porta de nenhum dês. Eu teim primo rico, aquele Iron Campos lá da Diorama, tem o Ferrera, eu nunca fui na casa, "Ou, cêis me ajuda com uma chicra de café hoje, tô pricisano" Não, e foi até ele morrê, e dexe jeito. Intão, eu pens'assim , toda vida eu penso o contrário, a gente num pode, pur a gente ser pisado, e vai sê pisando, a gente num pode ficá in rèdó o tempo intero não, que cê toda vida, cê vai sê machucado.
MEU PAI: É claro uai.
P: Né, pur'isso que eu falo a nossa vida foi cumèçada assim e pur'isso eu ia pa iscola, a Dona Isaurinha li, era que era minha, como diz os oto, era meu anjo da guarda. Nóis saino aqui pa istudá, chègava lá, ela me chamava de Joãozim, té hoje ela fala "meu fii cê cumeu?", "Não". Nóis vinha sem almoço pa'iscola que num tinha o que cumê, aí chègava ia direto pa cuzinha, aí a fome era tanta eu inchia a barriga e ia durmi,num istudava, ia durmi, e aí vinha imbora, istudava não.
E: Minino cum fome num rende.
P: Num aprende nada.
E: Isso o sinhor tinha quantos ano?
P: Ah, nessa época eu já tinha meus oito ano, nove ano, pur'aí. Intão nóis foi criado dexe jeito. Aí po resto, Odilon dava, no cumeço, ele pègava da vitrina, purque pão quentim dava né. Aí quando ele criô o forno lá no fundo, forno a lenha, aí no oto dia [..] já lèvava um saco, ele falava "vai lá no forno", moço, aquele tanto de pão de ontem sabe, ia pa lá po fogo, ai já guardava, nóis trazia era sacada. Tão nóis foi criad'assim, eu té sempre eu falo uma coisa, a pessoa fô falá, a pessoa ladrão pque pobema dele duente, quilo é um duen, né não, eu penso difèrente, se o cara qué roba puque ele qué róbá, quê se eu tô passano fome hoje, eu chego na sua casa e falo "Vando, eu num teim nada pa cumê, cê pode me dá um par de cumê" é muito mais bunito do que eu entrá na sua casa o aiei. Eu penso assim a pessoa roba puque qué robá, não puque ele é duente.
MEU PAI: É verdade.
P: O istudo hoje atravéis desd'o cumeço é pur'eu num tê'istudo, nóis num tinha condição de cume. Nóis num tinha condição financera de nada, tão eu ia lá na'iscola pa cumê puque num tinha in casa. Intão num aprindi, foi até saí da'iscola. Aí quando eu cumecei trabaiá pos'oto, eu ganhava o valor do meu do preço do méis. Quando eu cumecei trabaiá, era cinqüenta centavo, era cinqüenta centavo de hoje. O primero par butina que eu puis no pé, eu trabaiei pur cinqüenta centavo, é o valor dum par de butina. O primero par butina que eu comprei na vida na época foi cinqüenta centavo, naquele tempo não falava centavo, era cinqüenta cruzero, meu valor do dinhero que eu ganhei, e nunca mais fiquei discalço. Agora como diz os'oto, daí pra cá que a gente vai ficano véi num guenta mais cum pòblema de circulação num guenta ficá cum calçado fèchado direto, mais inquanto eu pude trabaiá minha vida foi ess'aí. E aí num aprindi lê, aí inventei casá, casei novo, né. Aí vei os fii, cê vê na época, na época, eu, quando eu casei, essa muié tava de resguardo, eu neim casei, a gente num teim muito trabai pa pensá ca cabeça, casei sem nada. Naquela época, eu só casei cum a cara e a còrage e a muié, nóis num tinha um garfo, se eu falá pr'ocê que eu tinha um garfo naquele tempo até meu còchão é de paia, meu còchão foi meu pai que feiz de paia, ragano paia e encheno cochão. Eu saí daqui e fui trabaiá in Monvidiu, vim de Monvidiu aqui cum deiz conto no bolso naquele tempo, vim de a pé, meu minino mais vei era novim, tava novim na franela. Eu tava disimpregado, eu morava, levei a muié pa den'da casa do sogro, mòrava lá, apareceu um home pagava um cruzero pur dia lá. Num teim aquele posto chègano in Monvidiu, fazenda é prègado naquele posto lá, passa a cerca berano o posto, o cara pricisava de um pra [...]

Todos os direitos reservados à autora.

plantadera. Eu falei, fui pra lá, a muié e fui, eu ganhei deiz conto, deiz dia lá cabo o sirviço de plantá. Aí eu v'imbora cum deiz cruzero no bolso, eu vim de a pé, saí de lá cinco hora da tarde, andei a noite intera, no oto dia o dia intero, cheguei no Ipòrá no oto dia. Quele Zèquiel lá, eu passei lá num dia era deiz hora, eu pidi um pèdaço de bolo, logo pra mim cumê que eu tava cum fome, e num quis dá de jeito ninhum,. Eu gastei dois dia e duas noite e um dia, [...] é sèssenta quilômetro.
MEU PAI: É longe pa incardi, moço.
P: Intão, mais me ajudô criá meus minino. Eu num teim nenhum fii ladrão, meu fi graças a Deus nunca uso droga.
MEU PAI: Coisa boa, intão.
P: Istudô até o tercero ano, mesmo seno analfabeto eu e a muié, ês'istudô e aprendeu. Intão, pra mim, já é um orgulho grande, puque meu fi hoje trabaia nessa firma, ele pega quato hora da manhã e larga deiz hora da noite, ele num teim nègóço de guardá dumingo, é de sigunda a dumingo.
E: Sinhor falô que ele feiz até a tercera série.
P: Té a tercera. Intão, e fii é o siguinte, chegô a idade dês, ficô de maió, ês num qué istudá mais e num dianta cê isforçá, não qué, faiz pisero.
[...]
P: Minha vida foi péssima. Eu pa falá, intão, foi, e, pur'isso, eu num tê muita leitura, nóis tá morano aqui até hoje. Meus irmão já saiu pa tudo cont'é canto, muda vai pa um lugá vai pa oto, eu tô aqui.
E: Sinhor iscreve o nome do sinhor?
P: Eu sô igual médico, só eu que intendo, mais eu iscrevo tudo graças a Deus. Todo lugá que eu vô, eu teim nome, eu compro numa loja, tem nome aí pa toda banda, farmácia. É aquela história que eu tava falano pr'ocê, pèlèjá pa num sujá, quê se sujá, eu se eu saí daqui falá vô ali na loja comprá um treim eu vô compro.
MEU PAI: Doze e meia, já, Dinara,
E: Agora eu acho que já deu, ou o sinhor qué falá mais alguma coisa?
P: É o cêis que sabe.
E: Não, agora eu to dexano po sinhor, uai...
P: Intão o que eu sei é iss'aí.
MEU PAI: Não, tá bão.
P: Minha muié, trabaiô lá pa sua tia lá, foi três ano, né, Nide? Aí, ela rumo um nègoço no braço. Aí pelejô, tomô remédio, era pa opèrá, era pa tòmá duas injèrção aplicada no osso. Aí eu pensei, pensei, e aí quando eu fiz aquela losa, aquela duença, eu fui loja, vô sabê o que vô fazê primero pa vê se miora. Comprei uma máquina de lava ropa, cabô a duença no braço da muié.
MEU PAI: Tá veno? Pronto, uai.
P: Era na junta aqui o disgaste que deu no osso.
MEU PAI: É o tal de veia...
P: Veiera.
MEU PAI: Moço, antigamente eu levantava cedo e já curria. Hoje pra mim dá uma isquentada primero, pa podê pegá no tranco.
P: Num adianta o caboco tèmá, mais num é mesma coisa,
MEU PAI: Num é não, moço, vai chegano a idade, rapaiz.
P: Cê sabe quê que a gente teim muito depois de mais véi? É nervo, fica nervoso dimais.
MEU PAI: Dexe jeitim.
P:Ia falá quebrei o chifre, mais na nuca num nasce. Eu assino, só que ruim que dói, eu chego num lugar "assina aqui seu João", eu sô igual médico, só eu que intendo.
MEU PAI: Vô falá um negoço pr'ocê, negoço de idade num é faci não.

ALINGUA UFG

Todos os direitos reservados à autora.

P: Aquela história que eu tava falano, teim que eu dô, às veiz da vontade d'isquevê uma carta pum fii, dá vontade de lê alguma coisa, cê num sabê é ruim é triste. É onde eu falo pra mim istudá, eu tinha vontade, mas sem eu fazê o inxame eu num vô vòrtá não, pque eu num sei, às veiz eu to pèrdeno meu tempo.

E: Mas o sinhor pode cumeçá, tendeu? Cumeça aí o sinhor vai disinvolveno, qui pertim ó.

P: Não, mas eu teim, eu quero fazê o inxame pra sabê, às veiz, até faço, às veiz é falta deu tomá um rèmédio, um treim pra, que num dianta.

MEU PAI: Mais dexa eu contá um negócio p'cê. Eu já vi muito amigo meu aí analfabeto tudo, tudo, tudo, "Vanderlan até que aprendê num tô não, eu acho bão que eu fico junto c'a turma lá", aí um cunversa, um conta um caso.

P: Tameim gosto de ficá junto cum gente.

MEU PAI: Falei, "intão num tá adiantano não uai".

P: Agora, ô Vando, eu pircibi, depois que eu duici, eu sufri, depois que eu sufri essa duença, eu pircibi uma coisa na vida, a miò coisa sabe quê que é? Primera coisa é Deus, depois é cê tê um poco de aligria, prendê tê amizade, aligria e só, às veiz pur mais que cê amanhece aburricido, que a gente amanhece...

MEU PAI: De'jeitim memo, tem dia que cê num tá certo.

P: Eh, cê pròcurá um amigo, cê pròcurá, cê tá no mei de dois três pa dá uma risada. Rindo cê disabafa, pur mais que a gente tá sòzim, cê pensa muita coisa ruim, pensa muita coisa, que num é ruim pa gente mais é ruim pos'oto.

MEU PAI: Eu achei graça dele falá isso, purque ela fala que "apredeno até que num tô não, eu tô mei vei, mais eu acho bão que eu tô junto c'a turma".

P: No dia da coieita de arroiz, no dia que nóis tava coieno arroz lá na roça, eu fui pra lá. Teim um primo meu que trabaia, o Gèromo, "não eu carrègava lá pa fera um vasculante", aí ele grito lá "num vai lèvá no vasculante dele", é um dos chefe, "vasculane tá todo furado". Eu incostei bem perto dele, "mas já foi feito furado, já foi pa carrègá as coisa".

MEU PAI: Uma hora que eu fô comprá o creme tra'veiz, eu vô te dá um poco, po cê ixprementá.

P: Tão tá moço.

MEU PAI: Purque esse treim seu é igual o meu. Tá poquim, agora, só tá poca.

P: Saí sangue eu passo, assim sai sangue. Vende é in farmácia num é Vando?

MEU PAI: É in farmácia.

P: Só de cê me dá o nome, eu fico satisfeito.

MEU PAI: Pro cê ixprementá vê se é bão, esse treim aí. Vô falá pr'ocê, esse treim é cansera, arde aqui assim. Eu teim aqui assim tudo, n'eu passá a mão aqui assim dói, ó.

P: Eu já passo álcool, chega queima.

MEU PAI: É ruim, ruim, mais ruim mesmo.

E: Sinhor, tameim toma um remédio?

MEU PAI: Eu tomo, eu tomo ziluric, que é pa baxá o acido úrico.

E: Mas ele pudia fazê o exame, ele faiz?

MEU PAI: Pelo posto de saúde, uai.

E: Eles deviam falá pr'ocê.

MEU PAI: Ês deve falá pr'ocê, ês num falô nada procê não?

P: Não eu acho que a dotora Dòralice passô esse rèmédio que cê tá falano.

MEU PAI: É ela mesmo, foi ela que passô pra mim.

P: Intão, ela que passo pra mim taméim, Vando, certeza que ela passô. Vô pègá dos dois e vô comprá.

MEU PAI: A dotora Doralice que passô pra mim, eu fui nela lá.

P: [...] vô sibino,

ALINGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.

MEU PAI: Dotora Doralice que ela foi minha médica, o dotor Celso.
P: Ela que feiz a biópsia.
MEU PAI: Heim, a dotora Doralice, primero foi o dotô Celso, aí o dotô Celso pegô e ixpricô pra mim, falô "o problema seu é acido úrico".
P: Será que é no sangue?
MEU PAI: É no sangue, excesso de proteína no sangue. E já sufri cum esse treim, agora hoje eu tô mais controlado. Cê vai ivitano carne.
P: Vai almuçá agòin, bem fei mesmo que eu sô ... o fofoquero aí, qui ó tava isquèceno o telefone...

ALINGGO UFG

Todos os direitos reservados à autora.